1953

SETEMBRO

N.436

EU SEI TUDO





HIPNOTISMO - «REMÉDIO E DINAMITE» ★ OS OUTROS 364 «DIAS DAS MÃES»... ★ É POSSIVEL «CONSERTAR» O CORAÇÃO ★ MINHA AMIGA A ÚLCERA

ARROZINA

O alimento ideal dos bebês

JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES

★

Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil

IDISA

Instituto Dietético Infantil S.L.

FILIAIS

RIO DE JANEIRO

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

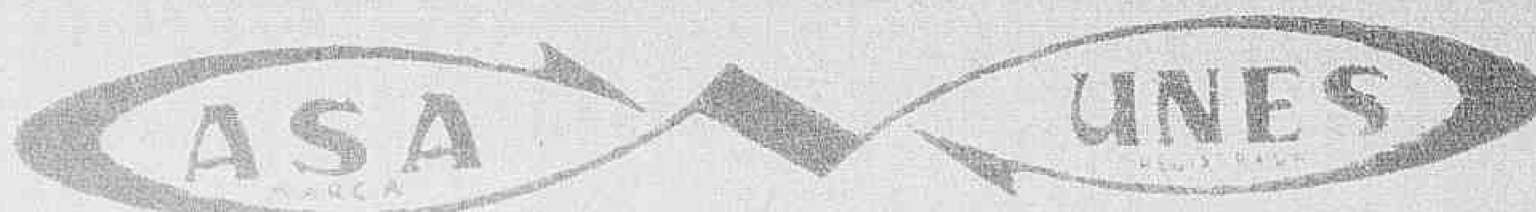
de forração em côres
lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES**

entrega ao Brasil

suas

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.
49 MTS. 6.185 KLCS.



INAUGURAÇÃO EM SETEMBRO

RADIO BANDEIRANTES



a mais popular emissora paulista

PRH-9 - 840 KLCS.



MÚSICA PARA A JUVENTUDE

(Terceira Série)

JOSÉ SIQUEIRA, um dos mais conhecidos compositores e regentes brasileiros, é o autor de — **Música para a Juventude.**

Trata-se de uma obra que, como o nome indica, se destina à mocidade brasileira, essa mocidade que êle tanto ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da **Orquestra Sinfônica Brasileira**, os **Concertos Dominicais para a Juventude.** Dispondo de segura experiência didática, com vários livros publicados como, **Regras de Harmonia, Canto Dado em XIV Lições, Curso de Instrumentação, Modulação Passageira, Sistema Trimodal Brasileiro, José Siqueira** traça neste livro — um programa de ensino, vivo e palpitante, do qual se beneficiará não só a juventude, mas quantos tiverem a oportunidade de o ler e estudar. **Música para a Juventude** está dividido em quatro partes referentes às quatro **séries ginasiais** e envolve conhecimentos de **Teoria Musical**, de **Canto Orfeônico**, de **Música e Músicos Brasileiros**, de **Contraponto**, de **Harmonia**, das **Grandes Épocas** da **História da Música**, das **Escolas Musicais**, do **Folclore Brasileiro**, da **Prosódia Musical**, das **Formas Musicais**, da **Instrumentação**, da **Orquestração** e da **Banda de Música.** É um livro ilustrado com inúmeras fotografias e grande quantidade de exemplos musicais; um trabalho que vem de preencher uma grande lacuna existente no ensino da Música em nosso país e que nos pareceu definitivo em sua forma e em seu conteúdo

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 200,00

Pedidos a ROSA PAULA MACHADO

AVENIDA NILO PEÇANHA Nº 12 — SALA 207 ★ RIO DE JANEIRO



Um Sapato que dispensa adjetivos agora



CR$ 149,00

AT. FEMOC/.

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

CARIOCA, 46 E 48
SETE SETEMBRO, 199-201

- SOLA DE COURO C/SALTO DE BORRACHA, OU TODO SOLADO DE BORRACHA.
- ÓTIMA VAQUETA.
- CÔRES: LARANJA, MARRON OU PRETO.
- NUMERAÇÃO DE 34 á 44.
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL PORTE POR PAR CR$ 5,00.
- NÃO FAZEMOS REEMBOLSO.



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTISTICO, HISTÓRICO E LITERARIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: M. R. de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima. Avenida Fontes de Melo, 34, 2 dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyentes, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

O MISTÉRIO DA GRANDE Tulipa



A polícia decidiu que seria um grande êrro suspeitar do Sr. Haslet como autor da morte de sua espôsa. Mas não seria isto um pouco de precipitação?

Por
MICHAEL GILBERT

O Sr. Haslet era pequenino, asseado e tímido. Tinha olhos azuis ansiosos e um modo de encolher os ombros e esticar o pescoço, como uma pequena tartaruga. Isto, com certeza, era o resultado das longas horas diárias passadas a lidar com seus arquivos, no escritório, em Londres, próximo a Whitehall. O Sr. Haslet era um funcionário civil que cuidava dos arquivos, entre as letras J e L.

A Sra. Haslet era corpulenta, corada e resoluta. Tinha curvas em demasia, em virtude do excesso de gordura, esta devida ao fato de não ter quase o que fazer, senão uma série de passatempos. Pela manhã, havia a conversação e o pequeno almôço. Na parte da tarde, o cinema e o lanche, que constava de copos de creme, na casa de chá «Old Dutch». E, à noite, era um constante ralhar com o marido, e a ingestão de poderosos tônicos e outros remédios.

— Ninguém sabe as complicações internas que tenho! — costumava ela dizer. — E' o excesso de preocupações, durante todo o dia e a noite, que me causa tôdas essas doenças.

Como um observador imparcial (tal como meu amigo, Sr. Hornsea, que morava do outro lado da estrada), eu achava difícil determinar exatamente o que causava preocupações à Sra. Haslet, O seu marido, que conhecia tudo o que era necessário, desde a letra J até L, era règiamente remunerado por um govêrno agradecido aos seus eficientes serviços. Uma vez que êle não gastava, pràticamente, quase nada do salário consigo mesmo, restava, assim, bastante para a espôsa; e êsse bastante era suficiente para qualquer dona de casa prover o lar dos alimentos necessários e proceder à conveniente limpeza do mesmo. (O Sr. Haslet costumava preparar o seu próprio «breakfast» e engraxar os seus sapatos — um homem precisa dar uma certa ajuda, em casa.)

Talvez fôssem os tônicos os causadores do desaparecimento da Sra. Haslet. Alguns dêles eram, certamente, de sabor desagradável, e o seu preço

era exorbitante. Realmente, conforme ela disse às suas amigas, Sras. Potter e Wilberforce, quando as encontrou na casa de chá, **não sabia como o droguista ainda tinha a petulância de a encarar, ao dizer o preço de um remédio:**

— O preparado de melaço da **mamãe** Mankletow custa nove «shillings» o frasco pequeno, e dezesseis «shillings» o frasco grande, contendo quase o dôbro daquele!

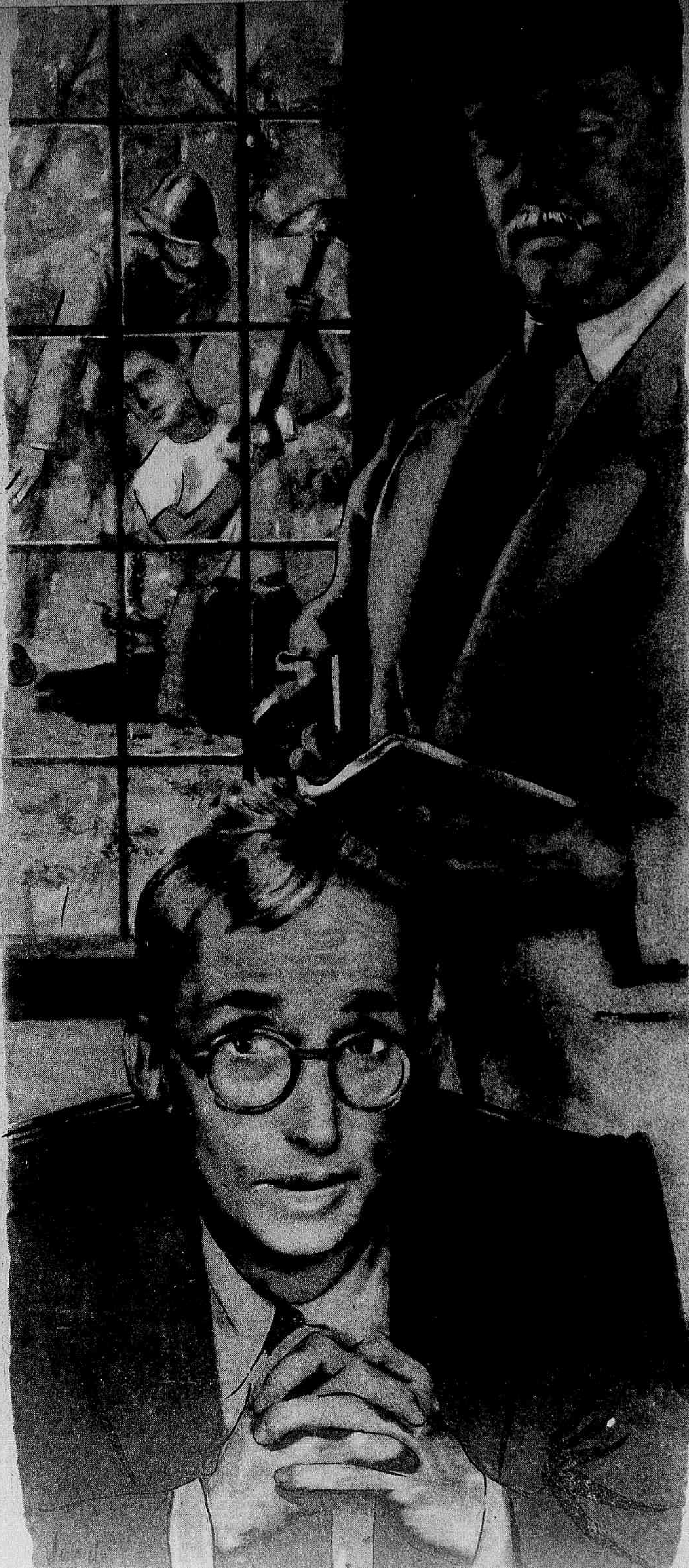
— **É muito**, realmente! — concordava a Sra. Potter, que jamais, na pior emergência em que se encontrasse, ousara comprar mais que uma aspirina.

— Mas, quando a saúde está em jôgo — dizia a Sra. Wilberforce — não há outro jeito...

— Há muita verdade na sua afirmação — aquiescia a Sra. Haslet, e calculava que, se reduzisse um pouquinho mais a refeição noturna do marido (afinal de contas, êle fazia um bom lanche no escritório), estaria em condições de equilibrar o orçamento do lar.

Afortunadamente, as diversões e passatempos do Sr. Haslet não eram dispendiosas: um ocasional jôgo de cartas, para o qual o Sr. Hornsea era o seu adversário favorito ou, quando as noites se dilatavam, uma hora ou duas no seu jardim, antes de ir dormir.

Porque êle era um grande jardineiro, e os seus minutos mais alegres eram gastos movendo-se quieta e estudadamente entre suas plantas e vegetais, como se elas fôssem pequenos J, K e L, que necessitassem de cuidados especiais; de uma organização semelhante à de um arquivo. E o jardim, não resta dúvida, era muito bem tratado e harmonioso: grande para o tipo da casa, e com a vantagem de ser uma



O Sr. Haslet continuava encolhido na cadeira, com expressão desolada. O inspetor se manteve por trás dêle, encobrindo a janela e parecendo um carrasco prestes a executar o condenado. ⟶

espécie de recanto solitário, tendo, numa das extremidades, uma enorme sebe e a outra extremidade terminando nos barracões abandonados da estrada de ferro.

— Uma pessoa pode sentar naquele recanto — disse certa vez a Sra. Haslet para a Sra. Wilberforce — e pensar que está num sítio, no campo...

Não que ela costumasse sentar ali, preferentemente. **Era muito atarefada para poder desfrutar de tal «regalia»** — afirmava. E, de qualquer modo, como ela explicou, **não era uma dessas criaturas que gostam de ficar ao ar livre**.

E então, numa semana de Páscoa — justamente na época em que as primeiras flores desabrochavam — a Sra. Haslet desapareceu.

Num certo momento, ela estava lá; e, um momento depois, havia desaparecido! Parecia um truque de palco, com a única diferença de que, quando a ajudante desaparece da caixa do **mágico**, provoca uma chuva de aplausos. Mas, ao contrário, o desaparecimento da Sra. Haslet não causou senão aborrecimento e consternação.

E o mais aborrecido, naturalmente, foi o seu dedicado espôso. Êle deixara a mulher, como informou, sentada na cama, bebendo a sua matinal xícara de chá. Quando retornou, ao anoitecer, mais exatamente, às dezoito horas, após uma terrível busca de um recalcitrante J, sua espôsa havia desaparecido!

Às dezenove horas, êle estava perturbado; uma hora mais tarde, já estava tremendamente preocupado; finalmente, às vinte e uma horas, telefonou para a Polícia. A Sra. Cleaver, arrumadeira do casal, foi chamada, para prestar informações. Pouco tinha a dizer. Quando chegara, às dez da manhã, a Sra. Haslet já se levantara e saíra. Suas roupas, a bôlsa e o casaco não estavam na casa. A arrumadeira supôs que ela tivesse ido fazer uma visita. Em vista disso, trataram de telefonar aos conhecidos do casal. Os hospitais também foram chamados e até mesmo um anúncio foi pôsto nos jornais.

Contràriamente à opinião popular em tôrno do caso, **não foi** pedida, desde logo, a ajuda dos detectives de «Scotland Yard», nem procedida uma busca pelas regiões vizinhas. Afinal de contas, as mulheres costumavam desaparecer. Centenas delas se eclipsavam anualmente. E, na maioria das vêzes, reapareciam também, quando achavam mais conveniente.

A Sra. Haslet havia dado **o fora**! Após um certo tempo, qualquer pessoa se acostumava com essa ocorrência.

E o Sr. Haslet, que era, afinal, a pessoa mais intimamente relacionada com o fato, continuou no seu ritmo de vida, denotando sentir bastante a ausência da espôsa. Fêz tudo que um marido aflito podia fazer, normalmente. Mas não podia desertar do seu arquivo por muito tempo. Após um período de inatividade, no qual procurou em vão pela mulher desaparecida, voltou ao convívio dos seus J, K e L. E, quando a Primavera chegou, em princípios de maio, passou a dedicar-se, com afinco, ao seu bem cuidado jardim. Essa é a época em que todos os jardineiros não têm muito tempo para outras ocupações.

Grande número de jardins estavam causando aborrecimentos naquele ano, principalmente em virtude das chuvas copiosas que caíam. Então, quando a chuva conseguiu varrer quase tudo, naquelas terras rasas (pois todos os jardins, ao longo da estrada, jaziam sôbre uma camada de pedra areenta, tão próxima da superfície em certos locais, que a jardinagem se tornava, ali, um problema verdadeiramente lotérico), o sol deu ato de presença e continuou a brilhar, bastante forte, até que as plantas, que haviam resistido ao terrível período de chuvas, começaram a crescer e a tomar côr.

Mas o jardim do Sr. Haslet era um verdadeiro quadro de pintor. Suas tulipas, naqueles meados de maio, tinham que ser vistas muitas vêzes, para que se pudesse acreditar na realidade da sua magnificência. A vizinhança contava com grande número de jardineiros, e todos comentavam e discorriam sôbre a beleza das tulipas do funcionário do govêrno.

— Na minha opinião — dizia o Sr. Hornsea — foram as tulipas que deram início aos acontecimentos. Jamais vi tamanho conjunto de tulipas. Tôdas vermelhas e douradas, e muito rechonchudas, lembrando as curvas de uma mulher. Era... **era quase indecente!**

Mas havia algo mais. Haslet tornou-se muito sensível, ao falar das suas tulipas. Ninguém podia deixar de notar... Êle se mostrava embaraçado



A Senhora Haslet era corpulenta, corada e resoluta. Tinha curvas em demasia, em virtude do excesso de banhas. ⟶

ao falar de suas flores. A princípio, julguei que fôsse apenas uma certa modéstia, pelo magnífico jardim que o meu vizinho conseguira fazer. Êle não queria elogiar as próprias flores, quando os jardins de todos os demais se encontravam tão pobres e despidos, em virtude das chuvas inclementes.

Depois, aquilo passou a ser algo mais estranho. Era quase uma obsessão. A Sra. Wilberforce, que morava na casa ao lado, costumava vê-lo à janela, olhando extasiado para os canteiros de tulipas. **«Há qualquer coisa naquele jardim»** — dizia ela. — **«Está minando o cérebro do Sr. Haslet!»**

Os rumores são mais fáceis de iniciar do que de interromper e, antes de que a semana terminasse, já tôda gente tinha a certeza do que se encontrava por baixo daquela magnífica camada de tulipas.

Então, a Sra. Wilberforce passou a recordar certas coisas. Lembrou dos ruídos que ouvira e das luzes que vira no jardim do seu vizinho, na noite anterior ao desaparecimento da Sra. Haslet. Nada, realmente, definido, mas, certamente, suspeito, agora que ela refletia. Uma boa parte do que ela passou a comentar foi levada à conta da sua fecunda imaginação. Mas, de qualquer forma, havia uma certa base no que ela dizia; não se podia desprezar o seu conhecimento a respeito das brigas e discussões e dos diversos motivos que poderiam levar o Sr. Haslet a matar a espôsa. Isto, em todo caso, foi suficiente para que a vizinhança passasse a encarar o arquivista como o autor do «desaparecimento» da sua cara-metade.

— Não se pode deixar de sentir um certo dó do Sr. Haslet — dizia a Sra. Roper. — Na semana passada, êle me ofereceu um ramo de tulipas. Naturalmente, eu recusei!

A polícia foi a última a se movimentar em tôrno do caso. Seus elementos não podiam deixar de ter uma certa cautela, muito própria e muito profissional, tratando-se de um caso de «suspeita de homicídio». Mas, finalmente, numa bela noite de junho, o inspetor Porter veio fazer uma pequena visita ao Sr. Haslet.

Jamais, na história das investigações, um suspeito se condenou tão fàcilmente, com as palavras que pronunciou.

Quando o Inspetor mencionou a Sra. Haslet, o homenzinho fêz uma série de afirmações tão inconvincentes, que parece duvidoso pudesse êle mesmo fazer fé no que dizia. Quando o agente da Scotland Yard repetiu os comentários da Sra. Wilberforce, êle empalideceu; quando o policial mencionou o canteiro de tulipas, a sua última base de resistência pareceu ruir; quando o Inspetor sugeriu que êle sentasse, se assim o desejasse, o Sr. Haslet aceitou o oferecimento de bom grado.

— Não sei por quê — disse. — Tudo parecia tão direito, na ocasião... é melhor que nos reportemos ao início.

O agente da Scotland Yard anotou tudo o que o homenzinho declarou, estando já bastante treinado em dar o devido valor a tudo o que um suspeito podia afirmar numa ocasião como aquela. Seu único temor era que o Sr. Haslet pudesse, por algum ato desesperado, tentar escapar-lhe. Assim, colocou-se por trás do suspeito — que estava todo encolhido na cadeira — e fêz sinal aos dois auxiliares, que trouxera, para que dessem início aos trabalhos.

Os dois policiais, que haviam ficado do lado de fora, eram robustos e muito experientes em matéria de excavações. Inicialmente, removeram a camada de tulipas, procurando não destruí-las. Em seguida, passaram a cavar na camada de terra superior, e, posteriormente, com maior cuidado, a camada imediatamente inferior.

O Sr. Haslet continuava encolhido na cadeira, com uma expressão desolada. O Inspetor se manteve por trás dêle, encobrindo a janela e parecendo um carrasco prestes a executar o condenado.

Os dois policiais continuavam a cavar. Já haviam alcançado quase um metro de profundidade, apenas o cimo de suas cabeças era agora visível. Algum tempo decorreu.

Foi o Sr. Haslet quem rompeu o silêncio:

— O senhor poderia, talvez, doar as raízes das minhas plantas a um hospital.

— Podemos — concordou o policial. — A menos que as mesmas sejam consideradas como evidência para a solução do caso.

— Oh, sim! — tornou o suspeito. — Eu havia esquecido êsse detalhe... Creio que elas serão consideradas como **evidência**, realmente.

E continuou sentado, e o Inspetor de pé. Enquanto isso, os dois policiais cavavam. Já haviam progredido bastante, e atingiam a camada de pedra areenta.

Mais uma vez, o Sr. Haslet falou, e havia, agora, maior dose de curiosidade que de apreensão, na sua voz.

— Compreendo que seja necessário confiscar as plantas, dadas as circunstâncias — disse êle, tìmidamente. — Mas, por que a remoção de tão grande quantidade de terra? Ou será que esta também servirá de evidência?

O Inspetor lutou com certa dificuldade para responder. Felizmente, antes que o fizesse, o Sr. Haslet continuou.

— Estou pronto a confessar!

— Confessar! — exclamou o policial, logo se refazendo do espanto e procurando não demonstrar a emoção que sentia.

— Eu não devia ter feito isso, naturalmente. Sabia que era um tanto perigoso, mas não julguei que fôsse contra a lei. — Fêz uma pausa. — Suponho que, como lhe havia dado o dinheiro, a mercadoria era legalmente dela. E, uma vez que o estava usando, estava, também, roubando. Não é isso?

— O senhor não poderia explicar melhor o que diz? — inquiriu o Inspetor, sem entender qualquer palavra do suspeito.

O Preparado de Melaço de «**Mamãe** Mankletow»! Dezoito garrafas, das grandes! Quem saberá o

(Cont. na pág. 117)

EPISÓDIO
REAL



QUEIMADO DUAS VEZES

O *grande* dia, segundo decidira Salvatore Gatti, um criminoso incorrigível, seria o 23 de Setembro de 1937. Êsse era, também, o último dia da *Convenção Nacional da* "American Legion", em New York, fato que não deixara de entrar nas considerações do ex-convicto, ao organizar os seus planos.

Quando uma colossal multidão cobriu literalmente as ruas principais da cidade, para assistir ao grandioso desfile, Gatti, em companhia de Charles Sberla, um velho companheiro de crimes, deliberou cruzar meia cidade, até à zona comercial, onde se multiplicavam as casas de negócios e, principalmente, as pequenas joalherias, ao sul de Fulton Street, quase chegando aos limites do centro, a essa hora quase deserto, em razão da grande parada dos milhares de legionários, no outro extremo de New York. Gatti sabia que a polícia estaria, então, muito atarefada em conter a multidão e facilitar o tráfego, congestionado pelo desfile, e também alerta contra os "batedores de carteira", longe daquela zona comercial que escolhera justamente por essa razão.

Por

MURRAY PRINGLE

— Isto vai ser *uma sopa* — disse êle para Sberla, confidencialmente. — Os "tiras" estarão de ôlho vivo naquele poviléu, em Times Square e arredores, e não terá sobrado um só para vir olhar pela segurança das lojas e joalherias dêste lado. Teremos só que agir com habilidade, não pisando em falso e não fazendo *mancadas*.

Aquilo foi mesmo fácil, como Gatti havia previsto. Penetraram num edifício de quatro andares, no 65 de Fulton Street, subiram para o segundo andar e, sem hesitação, entraram, ràpidamente, na *Rudisch Gold Refining Company*, onde grande quantidade de ouro, comprado em segunda mão (anéis, broches, pulseiras, etc.), era fundida e, a seguir, vendida aos grandes joalheiros.

O meio de que se valeram foi eficiente e prático. Gatti, com a pistola apontada para os imobilizados funcionários, ordenou que se voltassem para a parede, enquanto seu companheiro tratava de amarrar-lhes as mãos atrás das costas, com cordas finas e fortes, que já haviam preparado para isso. Infelizmente, para os dois assaltantes, sem que qualquer dos dois o notasse, um dos empregados pôde ficar escondido por detrás de uma pilha de caixas, colocadas junto da janela, e assim escapuliu usando a escada de incêndio e atingindo a rua, onde informou, imediatamente, o guarda de vigilância, John Wilson, do que ocorria na ourivesaria.

Porém os criminosos puderam ouvir o barulho provocado pelo último lance da escada de incêndio, que sobe automàticamente, quando o que a usou tira o pé do último degrau e, também, a seguir, ouviram as passadas apressadas do guarda Wilson subindo a escada interna do prédio. Quando o policial surgiu à porta, de pistola em punho, Gatti o agrediu, de surprêsa e selvagemente, com a coronha da própria arma, ferindo-o na cabeça.

Wilson deixou cair sua arma e, por sua vez, tombou, sem sentidos. A seguir, na precipitação com que trataram de fugir, um dos bandidos fêz tombar um caldeirão de líquido fervente, que, chocando-se contra o soalho, respingou em várias di-reções.

Nesse instante, o oficial recobrou os sentidos e atracou-se com Gatti, que, por sua vez, resvalara e caíra ao seu lado. Desesperado, o bandido voltou a pistola, que ainda empunhava, contra o infeliz Wilson, varando-lhe a cabeça com um tiro. Ao mesmo tempo tentou apoderar-se da arma da sua vítima, um *Colt*-38, mas logo a largou, sacudindo a mão com fúria, pois um dos seus dedos havia tocado no líquido fervente, que caíra sôbre o punho dessa pistola. Quando, mais tarde, a polícia chegou, os atemorizados funcionários da oficina não puderam fazer uma minuciosa descrição dos dois assaltantes. Além disso, nenhuma impressão digital pôde ser encontrada, em nenhum lugar, segundo foi noticiado nos jornais; isto deixou os dois assaltantes tranqüilizados, quanto às possíveis complicações que, do fato, redundariam contra êles. Mas não estavam satisfeitos! Sberla, principalmente, mostrava-se furioso contra o companheiro:

— Então... Aquilo ia ser *uma sopa?* Hein? Foi o que você disse! No entanto, houve luta, você matou um guarda... e quanto a dinheiro, não conseguimos sequer um níquel com o "trabalho"!



De qualquer maneira, duas semanas mais tarde, Gatti e Sberla, com o ar mais tranqüilo dêste mundo, abandonaram seu esconderijo e foram *mostrar a cara* no bar suspeito em que costumavam bebericar e tratar de "negócios" com os colegas. No momento em que se apoiaram ao balcão, vários policiais surgiram, como por encanto, e apontaram contra ambos as suas armas.

— Vocês estão presos pelo assassinato do guarda Wilson, na ourivesaria de Fulton Street!

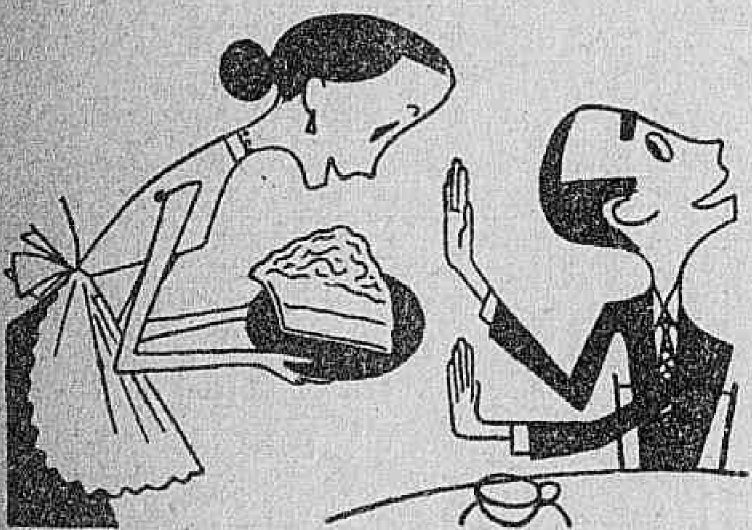
Segundos depois, ambos eram conduzidos, algemados e sob boa escolta, para a prisão.

Quando Gatti sentou, afinal, na cadeira-elétrica, era a segunda vez que se via queimado, como castigo pelo seu bárbaro crime.

A condenação — e justamente a que serviria de evidência para a sua condenação — tinha sido na própria ourivesaria, quando queimara os dedos, ao tentar apanhar a arma de Wilson. Isto porque, nessa ocasião, havia deixado as marcas de vários dedos no líquido fervente que respingara na coronha. Êsse líquido era *cêra de joalheiro*, substância muito sensível e que se solidifica depressa.

* *

MINHA «AMIGA», A ÚLCERA



NÃO há mal que não venha para bem. Nem sequer uma úlcera! Vinte anos de minha vida, eu os passei trabalhando como escravo. Só nas horas de comer podia ver minha mulher e os filhos. Restava-me alguns bons amigos velhos, mas não tinha tempo de conquistar novos. Nas horas de refeições não chegava mesmo a comer, mas simplesmente engolia os alimentos, tanta era a minha pressa. Porém, um dia, principiei a sentir certa indisposição e mesmo ligeiras dores, após comer, e fui consultar o médico, que não tardou a me apresentar a uma nova «amiga»: **minha úlcera**.

Daquele dia em diante teria que comer com calma, fazer exercício, não trabalhar excessivamente, evitar preocupações e não prejudicar minhas horas de sono, isto é, teria que **viver** como um ser humano. Isso foi tudo o que me receitou o médico: **uma boa dose de bom-senso**. Não tardei a compreender que minha «amiga», a úlcera, se encarregaria de obrigar-me a cumprir o programa traçado. Se passa diante do meu nariz um apetitoso pastel, ela grita ao meu ouvido um rotundo «não». Se o meu trabalho acumula, ordena: «calma!» Obrigou-me, assim, a modificar os meus velhos métodos de trabalho e a reorganizá-los de tal modo, que me tirou de cima a responsabilidade de muitos detalhes, e passei a atender, pessoalmente, o essencial. Agora, durante o tempo destinado ao descanso, pude voltar a fazer vida de família e de novo aproximar-me de minha espôsa e de meus filhos. Antes, era só trabalhar. Agora, disponho de tempo para diversas coisas, como passeios a pé, fotografia, pesca e até um pouco de cozinha. Tudo isto me ajuda a esquecer possíveis preocupações. Baseando-me no que espus acima, decidi que a úlcera é minha «amiga». O único que lamento é que ela não tenha chegado uns quinze anos antes. Quanto mais teria desfrutado da vida! Contudo, até a amizade tem os seus limites e, apesar da minha gratidão, pretendo prescindir de minha «amiga», a úlcera, o mais depressa que possa. — **Ernesto C. Grant**.

Por que as articula

Muita gente fica, senão assustada, pelo menos intrigada, porque as articulações estalam. "Por que isso acontece?" — perguntam. E, suspeitando de que a resposta possa interessar a muitos de nossos leitores, conversamos com um especialista dos ossos, que se prontificou a esclarecer o assunto.

UMA QUESTÃO DE ELASTICIDADE — Antes de tudo — disse-nos o médico — notem que as articulações podem estalar de diversas maneiras. Bem diferentes são os estalidos que as crianças (e alguns adultos) gostam de provocar, com os dedos, por exemplo, e o estalido dos joelhos e dos punhos dos indivíduos de idade avançada.

O primeiro é simplesmente fisiológico e não revela qualquer enfermidade. De fato, as articulações são mantidas no lugar devido por meio de ligamentos elásticos, que ligam os ossos uns aos outros. Se afastarmos um do outro, os dois ossos formando uma articulação, e se, em seguida, largarmos bruscamente, a elasticidade dos ligamentos recoloca os ossos no lugar. O que provoca o estalido é, justamente, êsse retôrno das cabeças ósseas ao seu ponto de partida.

As articulações que estalam mais fàcilmente são, é claro, as mais "folgadas", isto é: aquelas que podem deslocar-se com mais facilidade, exercendo-se uma tração sôbre elas, como as dos dedos e dos ombros. Bem entendido, também podemos provocar êsse estalido tanto mais fàcilmente quanto maior seja a elasticidade dos ligamentos — em geral durante a juventude.

Algumas vêzes, o estalido não é voluntário: a articulação se desloca por si só, no correr de um movimento qualquer, e o jôgo da elasticidade a recoloca imediatamente no devido lugar, provocando um estalido. E' o que ocorre quando o maxilar, em particular, começa a estalar. A superfície das articulações, de fato, não é perfeitamente lisa: o esfôrço feito para mastigar desloca, tôda vez que abrimos a bôca, e estala ao recuperar sua posição, ao fecharmos.

Êsse gênero de estalido não apresenta, absolutamente, qualquer perigo. Em geral, aliás, não persiste e o indivíduo que vai consultar o médico a êsse respeito, exasperado por êsses estalidos, revela, mais tarde, que *"tudo passou inexplicàvelmente, como havia surgido"*.

O RUÍDO DE AREIA... — Mas existe um outro gênero de estalido articular, devido ao temperamento artrítico ou, mais exatamente, ao reumatismo.

Ainda assim, podemos observar duas variedades de estalido. O primeiro ocorre no início do reumatismo, quando êste ainda não se "instalou". Nesse momento, a bôlsa sinovial, que cerca as articulações, modifica-se, o líquido sinovial se torna menos abundante e menos viscoso. Os estalidos que ouvimos, então, são provocados pela modificação dêsse líquido. São estalidos muito finos, infinitamente mais nume-

rosos, uma espécie de crepitar, que se diria *provocados por areia*.

A articulação do joelho é uma das que "crepitam" com mais freqüência. Pousando a mão espalmada sôbre um joelho, podemos sentir perfeitamente uma sinovia ligeiramente granulosa.

O crepitar articular se acompanha, muitas vêzes, de dores. Corresponde, de fato, ao estado inflamatório, que é de rigor no início do reumatismo. Entretanto, se, nesse momento, fizermos uma radiografia, esta nada revelará: não se trata, então, mais que de um início de evolução, sem atingir os ossos pròpriamente.

... E O RUÍDO DE NOZES — Um pouco mais tarde, o ruído se modifica, os estalidos são menos numerosos e mais fortes, *comparáveis ao ruído das nozes quebradas*.

Êsses estalidos são o sintoma de um reumatismo mais evoluído e acompanhado, já agora, de uma deformação óssea. As superfícies articulares perderam o polimento e não mais se correspondem entre si: cada movimento as desloca, colocando-as fora de correspondência uma das outras e provocando um ruído tanto mais forte quando mais diminuída estiver a viscosidade da sinovia.

Nesse momento, a dor em geral desapareceu, *porque não há mais inflamação*, mas uma rigidez incômoda entrava os movimentos e anquilosa a articulação atingida.

Mesmo, às vêzes, o mal pode ser pior: ocorre surgir, no nível da articulação, uma "osteofite", isto é: uma calcificação anormal, que se instala entre as duas partes da articulação, como o poderia fazer um corpo estranho. A essa altura, os estalidos são mais fortes, ainda, e a dificuldade articular muito maior.

O REMÉDIO — É possível fazer alguma coisa contra êsses estalidos? Sim, quando se trata de estalidos articulares em início, isto é: *no estado sinovial*.

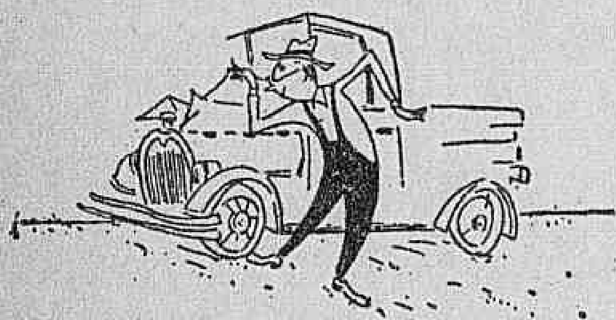
Nesse caso, os tratamentos anti-reumáticos (salicilato de soda, histamina, iôdo, curas termais, etc.) conseguem fazer desaparecer êsse tipo de estalido.

Mais tarde, ao contrário, quando os estalidos são provocados por uma deformação articular, é impossível remediar o mal. O reumatismo poderá ser melhorado, mas a articulação continuará a estalar.

Quanto aos estalidos das articulações jovens, são também sem remédio. Mas já sabemos, de resto, que não apresentam qualquer inconveniente. O remédio virá por si mesmo — e, infelizmente, muito cedo! — quando as articulações tiverem perdido sua suavidade primitiva.

★ ★

RESOLVA OS SEUS PROBLEMAS



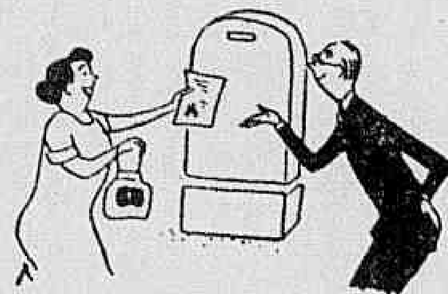
VIAJAVA eu, em automóvel, por certa região montanhosa e pouco povoada A certa altura, vi um camponês, de pé, junto de um caminhão desarranjado. Detive o meu veículo e ofereci levá-lo até o povoado mais próximo. Aceitou e, ao subir para o assento ao meu lado, perguntei:

— Desarranjo no motor?

— Não — respondeu êle. — É que por aqui os automóveis passam como furacões e não havia meio de conseguir que parassem e me levassem, de «carona», ao povoado. Então, resolvi comprar êste caminhão imprestável, sem motor e faltando uma roda. Paguei por êle cinco dólares. Coloquei-o diante de casa e, desde então, sempre encontro quem me leve, gratuitamente, à cidade, quando preciso. **(C. C. Govin — Mount Vernon, New York. Da revista «Clues»)**.

★

UMA vez ficaram «sobrando» em minha loja mais refrigeradores do que me convinha e decidi sair do «apêrto». Anunciei uma rebaixa de preço de cem dólares. Os resultados não corresponderam às minhas esperanças. Resolvi, então, recorrer a outros meios: anunciei pelo rádio que daria um prêmio aos que adivinhassem os nomes de certas músicas populares. O prêmio seria um certificado de cem dólares, aplicável à compra de um refrigerador. Desta vez, os resultados foram maravilhosos. O comentário que se ouvia na loja era um só: **«Não estou, realmente, precisando de um refrigerador, mas não posso perder a oportunidade de poupar cem dólares!» — (Claire Barton, Fond du Lac, Winsconsin)**.



★



PARA dois vendedores ambulantes de frutas, de Londres, o negócio não caminhava muito bem. Puseram-se de acôrdo e combinaram tratar de explorar a humana inclinação de comprar o que se considera barato.

Com ambos os carros bem sortidos com a mesma mercadoria, colocaram-se a curta distância um do outro. Um dêles elevou de alguns **pennies** o preço de sua fruta, enquanto o outro conservava os preços normais. Êste vendia suas frutas ràpidamente e depois, num terreno abandonado, refazia o seu estoque... com a mercadoria do carrinho do outro vendedor, de tal modo que os dois fruteiros lograram vender, pràticamente, tôda a sua fruta, no curso de uma só manhã. — **(A. N. Tillet, Londres)**.

ANEDOTAS AERONÁUTICAS

Por MORTON HUNT

OS aviadores se defrontam com as mais estranhas aventuras. Mas, às vêzes... E, o que é mais curioso, juram êles que tudo aquilo que relatam, *realmente* aconteceu! De fato, algumas das mais curiosas histórias, contadas nos últimos trinta anos (e não resta dúvida de que *por muito tempo ainda*), não são oriundas de pescadores ou caçadores, mas de aviadores. Aqui apresentamos algumas delas.

★

UM pilôto amador de Sydney, Austrália, notou, certa vez, que seu avião perdia altitude, justamente sôbre uma imensa floresta, o que não lhe possibilitava nem mesmo uma aterrissagem de emergência. Seu campo de pouso ficava a algumas milhas além, e o homem não conseguia estabelecer uma rota que pudesse seguir, uma rota que lhe evitasse perder tempo com volteios. Foi então que divisou um gavião voando preguiçosamente num rumo certo, como se soubesse exatamente o caminho a seguir. O pilôto resolveu escoltar a ave e, pouco depois, estava fora da enorme floresta, conseguindo retornar ao campo de pouso sem maiores dificuldades.

★

G. C. Greimes, de Seattle, EE. UU., roçou seu pequeno avião num fio de alta tensão, o que lhe acarretou a perda do leme. Incapaz de estabilizar o aparelho, Greimes se preparava para saltar de pára-quedas... quando descobriu que, abrindo e fechando as portas do avião, conseguia fazer o mesmo planar com tôda segurança!



ALGUNS anos atrás, o pilôto de provas Harry Sutton fazia um vôo solitário, quando o motor do aparelho começou a falhar. Logo em seguida, o avião, ainda não perfeitamente ajustado, fêz uma piruêta rápida. Quando o aparelho chegou ao tôpo da reviravolta, Sutton prontamente atirou-se de pára-quedas, para cair, alguns metros abaixo... sôbre uma das asas do avião, que completava, justamente naquele instante, a piruêta que descrevia. Novamente, o pilôto se atirou do avião, conseguindo safar-se desta vez.

★

UM pilôto das Linhas Aéreas Orientais aterrissou em Montreal, Canadá, com uma gaivota prêsa ao motor esquerdo do avião. A ave penetrara entre as pás da hélice e ficara prêsa entre dois cilindros do motor. Ligeiramente queimada, mas ainda viva, a gaivota, logo que foi libertada, alçou vôo, desaparecendo!

★

DURANTE um salto geral de pára-quedistas, realizado em Fort Meade, EE. UU., o pára-quedista J. D. Carney viu um companheiro que caía em direção ao solo, sem que o pára-quedas se abrisse. Rápido, Carney esticou um braço, conseguindo agarrar o homem, e ambos desceram sãos e salvos!

★

UM pilôto mexicano voava em direção a El Paso, quando seu avião pegou fogo. O pilôto, com grande presença de espírito, meteu o avião numa providencial tempestade que se formara logo adiante, conseguindo, dessa forma, apagar o fogo do motor, e prosseguir viagem sem qualquer outro incidente.

★ ★

O bacilo tífico resiste bem às baixas temperaturas e daí a possibilidade de conservar-se no gêlo. E' condenável, pois, o hábito de colocar em caldos de frutas, água, etc., pedras de gêlo fabricado com água não tratada. Livre-se da febre tífica, só pondo nas bebidas gêlo feito com água depurada.



— Vamos! Pode me revistar! — gritou Sharkey para o policial. — Estou limpo!

Um Punguista Ladino

Por Nad Rochon



Os olhos de Sharkey notaram o par de "batedores de carteiras", quando o trem subterrâneo, que cruzava tôda a cidade, partiu da estação de Polo Grounds, naquela tarde que aos poucos ia morrendo. Com um meneio de cabeça, que traduzia um sentimento de piedade, êle ficou observando os dois homens.

Êles *trabalhavam* numa tarde de sábado, no meio do pessoal amontoado no interior do vagão do trem subterrâneo. Sharkey, enquanto os observava, não pôde deixar de conceder-lhes um certo *conhecimento elementar, mas o método que empregavam* era o mais batido e errado. Não havia qualquer *estilo* próprio no modo como operavam! Nem tampouco havia aquela aparência de ingenuidade com que os batedores de carteiras se *cobrem*, como é regra geral.

O mais gordinho dos dois meliantes deu início à representação, com um empurrão na vítima. Seu companheiro, um homem com cara de ave de rapina, "trabalhava" a vítima, do lado oposto, surripiando a carteira de notas e o relógio. O "pato" era um homem obeso, que retornava de partida de futebol. O empurrão foi tão bem aplicado, que o homem chegou a pedir desculpas ao meliante. Sharkey não tirava os olhos da cena, que, para os demais passageiros do trem, passava despercebida. Quando êle resolveu, distraìdamente, correr os olhos pelas pessoas que lotavam o vagão, deu com o Capitão Martin, metido em seu

uniforme de sarja preta. Sentiu, então, uma certa apreensão.

O Capitão Martin comandava o esquadrão de repressão aos batedores de carteiras. Desta vez, porém, o sentimento de alarma que dêle se apossou logo desapareceu, pois Sharkey estava *limpo*; nada havia feito que o indispusesse com a polícia.

Assim, pôde continuar a observar a cena do homem sendo pungueado e, quando o trem se detivesse na estação de Columbus Circle, não havia ninguém para impedir que Sharkey caminhasse livremente pelo local, se isto lhe aprouvesse.

Êle se sentia satisfeito por não haver cometido nenhum deslise naquela tarde. O produto do "trabalho" daquela manhã não fôra muito compensador, mas, agora, mais uma vez, Sharkey sentia que fôra bastante ladino em não se dedicar à sua "arte" nas tardes de sábado e nem, tampouco, na linha que tinha a estação central em Polo Grounds. A linha de trens que êle preferia era à que partia de IND Queens. As pessoas que viajavam nesse ramal eram, geralmente, homens absortos na leitura dos jornais, enquanto se dirigiam para suas residências, nos subúrbios da cidade. Era muito menor o número de policiais, operando naqueles trens, e havia maior segurança para os "punguistas".

No dia anterior, por exemplo, a "féria" fôra relativamente boa: três carteiras, contendo doze, oitenta e duzentos dólares, respectivamente. O "trabalho" de doze dólares fôra feito em algum veterano da guerra, que devia estar atravessando um mau período financeiro, segundo Sharkey concluíra. A carteira tinha as iniciais "D. A. V." e, no seu interior, havia uma carta a respeito de membros artificiais. Logo abaixo, estava escrito um enderêço, a lápis. O suposto veterano de guerra poderia ter grande necessidade dêsses membros artificiais, de modo que Sharkey planejava mandar de volta a carteira.

Sem os doze dólares, naturalmente! Nada de "molezas", com êle! A vida era muito dura, e os ricaços que dessem demonstrações de bom coração. Êle? Pois sim!

Tornou a olhar para o Capitão Martin e, em seguida, para o par de punguistas. Nenhuma "classe"! Nenhuma imaginação! Como em qualquer outro jôgo, a arte de bater carteiras requer sempre novos truques. Como aquêle que Sharkey empregava agora.

Ia de bolsos vazios, naquele trem subterrâneo. Muitos de seus "colegas" eram agarrados com o produto da "punga" nos bolsos. Isso era cadeia na certa, com uma pena a ser cumprida.

Sharkey andava sempre de bolsos vazios, levando apenas o dinheiro para uma refeição ligeira e para as passagens. Isto ao mesmo tempo, uma precaução e uma piada contra a polícia, pois êle já estava farto de ser revistado, tendo sido agarrado, algumas vêzes, com o produto de seu "trabalho".

Lembrava, ainda, a risada que dera para o Capitão Martin, da última vez em que êste viera revistá-lo.

— Estou *limpo*! — gritara, num tom que indicava estar grandemente ofendido. — Vamos! Reviste-me!

E o policial, com um ar frustrado e desiludido, não encontrara senão alguns níqueis e chaves nos bolsos do batedor de carteiras!

— Está bem, espertinho! — fôra tudo o que pudera dizer.

— Você está ficando velho, capitão! — retrucara Sharkey, em tom de mofa. — Eu já lhe disse diversas vêzes: se me agarrar com qualquer coisa nas mãos, muito bem. Mas, caso contrário, pare de me amolar com tanta freqüência!

E, com um ar de dignidade ofendida, deixara o pôsto policial.



LIBERTANDO-SE de seus pensamentos, Sharkey tornou a olhar para os "batedores de carteiras" e, ao se voltar para observar novamente o policial, deu de cara com o rosto gordo e rechonchudo de Martin, a alguns centímetros de distância do local em que se encontrava.

— Tenho companhia — murmurou o punguista, enquanto seu rosto era iluminado por um sorriso inocente. — Ora, ora! Êsse mundo é um bocado pequeno!

O policial falou em voz baixa e suave, mas a energia nela contida fêz tôda a arrogância de Sharkey desaparecer como por encanto:

— Eu o vi, à saída do estádio. Pelo que vejo, você dedicou o dia de hoje às *diversões*.

— Apenas os "trouxas" trabalham aos sábados. Vamos! Não quer me revistar? Estou *limpo!*

— Acredito nisso. — E o policial dispôs-se a voltar para o fundo do vagão. Naquele momento, Sharkey recobrou a serenidade.



— Ora, Capitão, deixe de timidez. Não quer passar uma revistazinha? — e levantou os braços ligeiramente, a fim de facilitar a tarefa de Martin. Êste, como um autômato, apalpou os bolsos da calça e do paletó do punguista.

— É! Nada tenho contra você, desta vez. Procure continuar assim, porque, da próxima vez em que fôr agarrado, não pegará sómente cinco anos. Serão quinze ou vinte anos, por nova reincidência.

— Só os "trouxas" é que são agarrados, Capitão...

Mas o policial já se afastara, e passava agora pelos dois punguistas, a alguns centímetros dos mesmos. Os olhos rancorosos de Sharkey, semicerrados, acompanharam o vulto de Martin, enquanto êste se dirigia para o fundo do vagão.

Tão distraído estava êle, na contemplação do policial, que foi com intensa surprêsa que sentiu o empurrão, seguido da apalpadela peculiar aos batedores de carteiras.

Apesar disso, Sharkey apenas sorriu, levemente, com ar divertido. Olhando com rapidez para a direção oposta à do empurrão, notara o movimento ligeiro do punguista, cujo rosto se assemelhava ao de uma ave de rapina, com a mão vazia a abanar, sendo introduzida no bôlso logo depois.

— Sharkey sentiu vontade de rir e zombar de seus "colegas". Conteve-se, porém, não podendo deixar de sentir satisfação por haver parecido um sujeito próspero, a ponto de atrair a atenção dos "punguistas". Os dois se dirigiam agora, com calma e vagar, para a porta da saída e, quando o trem se deteve, na estação seguinte, deixaram o vagão apressadamente.

★

FOI então que a confusão teve início. Acima do ruído das rôdas sôbre os trilhos, Sharkey ouviu alguém gritar:

— Fui roubado! Roubaram minha carteira! Que ninguém se mexa! Chamem a polícia!

Quem assim bradava, nervosamente, era o até há pouco jovial e alegre homem gordo.

— Minha carteira, com duzentos dólares! Chamem a polícia! — continuava a gritar o gordo, cada vez mais desesperado. O homem dava a impressão de uma criança a quem se houvesse negado um brinquedo, e que estava prestes a chorar. Sharkey teve vontade de correr, mas o trem começava a se pôr em movimento. E êle era prisioneiro daquele vagão, até à próxima parada. Sùbitamente, viu o Capitão Martin, abrindo caminho entre os passageiros curiosos, chegando até o perturbado homem gordo. Ao ouvir o policial falar, Sharkey começou a sentir um frio a lhe percorrer a espinha, como se algo de mau fôsse ocorrer.

— Que ninguém se mova de seu lugar! — dizia o Capitão. — Não procurem deixar o trem!

De algum lugar, apareceu um guarda de trânsito, juntando-se ao Capitão Martin.

Um minuto depois, como num pesadelo, os dois policiais se encaminhavam para Sharkey, e todos os demais passageiros se mantinham em silêncio, observando. O punguista sentiu como se estivesse caminhando nu, numa rua apinhada de gente. Todos já se haviam afastado de Sharkey e êle estava sòzinho, de pé, no meio do carro, com os nervos abalados e tomado de pânico.

— Não fiz nada! tentou êle gritar, sem que conseguisse emitir qualquer som. — Vocês não me podem prender. Estou *limpo! limpo!*

Na aflição que dêle se apossara, Sharkey, como a confirmar o que tentava dizer, correu as mãos pelos bolsos do paletó e da calça.

Foi então que estremeceu e seu coração quase parou.

Não estava "limpo"! Em rápido raciocínio, relembrou o esbarrão que os dois punguistas lhe haviam dado, e sentiu uma fraqueza nas pernas, como jamais lhe ocorrera em qualquer ocasião. *Havia uma carteira, no bôlso traseiro de suas calças,* e Sharkey adivinhou, por experiência, que a mesma deveria conter apenas alguns papéis e documentos do homem gordo, *sem os duzentos dólares!*

No terrível silêncio que reinava no vagão do trem, sob as luzes que agora o ofuscavam, e sob os olhares das dezenas de pessoas que o fitavam, Sharkey ansiou, miseràvelmente, que o Capitão Martin se apressasse, levando-o dali e dando fim ao tremendo pesadelo.

★ ★

A região mais fria do Brasil é a zona montanhosa do sul (Paraná, Santa Catarina e nordeste do Rio Grande do Sul); a mais quente certas zonas do interior do Ceará e Piauí.

★

EXISTEM livros expostos em vários museus do Ocidente, impressos com tipos de madeira, centenas de anos antes do nascimento de Gutemberg.

«Há alimentos para todos...
A fome é obra do Homem.»

«O mundo tem suficientes recursos para proporcionar uma dieta adequada para todos, em tôdas as partes... O verdadeiro caminho para a sobrevivência continua a ser a boa visão dos homens.» — Josué de Castro, no livro «A Geografia da Fome».

A IDADE DA FOME

PEARL S. BUCK (Prêmio Nobel)

FICO surpreendida ao descobrir que muita gente acredita que estamos vivendo uma **idade negra**. Para mim, ao contrário, esta é uma idade tão plena de possibilidades — e, por isso mesmo, de esperança — que cada manhã, desperto e ligo o rádio ou abro o jornal, para saber se chegou **o grande dia**, o dia em que os homens escolheram, afinal, o futuro que pode dar a todos os povos a paz e a plenitude almejadas.

Acreditar que todos nós podemos viver juntos, neste mundo pacificado, parece ser o princípio da **idade de ouro**. E isso não é um sonho! Ano após ano, mês após mês, apesar dos acidentes da guerra, a paz tem caminhado para a realidade. Porque é preciso ter em mente que a paz é **realizável** com recursos práticos e não deverá vir por meio de um milagre! E que remédios devemos procurar conseguir para isso? Antes de tudo, devemos combater a fome! A falta de alimentos básicos, em dois terços do mundo, tem sido a maior causa para os descontentamentos e desesperos que têm levado os homens a lutar. A grande inquietação da Ásia é, bàsicamente, devida à fome, e, só recentemente, os cientistas, descobrindo os fatos relativos à fome, descobriram ao mesmo tempo os seus piores efeitos. Os cientistas afirmam que o mundo está abarrotado de alimentos. A distribuição, sim, é inadequada. Muitos povos são pobres porque não podem exportar seus excedentes. Outros morrem de fome, porque não podem importar!

Porém a própria terra pode produzir muito mais do que os povos podem consumir. Depende, ùnicamente, de organizar, como convém, a sua distribuição.

E que dizer da superpopulação? Os povos que sofrem fome têm, em geral, muitos filhos, segundo se tem afirmado. Novamente, os cientistas, encarregados de dar resposta ao mistério, declaram que isto é **resultado** e não a **causa** da fome. Josué de Castro, o grande nutricionista, em seu livro «A Geografia da Fome», prova que a fome é mal provocado pelo próprio homem. A Natureza tenta substituir, apressadamente, o homem, destinado a morrer cedo e cuja vida já é muito parecida com a morte, da mesma maneira como a árvore, prestes a morrer, produz uma anormal quantidade de sementes. Alimentem o povo, afirma êle, e a média dos nascimentos cairá.



É fato indiscutível, a grande maioria deseja e trabalha para formar um mundo melhor. Bem poucos são os perversos e os pessimistas que desejam ou prevêem desastres e destruição. Outros, em número reduzido, são indiferentes e parecem doentiamente apáticos, talvez em razão de uma subalimentação, que esta pode enfraquecer a alma humana como faz com o seu corpo). Porém, os povos, em geral, estão dedicados honestamente a conseguir o **futuro de ouro**. Essa é a pura verdade e tenho a esperança de viver, até que êsse possível **amanhã** venha a ser uma realidade.



O MEU MI

O homem que depôs um rei: General Mohamed Naguib.

SERIA difícil indicar em que momento o povo e o exército começaram a mostrar-se cansados da corrupção engendrada pela ditadura de Faruk. Mas posso afirmar que foi em 1947 que os oficiais, apesar de sua lealdade, cessaram de digerir as pílulas amargas que o rei os forçava a engolir. Faruk havia nomeado chefe do Estado Maior o mais detestado de seus protegidos, o general Obrahim Attala, cujos abusos passaram todos os limites. Foi então que alguns oficiais se reuniram no Cairo e decidiram organizar a luta. O iniciador dêsse primeiro **complot** foi Rachad Mehanna, que é hoje coronel e foi um dos três membros do Conselho de Regência.

No início, eram bem poucos em redor de Mahenna, mas todos moços e entusiastas. Sua sociedade secreta tomou o nome de Dobbat El Ahrar, o que significa «Oficiais Livres». Sabiam guardar segrêdo e mantinham afastados os oficiais superiores dos quais desconfiavam. Eu mesmo nada sabia; êles me consideravam um **velho.** Mas, em breve, não houve mais segrêdo para ninguém que eu lutava contra as manobras de Attala, e os «moços» começaram a mostrar interêsse pelo «velho» Naguib.

A seguir, foi a guerra da Palestina. Partimos com grande entusiasmo, principalmente os militares mais jovens. Nosso rei e nossos generais nos haviam prometido a vitória e a glória. Mas haviam vendido a pólvora de nossos cartuchos e, inùtilmente, puxávamos o gatilho de nossas armas. Os tiros não partiam. A vitória gloriosa foi uma derrota humilhante. Continuamos lutando, realmente, **mas já havíamos compreendido.**

Cabía-me comandar as unidades de choque, na primeira linha. Por três vêzes, fui ferido gravemente. Felizmente, tôdas as unidades que combatiam na Palestina conheciam o meu nome e, justamente quando eu acabara de ser ferido uma terceira vez, os oficiais moços me procuraram. Assim foi que, no início de 1942, passei a chefiar a sociedade secreta dos «Oficiais Livres», que já então modificara, ligeiramente, o seu objetivo: tratava-se, já agora, não só de acabar com Attala, mas também com o rei e seu regime.

O segrêdo continuou sendo rigorosamente guardado. À testa da organização se encontrava um comité de nove membros (aumentado posteriormente para doze). Eu próprio não conheci jamais além de quatro ou cinco. Só se reuniam para tratar de problemas importantes e em pequenos grupos. Foi êsse Comité Central que preparou o plano do golpe de Estado. Não revelarei os nomes de seus membros. No interêsse do movimento, deverão continuar em segrêdo.

A clandestinidade não era coisa desconhecida para mim. Em 1919, já havia eu participado de uma conjuração dirigida contra os Inglêses. Foi então que compreendi o princípio das sociedades secretas: não conhecer mais que um número pequeno da sociedade, justamente aquêles por cujo intermédio ingressamos nela. O capitão que me «apadrinhara» exigira que eu jurasse fidelidade sôbre o Corão. No **Dobbat El Ahrar**, os novos recrutas não mais juravam sôbre o livro sagrado, mas davam, simplesmente, a sua palavra de oficial. Certos jornais estrangeiros pretenderam que o golpe de Estado fôra preparado sem mim

NUTO MAIS TRÁGICO

Pelo General
MOHAMED NAGUIB

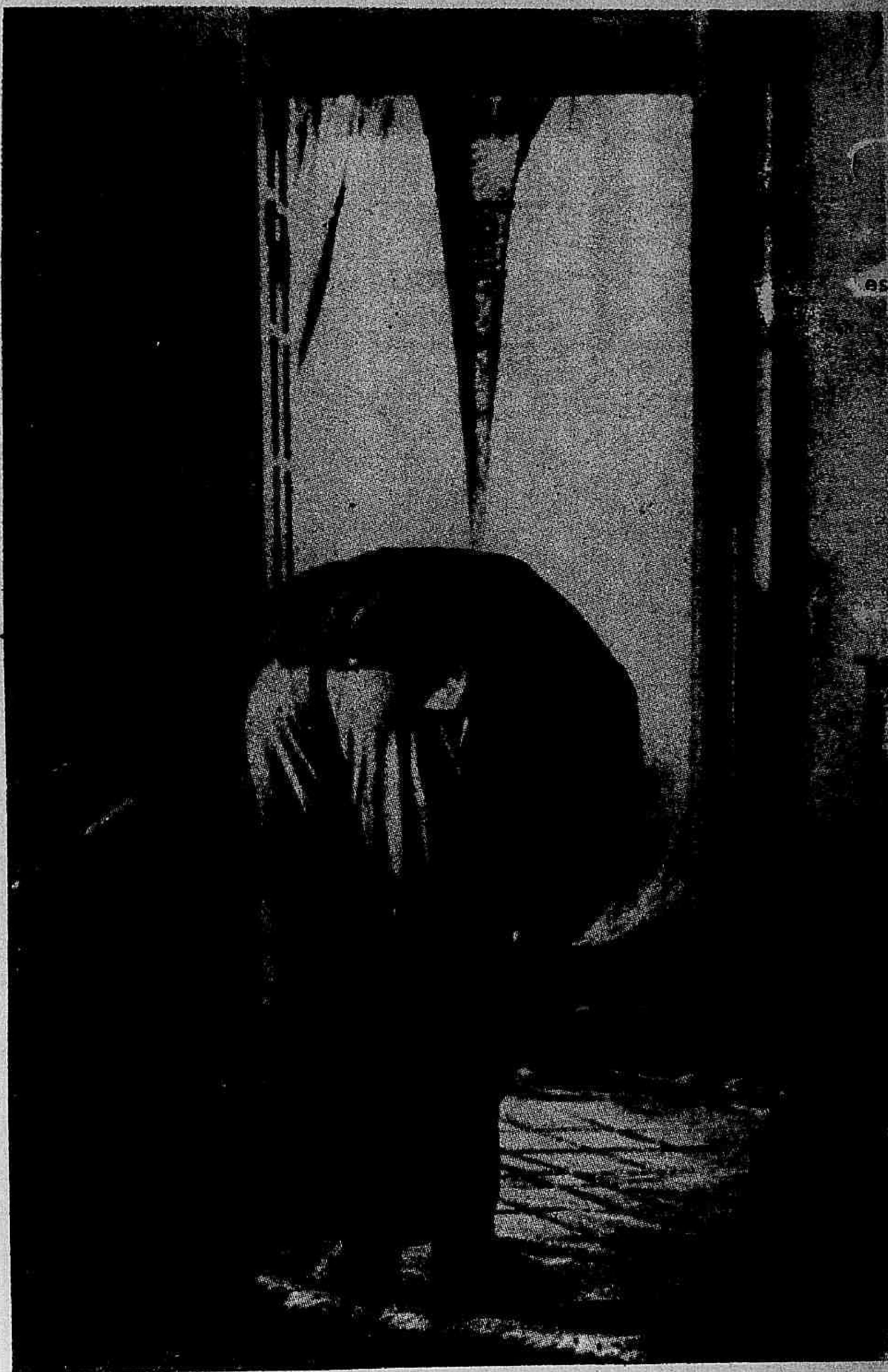
e que só muito depois eu dêle tomara conhecimento. É absolutamente falso. Participei do movimento desde o início. Mas, como general, antes de passar à ação, considerava do meu dever chamar a atenção do govêrno para os escândalos que desejávamos fazer cessar. No início, dirigi vários relatórios ao primeiro ministro Nanas, assim como ao ministro do Interior, Serag Eddine. Por vias indiretas, dirigi-me, igualmente, ao rei. Nenhuma providência foi tomada em consideração a êsses relatórios. Não obtive qualquer resposta. Decidi, então, passar à ação. Os oficiais moços não esperavam outra coisa. No início dêsse ano, o rei ordenou o fechamento do Clube dos Oficiais, do qual era eu o presidente eleito, apesar dêle próprio haver indicado seu candidato. Êsse foi o sinal.

Três vias se abriam diante de nós: uns propunham desencadear uma campanha de protestos, sob a forma de telegramas expedidos de tôdas as regiões do país. Eu era contra. Sabia que isso de nada serviria. Outros, partidários de uma ação forte, sugeriam a ocupação do clube — pelas armas se tanto fôsse preciso: a revolta aberta arriscava a redundar num inútil derramamento de sangue, sem qualquer resultado prático. Restava uma terceira solução: reunir todos os oficiais superiores perigosos para nós e prendê-los, todos de uma vez. Foi essa a escolhida. Uma lista, onde figuravam algumas dezenas de coronéis e generais, foi imediatamente preparada. Todos os detalhes do plano foram estudados e resolvidos nos quinze dias que antecederam o golpe de Estado.

A maioria dos oficiais desejava que o dia «J» fôsse fixado para 4 de agôsto. Por duas razões. Primeiro, porque aguardava-se o retôrno da Palestina de um batalhão de elite, composto de elementos seguros. Depois, porque os oficiais desejavam receber seu sôldo e confiá-lo à família, pois poderia ser o derradeiro, embora esperássemos levar a bom têrmo o nosso intento. Mas, também, poderíamos, todos, ir parar nas prisões ou acabar diante dos pelotões de fuzilamento. Minha espôsa sabia, mas não tinha

mêdo. Ao contrário, repetía-me, sem cessar: — «Mohamed, já é tempo de fazer alguma coisa pelo país. Deus ajudará!»

Finalmente, os acontecimentos se desenrolaram com uma tal rapidez que fomos forçados a agir muito antes da data prevista. Não me aborreci com isso. Pessoalmente, eu me opunha a que esperássemos pelo dia 4 de agôsto. Êsse longo prazo nos teria privado de um dos elementos mais importantes para a vitória: a surprêsa. Porque os informadores do rei começaram a «cheirar» alguma coisa e vim a saber, depois, que nessa es-



— Nenhum homem pode ser bom se não obedecer aos princípios de uma religião. Nada temos contra qualquer religião ou seita. Judeus, Cristãos ou Muçulmanos podem viver juntos e em paz, no Egito — declarou o General Naguib, que, pela manhã e à tarde, jamais dispensa as suas orações.

ocasião, o rei havia chamado o comandante supremo do exército, Haider Pacha, e lhe dissera: «É preciso expulsar imediatamente do exército o general Naguib e doze oficiais, que o senhor sabe quem são».

Desejo, porém, esclarecer duas coisas. A imprensa européia publicou duas narrativas romanceadas, segundo as quais teria havido participação alemã nos preparativos do golpe de Estado. Que participação foi essa? É simplesmente ridículo. Por que os Alemãs arriscariam a vida por amor ao Egito? E, além do mais, para satisfação dos seus interêsses pessoais, seria do lado do govêrno que os estrangeiros se colocariam; nunca do lado dos rebelados. Finalmente, supondo-se que os Alemães tivessem desejado colocar-se do nosso lado, por que havíamos de confiar nêles, quando não havíamos confiado nem mesmo em nossos parentes? Nem a meu próprio irmão eu havia revelado o segrêdo do movimento.

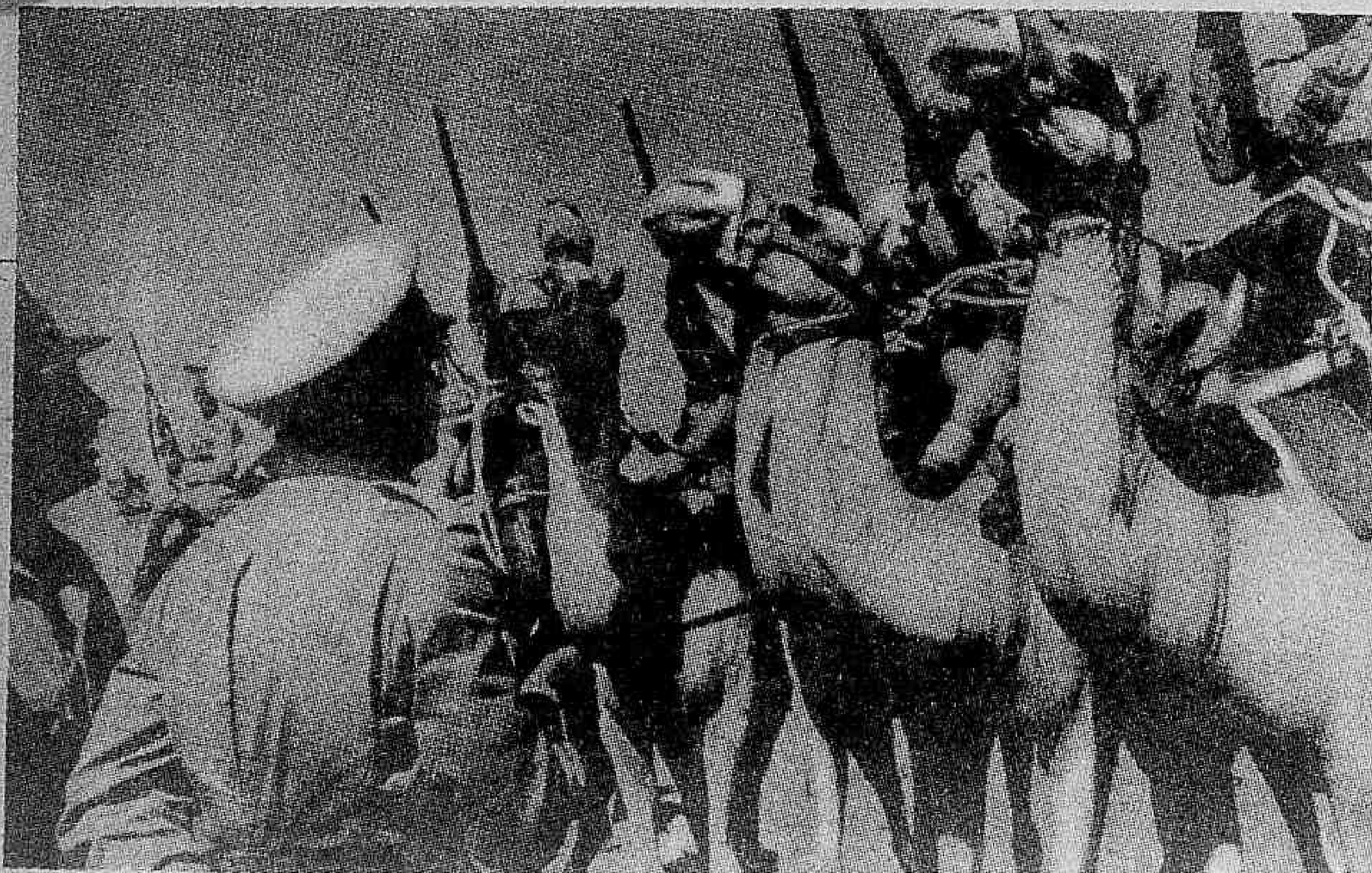


As formações de tanques e carros de assalto nas ruas do Cairo. O golpe ... *prêsa não havendo, ùnicamente por êste motivo, um inútil derramamento* ...

Não menos absurda foi a afirmação dos jornais italianos, que viram influência comunista no golpe de Estado. Abolir os títulos de nobreza e aplicar a reforma agrária não significa instaurar o comunismo. Ao contrário, desejo frisar: somos contra o comunismo e lutaremos contra êle.

Agora, antes de chegar ao detalhe da execução do golpe, façamos um balanço das vítimas. Quase não houve vítimas. A vantagem da surprêsa foi total. Tudo correu com tal rapidez que os oficiais, presos ou simplesmente impedidos de penetrar nas casernas, não tiveram tempo para resistir.

Só encontramos resistência no Q. G. do general Farid, chefe do Estado-Maior. Suas sentinelas abriram fogo. Dois soldados morreram, um dos nossos, outro dêles. Foram as duas únicas vítimas do golpe de Estado. Ao todo foram nove os feridos, um na cidade, dois numa caserna da aeronáutica e seis diante do palácio de Faruk, em Alexandria. Êstes seis últimos pertenciam à guarda real.



Os veteranos do Corpo de Cameleiros estiveram a postos, nos arredores do Cairo, preparados para intervir no movimento revolucionário.

Eis, dia a dia — e quase hora a hora — como os acontecimentos se desenrolaram: o golpe de Estado e a abdicação de Faruk.

20 de julho — O govêrno Hussein Sirry, após dezoito dias de poder, solicita demissão. O rei encarrega novamente Hilaly de formar o govêrno. A atmosfera já é tempestuosa.

Não hesitei em prender meu próprio irmão, Aly

22 de julho — Têrça-feira — Hilaly forma seu gabinete.

Nesse momento, a luta entre o rei e os oficiais, pela nomeação do presidente do Clube dos Oficiais, atingiu seu paro-



de Estado foi desfechado de sur-
de sangue entre o povo egípcio.

xismo. Desde a minha eleição, em janeiro, o rei, que desejava impor a nomeação do general Sirry Amer, recusou cinco preposições diferentes. Os oficiais manifestam abertamente sua recusa de submeter-se à pressão. Furioso, o rei ordena o fechamento do Clube.

Ao mesmo tempo, embora três primeiros ministros consecutivos, Aly Maher, Hilaly e Sirry, tenham insistido para que eu fôsse nomeado ministro da guerra, o rei exigiu que fôsse nomeado em meu lugar seu cunhado, Ismail Cherine, marido da princesa Fawzia.

Êsses dois atos arbitrários foram a gôta d'água, que fêz transbordar a taça. O Comité Central decide passar à ação, fixando a hora «H» para o 24 de junho, a 1,30 da madrugada. Ao mesmo tempo, e apesar do absoluto segrêdo, começam a circular rumores no Cairo sôbre a agitação dos oficiais. Para evitar qualquer eventualidade indesejada, decidimos avançar o golpe de Estado de 24 horas exatamente.

Noite de 22 de julho — Damos ordem a nossas unidades para que saiam das casernas, concentrando-se em Heliópolis, a 10 quilômetros do Cairo. Três mil soldados de tôdas as armas, enquadrados por 300 oficiais, todos com uniforme de campanha, dirigem-se para os postos de comando e pontos estratégicos da capital.

Assumo o comando. Damos ordem a todos os oficiais para que estejam preparados para as 22,30 da noite.

22,30 horas — No Cairo, os oficiais ocupam todos os postos, de acôrdo com as instruções. Tudo se passa em perfeita calma.

23 horas — Um jovem oficial se apresenta no Q. G. e relata que, saindo de casa, completamente armado, foi visto por dois homens que suspeita pertencerem ao grupo de informadores do grupo adversário. De fato, êsses dois homens foram vistos quando entravam na residência do general Hussein Farid, chefe do Estado-Maior do Exército.

O **complot** deve ser descoberto. Esperamos.

De 22,30 a 1,30, Hora «H» — Unidades escolhidas cercam tôdas as casernas. Permanecem em contato por meio do rádio. Os soldados não sabem que estão prestes a desfechar um golpe de Estado.

Tropas de infantaria, apoiadas por carros de assalto, ocupam o edifício do Rádio, o Cairo, o Q. G. do Exército, a estação do Cairo e a Central Telefônica. Tanques são instalados nos subúrbios imediatos da cidade, tanto para evitar qualquer eventualidade, como para fazer uma demonstração de fôrça.

Os aeroportos do Cairo são cercados pelas unidades de infantaria, apoiadas por carros de



O General Mohamed Naguib ouve as reclamações de duas mulheres, cujos filhos morreram na campanha da Palestina.



Um amputado corre a beijar o general, após a vitória. Naguib o abraça, dizendo: — "Êste é um dos nossos rapazes da luta na Palestina!"



Aly Maher, logo após formar o seu gabinete, parecia apressado. Naguib declarou ser Maher "o único homem capaz de limpar o govêrno".

assalto. Os soldados receberam ordem de impedir o acesso aos aeroportos.

Efetuamos a prisão dos oficiais-generais e oficiais-superiores, sem exceção. Nessa mesma noite, fui o único general egípcio em liberdade. Não hesitei, sequer, em mandar prender meu próprio irmão, o general Aly Naguib, comandante da região do Cairo.

Meu irmão, mais moço um ano do que eu, é oficial de cavalaria. Não é contra nós, mas **não sabia**. Não o quis expor ao perigo porque, de qualquer maneira, um membro da família, em caso de derrota, deveria continuar vivo e livre.

Para proceder às prisões, dividimos o Cairo em quatro setores, cada um dos quais contendo uma dezena de generais a prender. Em cada setor um grupo de quatro oficiais e dois soldados, uns e outros especialmente selecionados, agiriam. Cada grupo dispunha de um «jeep» e de um furgão.

— O QUE ESTÁ ACONTECENDO NO CAIRO? — NADA, SR. MINISTRO.

Quarta-feira, 23 de julho, a 1,30 — É prêso o comandante do corpo blindado, Hassan Hishmat. O chefe do estado-maior, general Farid, o encarregara de ver «o que estava acontecendo». É metido na sala dos oficiais. Respiramos. O «inquérito» terminou antes de começar. Por sua vez, Farid é prêso alguns instantes depois. Foi essa a ocasião em que alguns tiros foram disparados.

2 horas — O Comitê Central quer informar e tranqüilizar as missões diplomáticas estrangeiras. Fica decidido informar o embaixador Jefferson Caffery, que se encontra, então, em Alexandria. Em sua ausência, é informado o «attaché» do Ar da Embaixada, Tte.-Coronel David Evans.

4 horas — O Comitê pede que eu assuma o comando-geral das fôrças egípcias. Aceito.

4,15 horas — O govêrno de Hilaly, na capital de verão, Alexandria, recebeu relatórios alarmantes do Cairo. Hilaly encarrega seu ministro do Interior, Mortagha el Maraghi, de ver «o que está acontecendo no Cairo.»

O telefone chama: **«Aqui fala Mortaga el Maraghi. Ouça, general, parece que estão ocorrendo fatos estranhos no Cairo. Sabe alguma coisa?»** — **«Nada, Sr. Ministro».** — **«Bem. Procure informar-me imediatamente... Mas, faça-o sem falta.»** — **«Sim, Sr. Ministro».** Ao desligar quase tive vontade de rir. É claro que não telefonei para êle.

6,45 horas — Segundo os relatórios que me chegam, verifico que o nosso golpe foi conseguido. Mantemos todos os pontos estratégicos. Por tôda parte a calma é completa. Nenhuma vítima. Nenhuma resistência. O Exército está senhor da situação.

7 horas, quarta-feira, 23 de julho — A partir de 7 da manhã, o rádio nacional irradia as primeiras proclamações militares, por mim assinadas. A primeira se dirige ao povo e aos estrangeiros. A segunda, aos oficiais. A terceira, novamente ao povo. Certo da vitória militar, com um aviso sério aos que tentassem perturbar a ordem, asseguro a nossos irmãos estrangeiros que o exército é responsável por sua vida e seus bens.

7,30 horas — Bombardeiros e caças a jacto dominam os céus da capital. Nada a assinalar. Todos se dirigem ao trabalho cotidiano, como de hábito.

Quarta-feira, 23 de julho, pela manhã — O primeiro ministro Hilaly me convoca em Alexandria. Excuso-me e respondo que não posso ir. O govêrno, então, envia ao Cairo, por avião, o ministro do interior, Mortagha el Maraghi. Logo ao chegar telefona-me: «Venha me ver». Respondo que, se quer falar comigo... venha ao meu encontro. Maraghi retorna a Alexandria. Lá, vem a saber que a guarnição e as fôrças navais haviam proclamado sua adesão ao movimento do Cairo. Ordem é dada à esquadra para vigiar o **yatch** real **«Mahroussa»**.

Apresentamos ao rei uma lista de pedidos. Exigimos a nomeação de Aly Maher como primeiro ministro. Sempre tive grande respeito por Maher, homem integro e inteligente, político honesto e farto de experiência. Tem grande prestígio no país e o Comitê o aponta unânimemente.

Pela manhã, à testa de um grupo de oficiais, fui à residência de Maher e convido-o a assumir o poder.

12,30 horas — O primeiro ministro Hilaly é recebido pelo rei, ao qual apresenta sua demissão. A audiência dura quarenta minutos. O rei insiste para que êle continui no poder. Hilaly recusa.

14,30 horas — Aly Maher telefona, para informar que foi encarregado pelo rei de organizar o gabinete. Solicita a minha presença em sua residência.

15 horas — Vou ao encontro de Maher. Discutimos durante duas horas.

16,30 horas — O primeiro ministro demissionário é prevenido de que o rei aceita a sua demissão.

FARUK AINDA DORMIA QUANDO O SEU PALÁCIO FOI CERCADO

Quinta-feira, 24 de julho, 6 h. da manhã — Tenho uma segunda conferência com Maher, antes do mesmo se dirigir a Alexandria, a fim de comparecer perante o rei.

13,15 horas — Aly Maher é recebido pelo rei, em Alexandria. A audiência dura duas horas e vinte. O rei aceita a lista dos ministros, proposta por mim. Depois da audiência, Maher se dirige à sede alexandrina do govêrno, em Bulkelel.

20 horas — O novo govêrno de Aly Maher presta juramento. De retôrno, Maher declara que tôdas as reivindicações do exército foram aceitas pelo rei. Na mesma noite, o rei assina decreto pelo qual me nomeia comandante-chefe das fôrças armadas, segundo o desejo dos oficiais e soldados. Mas é tarde. No correr da reunião do Comité Central dos Oficiais Livres, realizada na noite precedente (23 para 24 de julho), havíamos decidido solicitar a abdicação do rei, imediatamente.

Sexta-feira, 25 — O oficial do Comité, encarregado da execução dos planos, chega a Alexandria e começa a se informar do local exato em que se encontra o rei. Isto porque, em Alexandria, Faruk tem dois palácios — Montazah e Ras el Tin. Finalmente, sabe que o rei está no último. Por medida de precaução, e evitar a fuga do soberano, decidimos cercar o palácio. Pela alvorada, a infantaria ocupa as principais vias de Alexandria, assim como a estação de rádio, as embaixadas etc. Nossas tropas começam a chegar a Alexandria, vindas de todos os lados, principalmente do Cairo.

Chego, também, ao Cairo, por avião, e instalo-me nas casernas do quarteirão Mustafa Pacha. Estávamos decididos a agir contra o rei no correr dessa tarde de sexta-feira. Mas, estando algumas unidades atrasadas em sua viagem do Cairo, a hora «H» é transferida para sábado, 26 de julho, às 7,30 da manhã.

17 horas — Todos os oficiais superiores da marinha visitam o meu Q.G., para afirmar sua adesão e pedir instruções.

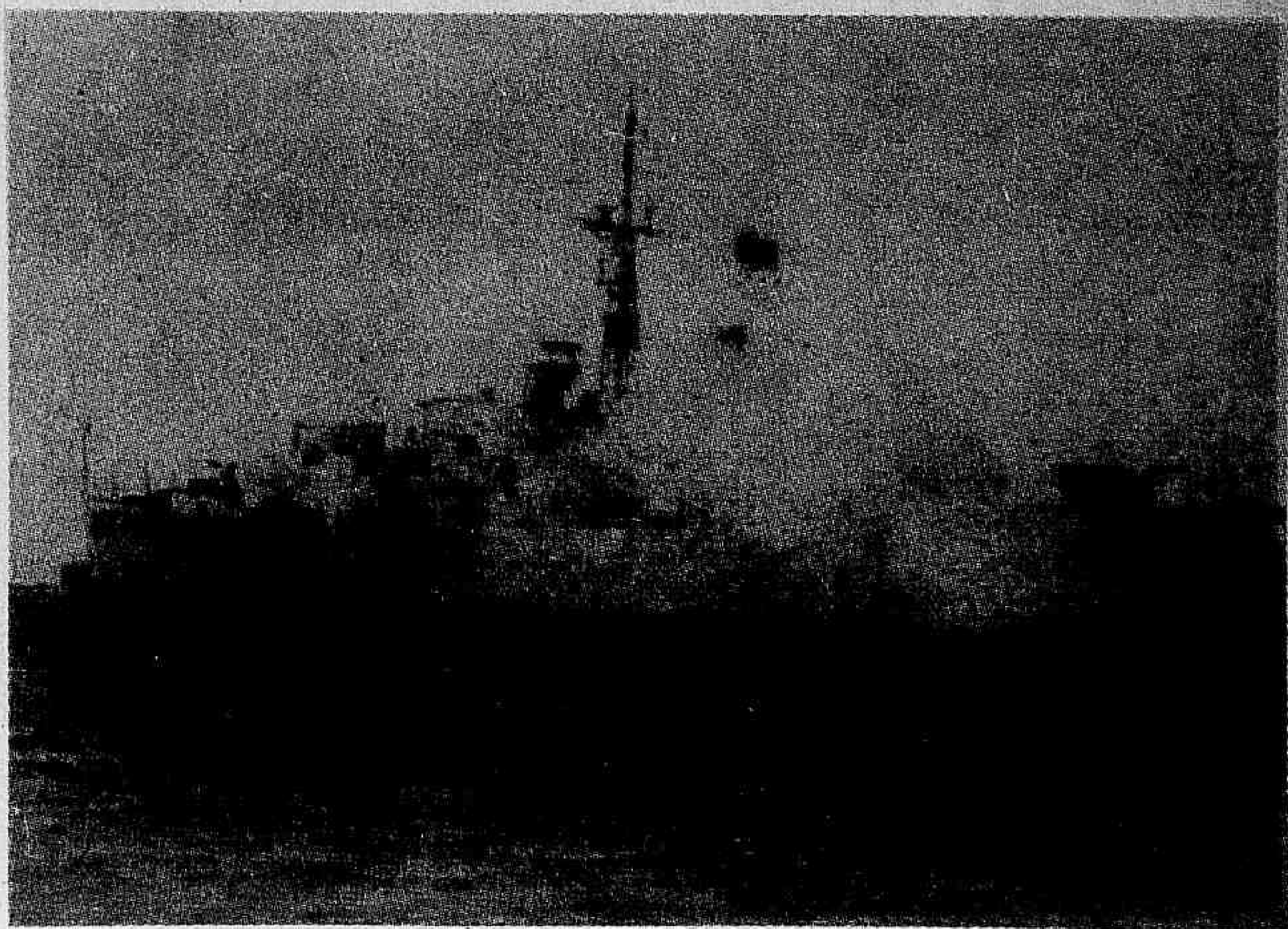
20 horas — Visito Maher em seu gabinete e, a seguir, o mesmo recebe a visita do chefe do gabinete real, com o qual conferencia cêrca de 40 minutos.

O CREPITAR DA FUZILARIA FAZ O REI REFLETIR

Sábado, 26 de julho — No correr da noite, o Comité redige um ultimatum que será apresentado ao rei, ao qual pedimos: 1º — Que abdique no dia 26, ao meio-dia; 2º — Que deixe o país às 18 horas do mesmo dia.

4 horas da manhã — No Cairo, as unidades blindadas deixam a caserna para cercar o palácio de Abbadine e também o de Kubeeh. Em Alexandria é feita igual operação contra os palácios Montazah e Ras el Tin. Peças de artilharia e carros de assalto dirigem suas bôcas de fogo contra o palácio. O mesmo faz a artilharia guarda-costa. Destacamentos do exército penetram pela porta da garagem e se espalham em redor da sala do trono. Um oficial interpreta mal as ordens e faz avançar sua tropa até às muralhas dos haréns. As sentinelas reais abrem fogo com uma metralhadora. Os nossos respondem. Felizmente, com grande coragem e presença de espírito, o mesmo oficial avança, entre os combatentes, gritando para que não atirassem. O resultado disso foram seis feridos. Mas o acontecimento teve sua importância no desenrolar dos fatos. Despertado com os tiros, o rei compreendeu que a resistência era impossível.

8 horas — Dirijo-me à casa de Maher. Ali espero por êle, em companhia do vice-presidente do Conselho de Estado, Soliman Hafez. Maher conferenciava com o rei. Maher chega às 9,20 horas. Após rápida conferência, entrego-lhe o ultimatum do exército, que deverá levar ao rei. Assim êle faz e, ao fim de meia-hora, consegue convencer Faruk, que se submete. Por minha vez, retorno ao Q.G., onde aguardo o resultado. Enquanto isso, um diplomata da embaixada ame-



ADEUS, FARUK — Uma salva de vinte e um tiros é dada por um navio da armada egípcia quando o "yatch" real deixa Alexandria pela última vez.

ricana, Robert Simpson, procura, desesperadamente, varar o cordão de isolamento, diante de Ras el Tin, a fim de se avistar com o rei. Logo que sou informado, ordeno que lhe seja dada passagem.

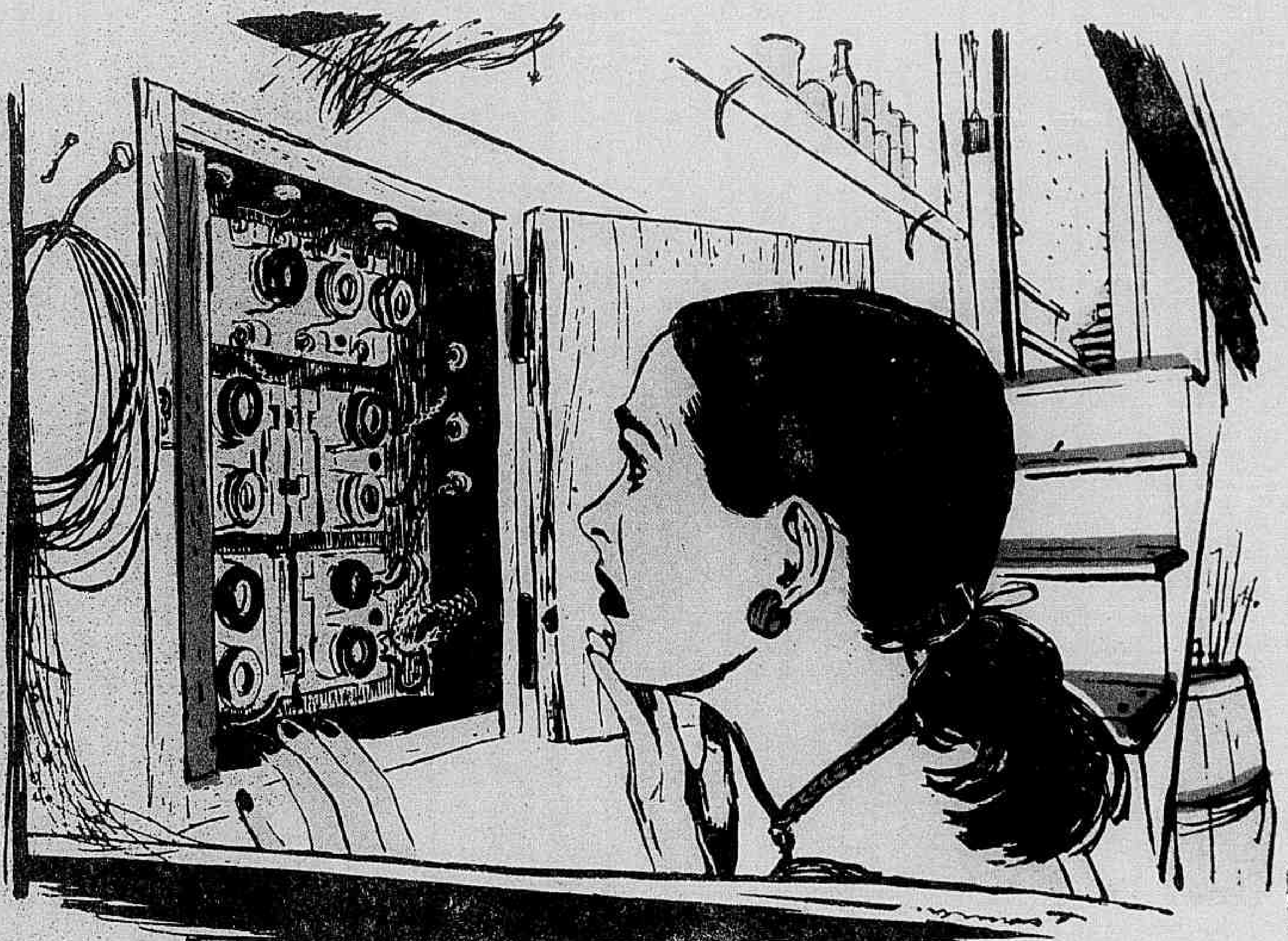
No momento de Simpson entrar, o rei falava com Maher. Quando viu o norte-americano, exclamou: «Venha, venha! Nunca, em minha vida, estive tão contente por ver alguém! Não temos tempo a perder. Quer solicitar ao embaixador que aja no sentido de garantir minha vida? Em caso afirmativo, peça-lhe que venha me dizer até a vista!»

Às onze horas, Maher regressa e vou, imediatamente, ao seu encontro. Comigo vão o presidente e o vice-presidente do Conselho de Estado. Maher informa que o rei cedeu. E exibe o ato de abdicação, assinado por Faruk.

A êsse tempo, o embaixador Caffery foi a palácio e o rei solicita o seu comparecimento ao embarque. Vê, na pessoa do representante dos Estados Unidos, uma garantia para a sua vida. A seguir, Caffery vai à residência de Maher, com o qual conversa quinze minutos. Ao meio-dia, Faruk não é mais rei do Egito. Às 17,45 horas, a rainha Narriman, o novo rei, Fuad II, e as três filhas de Faruk sobem para o **yacht** «Mahroussa», que espera na baía de Alexandria. Faruk fica em Ras el Tin. Em redor do ex-rei estão reunidos sua irmã, a princesa Fawzia, com o marido, Ismail Cherine, sua irmã Faiza, com o marido, Ali Rauf, o primeiro ministro Maher, o embaixador Jefferson Caffery e Robert Simpson, da embaixada norte-americana. Às 17,45 horas, Faruk despede-se das irmãs, depois do embaixador, Maher, Cherine e Simpson, toma o ascensor e desce para o térreo. Não assisto a essa cena. O ex-rei sai lentamente e dirige-se para o cais, onde o aguarda a lancha que o levará para o «Mahroussa». A banda real executa o hino nacional. As côres do rei são arriadas. O oficial dobra a bandeira e a entrega a Maher, que, por sua vez, a entrega a Faruk. Os servidores reais choram e lamentam em altas vozes. Os canhões atiram vinte e uma vêzes em honra do ex-soberano. Tudo é feito com grande dignidade. Os oficiais, em posição de sentido, saúdam militarmente. Faruk fala alguns instantes com Maher e Caffery, antes de subir para a lancha. Às 18 horas, exatamente, o ex-rei Faruk embarca na lancha e dirige-se para o **yacht**.



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

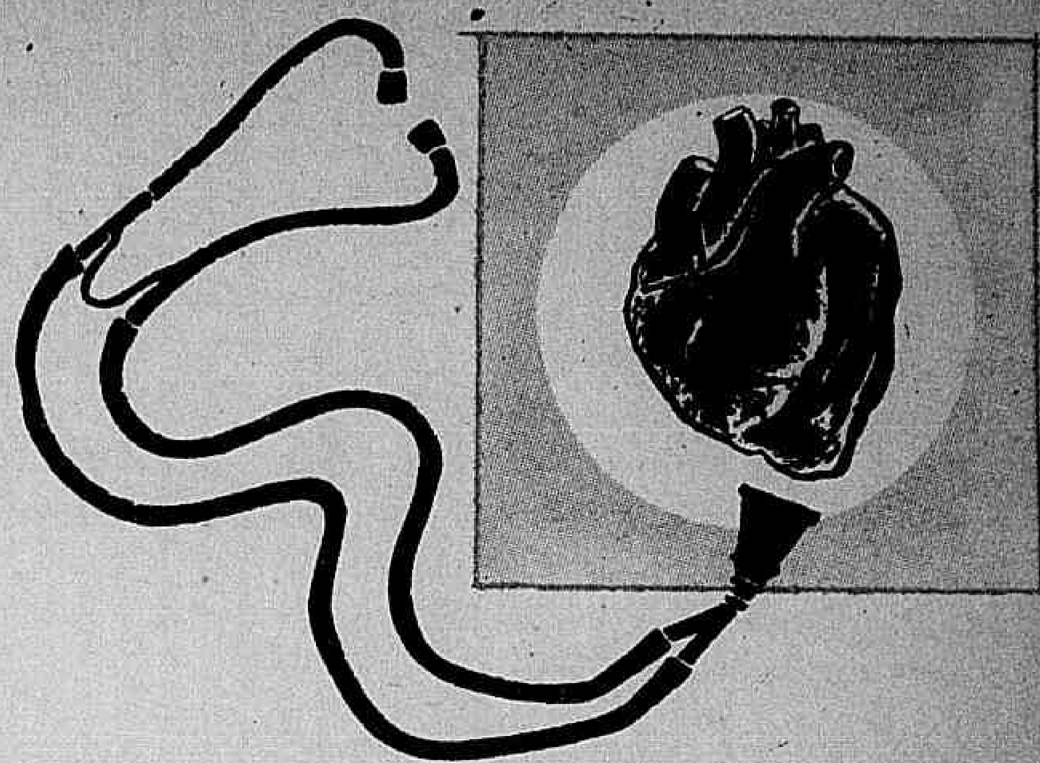


TÍNHAMOS acabado de mudar de residência; era um casarão enorme e antigo e muita coisa ainda estava para ser arrumada no seu devido lugar quando meu marido, que é médico, foi chamado para lugar distante da cidade, devendo passar todo o dia fora, sòmente voltando pela madrugada. Para surpreendê-lo, quando chegasse, decidi limpar a grande mansarda do terceiro andar, onde planejava organizar um escritório para êle ou, caso preferisse, um quarto de hóspede. Estava lá em cima, trabalhando com o aspirador de pó, quando a corrente elétrica, repentinamente, faltou. Desci imediatamente as inumeráveis escadas, até o porão, onde estava, encravada na parede, a caixa com as chaves elétricas. Foi com gesto desconfiado que a abri, pois não entendia de eletricidade. Ali estavam onze fusíveis a desafiar a minha argúcia. Um dêles, por certo, estava queimado. Qual? Era o que eu não podia saber. Por isso comecei a retirar o primeiro e a substituí-lo por outro novo... Mas, como poderia saber qual dêles controlava a luz da mansarda? E' claro, não poderia mudar todos, um a um, subindo de cada vez até o terceiro pavimento, para verificar se havia acertado, tornando a descer tôdas as escadas, para experimentar outro fusível... assim muitas vêzes! Onze, até, se não tivesse sorte...

Como você resolveria o assunto... fàcilmente, como eu própria resolvi?

(Resposta na página n. 117)

É POSSÍVEL CONSERTAR O CORAÇÃO



Para os milhões de indivíduos cujo coração tem sido afetado por diferentes moléstias, há uma nova esperança. Os cirurgiões estão agora aprendendo como transplantar artérias e, até mesmo, dar aos pacientes um coração substituto — feito de aço!

Por STEVEN M. SPENCER

ATRAVÉS dos anos, os cirurgiões têm aprendido como fazer reparos em quase tôdas as partes do corpo, incluindo-se entre estas os setores mais recônditos do cérebro. Porém, o coração humano continuou a ser um território tão inexpugnável e perigoso, que poucos se aventuraram a ir muito longe nessa direção. Êsse órgão continua a ser perigoso, mas um grupo de pioneiros, impelidos pela coragem e guiados pela cautela, avançam nos dias atuais com passos mais firmes, para esta **«última fronteira da cirurgia»**, como a um dêles ocorreu denominá-la. Êsses homens estão aprimorando sua habilidade e seus instrumentos, com o fim de executar uma espécie de trabalho diferente e variado, no miocárdio, nas veias e condutos sanguíneos que, de outra forma, seriam desesperançadamente afetados ou desarranjados.

Uma das suas conquistas mais espetaculares é a transplantação de segmentos de artéria, próximo ao coração, de um para outro indivíduo. Um garôto de cinco anos, Tommy, o primeiro paciente a ser beneficiado com esta nova técnica de cirurgia, era um dos mais azulados «bebês azuis» até agora levados ao «Hospital de Crianças», de Boston. Estava tão fraco que mal podia suster-se de pé. Ao menor esfôrço, arquejava e perdia a respiração. Seus pais o haviam trazido de uma pequena cidade da Nova Inglaterra, com a esperança de que a famosa operação de «bebê azul» pudesse dar ao sangue do seu filho o volume de oxigênio tão necessitado. Mas, quando os cirurgiões abriram o tórax do menino, menearam a cabeça, entristecidos. A fenda a ser feita em uma veia sanguínea teria que ser muito grande. A operação habitual não se adaptava ao caso de Tommy!



Isto não é um pedaço de macarrão, como pode parecer à primeira vista, mas a seção de uma artéria — o que, muitas vêzes, salva uma vida.

Em tempos idos, o único artifício dos médicos, num caso como êsse, seria enviar o paciente de volta ao lar, para continuar numa vida de invalidez desesperançada, uma vida que o miocárdio sobrecarregado não poderia suportar por muito tempo, como era provável. Mas Tommy voltou a casa, depois de deixar o hospital. Voltou, porém, alegre, saudável e com o corpo ganhando energia do sangue que, agora, corria normalmente pelo seu corpo, através de um segmento de artéria transplantado de uma outra criança. Mas a história de Tommy não deixa de ter um halo sombrio, em meio a esperança e alegria que sugere: seu benfeitor foi um menino, talvez da mesma idade, que morrera instantâneamente, numa rua de Boston, quando, passando por trás de um automóvel estacionado, atravessou à frente de um caminhão que por ali corria. Foi dêste infeliz menino que se retiraram os cinco centímetros de artéria, enxertados em

Tommy. Cêrca de dez ou doze dias depois, êsse segmento de artéria foi adaptado ao sistema circulatório de Tommy, a fim de proporcionar-lhe um novo e melhor canal condutor do sangue do coração.

Essa operação foi realizada em fevereiro de 1948. Desde então, têm sido feitas diversas operações semelhantes e, só naquele ano, oito crianças foram beneficiadas com a inserção de segmentos arteriais, retirados de pessoas que haviam morrido em acidentes. Em cada caso, a artéria doada fôra armazenada numa solução nutriente especial, no refrigerador do banco de sangue do hospital. Sete dessas oito crianças (que tinham, tôdas, escassas possibilidades de continuar vivendo) sobreviveram.

A transplantação de artérias, de um tremendo valor potencial, em si mesma, é apenas uma entre meia dúzia de novas espécies magníficas de operações miocardianas, com adjunção de grandes veias. É ainda um tanto cedo para se afirmar quantas das novas técnicas operatórias tornar-se-ão práticas; e, em qualquer circunstância, elas só podem ser praticadas com segurança por cirurgiões altamente experientes e conhecedores dêsse campo. Mas os resultados obtidos em experiências com animais, e em algumas operações humanas, mostram um futuro luminoso para aquêles que têm defeitos congênitos no coração. **Há uma nova esperança para aquêles milhões de pessoas que têm o coração afetado por moléstias!**

Esta área, trilhada por corajosos pioneiros, tem sido objeto de vivas e sérias discussões em recentes conferências de grande envergadura, incluindo-se as reuniões realizadas em Quebec pela «Associação Americana de Cirurgia» e pela «Associação Americana de Cirurgia Torácica», pela «Sociedade de Pesquisas Pediátricas», em Atlantic City, e ainda na sessão do «Colégio Americano de Especialistas do Tórax».

Naturalmente, alguns reparos em veias do coração tornaram-se uma prática padronizada — a operação «bebê azul», desenvolvida pelos Drs. Alfred Blalock e Helen Taussing, do «Hospital John Hopkins», constitui um vibrante exemplo, como também a intervenção do Dr. Robert E. Gross, do «Hospital para Crianças», de Boston, a fim de destruir uma dificuldade de transporte arterial, conhecida como «ductus arteriosus». O consêrto de uma aorta comprimida — a principal artéria que sai do coração — e de outras veias mal formadas, não é incomum. O compreensível êxito dessas intervenções tem dado ânimo aos mais recentes artifícios, nos quais os pesquisadores estão agora trabalhando: enxêrto de veias sanguíneas, vários métodos para libertar válvulas do coração, rijas e comprimidas, substituição de partes deficientes com tubos e válvulas feitas de matéria-plástica, e o uso, durante as operações cardíacas, de corações e pulmões feitos de aço e ativados pela eletricidade.

Mesmo essas medidas de salvação do coração, que têm obtido aceitação geral, são progressos dos últimos anos. Até bem pouco, a ciência médica podia prestar ligeiro auxílio ou esperança desencorajadora aos milhares de jovens enfermos que fôssem portadores de moléstias inatas do coração. Isso deixava os pesquisadores bastante preocupados. «Naturalmente» — pensavam êles — «devemos tentar qualquer coisa, pelo menos, para auxiliar algumas dessas crianças.»

Uma equipe da «Escola de Medicina», da Universidade de Harvard — os Drs. Cross, C. Sidney Burwell, deão da escola, e Eugene C. Eppinger — conseguiram encontrar um meio de auxiliar alguns dêsses sofredores. Especìficamente, estavam aptos para auxiliar crianças e adultos, até uma limitada idade, sofrendo de opressão cardíaca, imposta por uma «ductus arteriosus» aberta (o conduto da aorta para a artéria pulmonar). A operação para fechar essa veia pôde ser aprimorada pouco antes da Segunda Grande Guerra e foi, provàvelmente, o primeiro esfôrço bem sucedido para corrigir uma condição defeituosa inata do miocárdio com o auxílio da cirurgia.

No entanto, não se consegue um feliz resultado, neste ou noutro tipo de operação de conduto sanguíneo, sem uma longa experiência na manipulação de artérias e em coser as suas extremidades cortadas. Esta é uma perfeita arte e os cirurgiões, realmente, empregam tôda a sua capacidade e o seu esfôrço na mesma. Artérias operadas em pacientes infantis são, às vêzes, menores que um fio de «spaghetti» e escorregam como um pedaço de sêbo. Um bisturi que resvale pode causar uma séria hemorragia. Uma costura feita de modo muito apertado pode vir a romper, quando os tecidos inflamam, como usualmente ocorre com os mesmos, após a operação. As feitas muito sôltas são, também, perigosas.

Foi enquanto aperfeiçoavam a técnica de coser com exatidão os tecidos vivos, que os cirurgiões, empenhados em tais pesquisas, começaram a pensar em transplantar artérias de um indivíduo para outro. Seria uma grande vantagem, segundo arguíam, se um médico pudesse solicitar, a um banco **arterial**, um segmento com o exato comprimento e calibre, para substituir uma seção defeituosa ou para fazer um **desvio** em tôrno da mesma.

Assim, o Dr. Cross e um outro jovem entusiasta, graduado pela «Escola de Medicina» de Harvard, o Dr. Charles Hufnagel, decidiram descobrir o que seria necessário para estabelecer um banco arterial. Iniciados êsses esforços em 1940, reexploraram uma trilha já percorrida, cêrca de trinta e cinco anos antes, pelo falecido Dr. Alexis Carrel e pelo Dr. Charles C. Guthrie, que fizeram um certo número de transplantações de veias sanguíneas de um animal para outro. O Dr. Carrel, na verdade, conseguiu o seu prêmio Nobel de Medicina, em 1912, pelas pesquisas em tôrno de cirurgia e transplantação de veias. Mas, por alguma razão, aquelas experiências iniciadas na transplantação de artérias foram abandonadas, antes de que alcançassem o ponto de aplicação prática em pacientes humanos.

A equipe de Harvard, que cedo passou a contar com os Drs. Elliott S. Hurwitt, Alexander H. Bill Júnior e E. Converse Peirce, II, começou onde Carrell e Guthrie haviam parado. Desenvolveram novas técnicas, enquanto iam prosseguindo em seu trabalho. Os **banqueiros** arteriais descobriram que enxertos frescos, mantidos em refrigeradores ordinários, de cozinha, serviriam sòmente **se utilizados poucas horas após a sua remoção do corpo** que os **«doava»**. Para aplicação prática em séres



Eis uma «criança azul». A pequena Júlia Borden, confiante, espera a operação. Notem os seus dedos e unhas, inflamados e escuros. São essas, com os olhos entumecidos, as características do seu mal.

humanos, os depósitos de artéria teriam que permanecer no banco muito maior tempo do que aquêle. Após muita experimentação foi descoberto que segmentos de artéria podiam ser armazenados com sucesso durante vários dias, exatamente no ponto de congelação dos refrigerantes, numa solução nutriente especial, consistindo de diversos sais, açúcar, um pouco de sôro sanguíneo e uma «pitada» de penicilina e estreptomicina, para evitar a contaminação de germes.

As artérias assim armazenadas não apenas permaneciam frescas e vivas. Quando retiradas do refrigerador e colocadas num incubador de aquecimento, pequenos segmentos deixavam aparecer externamente filamentos de novo crescimento. **Mesmo após trinta dias de armazenação, 60% das artérias continuavam a viver e aptas a crescer!**

Provas, mais ou menos atuais, realizadas em 1948, em cães, mostraram que os transplantados e as próprias veias dos animais se mantinham fir-

memente ligados durante um mês, após a operação. E os enxertos continuavam a efetuar um bom trabalho de conduzir o sangue durante um espaço de até mesmo um ano depois, sem sinais de degeneração ou fraqueza.

Encorajados por essas cuidadosas e extremamente valiosas experiências com cães, os cirurgiões começaram a aplicar a transplantação de artérias às crianças. Tommy, o primeiro paciente, era, como já dissemos, uma «criança azul» e, na verdade, muito doente, quando entrou no hospital para ser operado. Como tôdas as crianças sofrendo da doença assim denominada, para a qual era recomendado um tipo de operação, tinha êle um estreitamento — estenose — da artéria pulmonar (que leva o sangue até êste órgão, para o seu suprimento de oxigênio). Mas a disposição de veias sanguíneas nessa região do corpo de Tommy era por demais complicada. A grande artéria, ordinàriamente utilizada para construir um desvio em tôrno da zona afetada pela compressão, não era suficientemente longa para que se pudesse efetuar tal artifício. Êste o motivo pelo qual era necessário um enxêrto. Antes de proceder ao mesmo, o cirurgião separava as veias, prendendo-as com hemostatos, libertando-as do tecido ao qual estavam prêsas, em conexão. Em seguida, com a habilidade e destreza de um bordador, curvava uma fina agulha da forma do crescente, para trás e para diante, através das delicadas bordas da artéria, espaçando os instrumentos de metal apenas um dezesseis avos de polegada um dos outros. Deixava uma espécie de agulha de coser do lado de fora, para promover uma juntura suave no interior da veia.

Quando o último ponto havia sido dado, os médicos e as enfermeiras sustinham a respiração e, vagarosamente, libertavam as extremidades das veias. Resistiria o enxêrto à súbita corrente de sangue? Seriam as suturas a prova de rompimento? Ajustar-se-ia o corpo à nova rota seguida por uma parte da sua corrente sanguínea? A resposta a tôdas estas perguntas não pronunciadas era um alegre e vibrante sim. Num período de algumas horas, a complexão azulada da criança tornara-se rosada, a côr indicativa de saúde, nos humanos. Antes da operação, o sangue de Tommy era grosso, semelhante a um xarope; os esforços da natureza de sobrepor-se a um fornecimento deficiente de oxigênio causava a superprodução de glóbulos vermelhos (os transportadores do oxigênio). O sangue espêsso colocara o menino em constante perigo de coagulação no cérebro, mas agora, com o novo contato do sangue do coração para os pulmões, o sangue passava a ficar mais fino e a correr mais depressa e livremente, carregando o fôlego da vida, em dose bem maior, a tôdas as partes do corpo de Tommy, que careciam de oxigênio.

Cinco outras **crianças azuis**, que enfrentaram a alternativa de continuar a viver de modo precário ou arriscar-se a uma intervenção cirúrgica arterial, foram auxiliadas com vasos sanguíneos **emprestados**. Dois pacientes adicionais, que se submeteram à operação, morreram; um de colapso cardíaco, dois dias após a mesma, e outro aos efeitos malévolos de uma droga empregada em cirurgia dêsse tipo, para impedir a coagulação. Num nono caso, um enxêrto arterial de cinco centímetros foi utilizado para substituir um segmento de aorta comprimida. O Dr. Julian Johnson, da «Universidade de Pennsylvania», utilizou segmentos de veias do corpo dos próprios pacientes para enxertos, em duas operações para a cura de tal moléstia. Uma das crianças morreu, de uma deficiência não associada com o enxêrto, e a outra sobreviveu.

A cautela dos médicos, em sua teoria de que é muito cedo para dar um assentimento final de bons resultados na transplantação de artérias, ainda continuou, através dos anos. Se, porém, êsse tipo de operações fôsse bem sucedido, estatìsticamente, poderia ter ampla aplicação. Não só seria utilizado em casos congênitos de deficiências miocardianas como, ainda, em casos de artérias enfraquecidas por doenças e em outros casos de acidentes de tráfego, ferimentos de guerra, e para salvar membros atacados pela gangrena, em virtude de má circulação. Além disso, haveria a aplicação de enxertos nos casos de câncer em que, atualmente, o cirurgião é freqüentemente obrigado a interromper seu trabalho, porque o desenvolvimento da moléstia envolve um vaso sanguíneo de maior envergadura.

Em muitas outras dessas operações sôbre e próximas ao coração, o cirurgião age contra um rude quadro de tempo. Na maioria dos casos, êle deseja o vaso sanguíneo vazio, enquanto procede ao corte e costura. Não pode fechar a corrente sanguínea pela aorta superior, por exemplo, durante mais de três e meio minutos **ou as células do cérebro começarão a sucumbir, por falta de oxigênio**. Tem um pouquinho mais de tempo, quando operando sôbre a aorta abdominal, mas, mesmo neste caso, o oxigênio necessitado pelas células renais do paciente tornam o cirurgião um escravo do relógio.

Importunados por tais necessidades restritivas do tempo, diversos cirurgiões têm voltado sua atenção para a invenção de artifícios que dêem conta da circulação, enquanto êles próprios se encarregam da parte cirúrgica, cortando e cosendo, sem contar os minutos. Estas aplicações lhes permitiriam levar a efeito maior número de operações bem sucedidas, com interrupção bem maior da corrente sanguínea para o cérebro e outros órgãos vitais.

O Dr. Willis J. Potts, do «Memorial Hospital para Crianças», de Chicago, desenhou um instrumento que é disposto em tôrno da aorta, deixando a parte principal do vaso aberta e mantendo fechado sòmente uma pequena dobra, em um dos lados. A esta seção, que fica, assim, temporàriamente, libertada da constante corrente sanguínea proveniente da aorta, êle pode juntar um outro vaso em sua própria versão da operação da **doença azul**.

Quando a aorta tem que ser completamente segregada, contudo, como em certas outras operações, o instrumento de Potts não pode ser utilizado. Mas o Dr. Hufnagel, de Harvard, que deixou um bom cargo em Richmond, Indiana, para voltar a êstes problemas de pesquisas, teve uma outra idéia, até bem pouco só utilizada experimentalmente em cães. Emprega um tubo plástico, cuidadosamente enviezado e polido, como um conduto auxiliar interno, a fim de manter a corrente sanguínea em movimento, enquanto cose

um enxêrto à aorta. O tubo plástico é inicial e temporàriamente mantido em posição com alguns envoltórios de fio de sêda. Esta fase da operação é tão fácil de cumprir, que pode ser feita em trinta segundos, conjugada com o fechamento da corrente sanguínea. A artéria a ser enxertada, que fôra prèviamente ajustada, como uma espécie de manga, sôbre o tubo plástico, é, em seguida, cosida à própria aorta do cão. Os últimos pontos, em uma das extremidades, são deixados livres, de modo que o tubo possa ser retirado. A remoção do mesmo e o entesamento dos pontos, nessa extremidade, são feitos durante um segundo meio minuto em que a corrente sanguínea é novamente interrompida.

Êste artifício é bastante eficiente. Se dér tão bons resultados em pacientes humanos, proporcionará o desaparecimento de uma boa série de preocupações e dificuldades em operações de vasos do coração.

O Dr. Hufnagel utilizou, também, um tubo plástico, especialmente desenhado, como substituto permanente para um segmento de aorta enfraquecido, com excelentes resultados. Êste trabalho se encontra, agora, pronto para aplicação aos sêres humanos. Seria, particularmente, aplicável à reparação de um aneurisma, que é como um casco de navio nos estaleiros, pouco antes de correr para o mar.

Um outro modo de conseguir mais tempo para a cirurgia bem feita e mais acurada é encanar o sangue do paciente, através de um aparelho que fará o trabalho do seu próprio coração e pulmões. Diversos modelos mecânicos de coração e pulmões têm sido utilizados com sucesso em experiências com animais, em Filadélfia, Minneapolis e Estocolmo; e sua aplicação aos pacientes humanos é esperada em futuro próximo. A êsse tempo, um dêsses «robots» de aço e vidro poderá ser aplicado para cuidar da circulação de um indivíduo, enquanto o cirurgião repara o seu coração ou vasos sanguíneos de maior envergadura. Os circuladores sintéticos não devem ser confundidos com o pulmão de aço, que mantém vivas tantas vítimas da paralisia infantil. O pulmão de aço simplesmente substitui os músculos paralisados no trabalho de expansão e contração dos pulmões do paciente. Nem é tampouco o circulador o mesmo que o famoso «coração de vidro», do falecido Alexis Carrel e Charles A. Lindbergh.

O engenho do Dr. Carrel foi desenhado para manter os tecidos vivos fora do corpo, para efeito de experiências de laboratório. O circulador sintético, em sua função, recebe o sangue do paciente em um ponto, fá-lo correr através de um cilindro em que o mesmo recebe o oxigênio necessitado e torna a levá-lo, em seguida, de volta ao corpo, por uma grande artéria. Isto parece muito simples. Mas é, na realidade, um dos mais difíceis trabalhos que um instrumento médico mecânico já foi encarregado de fazer. (Cont. na pg. 113)



O momento crítico para a pequena Júlia. Aqui, na mesa de operação, os cirurgiões praticam a intervenção que hoje permite salvar muitas crianças.

FLAGRANTES DA VIDA

OS OUTROS

O "Dia das Mães" é festejado mês de Maio). Entretanto, e sessenta e quatro dias pagando horas. E como! Algumas vêzes, o qenas ocorrências, que passam



... para receber, ela também, um bom banho de água fria...

FUMAÇA E FOGO — Uma tarde, em Hornell, Estado de New York, uma senhora começou a lavar as paredes da cozinha. Logo que começou a esfregar o pano, foi envolvida por uma nuvem de fumaça. A infeliz quase caiu de costas, prêsa de pânico, e, logo que pôde encontrar as pernas mais firmes, correu para o telefone e chamou os bombeiros. Porém, quando êstes chegaram, a fumaça desaparecera totalmente, não havendo qualquer risco de incêndio. Estupefata, ela explicou o que havia acontecido. Um dos bombeiros apanhou o pano de que ela se servira, esfregando-o, por sua vez, contra a parede da cozinha... e prontamente surgiu uma nuvem de fumaça. Após rápido inquérito, ficou revelado que os «anjinhos de mamãe» tinham lambusado as paredes com pasta elétrica, própria para envenenar ratos. Essa pasta continha fósforo, que, ao ser esfregado pelo pano, produzia tôda a fumarada.

★

ACELERADO — Em Los Angeles, uma senhora foi multada em 25 dólares por dirigir um automóvel a cento e dez quilômetros horários pelas ruas centrais, onde só eram permitidos sessenta. Ao juiz, ela tentou explicar: **«Meu filhinho de um ano e meio caiu do banco, justamente sôbre o pedal acelerador e o automóvel começou a ganhar velocidade, antes de que eu chegasse a entender a razão. E, então, fiquei sem saber o que fazer, pois não podia tirar as mãos do volante para apanhar a criança"**. A multa foi confirmada.

★

ESTÃO MESMO PRECISADOS — Em North Brookfield, Massachussetts, um grupo de mães se reuniu no teatro local, a fim de organizar uma festa de beneficência, destinada a colhêr fundos necessários ao amparo e orientação dos menores delinqüentes. Quando terminou a reunião, tôdas elas verificaram que os pneumáticos de seus respectivos automóveis tinham sido esvaziados... pelos menores vadios da vizinhança.

★

PROVA POSITIVA — Em Liverpool, Inglaterra, um menino de dez anos, que fôra proibido de ir nadar, voltou para casa com os cabelos molhados. Quando a «mamãe», indignada, pediu explicações, êle insistiu, dizendo que outros garotos, na rua, tinham voltado uma mangueira de jardim contra êle, quando passava. Não acreditando no que o filho dizia, ela o apanhou por um braço e foi com êle até a casa onde o menino alegava que a «ducha» fôra dada... e levou, por sua vez, um bom banho de água fria!

★

PERDIDOS — Em Melbourne, Austrália, as mães de Jane e Richard, ambos com sete anos, cansadas de procurar por seus respectivos filho e filha, resolveram apelar para a polícia, declarando que os mesmos tinham sido raptados. A polícia organizou patrulhas de pesquisadores, aceitando mesmo dezenas de **voluntários** para dar uma batida em tôdas as matas em redor. Em plena procura, um casal de crianças se juntou também aos que espreitavam sob as moitas e varavam matagal, auxiliando a polícia... até que, casualmente, êsses dois «voluntários» foram reconhecidos: eram, justamente, Jane e Richard!

★

EM LISBOA, PORTUGAL, uma senhora ordenou severamente ao filho que parasse de pular sôbre a cama de estrado de arame. O garôto, porém, suplicou que o deixasse executar **«só mais um pulo»** e ela acabou consentindo. O filho quis, então, executar um último **grande** pulo e, de fato, assim o fêz. O pior foi que, da cama, saiu por uma janela, caindo de uma altura de seis metros. Felizmente, sofreu apenas ligeiras escoriações, não tardando a ficar pronto para outra.

364 DIAS "DAS MÃES"

uma só vez cada ano (segundo domingo do muitas mães passam os restantes trezentos por essas homenagens de vinte e quatro preço é alto, segundo demonstram estas. pe- os a enumerar:

NO RIO DE JANEIRO, em 1948 (num bonde Gávea), uma senhora, que viajava com um garôto de oito anos, não cessava de admoestá-lo severamente e mesmo dar-lhe terríveis beliscões, insistindo para que ficasse quieto e cessasse de saltar, pisar no banco do coletivo, puchar o cordão da campainha e fazer outras peraltices. Tão furiosos foram os beliscões, que um bondoso senhor, apiedado, pedìu à senhora que parasse com «aquêles castigos», mesmo por que — alegou — a criança estava com a cabeça quebrada... Aí, então, a senhora **explodiu** indignada, explicando que aquêles volumosos panos e gases, que envolviam a cabeça do filho, não escondiam nenhum ferimento, mas, apenas... o «vaso noturno», que o peralta havia colocado à cabeça, como se fôra um chapéu, e não pudera mais retirar. Por isso o levava, agora, sob aquêle «disfarce», ao Hospital Miguel Couto.

★

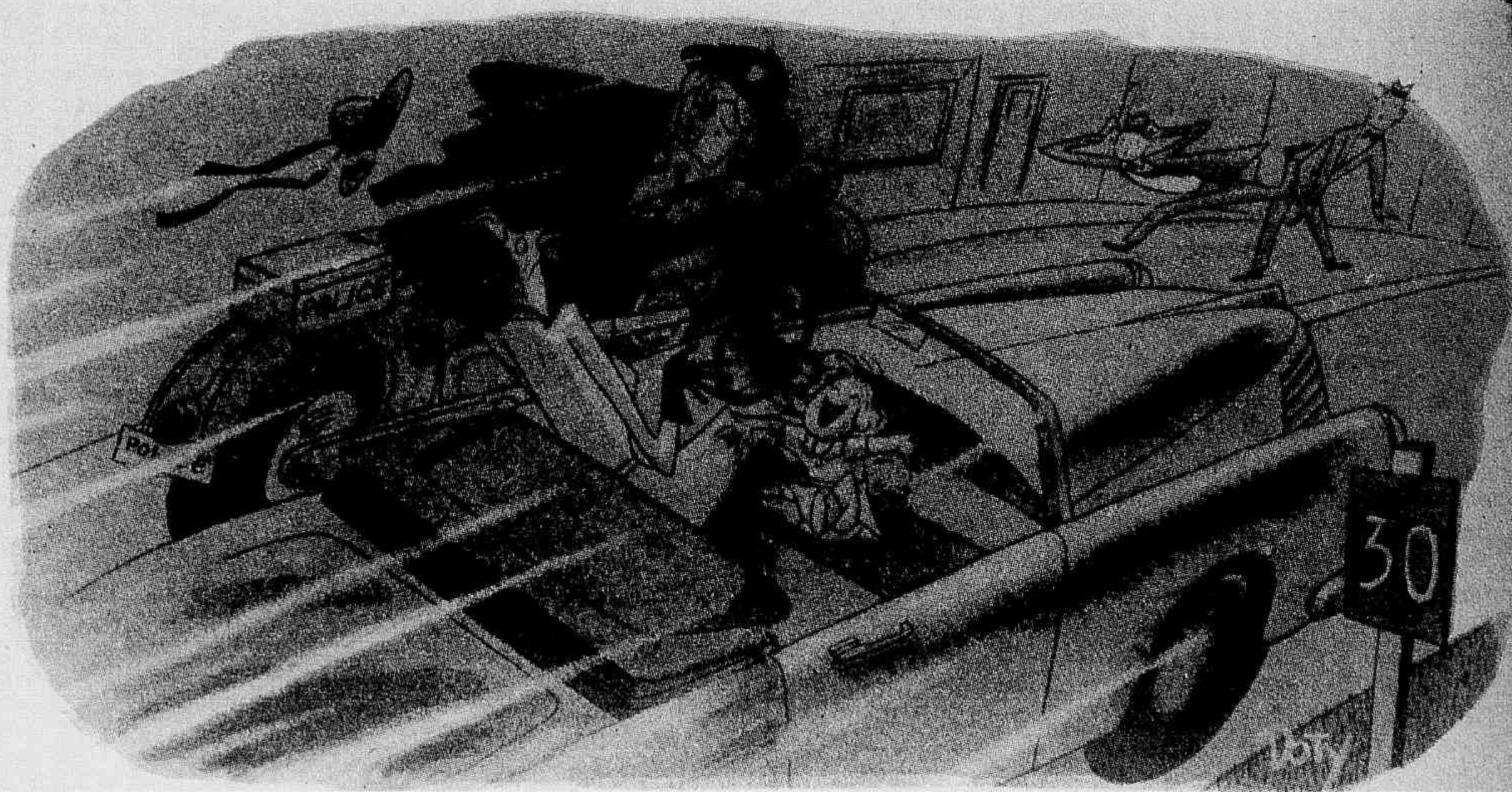
SACRIFICADA — Uma senhora de Livingston, Montana, apressou-se a alcançar o hospital da cidade, levando seu filhinho no automóvel, pois desconfiava que o coitadinho estivesse sofrendo uma crise de apendicite. Em meio do caminho, desviando de um ônibus, manobrou com precipitação e seu automóvel capotou espetacularmente. O garôto escapou sem um arranhão e, além de tudo, examinado pelos médicos, êstes verificaram que êle não sofria do apêndice. Em compensação, a senhora de Livingston necessitou de encanar dois braços, além de receber vários pontos-falsos pelo rosto.

★

UMA «GRACINHA» — Em Paris, uma senhora, regressando das compras no mercado, encontra o filho, de oito anos, caído num corredor, tendo sôbre o peitilho da camisa uma grande nódoa vermelha. Por sua vez, a senhora caiu para trás, desacordada. Ao despertar, após convenientemente socorrida por uma cunhada, soube que aquilo era brincadeira. O garôto estava brincando de «mocinho» e jogara mercúrio cromo na camisa, para dar maior realidade ao «ferimento» sofrido num «combate» com o seu irmãozinho, que fazia papel de «bandido».

★

SIM, FILHINHO! — Em San Francisco, uma senhora leva o «anjinho» ao médico, ao qual contou que o menino era muito nervoso, rebelde e chorão. O facultativo, depois de examinar o garôto, «receitou» boa-vontade. Ela deveria mostrar-se mais cordata e dizer mais vêzes «sim» do que «não» ao filho. Quatro semanas depois, completamente arrasada, com os nervos em estado de assustar, foi ela própria ao médico, que lhe receitou duas semanas numa casa de saúde, para recuperar o equilíbrio.



"Eu não podia tirar as mãos do volante para apanhar meu filho..."

OS PROFESSÔRES E SEUS DISSABORES

Por JOSÉ SCHORR

ALGUNS professôres, de ambos os sexos, não conseguem fugir a certas complicações e aborrecimentos. Eis aqui algumas regras a respeito da conduta que deve ser observada pelos mestres.

As côrtes e tribunais, dos Estados Unidos, têm tido oportunidade de julgar alguns casos interessantes, surgidos entre professôres e alunos, e dos quais apresentamos uma pequena série.



NÃO HÁ TEMPO PARA O AMOR — Deve um professor ser despedido por estar a entreter amiguinhas na sala de aula, com as luzes apagadas?

«— Sim, porque, mesmo com as luzes apagadas, seus alunos não ficam «no escuro», a respeito do que êle está fazendo!» — declarou a Côrte de Apelação de Kentucky, EE. UU.

NÃO PODEM TRABALHAR EM «BAR» — Podem os professôres trabalhar em balcões de bebidas, nas horas vagas?

«— Não, porque, dessa maneira, podem encorajar seus alunos a beber!» — afirmou o tribunal de Bordeus, França.

SENTAR CORRETAMENTE — Devem as professôras sofrer censura por sentar no colo de namorados, à vista de algum de seus alunos?

«— Sim; êste modo de conduzir-se tornará difícil, para elas, manter a disciplina, posteriormente!» — concluiu a Suprema Côrte de Glasgow, Inglaterra.

AI ! UI ! — Pode uma professôra bater num aluno, por jogar livros pela janela, na cabeça dos colegas, com os quais antipatiza?

«— Sim, porque, como estabeleceu o Tribunal Superior de New York, «aquêle que não disciplina, não gosta verdadeiramente de seus filhos.»

OS PROFESSÔRES SABEM MELHOR — Se o diretor de um colégio quer que o Joãozinho faça seu lanche na Escola e a **mamãe** insiste para que seu filho vá lanchar em casa, onde deve, finalmente, o Joãozinho merendar? — «**Na escola!** O lanche, durante as aulas, faz parte da educação da criança, e a mãe da mesma não pode opor nenhuma objeção a isto!» — resolveu a Suprema Côrte de Nebarska, EE. UU.

PARA MELHOR, PARA PIOR — Devem as professôras ser despedidas, quando casam?

«— **Sim**, porque o casamento torna as professôras impacientes, nervosas e distraídas!» — declarou a Suprema Côrte de Indiana.

NADA DE ELEIÇÕES! — Deve um professor indicar a seus alunos quais os candidatos em quem seus pais devem votar?

«— **Não**, porque tal orientação pode acarretar um conflito entre as crianças e os pais, que já têm bastante com o que se preocupar!» — concluiu a Côrte de Apelação do Distrito da Califórnia.

«PAPAI ! NÃO DIGA ISSO !» — Deve um aluno ser suspenso, porque o pai foi discutir com a professôra, dizendo que esta é ignorante?

«— **Não**, porque os filhos não devem pagar pelos pecados dos pais!» — afirmou a Suprema Côrte de Camberra.

MAU EXEMPLO — Deve um professor ser excluído do colégio, por discutir com sua mulher em público?

«— **Sim**, porque isto servirá de exemplo aos seus alunos, para quando, por sua vez, venham a casar!» — declarou a Suprema Côrte do Wyoming.



EM CASA É MELHOR — Em Capetown, África do Sul, H. M. Ebrahim, ao tornar-se pai pela vigésima nona vez, declarou aos jornalistas que o entrevistaram: "É um grande êrro dos europeus, perder tantas noites nos cinemas."



NO ENTANTO... — Em Indianópolis, os oficiais da "American Legion", solenemente, decidiram protestar contra o costume de condecorar com a medalha dessa região os cães militares servindo no *Kennel Corps*. — "Cães não são gente!" — declararam, indignados.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÉVAL

"Henrique e eu não podíamos continuar a viver sòzinhos. Lá se encontrava já uma excelente mulher, Francisca Berrichon e o neto, João Maria.

"Quando me viu, a velhota exclamou:

"— Como é parecida!...

"Mas... com quem me parecia eu?... Há coisas, com certeza, que eu não devo saber e, por isso, tem sido para comigo duma discrição inflexível.

"Pensei imediatamente — e esta opinião fortificou-se em mim, com o decorrer do tempo — que Francisca Berrichon devia ser uma antiga criada da minha família e ter conhecido meu pai e a si também, minha mãe! Quantas vêzes tentei sabê-lo!... Mas Francisca que, em geral, estava sempre pronta para conversar, emudecia quando eu abordava certos assuntos.

"Quanto ao neto, João Maria, é ainda mais novo do que eu e nada sabe.

"Estando menos só nesta época da minha vida, nem por isso me sentia mais feliz. Nunca mais tornara a ver Flor, e o meu amigo Henrique modificara muito. A sua maneira de me tratar mudara por completo; sempre que estava a meu lado parecia triste e frio, como se uma barreira intransponível se tivesse colocado entre nós.

"Os meses passaram. Entristeci também e Henrique, notando-o, parecia infeliz.

"... O meu quarto dava para os imensos jardins que havia por detrás da Calle Real. O maior e mais bonito pertencia ao antigo palácio do duque d'Ossuna, morto em duelo pelo senhor de Favas, fidalgo da casa da rainha. Desde que morrera o dono, o palácio ficara deserto.

"Um dia, notei que estavam abertas as janelas. Os salões vazios encheram-se de móveis suntuosos e magníficas tapeçarias. Ao mesmo tempo, o jardim abandonado cobriu-se de flores novas. O palácio ia receber um hóspede e eu, como tôdas as moças, estava cheia de curiosidade. Quis logo saber o nome dêle e, quando me disseram, chocou-me. A pes-

---

(R E S U M O)

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde do outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Pessepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê chegar dois homens: Gonzaga e Peyrolles. Ouve quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins do seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Ésopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua de Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Folr, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória.

soa que ia habitar o palácio de Ossuna chamava-se Filipe de Mântua, príncipe de Gonzaga.

"Gonzaga! Êste nome estava na lista de Henrique. Era o segundo dos dois nomes escritos durante a viagem!

"Julguei que o meu protetor devia ser amigo daquele nobre e quis sabê-lo, mas Henrique, no dia seguinte, mandou pôr rótulas nas janelas que ainda as não tinham e disse-me, muito sério:

"— Aurora, peço-lhe que não se mostre às pessoas que forem passear naquele jardim!

"Confesso, minha mãe, que depois desta proibição ainda fiquei com maior curiosidade.

"Não era difícil obter informações acêrca do príncipe de Gonzaga: tôda a gente falava nêle. Era um dos homens mais ricos de França e amigo particular do Regente. Fôra a Madrid em missão especial e exercia o cargo de embaixador extraordinário.

"Tôdas as manhãs, o pequeno João Maria me contava o que diziam a respeito do príncipe. Os seus companheiros eram, também, pessoas novas e muito interessantes, contando-se dêles coisas surpreendentes e maravilhosas, que impressionavam profundamente a minha imaginação. Dentre os que o rodeavam, destacáva-se um rapaz de dezesseis anos apenas — o marquês de Chaverny — considerado um verdadeiro demônio!

"Diziam que era bonito como uma rapariga. Tinha cabelos louros, rosto branco e ainda imberbe. Mas era terrível!... Aquêle querubim perturbava o coração de tôdas as *señoritas* de Madrid.

"Pelas frestas das rótulas das minhas janelas, espreitava para o jardim de Ossuna e via, muitas vêzes, um fidalgo elegante, de beleza algo efeminada, mas êsse não podia ser, de forma alguma, o endiabrado Chaverny. Aquêle fidalgo tinha um aspeto sério e, ao mesmo tempo, modesto! Logo de manhã cedo andava passeando, quando êsse tal Chaverny devia levantar-se tarde, porque passava as noites a fazer tôda a espécie de loucuras.

"Ora deitado na erva, ora sentado num banco, de cabeça inclinada, o tal fidalgozinho tinha, quase sempre, um livro na mão. Devia ser um adolescente estudioso e Chaverny não seria pessoa para se preocupar com livros!

"No entanto, o fidalgo que eu via era, afinal, o marquês de Chaverny!

"Creio que êle me devia ter visto em qualquer altura, pois, desde então, nunca saía do jardim, onde se comportava como um santo. O mais que fazia era pegar numa flor, beijá-la e atirá-la em direção à minha janela.

"Uma vez, vi-o chegar com uma zarabatana: visou a minha janela e, muito àgilmente, fêz passar um bilhetinho através das suas frestas.

"Era um bilhete encantador, querida mãe! Dizia-me que queria casar comigo e, se eu consentisse, contribuiria para tirar uma alma do inferno. Tive muita pena de nada poder fazer a favor de tão grande obra, mas resisti à tentação e não respondi. Foi o pensamento de Henrique que me deteve; nem sequer dei sinal de vida.

"O jovem marquês esperou, durante muito tempo, de olhos fixos na minha janela e, depois, enxugou as pálpebras, onde, com certeza, havia lágrimas. O coração confrangeu-se-me, mas resisti.

"Nessa noite, esperava Henrique, que se demorava mais do que habitualmente. Fui para a janela, mas, de súbito, ouvi falar em voz baixa, do lado da viela, para onde dava a varanda. Olhei nessa direção e avistei duas sombras: eram o marquês e Henrique. Dali a momentos, as vozes alteraram-se:

"— Sabe com quem está falando, meu amigo? — perguntou Chaverny, altivamente. — Sou o primo do príncipe de Gonzaga!

"Ao ouvir êste nome, a espada de Henrique parecia ter saído da bainha, automàticamente.

"Chaverny tirou a dêle e pôs-se em guarda. A luta pareceu-me tão desigual, tão desproporcionada, que não pude deixar de gritar:

"— Henrique!... Henrique!... É uma criança!

"O meu amigo baixou imediatamente a espada. O marquês cumprimentou-me e ouvi-o dizer:

"— Mais tarde nos encontraremos!

"Tive dificuldade em reconhecer Henrique, no momento de entrar em casa; vinha transtornado. A sua fisionomia alterara-se e, em vez de me falar, principiou a passear de um lado para o outro.

"— Aurora — disse-me, por fim, em voz perturbada — não sou seu pai...

Já sabia, mas, supondo que êle ia continuar, tôda eu era ouvidos. Henrique, porém, calou-se; recomeçou o passeio e notei que enxugava a fronte.

"— Que tem, meu amigo? — perguntei-lhe, com doçura.

"Mas êle, em vez de me responder, interrogou-me:

"— Conhecia aquêle fidalgo?

"Corei um pouco ao responder-lhe que não. No entanto, era verdade... Henrique, depois de um curto silêncio, prosseguiu:

"— Aurora, eu pedi para conservar as venezianas fechadas...

"E acrescentou, não sem uma certa amargura na voz:

"— E pedira isso, não por mim... por si...

"Irritada, respondi:

"— Cometi algum crime para ser obrigada a esconder-me sempre ?

"— Ah ! - exclamou Henrique, cobrindo o rosto com as mãos. — O momento devia chegar e chegou !... Meu Deus, tende piedade de mim !

"Só então compreendi que o magoara. As lágrimas inundaram-me o rosto.

"— Henrique, meu amigo ! Perdoe-me !... Perdoe-me !... — exclamei.

"— E que tenho eu a perdoar-lhe, Aurora ? — respondeu, fitando-me.

"— O mal que lhe causei, Henrique. Devia ter compreendido que sofria. .

"— Ainda estamos em tempo ! — observou, olhando-me de novo.

"Então, sentando-se a meu lado, disse-me que desejava, apenas, a minha felicidade e perguntou-me se eu teria pena de sair de Madrid.

"— Consigo ? — perguntei.

"— Sim, comigo.

"— Para qualquer ponto que vá, irei com prazer — respondi-lhe, lentamente, e olhando-o bem nos olhos. — Gostava de Madrid porque era nesta cidade que Henrique vivia...

"Nesse momento, êle beijou-me a mão.

"— Mas... — interrogou, embaraçado — e aquêle rapaz ?...

"Coloquei a mão na bôca e principiei a rir.

"— Perdoar-lhe-ei tudo — interrompi — mas com uma condição: não se falar mais nesse assunto... Se quiser, partamos!

"Vi os olhos dêle umedecerem-se. Os braços faziam um esfôrço para não se abrirem. Julguei que a emoção o dominaria, mas conteve-se. Beijou-me a mão, pela segunda vez, e disse-me, em voz paternal:

"— Visto que isso não a contraria, Aurora, partiremos ainda esta noite.

"— E é, com certeza, por minha causa!... — exclamei, cheia de cólera.

"— Sim... — respondeu Henrique, erguendo-se e pedindo licença para se retirar.

"Logo que êle saiu, rompi em pranto.

"— Ah! — dizia para comigo. — Não gosta de mim; nem jamais gostará!... Não sente amor por esta garôta e, no entanto...

"Gosta de mim como se eu fôsse sua filha... nada mais!

"A partida ficou combinada para as dez horas. Eu ia com Francisca. Henrique e quatro criados serviam-nos de escolta. O meu bom amigo já era rico.

"Falo de coisas recentes — visto têrmos saído de Madrid há apenas alguns meses — mas o tempo parece-me longo !...

"No momento em que deixávamos a nossa casa, o jardim de Ossuna iluminava-se. O príncipe de Gonzaga dava uma grande festa nessa noite. Eu, porém, sentia-me triste e desolada. Quando partimos, e enquanto a orquestra tocava os primeiros acordes, Henrique, que cavalgava junto da portinhola, perguntou-me:

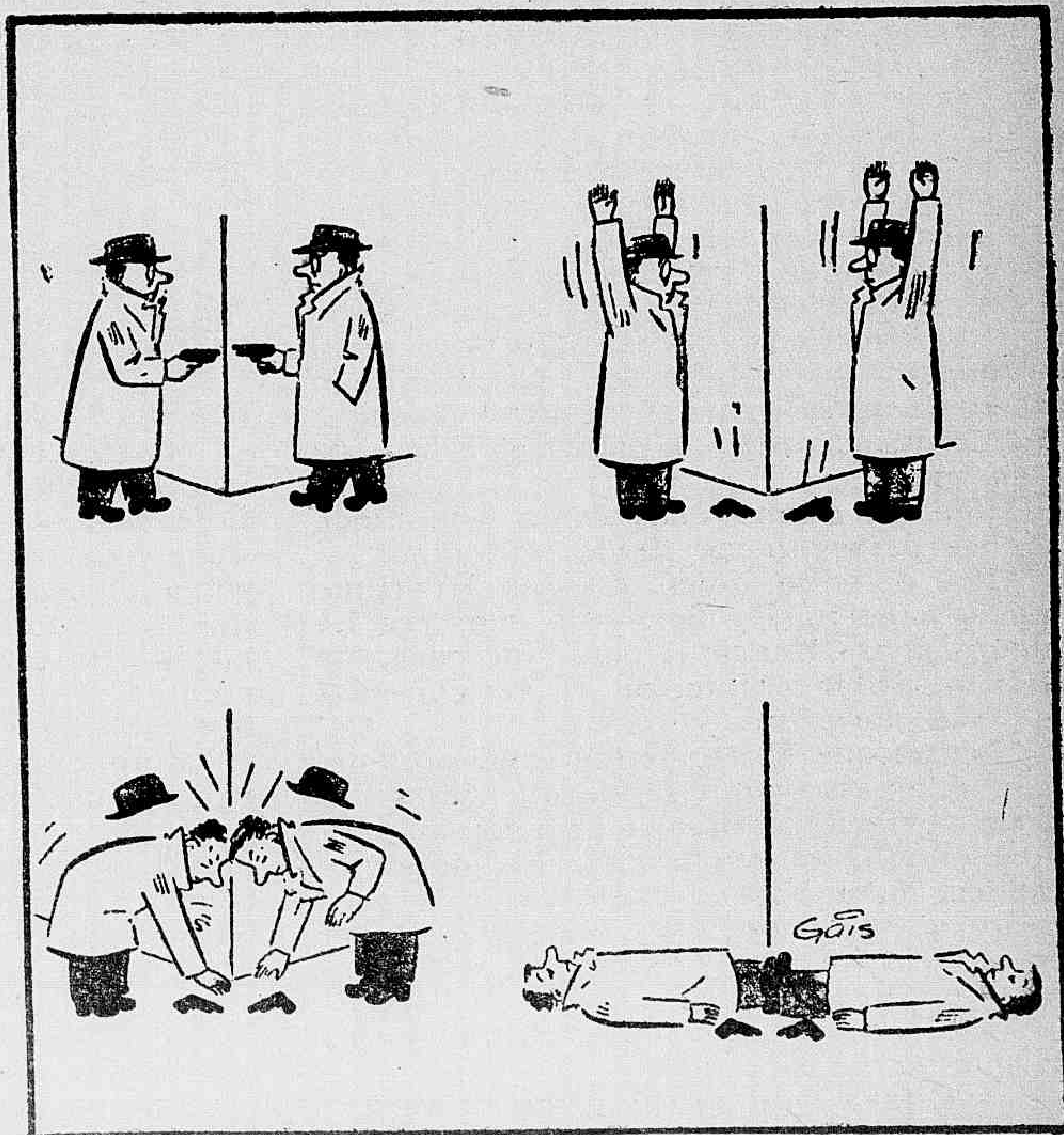
"— Não tem pena de partir ?...

"— Não... Lastimo, apenas, ter perdido a minha amiga de outros tempos !

"O nosso itinerário estava preparado de antemão: Saragoça, fronteiras de França, transpor os Pirineus e descer a Bayonne, onde devíamos tomar passagem para Ostende.

"Seguimos em linha reta para Saragoça e nenhum incidente perturbou a nossa viagem. O mesmo aconteceu de Saragoça até à fronteira francesa e, se não fôsse a visita que fizemos ao velho castelo de Caylus, nada mais teria para lhe contar, minha mãe...

"Mas, sem que eu lhe possa explicar a razão, esta visita é uma das páginas mais emocionantes da minha vida... Não corri perigo algum, nada me aconteceu e, no entanto — nem que vivesse cem anos ! — não esqueceria as impressões



que êsse local despertou em mim!

"Henrique precisava falar com um velho padre, D. Bernardo, que fôra capelão do castelo.

"Logo que passamos a fronteira, deixamos Francisca e João Maria numa pequena aldeia, à beira do Clarabide. Os quatro espadachins tinham ficado do outro lado dos Pirineus. Henrique e eu dirigimo-nos, sòzinhos, a cavalo, para a bizarra eminência chamada *Le Hachaz*, a qual parece servir de base à negra cordilheira.

"Era uma manhã de fevereiro, fria e triste. As serras nevadas, que atravessáramos na vespera, destacavam-se no horizonte, com os seus cumes cintilantes. Para os lados do oriente, o sol pálido iluminava ainda os picos cobertos de geada. O vento vinha de oeste e arrastava, lentamente, grandes nuvens, suspensas, como um leve cortinado, por detrás da cadeia dos Pirineus.

"Vimos, então, surgir, diante de nós, a pouco e pouco, sôbre o seu pedestal gigantesco, o negro colosso de granito, a que chamavam o castelo de Caylus-Tarrides.

"No tempo passado, aquêle solar assassino era como uma sentinela; espreitava o viajante que passava no vale, e bastava vê-lo para surgirem nos espíritos mil idéias lúgubres, pensamentos melancólicos e tristes. Era grande, terrível e, com certeza, dentro dêle ninguém fôra feliz.

"Era por isso, talvez, que; na região, se contavam, a seu respeito, lendas horripilantes. Pelo menos, só o último senhor do castelo, aquêle a quem chamavam *Caylus-Ferrôlho*, matara — segundo se dizia — as suas duas mulheres, a filha, o genro, etc. Quanto aos antepassados, também tinham feito o que podiam.

"O castelo de Caylus encontrava-se, presentemente, desabitado, tendo por guarda um homem já velho, meio surdo e completamente cego. Informou-nos que o dono atual do castelo não o visitava há mais de dezesseis anos: o príncipe Filipe de Gonzaga.

"Repare, minha mãe, como êste nome parece perseguir-me desde há tempos.

"Foi o velho quem disse a Henrique que o capelão, D. Bernardo, morrera há alguns anos. Henrique pediu-lhe para nos deixar visitar o interior do castelo, mas êle não permitiu.

"Pensei que fôssemos regressar ao vale, mas depressa compreendi que êsses lugares deviam recordar ao meu amigo qualquer acontecimento trágico. Fomos almoçar em uma hospedaria, onde nos sentamos a uma mesa tôsca, de pinho. Quem nos serviu foi uma mulher dos seus quarenta e cinco anos.

"Henrique olhou-a atentamente e depois perguntou-lhe:

"— Estava aqui na noite do crime?

"A mulher deixou cair o cangirão que segurava e, desconfiada, olhou para Henrique. Depois, exclamou:

"— Ah! Se o senhor fala nisso é porque também aqui estava!...

"Senti um arrepio, mas a curiosidade excitáva-me. Que se passara ali?

"— Talvez... — respondeu Henrique — mas isso não lhe interessa, boa mulher. Há pormenores que preciso saber... e, para isso, estou pronto a pagar.

"A mulher murmurou, então, estranhas palavras:

"— Fechamos as portas e as janelas... Há coisas que é melhor ignorar...

"— Quantos mortos encontraram nos fossos, no dia seguinte, pela manhã? — perguntou Henrique.

"— Sete... contando com o jovem senhor...

"— E a justiça compareceu?

"— Sim, mas nada averiguou... Os juízes disseram que o nosso velho senhor tinha razão, por causa daquela janelinha dos fossos, que encontraram aberta.

"E apontava para uma janela por baixo da ponte.

"Compreendi que a justiça acusava o jovem, que se encontrava no número dos mortos, de ter querido introduzir-se no castelo por aquela via. Mas... por quê? E foi a própria mulher quem respondeu a esta pergunta que eu fazia a mim mesma.

"— A nossa menina era rica!... — terminou ela.

"Era uma triste história contada em poucas palavras. Aquela janela fascinava-me; não conseguia desprender dela o olhar.

"Henrique pagou a conta e saímos. Diante da porta havia um caminho que conduzia até aos fossos; seguimos por êle e a hospedeira acompanhou-nos.

"— Foi ali — disse ela, indicando um lugar por baixo da ponte — que o jovem senhor colocou a criança...

"—Ah! — exclamei. — Havia uma criança?

"Henrique olhou-me de uma forma extraordinária, com um olhar que, ainda hoje, não posso definir. Às vêzes, as minhas palavras mais simples causavam-lhe certa emoção, que me parecia ser sem motivo. Isto dava curso à minha imaginação. Passava a vida a procurar, inùtilmente, o porquê de todos os enigmas que adivinhava à minha volta.

"Minha querida mãe: há pessoas que troçam das pobres órfãs que vêem em tudo um indício do seu nascimento. Creio, porém, que êsse instinto é providencial. O nosso destino é procurar aquêles que nos deram o ser. Êsse desejo, ardente e apaixonado, só pode terminar com a morte. No entanto, antes dessa hora chegar, quantas esperanças, quantas quimeras, quantos desenganos!...

"O olhar de Henrique parecia dizer-me:

"— Essa criança, Aurora, era você !

"O meu coração palpitou violentamente e olhei, com interêsse, para o velho castelo. Mas, logo em seguida, ouvi Henrique perguntar à mulher:

"— E que foi feito da criança ?...

"— Morreu... — respondeu ela.

XXV

PONDO A MESA

"O fundo dos fossos transformara-se num prado. Henrique dirigiu à paisagem um olhar melancólico. Ao mesmo tempo, parecia querer orientar-se. Com a espada, que utilizava à maneira de bengala, traçava estranhas linhas na erva e movia os lábios como se falasse consigo mesmo. Por fim, designou o local onde eu me encontrava e exclamou:

"— Foi ali... devia ser ali...

"— Sim — respondeu a mulher — foi ali que encontramos estendido o corpo do senhor duque...

"Recuei, estremecendo dos pés à cabeça.

"— Que fizeram do corpo ? — perguntou Henrique.

"— Ouvi dizer que o tinham levado para Paris, a fim de ser enterrado no cemitério de Saint-Magloire.

"— Sim... — disse Henrique, em voz alta — é em Saint-Magloire que está o panteão dos Lorena.

"Assim, minha mãe, aquêle jovem duque, assassinado numa terrível noite, pertencia à nobre Casa dos Lorena.

"Henrique conservava a cabeça curvada para o peito. Meditava... De vez em quando olhava-me, às furtadelas. Quis subir as escadas que conduziam ao cimo da ponte, mas a erva que cobria, quase por completo, as escadarias, não lhe permitiu. Então, dirigiu-se para a parede e, com o punho da espada, experimentou a resistência da porta da janela baixa.

"— É sólida e está reforçada com ferro — disse a mulher que o seguia como um cicerone. — Nunca mais se tornou a abrir, depois que os magistrados aqui vieram.

"— E que ouviu nessa noite, mesmo através das portas fechadas? — perguntou Henrique.

"— Ah! Senhor! Tive um mêdo terrível!... Parecia que todos os demônios tinham combinado um encontro aqui. Não conseguimos dormir. Os bandidos tinham estado bebendo na minha hospedaria. Quando me deitei, disse: "Que Deus acolha no seu seio aquêles que não virem amanhã o nascer do Sol !" Ouvimos um grande barulho de ferros chocando-se, gritos, pragas, blasfêmias e duas vozes másculas, formidáveis, a gritar: — *Aqui estou !... Aqui estou !...*

"Mil pensamentos indecisos cruzavam-me o cérebro. Eu conhecia ja aquelas palavras ou aquela divisa. Desde a minha infância que a ouvia da bôca de Henrique e encontrára-a, em latim, nos sinetes que fechavam o misterioso sobrescrito que êle guardava como um tesouro.

"Henrique estava, portanto, ligado a todo êste drama. Mas, como ?... Por quê ?... Só êle o poderia dizer !

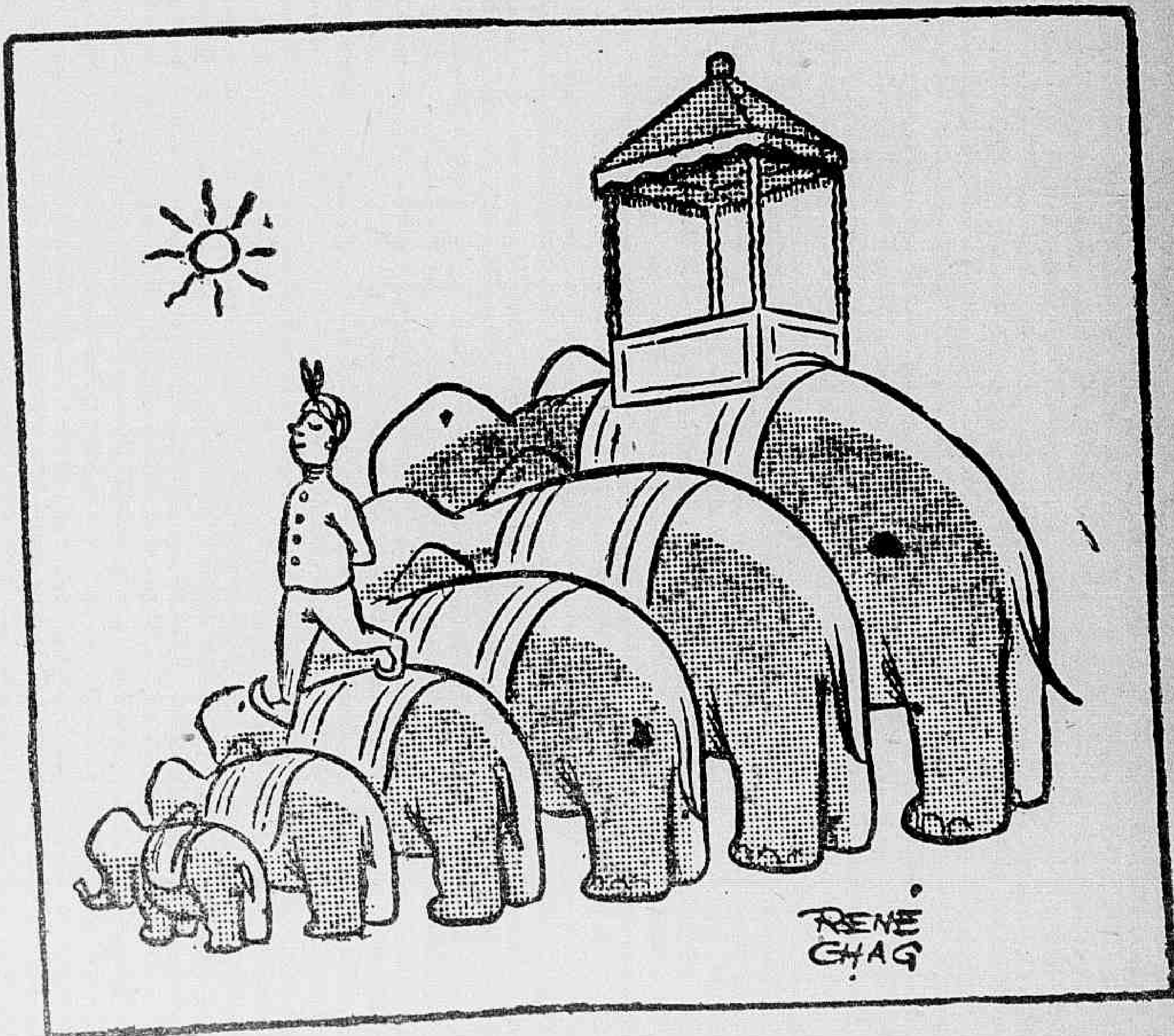
"... O sol ocultava-se no horizonte, quando retomamos o caminho do vale. Sentia o meu coração opresso. Muitas vêzes me voltei para trás, a fim de tornar a contemplar o sombrio gigante de granito, sôbre a sua enorme base.

"Nessa noite, estranhas visões povoaram o meu sonho: vi uma mulher de luto, com uma criancinha nos braços e curvada sôbre o cadáver de um homem ainda novo, com uma grande ferida nas costas !...

"Seria a minha querida mãe?...

"No dia seguinte, sôbre a coberta do barco que nos devia levar, através do Oceano e da Mancha, até Ostende, Henrique disse-me:

"— Muito em breve, tudo saberá, Aurora !... Deus permita que seja tão feliz como eu desejo !...



"Mas a sua voz era triste. Recearia que me adviesse qualquer desgraça do fato de ir conhecer a minha família?... Mesmo que assim fôsse, mãe muito querida, quero conhecê-la...

"Desembarcamos em Ostende. Em Bruxelas, Henrique recebeu uma carta lacrada com as armas de França. No dia imediato, partimos para Paris.

"Já era tarde quando transpusemos o Arco do Triunfo, que limita a estrada da Flandres e onde começa a grande cidade. Eu seguia numa cadeirinha com Francisca. Henrique cavalgava à nossa frente. Eu ia muito pensativa, uma voz interior dizia-me: "A tua mãe está aqui!"

"Sim, querida mãe, qualquer coisa me segreda que vive em Paris. Reconheço o ar que respira!...

"Descemos uma rua muito comprida, ladeada por casas altas e cinzentas; depois entramos numa ruela estreita, que nos levou até diante de uma igreja rodeada por um cemitério. Soube, depois, que era a igreja e o cemitério de Saint-Magloire.

"Defronte, erguia-se um grande palácio de aspeto altivo e senhorial: era o palácio de Gonzaga.

"Henrique apeou-se e ofereceu-me a sua mão para me ajudar a descer. Entramos no cemitério. Por detrás da igreja, havia um espaço, fechado por uma simples grade de madeira, formando uma rotunda aberta, onde se viam vários mausoléus, através das arcadas.

"Transpusemos a grade. Uma lâmpada, suspensa da abóbada, iluminava, fracamente, o recinto. Henrique deteve-se diante de um mausoléu de mármore, onde estava esculpida a imagem de um homem ainda novo. Henrique beijou a estátua na fronte e notei que tinha lágrimas na voz ao dizer:

"— Irmão, aqui me tens!... Deus é testemunha de que cumpri o juramento o melhor que me foi possível.

"Ouviu-se um ligeiro ruído por detrás de nós. Voltei-me... A velha Francisca Berrichon e João Maria, o seu neto, estavam ajoelhados na erva, do outro lado da grade de madeira. Henrique ajoelhou-se, igualmente. Durante muito tempo, rezou silenciosamente. Quando se ergueu disse-me:

"— Beija esta imagem, Aurora!...

"Obedeci, mas perguntei-lhe por quê. A bôca abriu-se para me responder. Em seguida, hesitou; finalmente, disse:

"— Porque era um nobre coração, minha filha, e porque eu era muito amigo dêle!...

"Dei segundo beijo na fronte gelada da estátua. Henrique agradeceu-me, colocando a minha mão no seu coração.

"Como êle ama, quando ama verdadeiramente, minha mãe!... Talvez esteja escrito que nunca me possa amar!

"Minutos depois, alojamo-nos na casa onde agora estou escrevendo estas linhas, minha querida mãe. Henrique mandára-a reservar antecipadamente. Desde que transpus a sua porta, não tornei a sair; Henrique proibiu-me. Estou aqui mais só do que nunca, porque êle tem muitos assuntos a tratar em Paris e mal o vejo à hora das refeições. Para chegar à janela, tenho que adotar infinitos cuidados.

"Ah! Se fôsse por ciúme, querida mãe, como me sentiria feliz por lhe obedecer! Que ditosa seria então, ocultando-me, para só êle me poder ver!... Recordo, porém, a frase que me disse em Madrid: "Não é por minha causa..."

"Estou sòzinha. Através das cortinas da minha janela, vejo passar a multidão apressada e ruidosa. Tôda aquela gente é livre... Vejo os prédios em frente, onde, em cada andar, vive uma família, e em cujas janelas se vêem, de quando em quando, mulheres ainda novas com os filhos nos braços... São felizes

"Avisto, também, as janelas do Palácio Real, as quais, à noite, muita vez, estão iluminadas, quando o Regente dá as suas lindas festas. Passam as damas da Côrte nas suas cadeirinhas, com elegantes cavalheiros junto à portinhola. Ouço a música do baile e, muita vez, não tenho sono. No entanto, se êle me faz uma carícia, se tem para mim uma palavra mais terna, esqueço tudo e sinto-me feliz, minha mãe!

"Parece que me queixo... Não!... Não julgue, minha mãe, que êle me falta com o que quer que seja. Henrique é, para mim, de uma dedicação e de um carinho sem limites. Está sempre pronto a satisfazer os meus mais insignificantes desejos. Se se mostra frio e reservado, é possível que tenha para isso fortes razões.

"E, agora, um segrêdo: como conheço a sua cavalheiresca e exagerada delicadeza de coração, lembrei-me que, talvez, eu pertença a uma classe mais elevada e a minha fortuna seja superior à dêle... e talvez isso o afaste de mim... Tem receio de amar-me!

"Oh! Se eu tivesse a certeza de que era isso, com que satisfação renunciaria à minha fortuna e desdenharia da minha nobreza!... Que valem as grandezas humanas ante as alegrias do coração?

"Amá-la-ia menos, minha mãe, se fôsse pobre?...



"... Há dois dias que o corcunda vem visitá-lo. Não lhe falei, ainda, dêste gnomo misterioso, o único ente que penetra em nossa casa. O corcunda vem visitar Henrique com freqüência e dirige-se, sempre, aos seus aposentos reservados, no primeiro andar. Vêem-no entrar e sair. As pessoas do bairro olham-

no como se fôsse um diabo. Nunca o viram com Henrique; no entanto, nunca se separam. É isto o que diz a vizinhança da rua de Chantre.

"De fato, nunca amizade alguma me pareceu tão bizarra, nem mais misteriosa. Também nenhum de nós, Francisca, João Maria ou eu, os viu juntos. Conservam-se fechados dias inteiros no quarto e quando um sai o outro fica de guarda, a não sei que desconhecido tesouro. Isto dura desde que chegamos a Paris.

"Uma tarde, o corcunda foi visitar Henrique, mas não tornou a sair. Conservaram-se fechados durante tôda a noite. No dia seguinte, Henrique estava mais triste do que habitualmente e, ao almôço, quando conversávamos acêrca dos grandes senhores e das damas da Côrte, Henrique comentou, com amargura:

"— Os que vivem muito alto sentem vertigens. Não se pode contar com o reconhecimento dos príncipes... Além disso — continuou, baixando os olhos — que favores se podem pagar com essa odiosa **moeda chamada** reconhecimento ?... Se a grande dama, por quem arrisquei a minha honra e a minha vida, não me pudesse amar porque estava colocada muito alto, parece-se que partiria para muito longe, a fim de nunca saber se ela me insultaria com o seu reconhecimento !

"Mãe: tenho a certeza de que o corcunda lhe falou a seu respeito.

"Por sua filha, êle expôs a vida e a honra. Fêz mais ainda: deu por ela os melhores anos da sua juventude. Como se pode pagar tanta abnegação ?

"Minha mãe ! Henrique engana-se, não é verdade ? Tenho a certeza de que há de estimá-lo muito, tanto quanto me desprezaria se o meu coração... excetuando a parte que lhe pertence a si... não fôsse inteiramente dêle ! Nunca ousaria dizer-lhe isto porque na sua presença .. há qualquer coisa que me impede de falar. Noto que me torno tímida, mas isto não representa ingratidão. A ingratidão, tratando-se dêle, seria uma infâmia. Pertenço-lhe ! Salvou-me a vida, fêz de mim o que hoje sou. Que seria eu sem êle ?... Um pouco de pó, no fundo de um triste túmulo.

"E qual seria a mãe, fôsse ela duquesa ou prima de reis, que não se sentiria orgulhosa por ter como genro o cavalheiro Henrique de Lagardere, que é o mais belo, o mais valente e o mais leal de todos os homens ?...

"Sou ainda muito nova, sem experiência e não conheço a sociedade, mas se houvesse dentre êsses grandes senhores um coração ingrato que me dissesse: — "Aurora ! Esquece o teu amigo Henrique..."

"Ah ! Minha mãe ! Só de pensar nisto, fico como louca. Uma idéia estravagante acaba de me produzir suores frios. Disse para comigo: "e se minha mãe..."

"Mas, Deus me livre de exprimir isto por palavras. Julgaria blasfemar.

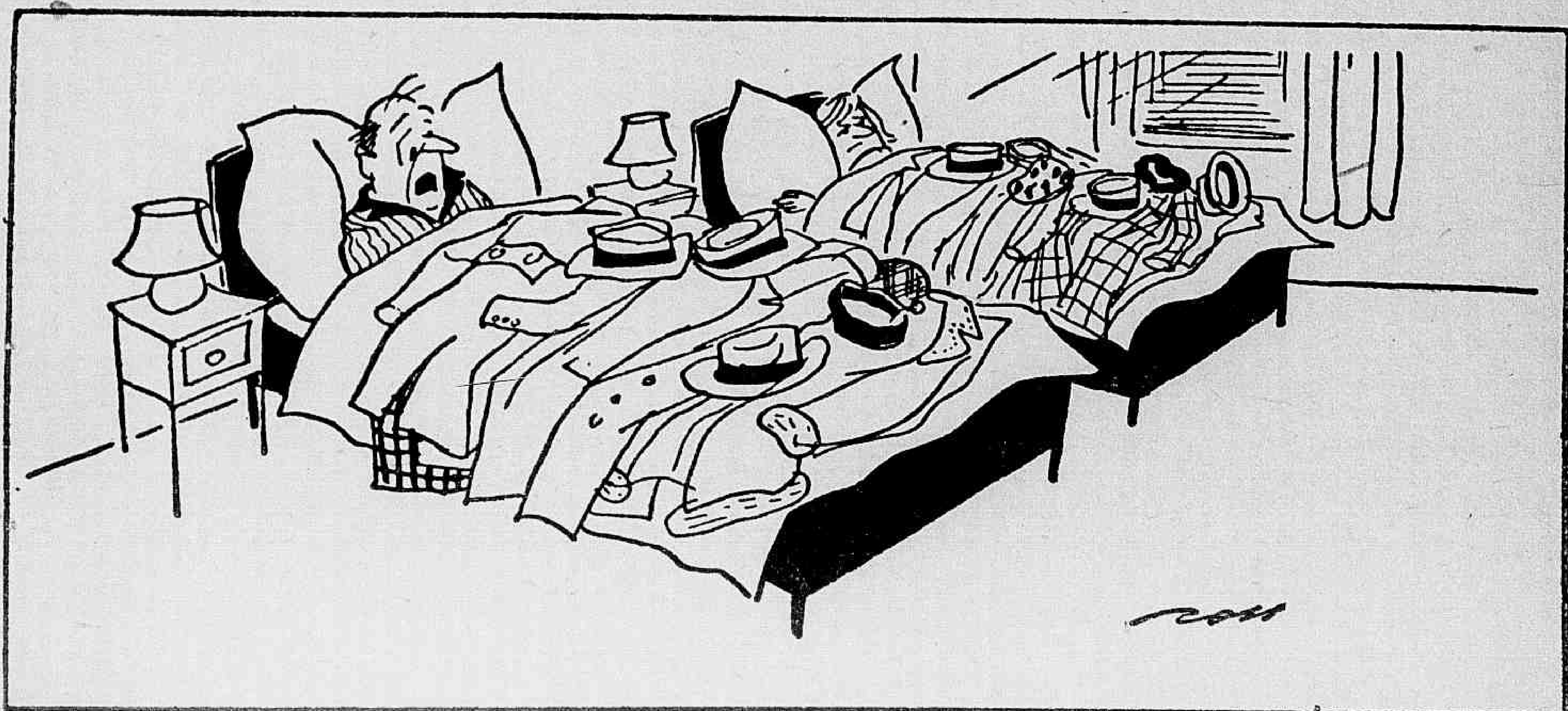
"A noite desce... Deixo o meu diário e fecho os olhos para ver a sua terna imagem, minha mãe !... Venha, mãe muito querida, com que ansiedade a espero !..."



Eram as últimas palavras do manuscrito de Aurora. Estas páginas — a sua melhor companhia — estimáva-as como a uma grande amiga. Ao fechá-las na caixa, disse-lhes:

— Até amanhã !

A noite caíra por completo. Do outro lado da rua de Saint-Honoré já se viam



— [illegible], será que as visitas não vão para casa?

as casas iluminadas. A porta abriu-se devagarzinho e o rosto simpático de João Maria Berrichon apareceu no umbral.

João Maria era filho do pajem que conhecemos nos primeiros capítulos dêste romance e que fôra o portador da carta do duque de Nevers para o cavalheiro. O pajem morrera na guerra, deixando um filho de poucos meses.

— Menina — disse João Maria — a avó manda perguntar se quer que ponha a mesa aqui ou na sala.

— Que horas são ? — perguntou Aurora, sobressaltada.

— São horas de jantar.

— Tão tarde !... — pensou Aurora. — Como êle se demora !

Depois, em voz alta, acrescentou:

— Ponha a mesa aqui...

Berrichon colocou o candieiro que levava em cima da chaminé. Do fundo da cozinha, que era no outro extremo da sala, elevou-se a voz forte de Francisca:

— Olhe que as cortinas não estão bem corridas, João !

Berrichon encolheu os ombros, enquanto se apressava a obedecer.

— Palavra de honra, que parece estarmos numa prisão ! — resmungou.

Berrichon encontrava-se um pouco na situação de Aurora. Ignorava tudo quanto se passava e sentia grande desejo de saber...

— Tem certeza de que ainda não veio ? — perguntou Aurora.

— Certeza ? — respondeu João Maria. — Mas, temos alguma vez a certeza do que se passa aqui em casa ? Só vi entrar o corcunda e fui escutar...

— Fêz mal — interrompeu Aurora, com severidade.

— Era para saber se mestre Luís já chegara... não foi por curiosidade !

— E não ouviu nada ?

— Absolutamente nada.

Entretanto, o rapaz estendia a toalha em cima da mesa.

— Onde teria ido ? — disse Aurora, como se falasse consigo própria.

— Ah ! — exclamou Berrichon. — Quanto a isso só o corcunda pode saber, menina. É estranho que um homem tão interessante como o cavalheiro... o mestre Luís, quero dizer... tenha um amigo tão esquisito como aquêle, que até parece um saca-rôlhas !... Além disso, entra e sei quando quer, mas sempre pela escada particular...

— Não é êle o patrão ?

— Está bem... é patrão — replicou Berrichon — é o senhor de entrar e de sair quando queira, é senhor de se fechar no quarto com o *macaco*, mas isso não impede que os vizinhos falem da menina...

— Parece-me que você conversa demais com os vizinhos...

— Eu ? — perguntou o rapaz, quase indignado. — Então julgam que sou um tagarela ?... Muito obrigado !... Ouça, avòzinha — prosseguiu Berrichon, aproximando a cabeça loura da porta que dava para a cozinha — acha que eu sou tagarela ?...

— Isso já eu sei há muito tempo — retorquiu a boa mulher — assim como também sei que é preguiçoso !

Berrichon cruzou os braços, num gesto de aborrecimento.

— Bem ! — disse êle. — Nesse caso, tenho todos os defeitos !... Eu, que nunca, nunca digo nada a ninguém !... Quando muito, ao passar, ouço, mas isso parece-me que não é pecado... Além disso, dizem cada uma !... E mais: posso impedir que me façam perguntas ?

— Alguém lhe perguntou alguma coisa, João Maria ?

— Tôda a gente, menina.

— E que perguntas fazem ?

— Ora, perguntas a que é muito difícil responder...

— Mas, que perguntam ? — disse Aurora, já impaciente.

Berrichon principiou a rir com ar inocente.

— Perguntam-me uma infinidade de coisas... Quem somos, o que fazemos, donde vimos, para onde vamos, a sua idade, a idade do mestre Luís, se somos franceses, se somos católicos, se não gostávamos da terra de onde viemos, se a menina jejua à sexta-feira e ao sábado, se o seu confessor é de Santo Eustáquio ou de Saint-Germain-l'Auxerrois...

O rapaz tomou alento e depois prosseguiu:

— Querem saber por que escolhemos esta rua e não qualquer outra; por que motivo é que a menina nunca sai e por que sai tanta vez o mestre Luís. Também quanto ao corcunda... — interrompeu-se e depois continuou — o corcunda é que os intriga muito ! Dizem que êle tem pacto com o Diabo...

— E você dá ouvidos a tôdas essas coisas ? — perguntou Aurora, com ar reprovador.

— Engana-se, menina ! Não há outro como eu, para calar o que sabe !... Mas, quanto a ouvir... e então as mulheres !... Quando saio, vêm tôdas ao meu encontro, muito amáveis, muito gentis, e chovem as perguntas: "Quem é aquela jovem tão formosa ?... Que idade tem ?... Que faz ?... É mesmo bonita... Ninguém dirá que é sobrinha dum simples operário !... Sim, porque ela é sobrinha, não é verdade, meu pequeno ?"

E Berrichon, que durante a narrativa fazia tôdas essas perguntas em voz de falsete, imitava uma voz grossa ao responder: "Não !"

Tomando alento, prosseguiu ainda:

(Cont. no próximo número)



F A D A   S A N T O R O

Quando Fada Santoro abandonou as "boites", deixando de cantar, para ingressar no cinema, sabia que o passo era arriscado, mas de qualquer jeito valia a pena. Recordam os fãs a sua experiência em "Berlim na Batucada", onde os astros eram outros, e Fada apenas uma figurante, muito embora demonstrasse vocação, fotografando bem. Tempos depois ela, que havia lido, em seus momentos de descanso, o romance "Escrava Isaura", foi convidada a viver, no cinema, a mesma personagem, confessando às suas amigas sua grande emoção pelo fato. Eurides Ramos fôra o autor do convite, e no filme, além de Fada, trabalhava ainda Graça Melo. O romance, muito lido pelo seu tema palpitante e humano, recebeu do cinema um tratamento apreciável, porém a "estrêla" Fada Santoro foi o fator de seu grande sucesso. Nascia Fada Santoro para a glória no cinema brasileiro, lançando-se na maior aventura de sua vida. Começou, então, a conhecer um mundo de fãs. Tornou-se um nome famoso e disputado pelos produtores, embora até hoje reconheça a oportunidade propiciada por Eurides Ramos. Com o tempo vieram outras fitas: "Tocaia", "Pecado de Nina" e "Fôrça do Amor", e em cada uma delas, a artista Fada Santoro fixou sua personagem numa interpretação convincente. Instada a falar sôbre seus trabalhos, mostra-se inclinada a aceitar "Areias Ardentes" como um dos filmes que mais lhe agradaram, como argumento, como ambiente e como "chance". Fêz para Fenelon "Milagre de Amor" e, por fôrça de um contrato, apareceu num musical, vestida de Princesa egípcia, amada por Oscarito, num enrêdo simplesmente maluco. Tem bastante coragem para dizer que não gostou dêsse papel e que jamais aceitará semelhante incumbência, mesmo que seja preciso rasgar o contrato. Estuda cada proposta para filmar com muito cuidado e tem recusado vários papéis. Disseram há tempos que ela deixaria o cinema, o que não é verdade. Fada não quer, isso sim, interpretar papéis que lhe prejudiquem a carreira, formada com tanto empenho, tanta luta e tanta renúncia. Ùltimamente, fêz dois filmes. Um para a Flama, "Agulha em Palheiro", dirido pelo ex-crítico Alex Viany, e outro com Eurides Ramos, seu descobridor, com o título de "Perdidos de Amor". Teve os melhores "galãs", mas não esconde gostar de trabalhar com Cill Farney, que, além de colega, é um grande amigo. Não guarda rancor de ninguém, mas não lhe façam uma sem razão de ser, porque perdem uma amiga para sempre!

Nice, Outubro, 1952.

SOBREVIVE, NA RIVIERA A SANTA RÚSSIA

CINCO MIL REFUGIADOS ESTÃO DISSEMINADOS NA CÔTE D'AZUR. TODOS CHEIOS DE RECORDAÇÕES, DOENTES INCURÁVEIS DE NOSTALGIA.

Por ÂNGELA NIZZA

NA cerimônia nupcial de Nicola Romanoff, no templo ortodoxo de Cannes, foram ouvidos os cânticos da primitiva liturgia grega, por um côro de refugiados russos. A Côte d'Azur sempre foi, e continua sendo, o cantinho da Europa preferido pelos remanescentes do velho império tsarista. São, ali, mais de cinco mil, espalhados no centro principal e nas pequeninas aldeias existentes nessa encantadora orla mediterrânea, muitos ali vivendo, ùnicamente, graças à caridade dos proprietários, numa existência mísera e cheia de dignidade, de austeridade e de sacrifício, alimentada por um sonho, sustentada por uma esperança: a de **retornar**.

Assim, continuam falando, ainda, da «grande mãe, a Rússia». E os cânticos da velha e sugestiva liturgia, que ressoam, principalmente, por ocasião das grandes festas ortodoxas (Natal, Epifania, Páscoa), são consoladoras expressões corais do exílio; a bênção da água, da qual é feita distribuição farta, pois que servirá, em casa, para molhar o indicador e o médio e, com êles, fazer o sinal da cruz, da direita para a esquerda, segundo o rito primitivo, é mais que a expressão de uma fé religiosa: é, também, a afirmação de um princípio político unitário, que os liga ao passado. A água do Jordão, como se usava, até 1917, nos grandes tempos de Petersburgo, de Moscou, de Kiew e de Kazar, é benzida todos os anos em Nice e Cannes. Todos levam para casa um pequeno frasco para deitar a água na pia santificada, existente sob o icone ornado de prata e ante o qual brilha, perene, um lume de azeite. Em redor estão colocados os retratos dos antigos imperadores Romanoff, imagens que estão sempre lembrando a marcha trágica de um destino inexorável.

Vi, por exemplo, êsses retratos na casa de um refugiado russo, no Boulevard Gambetta. Na antecâmara havia uma panóplia de espadas cruzadas (com empunhadura encrustada de madrepérola e bela lâmina limada, revelando fabricação mongol ou muçulmana); na saleta, sob uma estampa representando o defunto tsar Nicolau, uma mesinha com flores frescas; à parede fronteira, a efígie da tsarina, com os grandes olhos melancólicos e cercados por uma sombra de mistério e de predestinação; ao lado, um pequeno retrato do tsarevitch, vestido de tirolês e seguro pela mão por um gigantesco marinheiro, que sempre o acompanhava, solene, na sua casaca branca. E uma brilhante série de outras efígies: duquesas, príncipes e princesas, damas da côrte, grandes figuras do velho império tsarista. Uma grande bandeira russa, com a águia, dominando



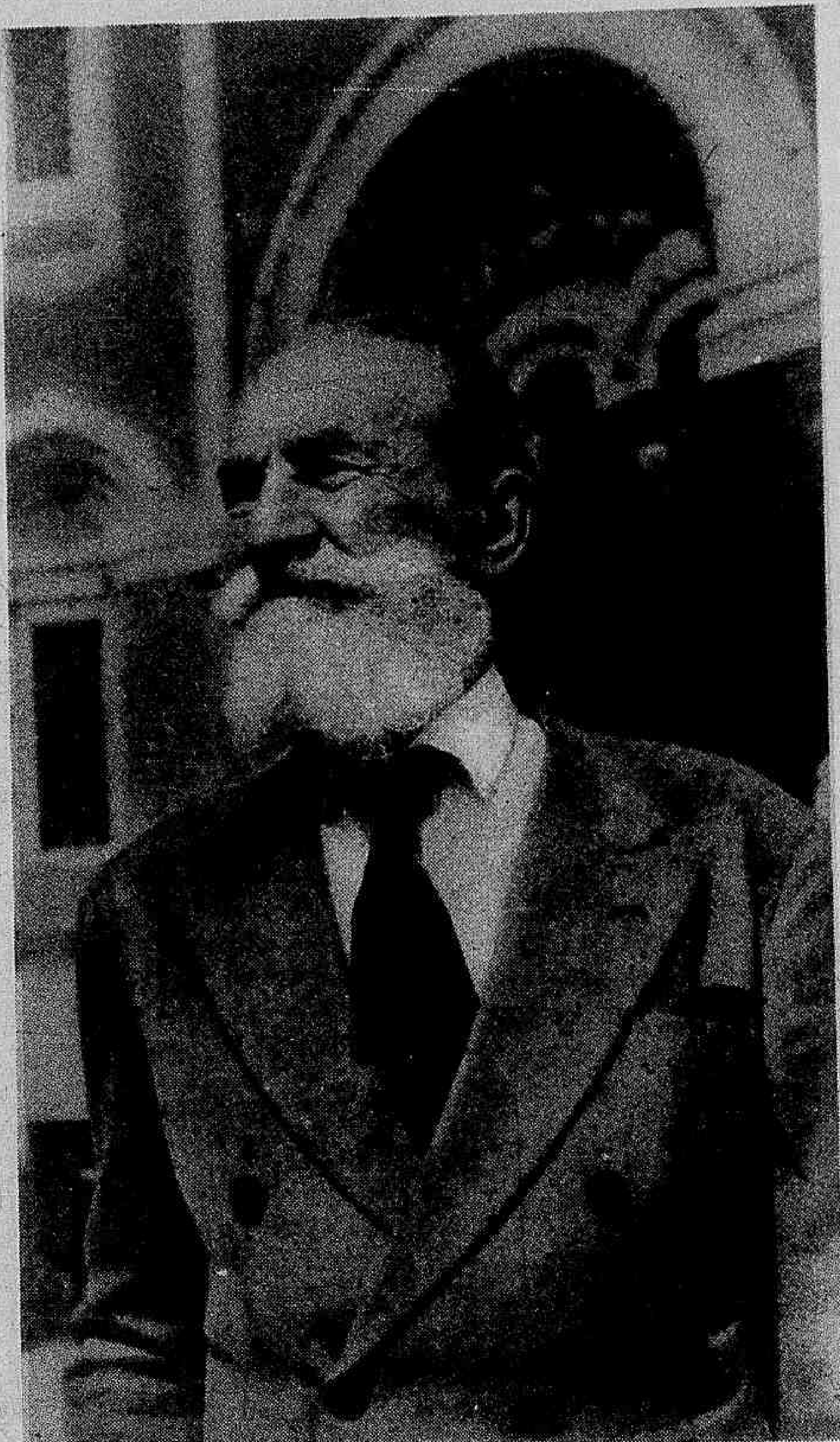
Da belíssima igreja russa de Nice, saem os fiéis, após um serviço religioso. Aí se reúnem os fiéis defensores da Santa Rússia, que têm residência na Riviera. Também em Cannes existe uma igreja ortodoxa.

a porta principal. Sob um sino de vidro, um pequeno modêlo do **yatch** «Alexandra»; numa vitrina, dois anéis, um busto de Catarina a Grande, em porcelana de Sèvres, uma cartucheira cossaca, um samovar do Turquestão, com uma pequena xícara de porcelana chinesa. O russo branco, proprietário zeloso de tudo isso, era um homem de baixa estatura, mas agradável e bem aprumado, apesar dos seus setenta anos, bem firme, apesar da vida diferente que foi obrigado a viver, como tantos outros de sua raça e sua estirpe, depois da dramática jornada de Outubro, servindo de mesa em mesa, nos cafés, transportando bandeijas, quase por tôda a Europa.

Pedro Onoprienko era, há quatro anos, presidente da União dos ex-membros do Corpo de Pagens da Rússia. O título é, talvez, hoje, próprio de outro personagem.

O belo ancião, depois da morte do filho (ocorrida em 1944, pela mão dos alemães) passou a ter uma vida mais isolada. Trabalhava, ainda, como contador de duas firmas e, assim, com a espôsa, que se empregava como arrumadeira, levava uma digna vida de pobreza. Mas, quando falava dos Pagens do Imperador, os seus olhos brilhavam:

— Êsse Corpo — explicou-me — era a primeira escola militar imperial. Os jovens arrolados provinham do Corpo de Cadetes e eram todos da grande linhagem. Os candidatos eram apresentados ao Tsar, que só êle podia aceitá-los. Findo o curso, os rapazes eram destinados aos diversos Regimentos da Guarda. Os Pagens tinham especiais funções na côrte e doze dêles, uma espécie de elite, constituíam a Guarda da Câmara: dois designados para servir à pessoa do tsar, dois à tsarina, os demais ao séquito dos príncipes de sangue. O último arrolamento do Corpo foi feito em 1914. Éramos mil e quatrocentos; hoje, não passamos de duzentos e quarenta. Todos partimos voluntários. A ofensiva na Prússia Oriental dizimou nossas fileiras. A mais alta dignidade era o Príncipe Dolgoruki, que hoje vive em Paris, já muito idoso e duramente atingido pela miséria. Tive ensejo de vê-lo por ocasião de nossa última reunião, num miserável albergue dos **grands boulevards**. Tínhamos chegado de todos os cantos da Europa. A reunião havia sido financiada por uma vasta coleta entre os amigos da antiga Rússia, o general de Gernier, o príncipe Trutelzkoi, algumas damas da aristocracia, e presidida por Sua Alteza Imperial, grã-duquesa Maria. Sem que tivesse havido qualquer entendimento prévio, todos compareceram com seus vistosos uniformes. Também em Nice nos reunimos, uma vez por ano, a 25 de dezembro, dia da fundação do Corpo de Pagens.



Êsse é Victor Reinbott, de oitenta anos e a figura mais interessante, entre os refugiados de Nice, que é como o chefe da colônia russa. Grande magistrado do Tsar Nicolau II, opôs-se a uma sua ordem, em certa dramática circunstância.

Ainda recordo a singular solenidade e a tristeza da cena. Nos seus uniformes um tanto gastos, reunidos em redor do samovar, os Pagens evocam o glorioso passado e a faustosa grandeza em que viveram.

O mais rico, entre aquêles senhores pobres, levou uma garrafa de conhaque. E, enquanto os homens do resto do mundo festejavam, em lautos banquetes, aquêles Pagens (os ortodoxos festejam o Natal treze dias depois de nós) brindaram ao Tsar, recordaram a tsarina no parque de Tsarkoie-Selo e a «madrinha», a grã-duquesa Alexandra Josifovna. Brindaram, cantaram as velhas canções populares, tão caras a Mussorgsky e a Rimsky Korsakow.

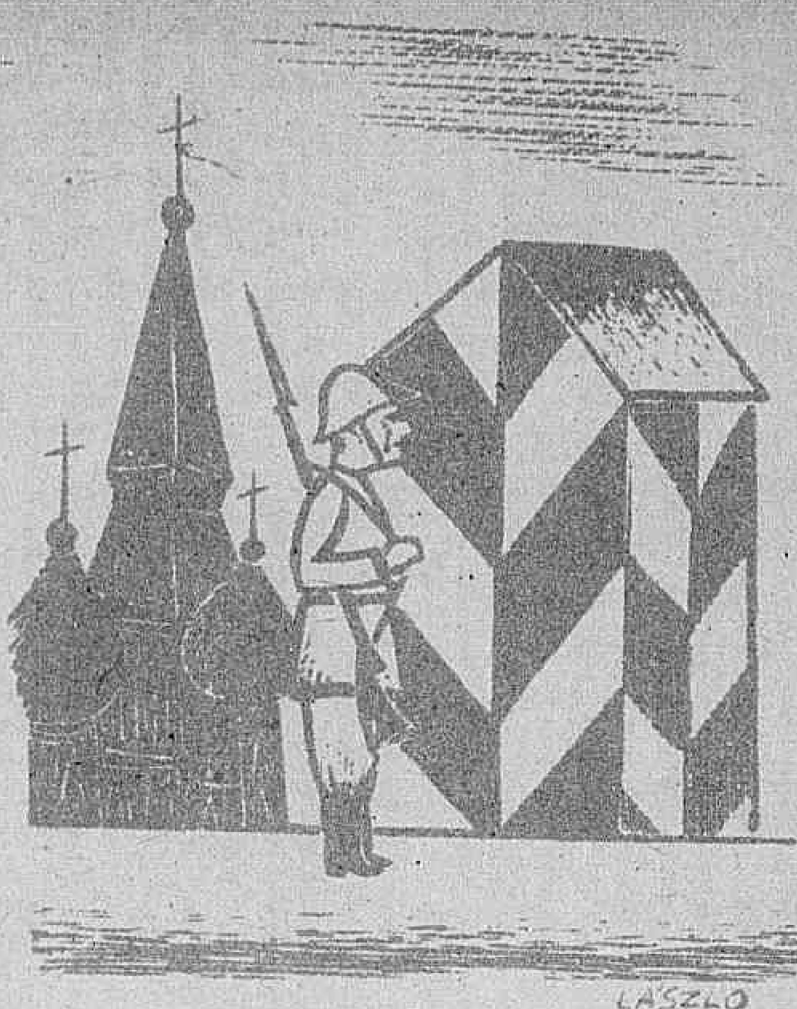
Quem passear pela **Promenade des Anglais**, pela manhã, cêrca de 11 horas, não deixará de ver uma alta figura de velho, de grande barba patriarcal. É o «vovô» Victor Reinbott, octogenário que preside a local sociedade dos russos brancos. Foi êle um dos grandes magistrados do tempo de Nicolau II. Foi procurador-geral e também primeiro presidente do Tribunal de Petersburgo (depois Petrogrado e, atualmente, Leningrad). Rigidíssimo observador da lei, muitas vêzes resistiu, sem ceder à alta pressão da grande aristocracia e do ambiente oficial. O próprio Tsar, em 1916, transmitiu-lhe a ordem de «afrouxar» o inquérito contra um personagem implicado num processo de peculato. Até então, ninguém ousara fazer oposição a uma ordem do imperador. Porém, Reinbott resistiu, respondendo ao ministro, por cujo intermédio a ordem fôra transmitida, que não podia obedecer à mesma, **contrária à lei,**

prosseguindo, inflexìvelmente, com o inquérito.

Reinbott conta êsses fatos com grande solenidade, mas o seu rosto simpático se ilumina com um indecifrável sorriso.

«Recordo — prossegue — um dos processos que deram mais matéria para a crônica escandalosa daquele tempo. Uma dama da alta-sociedade, a condêssa O., tivera o direito de herança, por morte do marido, contestada a pretexto de não lhe haver dado herdeiro.

«Mas, estou grávida!» — afirmou a dama em pleno tribunal. E, na verdade, a sua silhueta falava favoràvelmente ao que afirmava. E, no devido tempo, um menino foi apresentado como o «pequenino conde» a tôda a aristocracia. Circulavam, porém, estranhos rumores e foi ordenado um inquérito. O resultado foi que acabou sendo descoberto que a condêssa havia simulado a maternidade, apelando para um pequeno travesseiro, colocado em local adequado do seu corpo e que o «seu» herdeiro nascera numa cabana do interior, filho de outra mãe. O tribunal, sensível ao lado humorístico do caso, não condenou a condêssa.»



Reinbott pode narrar muita coisa a respeito das causas da revolução bolchevique. Ofereceu demissão a Karensky. Estêve condenado, primeiramente, a oito anos e, com o govêrno revolucionário, a dez anos de cárcere.

«O senhor apenas cumpriu com o seu dever — respondeu-lhe Karensky. — Continue, pois, no seu pôsto».

Depois, vieram os dias de outubro. Lenine abandonou os aliados e concluiu a paz em separado com a Alemanha. Reinbott se refugiou na Ucrânia, onde foi nomeado ministro do Interior. Mas, na Rússia, como em outros lugares, a **Rupe Tarpea fica próxima ao Capitólio**. O magistrado foi atirado ao cárcere e ali permaneceu cinco meses. Mas aí ocorreu o inesperado e quase miraculoso. O diretor da prisão estava enojado com o que assistia e desejava fugir para o exterior. Faltava-lhe, entretanto o passaporte. Foi o próprio Reinbott quem lhe forneceu os documentos indispensáveis: prisioneiro e carcereiro fugiram juntos, recuperando a liberdade. Da Rumânia, para onde fôra, Reinbott voltou à Rússia, com as fôrças de



Em Nice, no dia da epifania russa, isto é, segundo o calendário da Igreja Ortodoxa, é distribuída água benta do Jordão aos refugiados, rígidos praticantes da velha fé e há 35 anos estabelecidos na Riviera.

Deikin, no lugar do filho único, de dezessete anos, que morreu, pouco depois, no campo da luta. Indômito, o magistrado tomou o pôsto do seu herdeiro no exército de Wrangel. Depois da derrota, fugiu servindo-se do cavalo do seu cossaco, morto na batalha. Atingiu, assim, o Mar Negro, onde pôde tomar o último navio, que partia para Constantinopla. Então, começou a sua longa peregrinação por Viena, Paris e algumas cidades da Polônia; conheceu, então, vários trabalhos: diretor de banco, contabilista, porteiro de um «music-hall». Um pouco cínico, superior à miséria e à adversidade, Victor Reinbott incarna o tipo do russo **fin-de-siècle**, amante da boa vida, da frase espirituosa e da alegria. Mostra, no sorriso, os seus dentes sãos, apesar dos oitenta e quatro anos. Exibe, com displicência, o seu cartão de identidade francesa, comentando. «Que importa isso? Eu sou russo no coração!»

E confia, de bom-grado, aos que o queiram ouvir, o segrêdo da sua serenidade.

«— Na minha longa vida, aprendi a desprezar os homens... Detesto a humanidade, mas respeito e amo o **homem**. Desconfiemos dos homens que anunciam a sua intenção de melhorar as condições de vida dos seus semelhantes. Não passam de charletães. Acreditemos, porém, nos que enaltecem o **homem**!»

Não menos cínico e filosófico foi o príncipe Wolkonski, outro alto e belo ancião, que pertenceu à brilhante sociedade tsarista: marechal da nobreza, vice-presidente da Alfândega, vice-ministro do tsar. Foi o único sobrevivente do govêrno de Nicolau II, todos vítimas da grande tragédia. Tem o rosto corado e as barbas flutuantes da **bela época**, os olhos cheios de humanidade e benevolência.

Tem vivido todos êsses anos a polemizar contra os inimigos do tsarismo. Sempre defendeu, tenazmente, a memória do último tsar, atribuindo, principalmente, à propaganda derrotista dos alemães a crise que aniquilou os Romanoff e o seu govêrno, provocando a revolução. Cita datas, discute, fica enfurecido:

— A propriedade dos cidadãos representava cento e trinta e cinco milhões de hectares, quando Nicolau II subiu ao trono. Era de duzentos e quarenta e cinco milhões, no dia em que foi deposto. Em vinte anos, os fundos, nas caixas econômicas, haviam subido de um bilhão para quatro bilhões e meio; o orçamento da Instrução se elevou de duzentos milhões para um bilhão. Êsses são dados em franco-ouro. É, portanto, uma lenda maldosa a da miséria e ignorância em que se encontravam as camadas mais baixas do povo. Eu próprio mantive estreito contato com os **mujiks** (de 1897 a 1907 fui marechal dos distritos). Os meus freqüentes contatos com o imperador me convenceram de que a sua bondade era imensa, que o seu maior desejo era o de melhorar cada vez mais a vida do pequeno cidadão. Se tivesse podido cumprir o seu vasto programa, a revolução teria fracassado de início.»

Interrogo-o sôbre Rasputine:

— Não o conheci pessoalmente. Sei, porém, que um mundo de mentiras foi escrito sôbre as suas relações com a família imperial. O monje tinha fama de grande curandeiro. Não surpreende, pois, que diante da incapacidade dos médicos de curar o tsarevitch, a imperatriz tentasse, por outros meios, salvar o filho. Era o que faria qualquer outra mãe. Rasputine realizava o que se considerava «milagre». E pôde, realmente, melhorar o estado de saúde do herdeiro do trono, pelo que, como era natural e humano, conquistou uma certa ascendência sôbre o Tsar, em Tsarkoie-Selo. Isto, porém, foi largamente explorado pelos adversários para enodoar a honra da dinastia. E tudo terminou naquela imensa tragédia.»

A trinta e tantos anos de distância do massacre de Ekaterinburgo, Wolkonski não pode falar sem que os seus olhos se encham de lágrimas:

«— O martírio de Luís XVI e de Maria Antonieta nada são, comparados com êste drama da minha pátria.»

O príncipe se salvou porque, durante a jornada de Outubro, se encontrava no Lago Ladoga, hóspede do marechal Mannerheim. A espôsa e a filha conseguiram evadir-se do cárcere e reunir-se a êle. Todos se estabeleceram em Nice, onde conheceram dias felizes e de prosperidade. Wolkonski fundou, em Mentone, o **Russky Dom**, uma obra de assistência, para reunião e ajuda aos refugiados. O velho aristocrata afirma:

«— A U.R.S.S. não é a Rússia. Nenhum verdadeiro rusos deve ser culpado do crime cometido pelos Soviets. Se a grande, Santa Rússia, ainda existisse, teríamos evitado trinta anos de sangue e de delitos.»

E conclui:

«— Não uma intervenção estrangeira, mas uma espontânea ação libertadora do povo russo poderá provocar a queda dos usurpadores.»

ASSIM É A VIDA — Em Oklahoma City, Audrey Lee Williams declarou ao juiz que desistia da queixa, que havia feito, contra Oscar Júnior Johnson, "por assalto e tentativa de homicídio" porque, *tão logo saísse da prisão, casaria com êle.*

CORAÇÃO MOÇO — Em Muskegon, Michigam, a sra. Ada Vader, de 63 anos, foi prêsa por haver derrubado um polícia, contra o qual atirou, com mão forte e certeira... uma bola de neve — *so por brincadeira* — segundo alegou.

ANÚNCIO — Lemos, num jornal de San Francisco (pequenos anúncios): "Pernas ortopédicas, perdidas, segunda-feira, à saída do campo de futebol. O proprietário espera sentado."

PARA ONDE VAI O DINHEIRO?

Por PARKE CUMMINGS



UM homem ganha dois mil cruzeiros por semana. Qual a sua renda anual? Ora, cento e cinqüenta mil cruzeiros — dirá sua espôsa...

— Por que não temos mais dinheiro, além dêste? — pergunta a espôsa **standard**.

Ao que retruca o marido, com ar aborrecido:

— Olhe para aquêle monte de contas que pagamos! Gás, luz, aluguel, gasolina, bombeiro.

Ela ouve o que diz o marido, e tem um **olhar estranho**, que nem êle é capaz de compreender. No entanto, tentaremos **explicá-lo** a seguir.

COLEÇÃO DE «EXTRAS» — Em geral, as espôsas compreendem muito bem o assunto relativo às contas; ela (a senhora aqui figurada) pensa, no entanto, que o marido ganha mais dinheiro, anualmente, do que, na verdade, ocorre. E existem várias razões para êsse engano. Inicialmente, ela confunde, subconscientemente, **o que êle ganha** e **o que ela pensa** que o mesmo **deveria ganhar.** E, para complicar o quadro, ela figura que o espôso consegue uma inteira coleção de «extras» para suplantar seus rendimentos.

Relembrando êsses fatos, cremos estar, agora, em condições de demonstrar, matemàticamente, as idéias da espôsa **estandard** a respeito dêste assunto. Tomando como exemplo uma senhora X, digamos que seu marido ganha dois mil cruzeiros por semana. Multiplicando essa quantia pelas 52 semanas do ano, obteremos um renda anual de cento e quatro mil cruzeiros. Mas, pensará o leitor que a «cara-metade» padrão julga que o marido ganha sòmente isso? **Pois sim!** Ela acredita que, com o «abono» de Natal e um possível aumento de salário no mês de março, seguido por um outro, em outubro, êle poderá fazer uns cento e cinquenta mil cruzeiros, levando-se em conta os «bicos» que êle costuma arranjar, efetuando traduções técnicas para uma firma de engenharia. Mas, além disto, não é só esta a fonte de renda do marido. Na sexta-feira passada, por exemplo, êle ganhou cento e vinte cruzeiros, dos amigos, no pôquer. Então, para obtermos o **lucro anual de pôquer**, multipliquemos esta quantia por 52 (a menos que o «sortudo» consiga mais alguns lucros na habitual partida de pôquer semanal), e obteremos a bela quantia de seis mil, duzentos e quarenta cruzeiros. Para arredondarmos o total, vamos tirar os quarenta cruzeiros. Para efetuar uma estimativa **real**, ela julga que, dêsse total, deve suprimir os duzentos cruzeiros, correspondentes às ocasiões em que o marido perde, nesse jôgo de cartas. E, não esqueçamos que o homem é torcedor de um clube qualquer e como êsse clube é «o maior», êle costuma apostar cem cruzeiros no seu time. O clube vence dezessete das vinte partidas que disputa; logo, o lucro do marido é de mil e quatrocentos cruzeiros, durante o ano. E não esqueçamos, finalmente, que ele também costuma fazer sua fèzinha **no jôgo do bicho**.

Joga vinte a trinta cruzeiros, umas duas vêzes por semana e, como é um sujeito de sorte, costuma ganhar, mensalmente, seus mil cruzeiros.

Voltando **atrás** em nossas «considerações», façamos um resumo dos lucros e rendas que êsse chefe de família consegue, durante o ano:

Salário	104.000,00	a dois mil cruzeiros por mês, pelas traduções.
«Bicos»	24.000,00	
Lucro no pôquer	6.000,00	
Lucro no futebol	1.400,00	
Lucro no «bicho»	9.600,00	para fazer um cálculo **arredondado.**
TOTAL	145.000,00	

Se somarmos a isto uns cinco mil cruzeiros correspondentes ao abono de Natal e aos dois pequenos aumentos que, «na certa», terá o nosso focalizado, chegaremos aos magníficos «150.000,00», imaginados pela espôsa.

COMPARAÇÃO COM AS DESPESAS DO AVÔ — Passemos, agora, às despesas do casal. Baseando-se nos gastos que fazia seu avô, em 1883, quando conseguiu o primeiro emprêgo, ela julga que, comparativamente, seu marido dispende mil e quinhentos cruzeiros anuais em refeições, lanches; com as roupas e transportes, mais três mil e quinhentos cruzeiros. Somando a isto os doze mil cruzeiros anuais, gastos em comida para o lar, aluguel, médicos e outras contas, obteremos dezessete mil cruzeiros de gastos **anuais**. Subtraindo, finalmente, os dezessete mil dos cento e cinqüenta mil, teremos um magnífico saldo de cento e trinta e três mil cruzeiros! Portanto, ou êle anda jogando em corridas de cavalos, e tem sido constantemente perseguido pela má sorte ou, então, **anda sustentando alguém mais, além dela**! Pois, se êle não tem nenhum parente vivo e o casal não possui filhos!

Como é que pode ? Não admira que, quando êle lhe mostra aquêle monte de contas pagas durante o ano, ela o fite com aquêle **estranho olhar** que pode significar muita coisa. E é, então, o caso de dizermos daqui: «Cuidado! **A cobra vai fumar!**»

O REI QUE TROCOU O TRONO POR UM AMOR

O QUE NÃO DISSE O DUQUE DE WINDSOR

(V) — SE MRS. SIMPSON FÔSSE VIÚVA...

LEGALMENTE — e de acôrdo com a Constituição — Eduardo VIII pode desposar Mrs. Simpson. Um rei da Inglaterra pode casar com quem bem queira (salvo uma mulher católica) — e Mrs. Simpson não o é.

Todavia, Mrs. Simpson se divorciou duas vêzes, sendo — é bem verdade — os maridos os acusados. Mas seus dois maridos estavam vivos.

Nessas condições, o então presidente do Conselho, Baldwin, se lembra de fazer a única pergunta que realmente importa:

— Uma tal mulher pode tornar-se rainha da Inglaterra?

— Sim, no papel, pelo menos.

No entanto, volta êle a perguntar:

— O povo a respeitará?

É certo que a elite poderá *passar uma esponja*, mas... Que pensarão os outros, as centenas de milhões de habitantes do Império Britânico, todos êsses que sonham com uma rainha revestida de um manto de arminho e tendo, à cabeça, a coroa imperial?

Positivamente, para êsses, Mrs. Simpson não será, jamais, essa soberana.



O rei Eduardo VIII tendo ao lado sua mãe, a rainha Mary (cujo falecimento se deu recentemente). Esta fotografia foi tirada em 1936.

Baldwin está convencido disso e essa é a razão porque, nesse problema, êle passa a ser o maior adversário da norte-americana. E tanto mais quanto, nos corredores e salões, murmura-se que Mrs. Simpson é uma grande amiga do embaixador Ribbentrop e que, no caso dela subir ao trono, seu marido adotará uma política favorável a Hitler.

De resto, nunca foi provado que existisse essa amizade entre Mrs. Simpson e Ribbentrop. O único detalhe a reter é que Ribbentrop contou a Hitler o *affaire* Simpson e que Hitler, por essa razão, tudo fêz para ser agradável a Mrs. Simpson e a Eduardo VIII, chegando mesmo a proibir a imprensa alemã de falar dessa história de amor — a mais importante do século.

Seja como fôr, após a sua conversa com o rei, Baldwin convoca os membros do gabinete. Não lhes pede conselhos,

mas, simplesmente, informa, relatando-lhes a situação. A seguir empreende pesquisas no terreno legal. Há qualquer ponto de conciliação entre o que deseja o soberano e o que quer Mr. Baldwin? Poderá o soberano reinar, apesar de desposar Mrs. Simpson ?

Os juristas folheam, prolongadamente, a História da Inglaterra, nada encontrando de semelhante. Houve, realmente, um certo Henrique XVIII, que se casou muitas vêzes e mandou matar algumas de suas espôsas, mas jamais casou com uma mulher divorciada. No caso de sua eleita ser casada, talvez tivesse mandado matar o marido da mesma, tornando-a viúva e assim facilitando a união. Divorciada, não ! E, principalmente, divorciada... de marido vivo !

Um dos juristas propõe um casamento morganático. Se a história não registra nenhum, até então, na Grã-Bretanha, nem por isso deixaram de ser realizados em outras casas reais.

Essa solução significaria que Mrs. Simpson desposaria o rei, mas como duque, lord ou barão (que figuram entre os seus inúmeros títulos). Além do mais não existiriam quaisquer direitos de herança.

Baldwin ouve o relatório dos juristas, mas, na sua opinião, só o rei pode tomar uma decisão. Trata, portanto, de levar ao soberano o resultado dêsses estudos. Estamos a 19 de novembro. Duas horas mais tarde, tilinta o telefone de Downing Street, n. 10. O rei deseja ter uma entrevista imediata com o primeiro ministro, ao qual declara que seria muito feliz se lhe fôsse revelada a sua opinião.



Como rei, Eduardo tinha que aturar solenidades, conselhos da coroa, etc. Sua expressão habitual era essa, que acima os leitores podem ver.

Seis dias mais tarde, após haver consultado os juristas, Baldwin julga estar autorizado a afirmar que o Parlamento não aceitará uma tal solução. Isto é o que vai declarar ao rei. Êste fica silencioso por algum tempo. Em vista disso, Baldwin decide avançar mais um pouco:

— No caso de ser tomada, sèriamente, em consideração essa possibilidade — disse êle — necessitaria de autorização, a fim de submeter o caso ao gabinete de ministros, assim como aos presidentes dos Conselhos dos Domínios. Se bem compreendi, essa é a vontade de Sua Majestade ?

Ao que o rei respondeu:

— Compreendeu-me perfeitamente. Tal é o meu desejo.

Outro ponto a considerar é a Igreja. Autorizaria ela um casamento com uma mulher divorciada duas vêzes ? O arcebispo de Canterbury, por três vêzes seguidas, solicitou uma audiência ao rei, depois de pronunciado o divórcio de Ipswich. Três vêzes, Eduardo recusou,

pois que sabia muito bem o que tinha o velho amigo de seu pai a lhe dizer. *Sabia, realmente, que o arcebispo o conjuraria a abandonar a única mulher que êle já havia amado em tôda a sua vida. E isso êle não quer. Não pode !*

Quando o arcebispo de Canterbury e informado, relativamente ao casamento morganático, não esconde a sua indignação. Na mesma tarde, vai visitar Mr. Baldwin, a fim de o colocar alerta e preparado para enfrentar êsse projeto. Baldwin, entretanto, informa o arcebispo, dizendo-lhe que foi encarregado pelo rei de submeter o assunto ao Conselho de Ministros.

O arcebispo de Canterbury fica profundamente emocionado. Até êsse momento, êle duvidara da sinceridade e da fôrça do sentimento do rei por Mrs. Simpson. Só agora, porém, compreendia todo o trágico da situação. Apesar de tudo, não cederia e espera que êsse casamento não seja permitido.



O duque e a duquesa de Windsor, em fotografia já depois de casados. Pela primeira vez, Eduardo exibia uma expressão de completa felicidade.

Baldwin convoca os seus ministros. Vários dêles não estão em Londres, mas abandonam tudo e, na manhã seguinte, chegam a Downing Street, n. 10. O "Times" se contenta com mencionar, em duas linhas, que uma reunião do Gabinete cuidará de liquidar alguns "assuntos urgentes". O Conselho de Ministros decide que se trata de um caso que diz respeito ao Parlamento. Um tal casamento não pode ser realizado sem que alguma lei seja votada e isso, evidentemente, só pode ser feito pelo Parlamento.

No que concerne ao Gabinete, todos os seus membros são adversários de um casamento morganático.

★

No Conselho de Ministros, Mr. Baldwin prossegue com o seu discurso explicativo. O caso — diz êle — não diz respeito, ùnicamente, ao govêrno inglês, sendo indispensável ouvir, igualmente, os representantes dos domínios. Nessas condições, três perguntas são dirigidas aos presidentes dos Conselhos e traduzidas, em Código, poucos minutos mais tarde:

1º — Os ministros, reunidos em Londres, devem aconselhar o rei a desposar Mrs. Simpson e conceder-lhe o título e a posição de rainha ?

2º — Devem aconselhar Sua Majestade a fazer um casamento morganático ?

3º — No caso do rei recusar renunciar a êsse casamento, deve fazê-lo sòmente depois de haver abdicado ?

É a primeira vez que a palavra "abdicar" é empregada num documento oficial. No dia 2 de dezembro, Baldwin se apresenta na residência do rei. Ignora,



O príncipe de Gales, o rei George V e a rainha Mary, em Ascot. Era essa a sua atmosfera, antes de conhecer Wally Simpson. O rei George V tinha por êle um carinho todo especial e orgulhava-se do seu herdeiro...

ainda qual é a posição tomada pelos Domínios, relativamente ao projeto do casamento morganático, mas declara que o Gabinete é contrário e que êle, Baldwin, não acredita que o Parlamento venha a votar a lei indispensável.

— Vossa resposta não me surpreende, absolutamente — declara Eduardo VIII, tranqüilamente.

Na manhã seguinte, 3 de dezembro, a imprensa britânica rompe, enfim, o seu longo silêncio. Títulos principais dos artigos: "O rei quer desposar Mrs. Simpson", "O Conselho de Ministros disse: *"Não"*

Entre a oposição que se forma, aparece, notadamente, Winston Churchill, que deseja arrastar alguns deputados da sua facção a adotar o programa seguinte:

1º — O rei não deverá abdicar por qualquer pretexto;

2º — Baldwin deverá deixar o rei em paz.

Mas, após ligeira hesitação, os deputados — poucos — que haviam seguido Churchill, renunciam a sua idéia.

Um outro membro do Parlamento, que deseja intervir em favor de Eduardo, é sir Oswaldo Mosley, cognominado "o fuherer dos fascistas inglêses". Todavia, sua intervenção causa mais mal do que bem.

★

Nas colônias britânicas, no Canadá, na Austrália, na África do Sul, os políticos de maior destaque examinam as três perguntas que o Conselho de Londres lhes dirigiu. Desde o início da troca de idéias, parece estabelecido que não será possível aceitar Mistress Simpson como rainha. O pretexto dado pelos presidentes dos Conselhos dos Domínios é o mesmo invocado na Inglaterra: é uma mulher cujos dois maridos estão vivos.

Quanto à imprensa norte-americana, mostra-se impressionada e sur-



O príncipe e a elegante norte-americana, quando iniciavam o romance que viria a ser o «caso amoroso» do século !

preendida com a importância dada ao assunto:

"— Mrs. Simpson — perguntam — teria podido ser rainha se, em vez de ser divorciada duas vêzes, tivesse enviuvado duas vêzes?"

E mostra-se zombeteira relativamente às idéias, um tanto fora de moda, dos britânicos, sôbre a dignidade de uma rainha.

Durante todo êsse tempo, na imprensa do mundo inteiro (salvo a da Inglaterra e também a da Alemanha), surgem os boatos mais espantosos e incríveis. Uns afirmam saber que o rei é fascista e que se embriaga constantemente, até cair inconsciente. Outros deixam entender que Mrs. Simpson e espiã alemã, que só adora o dinheiro e que estaria pronta, por um milhão de dólares — 10 milhões, segundo outros — a deixar a Inglaterra.

Nas ruas de Londres, o povo discute abertamente. Ouvem-se, a todo instante, os mesmos argumentos; todos, em geral, revelam a sua grande surprêsa, não acreditam que o rei tenha assim perdido a cabeça por uma mulher e, o que mais espanta, por uma norte-americana. A coisa não seria assim tão grave, se êle amasse uma moça... uma mulher de menos idade — e inglêsa. Bem poderia, em último recurso, casar com uma princesa... e ter Mrs. Simpson como amante.

Célebres autores também são chamados a dar sua opinião. Na imprensa norte-americana, H. G. Wells escreve longos artigos. O célebre filósofo Havelock Ellis declara:

"— Sempre pensei que Eduardo, que mais parece um adolescente que um homem feito, era fundamentalmente diferente dos seus semelhantes e custaria, por isso mesmo, a encontrar espôsa do seu agrado". E, pouco depois: "Eduardo não passa de um menino, cujo crescimento foi interrompido, e Mrs. Simpson é mais sua mãe do que sua amiga."

Bernard Shaw, o incorrigível, publica um "conto de fada": "Havia uma vez, se não me falha a memória, um rei, cujo coração se inflamara por uma norte-americana chamada Daisy Bell. E, como Daisy Bell já havia casado duas vêzes, enquanto o rei não se casa, até então, vez nenhuma, os dois se convinham perfeitamente."

Sinclair Lewis, no "New York Evening Post", publica uma carta-aberta, dirigida a "David Windsor", na qual diz:

"Estamos persuadidos, nos Estados Unidos, de que um homem deve viver a sua própria vida e ter consciência própria. Uma das perguntas mais importantes do século é a seguinte: Deve David Windsor, sim ou não, viver a própria vida? Se êle vier aos Estados Unidos, aqui será recebido como jamais alguém o foi."

As horas decisivas se aproximam, não em Downing Street, n. 10, mas em Fort Belveder, onde o rei, ao cair da tarde, recebeu a visita de Mrs. Simpson.

No próximo número:

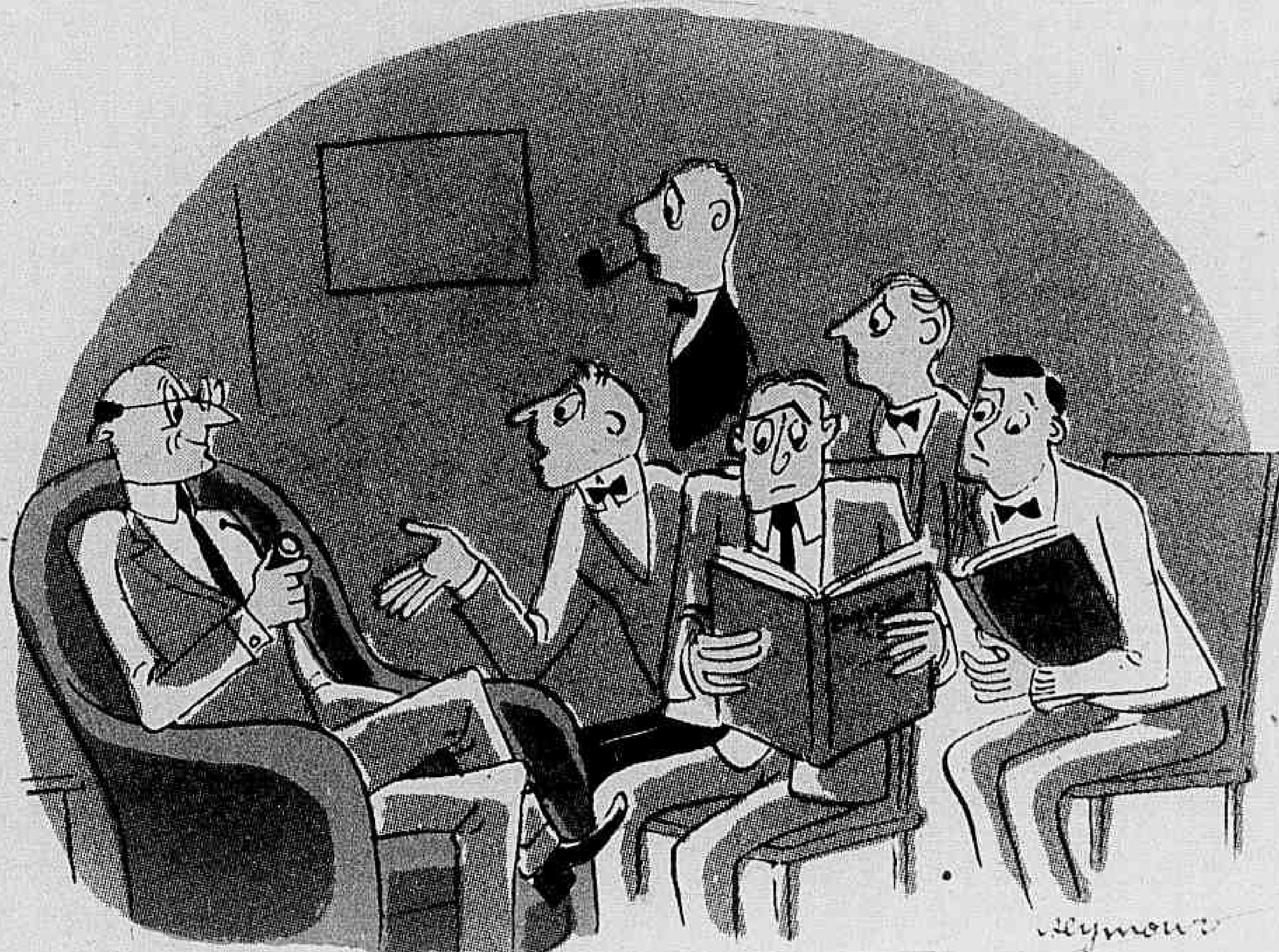
MRS. SIMPSON DESAPARECE!

★ ★

A «BOA RESPOSTA» DO MÊS

UMA vez por semana, na Universidade, um pequeno grupo de alunos se reunia, na residência de um dos professôres, para uma palestra instrutiva. Não tardaram os rapazes a notar que, fôsse qual fôsse o assunto escolhido, o professor sabia muito mais que qualquer dêles.

Nessas condições, entraram a desenvolver um grande esfôrço, armando-se com os fatos mais obscuros e as informações apenas recentemente divulgadas com a intenção de **aparecer** melhor aos olhos do mestre e te. enfim, alguma coisa para ensinar-lhe. Apesar disso, o professor continuou levando a melhor. Determinados, porém, a ganhar, **ao menos uma vez**, os rapazes se reuniram, a fim de ler e decorar um longo artigo sôbre o Taoísmo, uma das menos conhecidas religiões da China e que, por felicidade, encontraram numa Enciclopédia. Estavam agora seguros de que ganhariam a parada.



Fingindo conduzir a palestra casualmente para «as coisas da China», os rapazes começaram a recitar os seus parágrafos decorados em seqüência, numa forma o mais aproximada da conversação. Quando acreditaram não ter mais nada a dizer sôbre o assunto, o professor, muito sério, pediu-lhes que concluíssem.

— Concluir?... Como, senhor? — perguntou um dêles, estupefato.

— Sim — disse o professor, com um leve sorriso. — Os senhores esqueceram de identificar o autor dessas linhas na Enciclopédia. Sem dúvida, um dos senhores deve ter reconhecido as minhas iniciais.

DEVERES E IMPOSTOS

NA VIDA REAL, os homens se preocupam muito mais com o impôsto de renda, do que com os casos amorosos. Sabem êles que êsses idílios são coisas passageiras, ao passo que o impôsto de renda o está *eternamente* perseguindo. — *Winifred Boggs*



★

NO SENTIDO de simplificar as coisas e tornar a vida menos amarga, para o cidadão que paga impostos, a cobrança do impôsto de renda é feita quadrimestralmente, em vez de anualmente, proporcionando quatro *pequenos* ataques do coração, anualmente, em vez de *um só*, do tipo gravíssimo, que poderia privar o Estado de contar com o concurso de muitos cidadãos... — *Robert Lawson*

★

UM HOMEM deve ser muito pequenino, para poder passar entre os fios da teia tecida pela enorme aranha que é a coletoria de impostos. Deve ser, porém, muito grande, se quiser romper êsses fios e passar. — *W. E. Titterton*

★

SE QUISER saber a renda de um indivíduo, pergunte-lhe a partir de que soma deveria o impôsto de renda começar. — *Anônimo*

★

OS IMPOSTOS são, sem dúvida, os meios mais simples, conhecidos pela sociedade, para dirigir os impulsos sociais. — *Morris Ernst*

★

O CONTRIBUINTE manhoso evita pagar os impostos, não porque não ame seu país, mas porque êle adora muito mais o seu dinheiro. — *Robert Lynd*

NÃO EXISTE "missionário" mais eficiente do que o coletor de impostos. — *H. A. L. Fischer*

★

TEMOS FEITO tudo, aqui nos Estados Unidos, para incrementar o número de mulheres e crianças, mas o de contribuintes continua da mesma forma que no ano de 1776! — *William Feather*

★

AS RESPOSTAS que o cidadão tem que dar às perguntas do Govêrno se assemelham às respostas de um programa de auditório, sendo de ressaltar que é uma brincadeira custosa, praticada por meio do correio. A única diferença entre êste programa de perguntas e respostas e qualquer outro de auditório, é que o indivíduo não recebe nenhuma gratificação por dar a resposta certa e, se errar na resposta, *aí dêle!* — *Groucho Marx*

★

TÔDAS as pessoas decentes vivem, hoje, além de suas rendas; aquêles que *não são respeitáveis*, vivem além das rendas dos outros. Um pequeno número de indivíduos afortunados procura viver com as renda daqueles dois grupos. — *Saki*

★

O IMPÔSTO é um pagamento requerido pelo govêrno, de uma parte da comunidade, em benefício de todos. — *S. Johnson*

★

O CRESCIMENTO de uma metrópole é revelado pelos impostos. — *Charles Dudley Warner*

★

A COBRANÇA de impostos deveria seguir a técnica do homem que tosquia um carneiro. Parar antes de atigir a pele.

Compilado por FRANCES RODMAN

QUAL A SUA VERDADEIRA

o leitor pode ser um velho aos trinta anos ou um jovem aos setenta e cinco. O presente teste o ajudará na descoberta do seu grau de envelhecimento.

UM engenheiro, que se candidatava a um emprêgo numa grande companhia petrolífera, estava preocupado com a sua idade. Com 48 anos, já fôra despedido por duas firmas, por causa da idade... Como seria agora?

Apesar disso, êle conseguiu o emprêgo.

«— Aqui — disseram-lhe — costumamos preocupar-nos, apenas, com a **verdadeira** idade de um homem, ou seja: com a sua capacidade física e mental.

Êsse engenheiro foi uma das muitas pessoas beneficiadas pelo interêsse, cada vez maior, dos cientistas em tôrno da **gereologia** — o estudo do processo de envelhecimento. Em 1900, quando a duração média da vida era de 50 anos, as teorias a respeito da idade constituíam quase que exclusivamente um assunto pessoal. Um indivíduo era velho, **se os anos acumulados o indicassem**.

Atualmente, quando a duração média da vida é de 68 anos, a ciência descobriu que os verdadeiros sintomas da idade são **o modo como a pessoa sente, age e pensa**.



As dez perguntas que se seguem podem fornecer ao leitor uma indicação quase exata da sua **verdadeira idade**. O propósito das mesmas é revelar se a pessoa tem uma **atitude** idosa ou juvenil diante dos problemas cotidianos.

Assim, vejamos:

1 — Terá o leitor recordado, recentemente, um ódio, rancor ou prejuízo há muito tempo esquecidos? 2 — Tem se sentido mais deprimido e desajustado, ùltimamente? 3 — Sente-se aborrecido com as brincadeiras dos jovens que o rodeiam? 4 — Escolheu algum novo passatempo, recentemente — ou um novo modo de fazer uma tarefa já bem antiga? 5 — Gostaria de viver até o século vinte e um e ver como serão as coisas nessa época? 6 — Costuma planejar férias e fins-de-semana, para passar fora de casa? 7 — Tem continuado a aumentar o número dos seus amigos, durante os últimos anos? 8 — É a sua conversação carregada de reminiscências e citações de experiências do passado? 9 — Acha que os amigos e conhecidos que tem conseguido ainda lhe dão a mesma impressão de quando os conheceu? 10 — Pode recordar casos diversos, relativos ao ano passado, durante os quais admitiu, livremente, que estava errado a respeito de alguma coisa? A resposta «juvenil» para os quesitos, 1, 2, 3 e 8 é **não**; **sim** para os demais. Eis a explicação: — NÚMERO 1 — O retôrno de um rancor ou prejuízo, há muito esquecido, é característica de idade avançada. «O Ajuste Pessoal à Velhice», uma pesquisa compreensiva do problema da idade, publicada pela «Associação para Pesquisas Científicas», de Chicago, informa que «muitas atitudes, desejos e insatisfações» — prèviamente reprimidos ou ignorados — «freqüentemente emergem em expressão ou ação verbal ou emocional».

A depressão e o aborrecimento (números 2 e 3) são, freqüentemente, o resultado de uma inabilidade para angariar maiores ambições ou mesmo pequenas tarefas prazeirosas. Muitas pessoas envelhecidas se ressentem do seu natural decréscimo e voltam o seu azedume contra si mesmas ou contra as pessoas que as rodeiam.

NÚMERO 4 — Uma nova distração ou uma nova rotina implicam flexibilidade e habilidade de apreensão. Hábitos padronizados se tornam mais insuportáveis com a idade, e a pessoa envelhecida, freqüentemente se torna inapta para edificar novas idéias ou métodos, em virtude da necessidade de desaprender outras, mais antigas. Quanto aos números 5 e 8: o indivíduo



"Aqui — disseram-lhe — costumamos ligar

envelhecido vive num mundo de contração. A aposentadoria pode removê-lo da corrente geradora de atividades. As distâncias se tornam mais difíceis de cobrir. Os contatos sociais são mais difíceis de manter.

O PASSADO ASSUME O COMANDO

As famílias **se encolhem**, quando as crianças crescem e abandonam o lar. Há uma tendência para que se faça menor número de planos para o futuro. Uma inclinação doentia para mergulhar em experiências passadas sugere um número inadequado de experiências e atividades presentes.

IDADE?

Por
A. E. SCHURFORD

NÚMERO 9 — O seu modo de julgar os amigos diz muito mais a respeito de si próprio, do que a opinião dêles. As pessoas envelhecidas tendem a tornar-se mais exigentes em suas relações de amizade.

Sua conduta para um reconhecimento social, segurança emocional ou confôrto físico, passa a ser mais especificada do que a conduta de uma pessoa jovem em relação a êsses mesmos fatôres.



George Bernard Shaw, aos 93 anos, continuava tão alerta e "perigoso" como antes.

Finalmente, se o leitor pode responder afirmativamente à pergunta número 10, tem inclinação a olhar para a vida e para si próprio, realìsticamente. O indivíduo, que pode ser honesto consigo mesmo, e admite as suas faltas, os seus erros, não tentando, jamais, enganar a si próprio, não tem tantas possibilidades de se tornar desiludido, quando os anos estiverem mais acumulados. Sempre é tempo de aprender. E aprender a viver, como tudo o que nos parece muito difícil ou penoso, é facílimo, quando se decide encarar o problema com boa-vontade, realmente, e bom-senso. A vida moderna, se é mais cansativa e trepidante, conta com recursos que não conheceram nossos avós. Não, por certo, os recursos ridículos, como a pomada que disfarça as rugas ou a tintura que anula os cabelos brancos, mas a vida sadia, mais certa, indicada para os anos que, realmente, já cumprimos. A medicina e a cirurgia se encarregaram de elevar a média normal da mortalidade de cinqüenta para sessenta e oito anos, com regimes, antibióticos, vitaminas e o bisturi realizando milagres e intervindo em recônditos do corpo humano, até recentemente considerados intocáveis. O resto depende sòmente do próprio indivíduo, que, além de resignar-se a abolir certos hábitos e se dedicar a outros, não menos interessantes e agradáveis, precisa, antes de tudo, reconhecer a própria situação e tratar de entretê-la e melhorá-la com o devido respeito às indicações do médico e dignidade.



apenas à verdadeira idade dos homens."

Terá que saber encarar a vida com realismo e sem desesperos inúteis, o que sòmente agravaria o seu estado físico e moral.

Ser realista é atenuar a transição para a idade mais avançada, de modo que esta não se torne uma fase de temores e sofrimentos, mas, simplesmente, «o último período de uma vida normal e duradoura.»

O ÍMPETO DE MATAR É UM MAL INSIDIOSO, QUE PODE SER TÃO MORTALMENTE PERIGOSO PARA O ASSASSINO COMO PARA A SUA VÍTIMA.

VONTADE DE MATAR

ARTHUR J. BURKS

MINOR Swinnet sempre tivera uma ardente vontade de matar, escondida no fundo do seu consciente. Por mais de vinte e cinco anos fôra assim. Vivera planejando matar alguém. Havia muita gente a quem odiava mortalmente. Da mesma forma era odiado por muitos indivíduos.

Porém, em sua vida um tanto errante, chegara aos quaranta, razoàvelmente sadio e satisfatòriamente abastado. Em seu cérebro, a idéia de matar progredira, aperfeiçoando-se. Quando, afinal, matasse alguém, seria de **de alguma maneira que não pudesse ser acusado do crime!**

Fora do fraco foco de luz, no chão da sua biblioteca, estava caído um homem. Minor Swinnet o matara!

Aquêle foi um momento de repousada alegria, um instante de intensa satisfação, por tanto tempo desejada.

Swinnet ainda segurava a arma do crime. Era uma baioneta de fuzil, fina, aguçada e terrível, e que havia enterrado até o cabo. Estava em seu poder desde a primeira Guerra Mundial. Guardára-a para o fim que, realmente, alcançara. Aquela baioneta, como o assassínio, o havia fascinado sempre.

Durante vinte e cinco anos, observara o que considerava um agradável ritual. Antes de se deitar, penetrava na biblioteca da sua confortável residência, no Connecticut, e verificava se a janela estava entreaberta, para facilitar o fácil ingresso de algum larápio eventual.

— Virá alguém, hoje? Virá alguém... alguma vez?

Essa era a pergunta que fazia, na sua ânsia mórbida, na sua urgente vontade de matar. Oh! Como desejava que um ladrão se aventurasse em sua biblioteca! Nessa vítima despejaria todo o violento veneno que enchera o seu coração e atordoara o seu cérebro durante tantos anos de ódio, de ódio contra alguém; de rancor e gênio amargo, tão amargo que o fizera rico, mas não respeitado; forte, mas não temido; conhecido, mas não famoso. Essa única janela estava provida de sinal de alarma. Esta noite, o sinal o arrancara do sono. Cautelosamente, descera a escada e vira um pequeno e fraco círculo de luz movendo-se, saltitante, sôbre a porta do cofre, embutido numa parede da biblioteca.



Seus chinelos não fizeram ruído, quando avançou, com a arma preparada, exatamente como havia planejado.

Fàcilmente, chegou até junto do ladrão, pelas costas, e cravou a baioneta bem no coração de sua vítima, entre os homoplatas, um pouco para a esquerda.

O ladrão caiu, quase sem poder articular um gemido, morto instantâneamente. Sua lanterna elétrica caiu, também, e rolou alguns instantes, numa espécie de círculo, sôbre a parte mais larga, onde havia a lente e a lâmpada, junto do homem morto. Sem acender a luz da biblioteca, Minor Swinnet se ajoelhou junto do homem que acabara de matar, entrando a rebuscar, febrilmente, em seus bolsos. Dêles retirou um **cassetete** de ferro, forrado de borracha e uma pistola. Aquelas armas agressivas justificavam o assassinato!

Todo indivíduo tinha o direito, garantido por lei, de defender seu lar. Swinnet desejou, nesse instante, que o homem morto fôsse um dos seus inimigos pessoais. Todos êles o temiam, como êle próprio os odiava. Sorriu, torcendo o rosto no escuro.

«— Que diferença isso podia fazer?» — perguntou a si mesmo. — «Sim. Que diferença podia haver entre ficar, anos e anos, à espera de um estranho qualquer, emboscado e alerta, e acabar matando **um verdadeiro inimigo**?»

«— Não. Não havia diferença!» — respondeu mentalmente, e com satisfação, à própria pergunta

«— Mas como isso seria fácil!» — imaginou. — «Pegar um inimigo numa situação igual a essa e sangrá-lo sem piedade!»

Estranhamente, começou a sentir mêdo. Não sabia explicar por quê... Não sentia mêdo do homem morto. Não tinha consciência, e sempre considerara o remorso como desculpa dos covardes.

Sempre ouvirá dizer que os assassinos sempre acabavam sendo atacados pelo mêdo. Tolice! Mas... O mêdo crescia e êle sem poder compreender **por que razão**. **Por que** mordia a sua carne e gelava o seu coração.

Ninguém, vivendo neste mundo, sabia dessa sua obsessão. Sua mulher, sim, sabia! Mas já havia morrido, dez anos antes. Sempre lhe tivera ódio. E continuava a odiá-la.

Ela, por sua vez, vivera aterrorizada, com um mêdo invencível do marido. Isto, ao menos, o consolara. Odiava a espôsa porque não dera um filho para a sua vaidade.

«Quem seria o homem morto?» Descobriu, repentinamente, que temia voltar o foco de luz para a sua vítima. Mas tinha que agir. E depressa!

Demorar poderia provocar a curiosidade e a suspeita da polícia, onde não contava com um amigo sequer; onde todos o odiavam, em razão da sua influência política, comprada a dinheiro. «Mesmo assim, que diferença isso podia fazer?



A vítima penetrara, com intenções de roubo e agressão, em sua residência, trazendo armas...»

MINOR Swinnet foi telefonar e chamou o inspetor George Radson. Sabia que Radson lhe dedicava ódio, no que era largamente retribuído. Sua falecida espôsa fôra namorada de Radson e continuara gostando dêle; isto servira mesmo para Swinnet martirizar a infeliz com palavras mordazes e torturas morais, muito embora, intimamente, tivesse absoluta certeza da sua fidelidade.

— Quando isso aconteceu? — perguntou Radson.

— Agora mesmo. Há uns cinco minutos, talvez dez... Mas a emoção, o senhor sabe... Não pude telefonar imediatamente.

— Alguma coisa poderá impressioná-lo? — declarou Radson. — Gostaria de saber... Mas, estarei aí num instante!

A luz continuara desligada, na biblioteca. Swinnet também desligara a lanterna da sua vítima.

Antes de entrar na biblioteca com Radson, para quem fôra abrir a porta, relatara, detalhadamente, para o policial de rosto severo, como tudo se passara, inclusive o fato de conservar a baioneta no seu dormitório, no andar superior. Radson o observava, como se estudasse as suas feições. Não havia sombra de suspeita, quando, finalmente, perguntou:

— O senhor foi quem desligou a luz desta biblioteca?

— Não. Não cheguei a acendê-la. Podia ver o ladrão, recortado na própria luz da sua lanterna.

— Desligou a lanterna dêle?

— Desliguei.

— Por quê?

— Ora... Eu... Porque... Não sei! Apenas senti, de repente, como se... Realmente, isso tem importância?

— Apenas para o **senhor mesmo**! — disse Radson, num tom de voz indecifrável e que Minor Swinnet lembraria até o fim da sua vida. A seguir, o policial foi ligar a luz da sala.

Os dois homens se aproximaram, então, do homem morto, caído de bruços. Swinnet, nesse instante, descobriu que não era o morto o que lhe causara mêdo — ou aquela outra estranha sensação. Fôra outra coisa... alguma coisa que podia voltar... O morto era um estranho.

RADSON era policial competente. Êle e seus auxiliares fizeram muitas perguntas. Radson, particularmente, insistiu para que fôsse feita a reconstituição do assassinato. Swinnet, com os cabelos grisalhos em desalinho, as pernas magras tremendo dentro das calças, representou o assassinato.

Radson insistiu, afirmando ser indispensável refazer tôda cena uma terceira vez. O mêdo de Swinnet estava voltando. Mas, por quê? **Por quê?**

Representou o ato de matar exatamente da mesma maneira de cada vez, detalhe que Radson anotou com os olhos semicerrados no rosto grave.

Swinnet compreendeu, ao fim da terceira representação, que Radson sabia do seu secreto desejo de matar.

Ou descobrira tudo sòzinho ou soubéra-o por intermédio de Miriam... Sim. Miriam contara tudo... Não, não, não! Êle a perseguira, sim, com doestos e acusações de infidelidade, mas sabia que ela sempre fôra espôsa fiel e leal.

«Um homem, em sua própria casa...» — Swinnet ouviu a própria voz pronunciando essas palavras, embora não tivesse certeza de que devia dizer isso.

— Sim, sim — disse Radson, interrompendo-o. — Mas, seria, realmente, desastroso, se encontrássemos um bilhetinho, no bôlso dêste infeliz, da própria letra do senhor, convidando o desgraçado a vir cá, esta noite, para ser assassinado, eh? Seria bastante complicado, não concorda?

«Na verdade, não encontramos tal coisa, mas eu sei — e o senhor também sabe — que, no fundo do seu coração, seria o mesmo como se tivesse escrito um bilhete assim!

«Legalmente, o senhor é um herói; moralmente é um assassino sanguinário, e eu nunca diria isto se não tivesse a certeza!

«Deve conhecer, melhor do que ninguém, a verdade a respeito de si mesmo. E assim será para o resto da vida, Swinnet! Também sei mas nada posso fazer. Represento a justiça, mas, se não tenho os olhos vendados, tenho as mãos amarradas!

«Espero que comece a compreender, Swinnet, que espécie de miserável é, e sempre foi. Faço votos para que viva cem anos, mas paralisado, **para que não possa matar mais alguém!**

«Podia ter telefonado, conforme sabemos, nós dois, muito bem, e prendido o pobre homem! Mas preferiu matar, Swinnet! Esta baioneta é uma arma terrível. Espero que não esqueça o que fêz e que essa lembrança não o deixe dormir tranqüilo jamais.

«Talvez, quando essa lembrança se tornar insuportável, o senhor se lembre de matar também — não a outro infeliz, como êsse que aí está, **mas a si mesmo!** E não poderemos «torrá-lo» na cadeira elétrica, também, por essa **outra morte**!

COM gesto vagaroso, Radson colocou a arma fatal sôbre a mesa. Então, voltou-se para Swinnet: — Suicídio também é assassinato! **Já** que gosta de assassinato, direi mais: suicídio **é** tão contra a lei como qualquer outro! Mais contra a lei, até, do que o crime que praticou esta noite! Aqui está a baioneta.

Ao falar, com o indicador, fêz a arma girar duas ou três vêzes, sôbre a mesa, deixando-a, afinal.

— Não a vai... levar? — perguntou Swinnet.

— Não será necessária, como evidência... ou coisa parecida?

— Talvez eu devesse mesmo levar, mas...

Voltou a brincar com a arma, pensativamente.

— Radson! — falou Swinnet, com voz enrouquecida e quase estrangulada. — Miriam contou a você que eu... que ela...»

Não pôde terminar. Radson se voltara, como se tivesse sido esbofeteado:

— Miserável... Como ousa dizer...

Depois, dominando-se, continuou:

— Então, era disso que tinha mêdo! Mêdo de que Miriam tivesse feito revelações... Mêdo desta arma também! Ótimo! Felicidades, Swinnet... E que tenha lindos sonhos!

SEGUNDOS depois, Radson se retirara com seus auxiliares; o cadáver, também, fôra retirado.

Swinnet voltou a sentar-se, vagarosamente, num canto da biblioteca, fitando a baioneta, relembrando cada detalhe daquela noite, especialmente o que Radson havia dito.

Em sua mente, as idéias começaram a ganhar forma, a forma modelada pelo seu mêdo, **a forma da arma do crime.**

Compreendeu que era fatal! E pensou, também, sôbre os joelhos, enquanto os seus olhos revelavam um mêdo crescente, vizinho do terror. Sabia, agora, que não podia desviar o olhar — o olhar ou o pensamento — daquela baioneta.

Comprendeu que era fatal! E pensou, também, que podia, novamente, burlar a lei, pelo caminho mais simples, mais seguro, o único que se abria diante dêle. Levantou-se e apanhou a arma...



HIPNOTISMO, REMÉDIO-DINAMITE

SE, amanhã, o seu médico, leitor, aconselhar que procure um hipnotizador, não pense que êle graceja ou está louco. De fato, considerado, durante muito tempo, como «feitiçaria», acolhido, depois, com entusiasmo pela medicina (que o recusou, pouco depois, como ineficiente) o hipnotismo está recuperando, pouco a pouco, seu lugar no arsenal terapêutico moderno.

Duas informações acabam, aliás, de oficializar êsse retôrno de cotação. Condenado, em março último, a pagar mais de um milhão, como indenização, a uma moça, miss Rains Bath, a quem adormecera no palco de um teatro de Brighton, o célebre hipnotizador Ralph Slater ganhou seu processo na Côrte de Apelação. O caso teve repercussão em todo o mundo. Miss Rains Bath havia declarado que, depois de haver sido hipnotizada, sentira-se doente e muito deprimida, durante dezoito meses, pretendendo que Slater não tomara tôdas as precauções necessárias para tirá-la completamente do estado de hipnose no qual a mergulhara. O tribunal decidira aceitar a sua queixa e, «por negligência profissional», condenara o hipnotizador. Êste apelou e, finalmente, conseguiu livrar-se da pena. Sob o título «Ganhei minha batalha sôbre o hipnotismo», publicou, a seguir, um artigo, na

Após menos de um minuto, sob o olhar do hipnotizador, o paciente começa a dormir.





Muitos tentam o hipnotismo para forçar o destino, na loteria, na corrida de cavalos, na roleta, etc.

primeira página do jornal londrino «Empire News». Nêle declarava que abriria uma clínica, onde tôdas as pessoas atingidas de nevrose, insônia, defeitos de pronúncia ou hábitos prejudiciais, encontrariam auxílio eficiente.

Hoje, após anunciar que já ensinou o hipnotismo a mais de 3 000 médicos, afirma:

— Creio que o hipnotismo é tão indispensável ao exercício da profissão médica como o estetoscópio — acrescentando: — O hipnotismo continuará, agora, progredindo, estando próximo o dia em que multidões de doentes poderão aproveitar de suas inúmeras possibilidades.

Mal havia terminado a emoção, causada por tais declarações, o «British Medical Journal» publicava um artigo do dr. A. A. Mason, diretor de um importante hospital, anunciando a cura, pelo hipnotismo, de um rapazola, de 16 anos, atacado de **ichthyose**, desde o nascimento. Devemos explicar que a **ichthyose** é uma moléstia congenital da pele, que cobre o corpo de espécies de escamas (daí o seu nome: em grego, **ikhthus**, que significa **peixe**) que secam e caem. É considerada pràticamente incurável.

Ora, segundo o artigo do dr. Mason, atualmente, os braços dêsse rapazola estão 95 por cento curados, sendo a proporção de cura de 70 por cento para o resto do corpo.



Diante dessas duas vitórias, os partidários do hipnotismo triunfam.

— Em breve — dizem êles — recorrerão ao hipnotismo para tôdas as doenças. E por quê não será eficiente até mesmo para o câncer?

Isto, naturalmente, é ir muito longe e muito apressado. Infelizmente, ainda não chegamos lá. Mas é bem verdade que o hipnotismo tem curado afecções, nas quais outras terapêuticas se revelam ineficazes e que ainda poderá vir a render imensos

Esta jovem mulher — atacada de paralisia há três anos — é adormecida por um hipnotizador.



E, durante o sono, recomeça a caminhar. Após a quarta dessas sessões, estava completamente curada.





ESPANTOSA EXPERIÊNCIA: O hipnotizador Rodinos Kotsudis adormece a si próprio, fitando-se num espelho.

serviços à humanidade sofredora. Já é êle largamente utilizado — na Inglaterra, principalmente — para realizar partos sem dor. Foi um jovem obstetra de Londres, o dr. Philip A. Magonet, o primeiro a tentar êsse método, há cêrca de seis anos. Hoje, ganha êle, quase que dia a dia, novos adeptos, e a experiência, realizada recentemente num Hospital do Surrey, pelo dr. A. M. Michael, confirmou, de maneira total e sensacional, a sua eficácia: sôbre trinta voluntárias, vinte e duas deram à luz sem dor, sete despertaram cedo de mais e uma só foi totalmente refratária ao sono hipnótico.

Isto permitiu ao dr. Michael concluir, na comunicação que enviou ao «British Medical Journal»: «Sòmente uma estúpida superstição impede o público e um certo número de médicos de recorrer a êsse processo.»

Segundo êle, tôda mulher, com um pouco de exercício, pode ser capaz de hipnotizar a si mesma para chegar a um parto sem dor. Quanto ao dr. P. A. Magonet, o inventor do método, declara:

— «Agora, parece evidente estar aberta uma nova era para a obstétrica: a prática, generalizada e correta do hipnotismo, poupará a tôda mulher, que confiar em nós, as tradicionais dores do parto.»

O hipnotismo também dá resultados interessantes em outros domínios. Assim, por exemplo, o dr. Magonet curou, entre outros, um rapaz atacado de asma crônica. Quando criança, êsse

Vencido pelo magnetismo do próprio olhar, êle não tarda a adormecer.







O hipnotismo é coisa fácil, e os números apresentados no palco, são muito aplaudidos, mas perigosos.

indivíduo quase havia morrido, tragado por areias movediças, e a recordação dêsse acidente, combinada com a pressão que sentira sôbre a caixa torácica, era a origem de seus sofrimentos. Por sugestão hipnótica, o dr. Magonet lhe restituiu a saúde.

Da mesma maneira, Ralph Slater curou várias pessoas sofrendo de alergia ou prejudicadas pela gagueira. Também foram registradas nítidas melhoras, senão curas, em tôdas as enfermidades podendo ter uma origem psíquica: enxaquecas, úlceras, hipertensão, histeria, neurastenia, insônia, doenças da pele, etc.

O hipnotismo é empregado, enfim, nas curas pelo sono, como são hoje empregadas na Suécia, Rússia e Estados Unidos. Na França, o professor Levina combina a sugestão ao estado de vigília, ao estado de hipnose. O doente é colocado no leito em um quarto escuro. Após uma conversação amistosa, que serve para que o médico conheça o seu estado psíquico, é feita ao doente, da maneira mais simples e mais lógica, uma explicação das bases e das finalidades do tratamento em curso; a seguir, é empreendida a hipnose.

Quando o doente adormece, ou melhor, é adormecido, sugerem-lhe que sua afecção tem pouca importância, que suas capacidades físicas e nervosas são amplamente capazes de o levar à cura radical e que seu estado nervoso, sua inquietação, sua excitabilidade vão ceder a um estado de tranqüilidade e de confiança. Após essas sessões de sugestão, que podem ser repetidas de 5 a 10 vêzes, o doente fica adormecido de 9 da noite às 7 da manhã. De 85 casos assim tratados (61 sofrendo de hipertensão, 11 asmáticos e 13 outros atacados de nevrose) registrou-se **sempre** uma sensível melhora.

Mas, justamente, é em razão das repercussões profundas que o hipnotismo pode ter sôbre o organismo, que numerosos médicos se levantam contra o seu emprêgo... como atração de «music-hall». Se essa arte pode fazer com que um indivíduo **se anestesie**, a fim de não sentir qualquer dor, em caso de queimadura ou de fratura de um membro; se pode ajudar alguém a desembaraçar-se de um hábito nefasto (álcool, fumo ou mania de roer as unhas), também pode provocar perturbações num indivíduo são.

O hipnotismo era conhecido desde muito antes de ser aplaudido como atração clássica dos «music-halls». Os sacerdotes do antigo Egito e da Grécia já o praticavam, assim como os hindus. Foi, principalmente, graças ao suíço Mesmer, que o popularizou em Paris, no fim do século XVIII, que o hipnotismo se espalhou pela Europa, tendo sido utilizado para certas intervenções cirúrgicas. Charcot a êle recorreu, em suas célebres experiências com os histéricos. Entretanto, logo que a medicina descobriu os anestésicos produzidos pela química, voltou as costas ao hipnotismo, que subsistiu, ùnicamente, nas barracas de feira.

Até bem pouco tempo, nada havia mudado. Ainda recentemente, anunciaram, de New York, que um hipnotizador, John Calvert, conhecido como «O Mágico», lançara um desafio ao antigo campeão Primo Carnera. Queria provar que sua fôrça de sugestão dominaria os músculos do gigante italiano. O encontro foi realizado perante milhares de espectadores. Calvert, efetivamente, conseguiu adormecer Carnera, antes de que êste conseguisse acertar-lhe um sôco — mas, tão bem se esforçou... que adormeceu, também, a si mesmo, daí resultando que o «combate» acabou por falta de combatentes.

Mais sensacional, ainda, foram as experiências do inglês Peter Casson. Após haver hipnotizado salas inteiras, propuzeram-lhe fazer uma emissão na «TV» britânica. Êle aceitou, mas, no correr dos ensaios, êle adormeceu uma dúzia de técnicos, o **speaker** e ainda um curioso, que tivera a má idéia de olhar para o «écran». Acharam, então, que os resultados ultrapassavam as esperanças e renunciaram à idéia da emissão pública.

Mas isto chegou para que o hipnotismo voltasse à moda, na Inglaterra, onde é praticado até mesmo em cursos por correspondência, havendo muitos **especialistas**, que colocaram à porta de suas residências e escritórios placas, onde se lia: «Tratamentos hipnóticos». Foi isso o que levou o próprio Peter Carson a lançar o grito de alerta.

— «O hipnotismo pode, realmente, curar. Mas, também, pode ser um remédio perigoso! Pra-



Em estado de hipnose, êsse indivíduo, deitado sôbre pregos, suporta que coloquem uma enorme pedra sôbre o seu adome. Mas a ciência diz: o hipnotismo é uma ciência que não deve servir como espetáculo.

ticado por gente capaz e sensata e, ainda, sob rigoroso contrôle médico, êle pode constituir, efetivamente, um auxiliar precioso da moderna terapêutica. Entretanto, não sendo um dom do Céu quase todos podem aprender a hipnotizar — e nisto está o perigo, pois uma arma tal não pode ser deixada entre as mãos de pessoas que não tenham sérios conhecimentos psiquiátricos.

Em um artigo, publicado no «British Medical Association Journal», um médico, dr. E. B. Strauss, sustenta essa tese. Sugere mesmo, aos homens que trabalham nos serviços de espionagem, a utilização do hipnotismo como meio seguro de resistir à tortura (que não sentiriam) e de guardar seus segredos, mesmo que submetidos ao famoso «serum da verdade».

Outro artigo do «Journal» aconselha aos médicos, em nome da associação, que recorram ao hipnotismo. É recomendado, especialmente, contra insônia, gagueira, enxaquecas, certos vícios prejudiciais e, mais recentemente, para livrar os indivíduos da terrível broca elétrica



Ralph Slater, célebre hipnotizador, consegue adormecer várias pessoas ao mesmo tempo. Recentemente, foi processado por uma de suas clientes.

dos dentistas. Graças ao hipnotismo, segundo o dr. Strauss, um grego pôde reabilitar-se e pronunciar 370 palavras por minuto.

Apesar de tudo — e é sôbre êsse ponto que insistem os médicos e também os hipnotizadores sérios — o hipnotismo não é uma panacéia. Da mesma forma não é tão inofensivo como muitos acreditam.

— Afirmam, por tôda parte — declara Peter Carson — que, mesmo em estado de hipnose, um indivíduo continua submetido ao contrôle de sua consciência e recusara realizar atos atentatórios à moral. É falso. É possível ordenar a um indivíduo hipnotizado que cometa um crime — e êle de nada suspeitará.

«O hipnotismo é, antes de tudo, a manipulação da imaginação. Será bastante, portanto, fazer o paciente acreditar que a vítima que lhe designaram martiriza seus filhos ou põe em risco a vida de uma dúzia de seus parentes, para que êle tenha a impressão de realizar um ato de justiça, e, em nome da justiça, matará sem hesitar.

«Para ordenar o roubo, será suficiente fazer o paciente acreditar que o objeto desejado lhe foi dado de presente e, para que uma mulher ceda aos caprichos de um homem, que ela nem sequer conhece, sugerem-lhe que êles são marido e mulher ou que ela o ama perdidamente.»

Segundo o dr. Jerome M. Schneck, fundador da «Society for Clinical and Experimental Hypnosis», o hipnotismo tem real valor quando usado para o diagnóstico das doenças mentais, assim como meio de dominar insuficiências da vontade, falhas emocionais, etc. O seu uso é aconselhável, também, para certas insuficiências físicas.

Mas, o grande problema — e o perigo — está na insuficiente quantidade de psiquiatras treinados para o apropriado uso do hipnotismo. Para obter o diploma da American Board of Psychiatry and Neurology, um médico precisa de apresentar o seu diploma de doutor em medicina e ter mais cinco anos de um curso adicional de psiquiatria. E, para chegar a bem praticar a terapêutica do hipnotismo, precisa de muita prática.

Isto porque a fôrça do hipnotismo continua sob observação dos psiquiatras mais destacados, os quais concluíram por afirmar que quase todos os indivíduos podem ser hipnotizados — **e gostam de submeter-se a êsse tratamento**. Por quê? Simplesmente para fugir de um mal que não encontrou cura por outros processos.

Porém, a ciência é a primeira a apontar:

1 — Onde o hipnotismo acaba com os sintomas, uma enfermidade pode ser simulada ou prolongada.

2 — Onde o hipnotismo acaba com os efeitos de uma enfermidade mental, mas não com as suas causas, a personalidade pode correr sério perigo.

3 — Onde o hipnotismo consegue o domínio do espírito, pode surgir algum vício condenável, como o dos narcóticos, por exemplo.

Vamos relatar um caso edificante, ocorrido em San Francisco da California, e que servirá de grito de alerta para os nossos leitores.

Um jovem trombonista, chefe de uma aplaudida orquestra daquela cidade, foi atacado por uma paralisia do braço esquerdo. Alarmado com o seu caso, aceitou o oferecimento de um hipnotizador-amador, que se oferecera para curá-lo. De fato, ficou bom do braço. Pouco depois, infelizmente, uma de suas pernas ficou paralisada. O mesmo tratamento teve resultado satisfatório. Mas, não tardou a perder a voz!

Amedrontado diante dessas persistentes aflições, resolveu, mais uma vez, apelar para o hipnotismo. Recuperou a voz, mas, ao fim de um mês, ingressava num hospital — totalmente cego!

O mal teve que ser «desentranhado» por um psiquiatra, que pôde, enfim, explicar tudo. O jovem doente lutava com um grande problema emocional, envolvendo sua espôsa e sua mãe. Êsse era um problema que exigia sua consciente atenção — impossível sob estado hipnótico. A paralisia do braço e da perna, a perda da voz, a cegueira, enfim, eram válvulas de escape para a amarga luta localizada em seu cérebro. Um hipnotizador, sem o devido preparo, perderá tempo tratando dos sintomas, desprezando as causas.

Outro hipnotizador se gabava de haver conseguido que várias dezenas de indivíduos deixassem de beber «whisky».

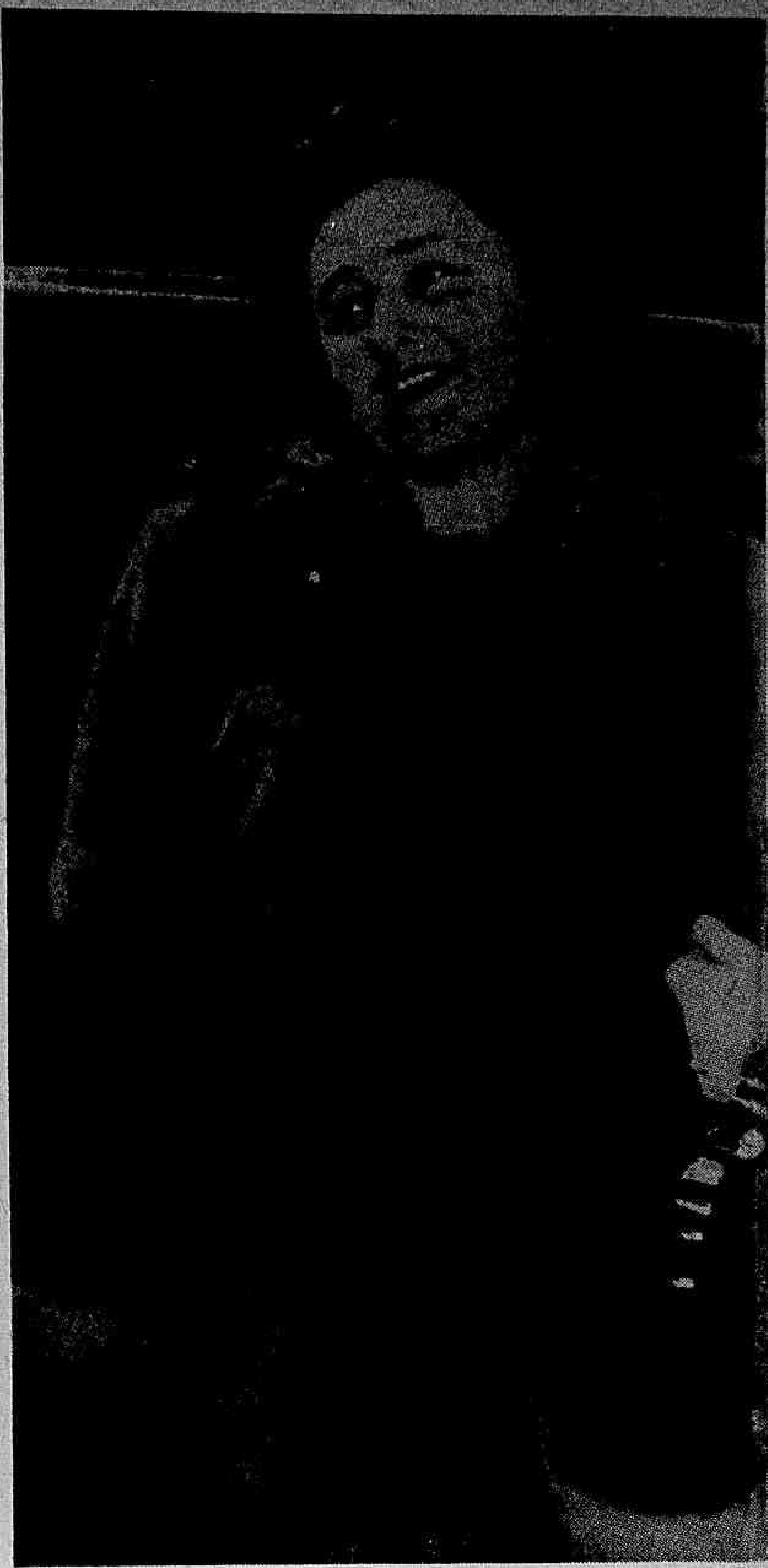
— Foi fácil — disse êle. — Depois de colocar o paciente em transe duas vêzes por mês e de dizer-lhe que o «whisky» tinha gôsto de óleo-de-rícino, êle jamais voltou a beber uma dose sequer! Isto porque eu lhe dei a fôrça-de-vontade necessária!

Porém a ciência discorda. Um psiquiatra explicou que o homem, cujos hábitos cessam por intermédio do hipnotismo, **não está exercendo a própria vontade**. Não teve a sua vontade reforçada! Ao contrário, **ficou inteiramente privado dela!** Ninguém pode ser hipnotizado se não estiver na melhor condição espiritual para isso. Isto dependerá, em grande parte, do próprio paciente. O indispensável, acima de tudo, é que o indivíduo queira ser hipnotizado e possua inteligência mediana. A ciência declara que os morosos de espírito e as crianças não podem ser hipnotizados.

Os psiquiatras definem o transe como «um estado em que o espírito aceita sugestões como realidades». Então, o hipnotizador entra com o seu jôgo: o «wisky» tem gôsto de óleo-de-ricino; o paciente não poderá deixar de dormir antes de contar até cinco; o paciente não sentirá dores lombares, etc.

Da mesma forma, como auxiliar de outras terapêuticas, o hipnotismo pode ter muitos e eficientes empregos. Há mesmo indicações seguras para a cura de enfermidades físicas, como no caso do rapazola inglês, que sofria de **ichthyose** desde o nascimento. Infelizmente, indivíduos irresponsáveis estão explorando os seus parcos conhecimentos de hipnotismo para auferir lucros rápidos, sem a menor consideração pelas conseqüências de seus atos e de sua «ciência».

Não devemos, pois, brincar com o hipnotismo. Abusar pode conduzir a um desequilíbrio mental ou criar uma necessidade semelhante à dos toxicômanos. Além disso, pode-se acabar com uma dor de dentes ou de cabeça, não reprime a causa, pois só ataca o aspeto superficial do mal e não suas origens. Eis porque pode ajudar à medicina, mas não pode, em hipótese alguma, substituí-la.

Jules Rosenberg, de 32 anos, quando entrava na prisão de Sing-Sing, depois de pronunciada a sentença que o condenou à morte. Ethel Rosenberg, sua espôsa, de 35 anos, também condenada. Os Rosenberg, de origem hebraica, foram acusados de haver passado segredos atômicos à Rússia e, na ocasião da sentença, declararam que, longe de arrepender-se, estavam prontos a recomeçar, o que levou o tribunal a mostrar-se severo. Apesar das manifestações e ameaças comunistas em todo o mundo, foram executados.

COMO A RÚSSIA OBTEVE A BOMBA ATÔMICA

W. H. MACDONALD

ACABA de aparecer, nos Estados Unidos, um dos livros mais reveladores, no que se relaciona com a história dêstes últimos anos e a sua repercussão no futuro imediato. Trata-se dos «Cadernos do Prefeito Jordan». O prefeito Jordan foi nomeado, na primavera de 1942 (como executor da Lei de Empréstimos e Arrendamentos), oficial de ligação junto da missão soviética, composta por mais de quatrocentas pessoas e comandada pelo cel. Anatoli N. Kotikov. Essa missão efetuava o enlace aéreo Estados Unidos — Rússia.

Era na época em que a imprensa aliada — e, principalmente, os jornais dos Estados Unidos — designavam a Rússia como a «grande democracia amiga da liberdade e defensora da consciência humana!»

O major Jordan, logo que foi nomeado, decidiu levar para o seu «Diário» tudo o que lhe parecesse interessante. Êsse «Diário» é o que acaba de ser publicado.

SAQUE ORGANIZADO — As revelações de Jordan, que, desgraçadamente, não foram desmentidas em nenhum ponto, parecem, não obstante, incríveis, mesmo para os que conhecem, embora ligeiramente, essas manobras subterrâneas internacionais.

Já a obra do general Charles A. Willoughby, « Shanghai Conspiracy », apontava uma das mais vastas rêdes de espionagem soviética que já existiu em todos os tempos. O livro do prefeito Jordan não tem a envergadura de «Shanghai Conspiracy», porém constitui um testemunho direto dos atos de uma nação que, nem por um minuto, se considerou «aliada» de seus companheiros contra a Alemanha, e que, sob a aparência de uma colaboração, da qual tirou enormes benefícios de tôda ordem, não cessou de preparar



Alger Hiss, alto funcionário do Ministério dos Assuntos Exteriores dos Estados Unidos, que, depois de haver negado, com energia, acabou confessando ter sido, realmente, um agente da União Soviética.

a luta contra os países não comunistas, isto é, não submetidos às exigências do imperialismo soviético.

Na realidade, o prefeito Jordan era o adjunto do coronel Kotikov. Não nos diz que tivesse outra incumbência senão a de facilitar o trabalho russo, assinando, rubricando, etc., todos os papelórios necessários para as saídas aéreas dos «gloriosos aliados soviéticos», que, incessantemente, passam dos Estados Unidos para a URSS.

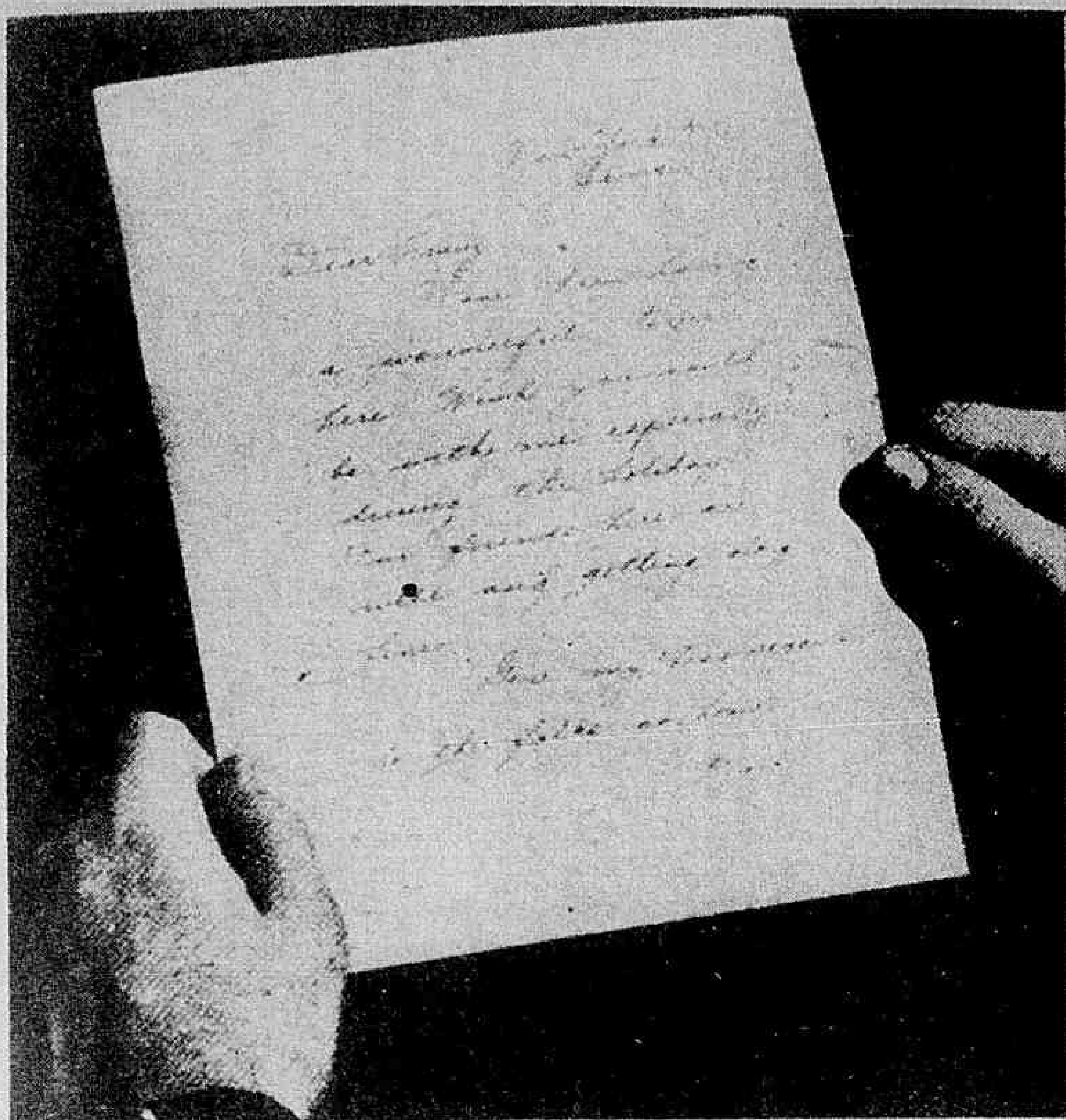
Em fevereiro de 1943, Kotikov e o major foram enviados ao Terreno de Gore, em Great-Falls (Montana), centro de onde partiam os aviões e os materiais essenciais, destinados aos russos. Pilotos norte-americanos os conduziam até Fairbanks (Alaska), onde eram substituídos por outros, russos, isto porque nenhum pilôto norte-americano estava autorizado a penetrar em território soviético. O prefeito compreendeu, em seguida, que a entrada do pessoal russo nos Estados Unidos não obedecia ao menor contrôle. Os aviões russos chegavam com regularidade, os pilotos saltavam em terra e chamavam um «táxi». Sempre parecia que sabiam muito bem onde ir. Nem sequer era comprovada a sua identidade. Sistema extraordinàriamente cômodo para colocar espiões.

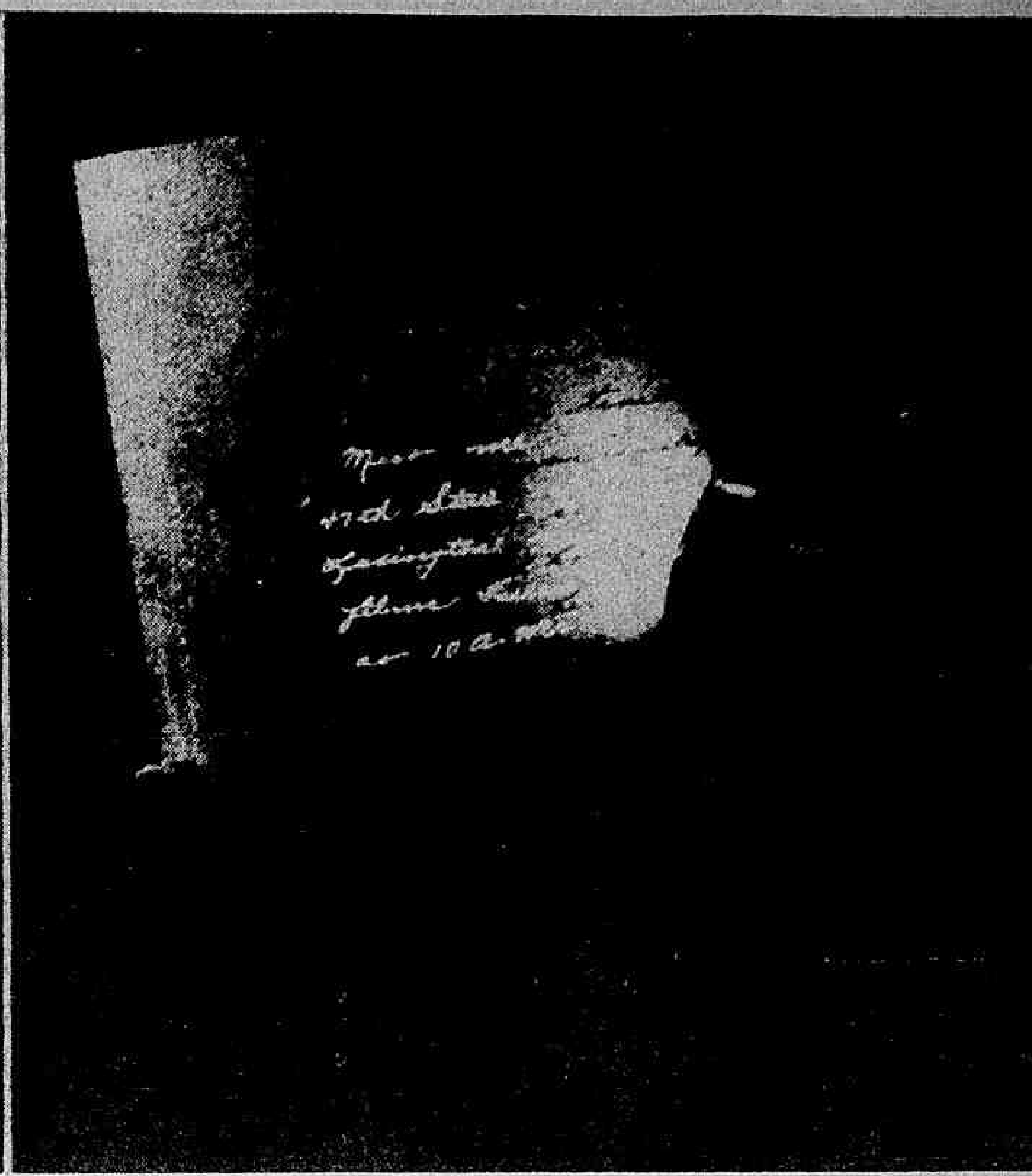
O prefeito se assombrou ao notar o número de maletas de couro negro, prêsas por uma corda branca, selada com lacre vermelho, que eram enviadas a Moscou. A primeira vez foram seis maletas, que, segundo declarou o oficial russo, continham suas «prendas pessoais»; depois foram vinte, e, por fim, saíam, com regularidade, cinqüenta de cada vez, pesando cêrca de duas toneladas e ocupavam todo o espaço reservado do avião. Êsses oficiais foram substituídos por guardas armados e, como o major protestasse junto de Kotikov, êste respondeu que a «imunidade diplomática» se opunha a qualquer indagação. No entanto, as maletas não procediam da embaixada soviética, das da Comissão de Compras Soviéticas, em Washington.

O ÊRRO DO CORONEL KOTIKOV — Convém saber que, apesar de tudo, o prefeito-coronel Jordan era o único que tinha o direito de deixar partir os aviões e, também, podia dar ordens para que fôssem obrigados a aterrissar. O coronel Kotikov, em março de 1943, cometeu um grave



Graças às indicações, facilitadas pelo antigo agente soviético Chambers, o Comité Parlamentar das Atividades Antiamericanas pôde descobrir muitos microfilmes, que corroboram o depoimento de Jordan.





Os espiões utilizam tôda classe de subterfúgios para levar a bom têrmo o intento a que se propuseram. Essa carta, anódina à simples vista, examinada através dos raios ultravioleta, revela uma mensagem secreta.

êrro. Convidou para jantar a seu colega norte-americano e o fêz com uma insistência e uma amabilidade, que ao prefeito pareceram tanto mais estranhas quanto os convites dêsse gênero entre oficiais russos e norte-americanos eram raríssimos. O prefeito desconfiou, terminando por recusar o convite; ao contrário, chamou a tôrre de contrôle do aeródromo de Great Falls, à qual renovou a ordem de que não deixasse decolar nenhum aparelho sem a sua autorização expressa.

Lá para as oito e meia da noite, a **garçonette** de um restaurante, onde jantava, lhe entrega uma mensagem rogando que fizesse uma imediata chamada para a tôrre de contrôle. Acode ao telefone e se inteira que um C-47 se dispõe a partir e dois correios, que acabam de chegar, pedem a ordem de saída. O prefeito se dirige a tôda pressa ao aeródromo. Junto da porta do avião está um russo, de pistola à cintura, deitado sôbre umas maletas negras. O prefeito indica, com um gesto, que vai abrir as maletas, ao que os russos dão sinais de visível agitação, repetindo a palavra «diplomatics». Pensando que podem muito bem assassiná-lo, pois não há testemunhas, o profeito chama um soldado norte-americano, que patrulha não distante dali, e lhe dá ordem para vigiar os russos e disparar logo que acreditar que êles pretendam usar suas armas. Então, um dos russos corre para o hangar, a fim de telefonar.

O CONTEÚDO DAS MALETAS NEGRAS — Tôdas as maletas negras eram destinadas ao «Diretor do Instituto de Informações Técnica e Econômica» Shkaluokaya. Moscou — 47-120. URSS.» O prefeito apanhou uma de cada três e tomou nota no dôrso de dois grandes envelopes (fêz uma relação que, depois, foi comunicada ao F.B.I. e a uma comissão do Congresso). Encontrou o seguinte:

1º — Na primeira maleta: Tabelas indicando as distâncias existentes entre tôdas as cidades dos Estados Unidos; dúzias de mapas de estradas; êsses mapas estavam assinalados e, no conjunto, formavam um tapête completo, referente às fábricas industriais norte-americanas.

2º — Em outra: Documentos relativos ao campo de provas de Aberdeen; documentos contendo informações sôbre a marinha de guerra e a mercante. Cinco ou seis envelopes fechados com elásticos, procedentes do Departamento de Estado; um dêles tinha escrito: «De Hiss (o prefeito anotou o nome, para êle desconhecido, porque era o segundo envelope da pilha; tratava-se, evidentemente, do famoso espião soviético Alger Hiss); continha centenas de fotografias de algo que parecia informações militares. Outro envelope continha as informações dos agregados da embaixada norte-americana em Moscou.

3º — Em outra maleta: Mapas da Comissão do Canal de Panamá, indicando os pontos estratégicos da zona do Canal, as distâncias das ilhas e dos portos.

4º — Na quarta maleta foram encontrados tratados científicos e técnicos e, numa carta em papel com carimbo da «Casa Branca, Washington», assinada H. H., dirigida a Mikoyan, um dos parágrafos dizia, após uma palavra indecifrável: «Muito me custou arrancar tudo isto de Groves». O general Leslie Groves, chefe do Projeto de Manhattan para Oak Ridge, era um dos poucos funcionários de Washington que desconfiava muito dos Soviets. Seu depoimento ante a Comissão do Congresso confirmaria o que supôs o prefeito, isto é: que «Groves» indicava o organismo que

êle dirigia e não sua própria pessoa. Esta carta ia prêsa a outros dois documentos: uma carta, com carimbo «Oak Ridge — Divisão de Engenheiros de Manhattan», e uma cópia de uma informação de três páginas, oriunda de Oak Ridge. Esta informação continha palavras desconhecidas para o prefeito, que as anotou com o fim de descobrir sua significação: ciclotron, proton, deuteron, energia produzida por escisão, «paredes de cinco pés de espessura, de chumbo e de água, para controlar os neutrons volantes», «urânio» (palavra que o prefeito via pela primeira vez em sua vida).

«... SE TIVESSE SABIDO...» — Às onze, o coronel Kotikov surge e protesta. Depois, uma vez que o avião partiu, fica mais calmo. («Se eu tivesse sabido, então, o que sei hoje — escreve o prefeito — não teria deixado partir o avião.») Kotikov pede ao prefeito que não volte a abrir as maletas antes de receber instruções do Ministério da Guerra. O prefeito, esperando ser dispensado de suas funções, prepara as suas maletas; porém não recebe nenhuma comunicação de seus superiores e, afinal, descobre que Kotikov nada revelou do incidente.

Por sua vez, o prefeito apresenta sua informação sôbre o conteúdo das maletas ao coronel George F. O. Neill, oficial de segurança do aeródromo, que a transmite aos seus superiores. Não há resposta.

Como não achar estranho semelhante silêncio ante fatos tão graves? Pouco tempo depois, o Projeto Manhattan embarga a exportação de todos os compostos de urânio.

— «Mas — escreve Jordan — em Washington, alguns crentes se mostraram decididos a que a Rússia recebesse os ingredientes necessários para as experiências atômicas». Êsses ingredientes lhe foram, de fato, facilitados, secretamente, pelo Canadá.

Em 10 de junho de 1943, chegou, por estrada de ferro, procedente de Toronto (Canadá) um carregamento, pelo qual o coronel Kotikov manifestou especial interêsse. Tratava-se de quinze caixas de madeira, que foram postas a bordo de um «C-47», pilotado por um tal tenente Ben L. Brown, de Cincinati. Em Fairbanks, segundo o relatório feito mais tarde por um pilôto, uma das caixas caiu, derramando-se o seu conteúdo: uma espécie de pó, da côr do chocolate. Por curiosidade, o tenente Brown apanhou um punhado. Logo, porém, um oficial russo, com uma pancada, o obrigou a largar êsse pó, ao mesmo tempo que dizia: «Não ! Não ! Queimar as mãos !»

Em 1949, pôde ser comprovado que, durante a guerra, organismos federais entregaram, pelo menos, setecentos e cinqüenta quilos, em três vêzes, de compostos de urânio; duas expedições passaram por Great Falls.

NOS ESTADOS UNIDOS, OS SOVIÉTICOS ESTAVAM COMO EM SUA CASA — Durante o verão de 43, o prefeito abriu outras malas negras; uma delas continha cópias de patentes; outras (um carregamento inteiro de avião) continham filmes. O oficial russo, desta vez, tentou impedir a inspeção, mostrando uma carta do Departamento de Estado, que o autorizava a «visitar qualquer fábrica e filmar suas máquinas e processos de trabalho».

Era o mesmo que dizer: «Nos Estados Unidos, os soviéticos estavam como na própria casa !»

O tráfego das maletas negras começara antes da chegada do prefeito Jordan a Great Falls. Em 1949, o cabo Henry J. Canthen, de um regimento de infantaria da guarnição de Nome (Alaska), declarou que, em princípio de 1942, um «A-20» caiu, incendiando-se, a oito quilômetros da base; êle e mais dois companheiros, todos com **skis**, foram ao local do acidente, a fim de tentar socorrer os ocupantes. Encontrou quatro russos mortos e quatro maletas, duas das quais estavam abertas. Uma delas continha um mapa, traçado pelos engenheiros militares das fôrças aéreas, que mostravam tôdas as posições e defesas em redor da base aérea de Nome. Pouco depois, chegaram uns militares russos, em **auto-spis** e pediram que lhes fôssem entregues as maletas, o que, realmente, foi feito.

DENÚNCIAS SEM RESULTADO — Em janeiro de 1944, o prefeito «cada vez mais inquieto» — segundo êle próprio confessa — vai a Washington, com a esperança de chamar a atenção de seus chefes sôbre o que, a seu juízo, é uma série de violações da segurança dos Estados Unidos.

Vã esperança ! No Departamento de Estado não consegue ver mais que um adjunto de oficial de ligação da Repartição de Empréstimos e Arrendamentos, John Newbold Hazzard, que lhe diz:

— Procure compreender que os oficiais que se intrometem no que não lhes incumbe, podem sair prejudicados.

— «Respondi — declara Jordan — que o Departamento de Estado não tinha notícia dos abusos cometidos pelos russos, nem do número de russos que entravam e saíam, sem qualquer contrôle, nem dos carregamentos e correspondência, de informação confidencial, que saíam para a Rússia.»

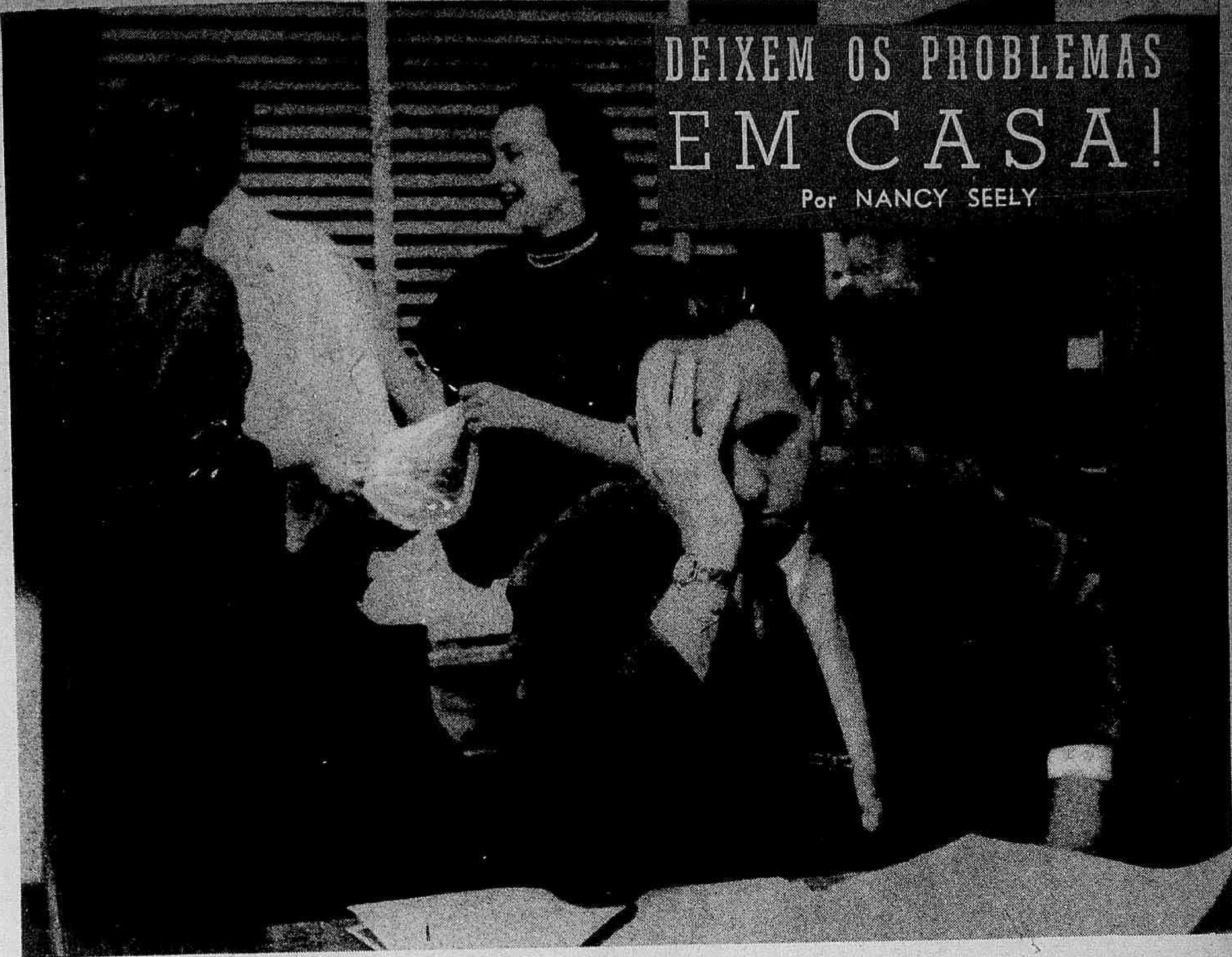
Como se verifica, a ingenuidade do prefeito Jordan era extrema. Também escreve que, em 1942 não ouvira jamais falar em bomba atômica. Mesmo, vários anos depois, não compreendeu o prefeito Jordan que, naquela época, os russos puderam obter todos os elementos necessários para a fabricação da bomba.

O depoimento de Jordan corrobora todos os que já conhecemos. Os sovietes dispunham — e, provàvelmente, dispõem, ainda — de inumeráveis cúmplices nos Estados Unidos.

Felicitemos o prefeito Jordan por seu livro, que aparece, talvez, um pouco tardiamente. As revelações que contém, sem dúvida, teriam aberto os olhos a muitas pessoas nos dias — não muito distantes — em que parte dos jornais do mundo inteiro taxaram o senador Mac Carthy de insensato ou de intrigante.

DEIXEM OS PROBLEMAS EM CASA!

Por NANCY SEELY



O patrão não gosta de ouvir novidades de «lingerie», anedotas e, muito menos, preocupações de família.

MARY veio trabalhar, certa manhã da semana passada, com o nariz avermelhado e os olhos inchados. Ela não estava resfriada, como, à primeira vista, poderia parecer — tivera uma briga com o namorado, na noite anterior.

Na hora do almôço, todos no escritório já conheciam o fato, inclusive o patrão. E, também, ao meio-dia, tôdas as pessoas que ali trabalhavam, inclusive o chefe, denotavam aborrecimentos e um mal-estar prejudicial.

Todo escritório conta com, pelo menos, uma pessoa cujos problemas pessoais a acompanham, em cada dia de trabalho.

Não tenho nada a dizer contra a mocinha que fica aflita e sobressaltada, quando recebe más notícias durante as horas de trabalho. Creio que os patrões e os próprios companheiros de trabalho estão prontos a oferecer auxílio e confôrto em tais emergências.

E, naturalmente, ninguém pode censurar a amizade e solidariedade existentes numa repartição — estas são excelentes complementos de uma elevada moral.

Mas, sem dúvida alguma, existem pessoas que vão longe demais: como, por exemplo, a mocinha que passa grande parte do dia a informar, com abundância de detalhes, o andamento do seu romance atual; e, também, a que fica a conversar no telefone durante longos minutos, quando devia estar contabilizando uma ficha ou batendo uma carta à máquina. E outras mais: a que tem o complexo do «mamãe (ou papai) acha que», e discorre sôbre os principais fatos da atualidade, dando o abalizado parecer do seu progenitor; a piedosa que se preocupa com o estômago dos colegas de trabalho (tive uma secretária que, diàriamente, às 11 horas, percorria o escritório, distribuindo maçãs por todos os que ali se encontravam); e, finalmente, a do tipo, muito comum, que sai para fazer lanche e chega atrasada, sobraçando diversos embrulhos, os quais, naturalmente, escondem as «últimas» criações da moda; cada ítem precisa ser exibido e ser alvo da admiração das demais pessoas **pelo menos uma vez**.

Ia esquecendo de citar o «tipo nobre»: a funcionária, cuja família era rica, mas, por motivo de uma reviravolta na situação financeira, acabou obrigando a que todos trabalhassem. Ela não perde vaza para lembrar aos companheiros que jamais fôra destinada ao trabalho, e devia debutar na alta sociedade no dia em que se graduou na escola de comércio. Êste tipo curioso só é ultrapassado pela funcionária, casada, que vem trabalhar na hora exata, apenas porque não pode esperar, um só minuto, para contar aos colegas o que o professor da escola disse ao seu filho mais velho. E ela tem, também, a particularidade de comentar, com irritante freqüência, a muda batalha que trava com o patrão, visando qualquer melhoria nas condições de trabalho — mas não tem, aparentemente, a coragem de se dirigir diretamente a êle, pedindo aumento de salário ou redução no horário!

Não ouso dizer que os detalhes da vida particular daqueles que lêem estas linhas não são interessantes. Algumas vêzes, chegam a ser fascinantes! Mas, afirmo, cheia de convicção, que os mesmos **nada têm que ver** com o seu trabalho. A etiquêta, no escritório, exige de todos uma atitude impessoal e uma simplicidade de propósito durante as horas de trabalho. Existem milhares de coisas sôbre que conversar com qualquer pessoa — livros, cinemas, programas de televisão — sem ser necessário referir-se aos problemas particulares.

A todos os recém-iniciados no mundo dos negócios, posso aconselhar o seguinte: sentirão dificuldade em manter-se num emprêgo ou em conseguir boas referências, **a menos que aprendam a deixar as dificuldades pessoais em casa**. E, se êles são por demais importantes para que se possa esquecê-los por algumas horas, é melhor ficar em casa, tentando resolver êsses problemas. Não os levem para o escritório!

QUEM SABE EXPLICAR? (III)

— Por VALENTINE DYALL

O CADÁVER

LORD Nicholas Hyde, juiz do Tribunal Superior, encarou a testemunha e disse: — Devo lembrar-lhe, senhor, que esta é uma côrte de justiça e não uma reunião de senhoras idosas fascinadas por histórias de fantasmas!

A figura curiosa daquele homem, de cabelos esbranquiçados, moveu-se no centro do salão, voltando-se para o juiz e enfrentando-o com olhar firme.

— Excelência — iniciou, ignorando as risadas que partiram dos assentos destinados ao público — sou um ministro desta freguesia... Não tenho qualquer interêsse pessoal neste caso, mas fui chamado para testemunhar, dizendo a verdade sob juramento, e isto é o que pretendo fazer.

As palavras foram ditas com tal gravidade, e o rosto do velho expressava tanta sinceridade e determinação, que as risadas desapareceram e, em seu lugar, pairou um profundo silêncio no salão. Por alguns segundos, o juiz e a testemunha trocaram um olhar penetrante e, então, o magistrado se recostou no espaldar da cadeira, declarando:

— Prossiga. Vejo que faia de boa-fé.

UMA TESTEMUNHA VALIOSA

O clérigo balbuciou um agradecimento, voltou-se para o corpo de jurados e, interrompido de quando em vez pelo promotor, continuou as suas declarações.

A história que relatou nos minutos seguintes era verdadeiramente incrível — mas, breve e entremeada de afirmações que não podiam ser postas em dúvida, considerando-se que o homem falava a verdade. Mais tarde, outras pessôas confirmariam a veracidade do seu testemunho, tanto ali, na côrte de justiça, como fora do tribunal.

Jamais outra qualquer testemunha apresentou declarações tão precisas num tribunal britânico. As afirmações daquele religioso, diante do Tribunal de Hereford, em 1629, continuam a ser, ainda hoje, um modêlo de clareza e sinceridade!

Permanece, também, como objeto de freqüente controvérsia e conjetura entre médicos, advogados e homens de igreja. Por causa dêle, o caso — mais precisamente, os fatos que precederam ao julgamento dos assassinos de Joan Norkot — continua a ser um mistério insolúvel, um desafio de 324 anos à medicina forense, aos inquéritos criminais e às normas de justiça.

Das centenas de julgamentos do século dezessete, nos quais a superstição teve papel saliente, o caso Norkot, em si, contém evidência clara e irrefutável que pode, apenas, ser descrita como **um fenômeno psíquico**. O pesquisador



moderno, revendo o processo, não tem outra alternativa, senão aceitar o fato espantoso de que a vítima pôde acusar seus assassinos, da própria sepultura!

PRIMEIRO VEREDITO

Os documentos remanescentes, a respeito dêsse julgamento, são, lamentàvelmente, pobres, tendo diversos dos papéis se extraviado. Mas, felizmente, tôdas as fases foram assistidas pelo Sargento Mainard — posteriormente, denominado Sir John Mainard, «um cavalheiro de grande destaque e respeitador da lei».

Um manuscrito, encontrado entre os papéis de Sir John (após a sua morte, ocorrida em 1690), continha uma exata transcrição do testemunho, e um completo retrospecto do caso.

O «Gentleman's Magazine», de julho de 1851, publicou uma «reconstituição» do julgamento, baseada no que Mainard escrevera e nos remanescentes dos arquivos do tribunal.

Infelizmente, nenhuma dessas fontes pôde declarar o nome dessa testemunha tão importante, o religioso; nem pôde, tampouco, Montague Summers fazê-lo, na referência a êste caso, que incluiu na sua obra moderna: «O Vampiro na Europa».

Contudo, Mainard descreve êsse ministro da Igreja como «um ancião de aparência grave, com cêrca de setenta anos de idade». Para melhor uniformidade desta narrativa, que é feita apos uma compilação de tôdas as três versões existentes em tôrno do caso, vamos chamar a essa testemunha de **reverendo James Benson**.

ACUSADOR



O manuscrito de Mainard começa com a declaração: «Escrevo segundo a evidência que foi apresentada, a qual eu e muitos outros ouvimos, e transcrevo-a exatamente de acôrdo com o que foi revelado no tribunal, perante os representantes do Rei. Joan Norkot, espôsa de Arthur Norkot, sendo assassinada, deu pretexto ao aparecimento de uma questão: a inquirição do legista... forçou o julgamento de Joan Norkot fela de se...» O resto falta no documento.

Mas, quando lemos as páginas escritas a respeito dêste caso, verificamos que o veredito de suicídio não foi bem recebido pelos amigos e vizinhos da morta. Durante semanas, após o inquérito, diversos boatos correram pela pro víncia: muitas pessoas declararam, abertamente, que as testemunhas **não haviam dado ciência de fatos vitais**, tanto ao legista como ao júri. Por que iriam os parentes da «suicida» esconder certos fatos e procurar demonstrar, da melhor maneira possível, que a morte se dera por êsse meio?. Naturalmente, apenas **para encobrir a sua própria culpabilidade!**

Ao fim de um mês o clamor chegou a tal ponto, que as autoridades não mais puderam ignorá-lo. O funcionário encarregado do reconhecimento da «causa mortis» — pròvàvelmente sobressaltado, desde o início dos boatos — não havia ainda declarado, por escrito, o veredito nos têrmos oficiais,



para encerramento do inquérito. Assim, pressionado por líderes civis, acabou ordenando a exumação.

O corpo de Joan Norkot foi retirado da sepultura, numa clara e frígida noite, trinta dias após o funeral — na presença dos funcionários oficiais, de tôdas as testemunhas do inquérito, além de dois médicos e do reverendo Benson e seu irmão — também um ministro de igreja, que retribuía, na ocasião, uma visita feita à sua paróquia, situada numa região próxima. As providências para a exumação foram observadas por grande número de curiosos, interessados no rumo que tomavam os acontecimentos.

PRINCIPAIS SUSPEITOS

Tôda a multidão esperou, tensa e em silêncio, enquanto o caixão era aberto e os médicos faziam um detido exame do corpo. Em seguida, os membros do júri se adiantaram e examinaram, também, o cadáver.

Um dos médicos apontou para uma ferida na garganta de Joan Norkot e disse, com expressão grave:

— Como vêem, ela foi cortada de orelha a orelha. Além disso, o pescoço está quebrado. Deixo ao critério dos senhores decidir se tais ferimentos poderiam ser causados pelas mãos da própria vítima...

Não havia muita confiança na voz do facultativo — naqueles dias, o testemunho médico era, consistentemente, ignorado pelos juízes e jurados. Mainard não explica se o corpo foi examinado antes do entêrro, mas está claro que, se o foi, o exame ocorreu com grande dose de desinterêsse e descuido.

Um homem ficou profundamente emocionado com as palavras do médico — o reverendo Benson, que oficiara o funeral de Joan, um mês antes. Deixando o local em que se encontrava, em companhia do irmão, avançou até a borda da sepultura, e ajoelhou-se ao lado do caixão.

Era difícil de acreditar que aquêles restos mortais houvessem pertencido, algum dia, a Joan Norkot; êle a recordava como pessoa simpática, atraente, espôsa esforçada, e boa mãe. Um crime tão terrível não podia continuar impune! Fechando os olhos, pediu o auxílio do céu para a descoberta do culpado.

Como tôdas as demais pessoas que presenciaram a exumação e ouviram as declarações do médico, o reverendo compreendeu que quatro membros da família de Joan deviam ser considerados os principais suspeitos — Arthur, seu espôso; Mary Norkot, sua sogra; Agnes e John Okeman, seus cunhados. Voltando a cabeça, êle os viu de pé, todos juntos, pálidos e apreensivos, um tanto afastados do resto do povo que ali se comprimia. Foi então, quase num repente, que êle recordou a máxima, bastante antiga, peculiar aos supersticiosos: **«Se o corpo de uma pessoa assassinada fôr tocado por seus matadores, as feridas tornarão a sangrar...»**

Não temos meios de saber se Benson acreditava nessa antiga e trágica superstição ou se viu na mesma uma oportunidade de assustar o matador ou os matadores, forçando-os a uma confissão. De qualquer forma, por sua sugestão, o teste foi feito, embora de modo relutante, por parte dos suspeitos — e os resultados foram verdadeiramente fantásticos.

Com aspeto solene, os funcionários do govêrno guiaram os quatro parentes da morta até o caixão, ordenando-lhes que tocassem no corpo da mesma. Agnes Okeman caiu de joelhos, levantou os braços e gritou:

— O céu é testemunha da nossa inocência!

Estendeu, então, a mão direita. Os outros três suspeitos hesitaram e, com palavras de protesto, embora, imitaram o gesto da mulher.

Segundos depois, o cemitério estava tomado por imensa balbúrdia. Mulheres gritavam e corriam para todos os lados, e os homens, esquecendo o brio e a coragem, pisavam-se e derrubavam-se, procurando fugir pelo portão.

MILAGRE INACREDITÁVEL

As poucas pessoas que tiveram suficiente sangue-frio para permanecer no local, em companhia dos dois médicos e dos irmãos Benson, tiveram que usar de fôrça para deter Arthur Norkot e John Okeman — tomados de terror e semi-enlouquecidos e que procuravam, com a fôrça de animais selvagens, escapar pelo portão do cemitério. As duas mulheres deram menos trabalho, sendo que

Agnes permaneceu imóvel, como que petrificada, a olhar de modo opaco para o caixão.

O corpo morto voltara à vida! E, para aquêles que permaneceram por perto, após a primeira dispersão causada pelo terror de que estavam possuídos, não havia dúvida de que o significado de cada movimento, vagaroso e deliberado, constituía uma acusação, tão clara e precisa, como se Joan Norkot houvesse gritado: **«Êstes são os meus matadores!»**

Diversas pessoas presenciaram o fenômeno, mas várias semanas decorreram, antes de que a história completa ficasse conhecida do público em geral — e, incidentalmente, fôsse, acuradamente, descrita para a posteridade, pelo Sargento Mainard.

Com alguma dificuldade, os funcionários e legistas cercaram os membros do júri e o veredito foi modificado para «assassinato, por pessoa ou pessoas desconhecidas». Os quatro suspeitos foram acusados do crime, embora todos se declarassem inocentes. Durante o inquérito, que se seguiu, o quarteto contou uma história plausível:

Na noite da morte de Joan, o seu marido não estava em casa — afirmaram — pois visitava alguns amigos, próximo a Tewkesbury. O casal Okeman e a sogra dormiam no aposento principal da casa; Joan e seu filho de tenra idade ocupavam o outro único quarto que ali existia.

Pela manhã, a jovem mãe foi encontrada morta, com a garganta seccionada, estando a criança ainda abraçada a ela, adormecida. Uma faca, ensanguentada, se encontrava fincada numa das tábuas do soalho.

As testemunhas concordaram em que um estranho, que entrasse na casa, teria que passar pelo aposento em que êles se encontravam e teria sido surpreendido. No entanto, não ouviram qualquer ruído durante a noite.

Admitiram, porém, que haviam presenciado diversas rusgas entre marido e mulher, e declararam que, na última noite de vida, Joan se mostrava bastante aflita, denotando mesmo um certo desespêro. Em vista do exposto, tudo indicava tratar-se de suicídio — e, apesar dos rumores que continuaram, posteriormente, a esta fase do inquérito, o veredito foi mantido.

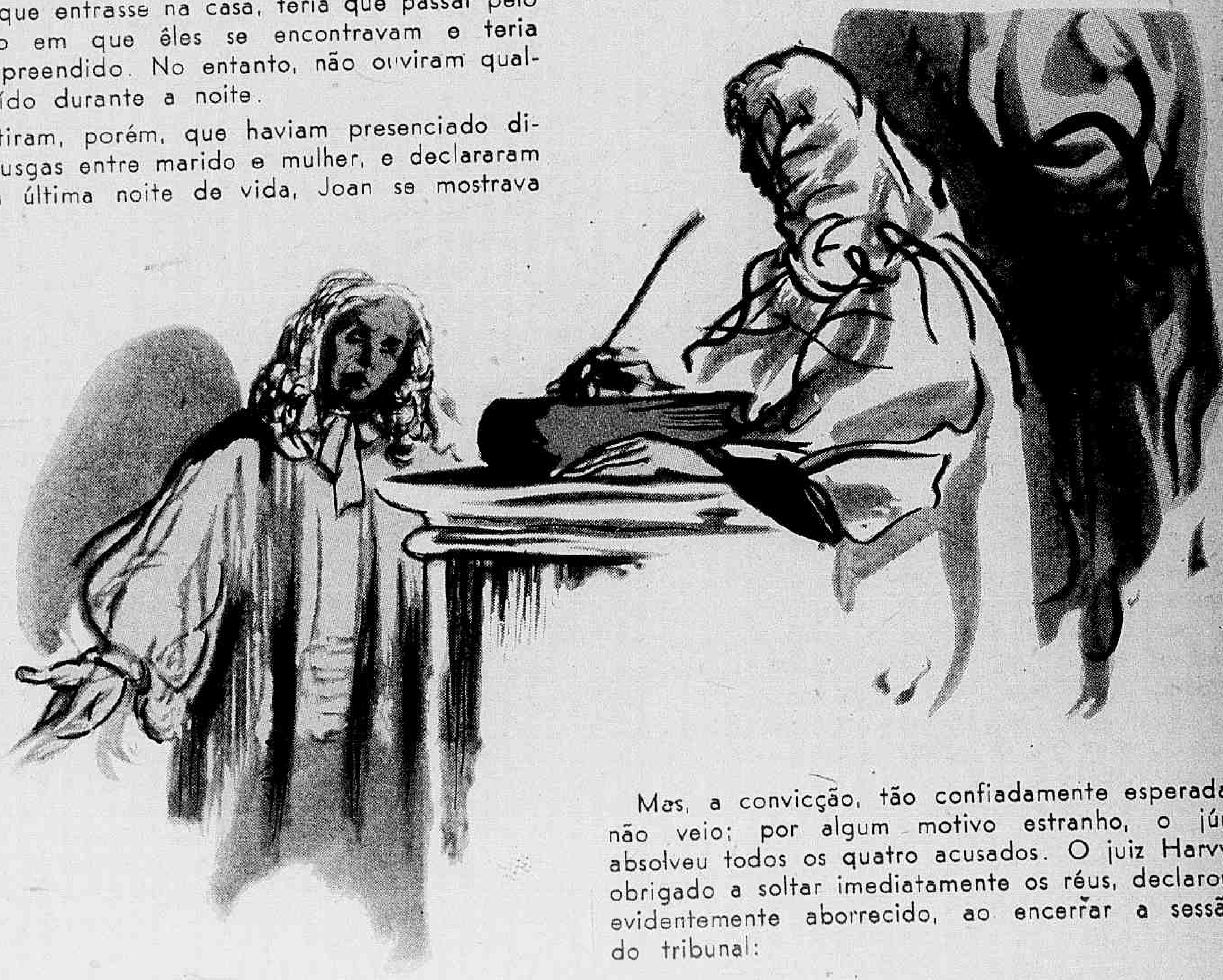
E, agora, a exumação viera **provar** que tal solução era impossível! **Como poderia a mulher cortar a própria garganta e quebrar o pescoço, enquanto deitada no leito?**

Os investigadores do caso, dirigindo-se até a residência dos Norkot, conseguiram reunir certas evidências que denunciavam o homicídio. Inicialmente, descobriram dilatadas manchas de sangue no soalho do quarto de dormir, ao passo que, sôbre as cobertas, haviam apenas algumas pequenas manchas. Haviam ainda sinais de que fôra tentada a limpeza do soalho, para o desaparecimento das nódoas, **sem que tal fôsse logrado!**

Em segundo lugar, o pequeno buraco, feito no soalho pela ponta da faca, foi localizado como estando **a vários metros da cama**. E, quando a ponta da arma foi inserida no referido orifício, o punho da mesma apontou em direção à porta...

O alibi apresentado por Artur Norkot ruiu, fragorosamente, quando foi verificado que êle não visitava seus amigos, em Tewkesbury, por mais de três anos.

Tão fortes pareciam as provas da acusação, que não foi necessário introduzir qualquer evidência a respeito do «milagre» do cemitério. O reverendo Benson não foi arrolado como testemunha, quando o julgamento teve início, diante do juiz Harvy, e com um júri, aparentemente, bem formado, em Hereford.



Mas, a convicção, tão confiadamente esperada, não veio; por algum motivo estranho, o júri absolveu todos os quatro acusados. O juiz Harvy, obrigado a soltar imediatamente os réus, declarou, evidentemente aborrecido, ao encerrar a sessão do tribunal:

— É melhor que uma apelação, contra tão incrível veredito, seja feita, desde agora, para que os criminosos não escapem à punição que merecem!

Poucas horas depois, era apresentada a apelação, em nome do filho da morta. Pela segunda vez, os quatro acusados foram conduzidos ao tribunal, apressadamente, em sessão presidida pelo juiz Hyde. E, durante os trabalhos do primeiro dia, o reverendo Benson foi chamado, para dar um testemunho completo dos fantásticos acontecimentos do cemitério, no dia da exumação.

Numa época em que a existência de «bruxas», «fantasmas» e «demônios» era aceita em tôdas as camadas sociais, e os «milagres» de origem celeste eram considerados como ocorrências quase comuns, muita gente era condenada, puramente, na base dos resultados de variados «testes» e «provas», baseados em antigas superstições. Mas, nem todos os juízes se impressionavam com a introdução de «evidência oculta» ou clamores acusatórios de «intervenção divina».

O chefe de Justiça Hyde pertencia a uma escola progressista de pensamento legal, e estava longe de se convencer de que a conduta de um homem, submetido a testes ou torturas, poderia indicar culpabilidade ou inocência; compreendia, também, estar êsse tipo de evidência sujeito a tôda sorte de abusos e fraudes. Não constitui, portanto, surprêsa que êle se dirigisse ao clérigo, de modo tão rude, no início do depoimento do religioso. Mas, quando o juiz concordou, relutantemente, em ouví-lo, o reverendo Benson fitou os quatro acusados e falou, em tom firme e calmo:

— Senhor, há muito tempo eu conhecia todos os implicados neste caso, mas nunca tive ocasião de demonstrar qualquer sentimento de repulsa para com um dêles, nem, tampouco, tive qualquer ligação com os mesmos, a não ser no que se refere à minha função de ministro religioso dos acusados. E isto não pode deixar de ser maravilhoso para mim.

Hesitou, procurando as palavras adequadas para um momento importante como aquêle, e todos os presentes aguardaram, em silêncio. Então, com voz bastante clara, descreveu os eventos que haviam levado até o momento em que as mãos trêmulas dos suspeitos tocaram o corpo, «momento em que um extraordinário fenômeno foi testemunhado.

— A fronte da morta, que se apresentava lívida, como é peculiar aos cadáveres, passou a apresentar uma tênue camada de suor, que escorreu fartamente. Em seguida, o rosto daquela que estivera enterrada por tantos dias adquiriu uma côr viva, cheia de frescor. Finalmente, abriu os olhos, tornando a fechá-los, após alguns segundos.

O juiz se moveu, nervosamente, na cadeira, de modo inquieto, coçando a barba, enquanto um rumor excitado se levanta da assistência. O promotor pediu à testemunha que prosseguisse em seu depoimento.

«— Êste movimento de abrir os olhos se efetuou por três vêzes. E, enquanto o fazia, a morta esticava o dedo anular — correspondente ao da aliança de casamento — por três vêzes, tornando a descansá-lo sôbre o corpo. E aquêle dedo gotejou sangue sôbre a grama do cemitério. Um homem passou o polegar nessas gôtas, e jurou que se tratava de sangue verdadeiro... **ainda quente**!

O juiz se inclinou para a frente e perguntou, em tom autoritário: — Quem mais presenciou tais fatos, além do senhor?

O reverendo Benson o encarou, visìvelmente surpreendido pela pergunta, replicando:

— Não posso assegurar que outros assistiram à cena — mas, Excelência, acredito que tôdas as pessoas que ali se encontravam viram o que se passava, com exceção dos que saíram a correr, no momento em que os espantosos acontecimentos tiveram início.

Cruzou as mãos, num gesto de humildade e tristeza, continuando:

— «Se há qualquer dúvida a respeito de tais fatos, devem ser chamadas outras pessoas, e acredito que, muitas delas, confirmarão as declarações que agora faço.

E, como um pensamento que lhe ocorresse em seqüência a tais afirmações, acrescentou:

— Senhor! Meu irmão é ministro da paróquia vizinha àquela em que exerço minhas funções e, estou certo, presenciou tudo o que ocorreu! Êle se encontra neste recinto, aguardando ser chamado a depor.

Minutos depois, o irmão do reverendo depunha, sob juramento. Corroborou todos os detalhes expostos pela testemunha anterior.

No dia seguinte, o júri declarou inocente John Okeman, e culpados os outros três. O marido, a sogra e a cunhada de Joan Norkot foram condenados à morte, mas Agnes foi paupada, quando se soube que estava em vias de ser mãe.

QUE PENSA O LEITOR?

O motivo para o crime permaneceu desconhecido, embora se pensasse, geralmente, que Arthur Norkot fôra o assassino, por acreditar na infidelidade da espôsa. As duas mulheres, ciumentas e despeitadas pela posição de Joan como dona da casa, provàvelmente, tornaram-se cúmplices, enquanto John Okeman, um homem simples e pacato, manteve-se alheio ao hediondo crime.

Em conclusão, podemos afirmar que o fato teria permanecido impune, não fôsse o «milagre» ocorrido no cemitério. Agora, no entanto, olhando para trás, através dos séculos que já decorreram, compreendemos que o ministro religioso não foi, afinal, a **testemunha-chave**: foi, apenas, um observador, um inteligente cidadão cumprindo o seu dever e, se o seu depoimento não fôsse bastante, um dos funcionários que procederam à exumação e a tudo assistiram, poderia, certamente, tomar o seu lugar. Mas a pessoa que realmente acusou os matadores não foi outra senão **a própria Joan Norkot!**

Portanto, num dos seus aspetos, o caso ainda continua sem solução, à espera de que alguém possa explicar aquelas fantásticas ocorrências. Que fôrças desconhecidas fizeram o cadáver mover-se? Como pôde sangrar e aparentar frescor, estando enterrado havia trinta dias.

Teria realmente ocorrido um milagre ou haverá um explicação para êsses fatos?

Quem

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e lady Júlia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de lady Júlia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à corte, por lady Júlia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua *toilette* de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que ao regressar de Bickinghum Palace iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de lady Júlia, pedira-lhe, e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de lady Júlia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o *chauffeur*, que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o *chauffeur*, derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o *chauffeur* chamar o Dr. Pargetter, médico da família e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no "fog". O Dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo chauffeur, vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga lady Júlia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detective tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com oltivez, irritando o policial, que, por sua **vez, teima em** apanhá-la em contradição.

— Poderia saber — perguntou com voz cortante — com que intenção faz perguntas tão tolas? Já disse que não fui ontem à casa de mr. Swete. Scotland Yard imagina que eu tenha assassinado alguém?

— Gerry, meu bem... — interrompeu lady Júlia, precipitadamente.

— Mrs. Rossway — disse o inspetor, muito grave. — Estou aqui para me informar sôbre as condições nas quais mr. Swete encontrou a morte. Tôda pergunta que faço, seja à senhora, seja a qualquer outra pessoa, tem sua razão de ser. Tenho que cumprir o meu dever. A senhora também tem um dever a cumprir, que é o de responder sem cuidar de saber o que estou imaginando. Repito, pois: Que gênero de *manteau* a senhora usava?

— Meu *manteau* de veludo negro — respondeu Gerry, de má-vontade.

— Com gola de pele?

— Sim.

— Pele branca?

— *Renard* branca.

Enfrentou, com azedume, o seu interlocutor; porém, êste não pareceu prestar atenção. Parecia concentrar-se sôbre a ponta do seu sapato marrom.

— E — prosseguiu êle, pouco depois — a senhora tinha um leque de plumas?

— Um leque de plumas é objeto que não possuo!

— Podia ter conseguido algum, emprestado.

— Mas, não o fiz! Não tinha, na ópera, nenhum leque, nem de plumas, nem de qualquer outra espécie. Está satisfeito?

Evidentemente, o inspetor estava perplexo. Seu olhar ia de um para outro dos presentes. Sua fisionomia se endureceu, repentinamente, quando deteve o olhar sôbre lady Júlia. Recostada em sua poltrona, ela ria mansamente.

— Inspetor — disse ela. — Parece-me que estamos, aqui, brincando de "amigo ou amiga".

Sua tranqüila autoridade conseguia, assim, dominar tôda a cena tempestuosa.

"— Já esqueceu — continuou ela — que miss Innesmore estêve ontem na residência de mr. Swete? Meu filho declarou que a acompanhou até esta casa, a fim de evitar a multidão que se formara na rua, e que ela lá permaneceu todo o tempo em que o dr. Pargetter procedeu aos exames.

— Tem razão, senhora.

— Não serei tão indiscreta que pergunte que idéia tem o senhor escondida na cabeça. Mas, chamarei a sua atenção para o fato de miss Innesmore usar um vestido com gola de plumas brancas e um *manteau* de arminho, com gola de *renard*. Não é verdade, Aline, que você usava o *manteau* de arminho ?

— Sim, lady Júlia — respondeu Aline, com voz um pouco forçada.

Sentia o olhar de Manderton se deslocar para ela.

— Humm... — rosnou o inspetor.

E, retomando o seu chapéu:

— Agradeço-lhe, senhora. É tudo, por enquanto.

Fêz um gesto de saudação, dirigindo-se a todos ao mesmo tempo. Foi uma saudação muito simples e quase obrigatória. Depois, retirou-se. Rodney continha o riso.

— Palavra, mamãe ! — disse êle. — Êsse homem encontrou, na senhora, quem o dominasse. Lá se foi, o coitado, totalmente desamparado. Quanto a você, Gerry, melhor será que se acautele, pois êle não esquecerá depressa a impertinência com que respondeu às perguntas que lhe fêz. Você fêz tolice grande, tentando gracejar com o inspetor.

— Acho-o odioso ! — exclamou Gerry. — Acusar-me de mentirosa !

— Queixe-se a você mesma — replicou, vivamente, Rodney. — Para que foi irritá-lo com as suas ironias ? Não compreendeu que a sua profissão o obriga a desconfiar de tudo o que não compreender desde logo? Como podia esperar que um policial soubesse que a "Tosca" não tem *ouverture* ? E por que, também, não respondeu diretamente a uma pergunta direta ?

Gerry se rebelou :

— Porque não podia suportar que me tratasse como se fôsse uma criminosa. Como se êsse horrível drama já não fôsse, para mim, uma terrível provação ! Êle que venha, mais uma vez, me aborrecer com perguntas estúpidas e eu... eu... nem sei o que farei ! Mas, pode esperar pelo pior ! Não suporto êsse homem !

Até então, vibrante, desafiadora, repentinamente perdeu a energia e soluçou perdidamente. A cena foi tão imprevista que, em seu redor, a consternação foi geral. Aline quis acalmá-la. Mais rápida que a sua amiga, Gerry, levantando-se com movimentos furiosos, alcançou a porta.

Desorientada, Aline se voltou, a fim de consultar lady Júlia com um olhar. Esta, que se erguera também, aconselhou-a.

— Deixe-a... Assim será melhor — disse ela, sorrindo tristemente, em resposta à muda pergunta de Aline. — Ela está emocionada, o que é compreensível. Nada podemos fazer...

Beijou, meigamente, os cabelos escuros de Aline.

"— Vai você também procurar uma boa distração ! Preciso conversar com Rod.

Aline respondeu ao beijo de lady Júlia com uma carícia afetuosa, depois desceu. Mais que nunca, admirava lady Júlia. Bem sabia a que ponto o drama da noite anterior feria o seu coração generoso; entretanto, já vira lady Júlia dominar o próprio desgôsto e dominar a situação, manobrando o policial com habilidade soberana. Um verso, que recordava, de um poema aprendido no colégio, voltou-lhe à memoria: *"Não, Veneza não esqueceu seu nascimento..."* Assim era lady Júlia ! Que vale ser uma grande dama, por nascimento, se não há o cuidado de conformar a vida à própria posição ? *Noblesse oblige...*

Capítulo XIII

A BERLINDA

Aline não ficou desgostosa de estar só. Tinha que pensar — pensar muito. Sim ou não, Gerry estivera na casa de Swete, na véspera, à noite ? E que significava a insistência do inspetor sôbre o *manteau* e as plumas ? Tinham-lhe sido prestadas tôdas as informações a êsse respeito. Mas, restava o lenço, ignorado pelo temível policial. Êsse detalhe era, realmente, perturbador.

Por que razão Gerry havia mentido ? Não era possível conceber, sem absurdo, uma ligação qualquer entre ela e os dois indivíduos misteriosos, cuja presença na casa de Swete parecia, agora, perfeitamente estabelecida. O alto, o homem de certa idade, com a cabeça protegida por um boné, e o outro, de estatura mediana, o moreno, de chapéu de fêltro cinzento. Por êsse detalhe, seria justo suspeitar-se de Gerry como tendo sido a matadora de Barry. A essa idéia, um arrepio percorreu o corpo de Aline. Sem dúvida, tais coisas acontecem, sob o império das paixões amorosas. Mas, quando o crime, assim, vinha explodir no seio de uma família, qual dos seus membros não recusaria, como ela própria, hoje, admitir a possibilidade de um tal fato em sua existência ?

Rodney bem poderia fingir acreditar que Manderton se retirara desorientado. Aline não estava certa disso. Suspeitava de Gerry esconder alguma coisa. Se Gerry tivesse estado, realmente, na véspera, na casa de Barry, que Aline sabia não estar deitado, que haveria nisso de repreensível e por que, então, não confessar o fato ? Muitas vêzes, ela surgira assim, na casa de Barry, sem ser esperada. Podia ter subido, digamos, em caminho para a ópera. E, nesse caso, por que não dizer ?

Perdida em sua meditação, Aline descera a grande escadaria de Frant House. Estava no fundo do "hall", em face da porta que dava acesso para um corredor, que se abria para o velho *court* de tênis. Sabia que a essa hora o *court* estava deserto: só mais tarde — e raramente — com Rod e Gerry, ela empunhava a raquete. Abriu a porta e desceu para o *court*.

Aquêle *court*, majestoso, sempre cheio de ecos, exercia sôbre Aline uma fascinação particular. Conhecia a sua história por intermédio de sir Charles. Sabia que datava de cento e cinqüenta anos e que a sua construção fôra devida a Philipp-Edward, "o mau conde", também cognominado "Phil, o Louco", que aparecia numa velha gravura afixada numa das extremidades do *court*, na galeria dos espectadores, chamada "o interior", protegida por uma rêde, contra as bolas perigosas.

Tôda vez que vinha àquele tranqüilo recinto, Aline não podia reprimir um ligeiro estremecimento, pensando em Philipp, o Louco, com camisa rendada e *culotte*, raquete na mão, tal como o apresentava a gravura. Ali dissipara êle os vapores de suas bebericagens com o príncipe de Gales, o brilhante "Sherry", o *Belo Brummel*, Doyle e outros alegres camaradas. Que elegâncias aquêles altos tetos envidraçados deviam ter iluminado com sua luz pardacenta! Que pragas teriam ouvido aquelas paredes! Aline ouvia, em sonho, o ruído das raquetes, o grito dos jogadores, ecos de dias prestigiosos prolongado sua vibração abafada ao longo dos anos; ecos que ela gostava de fazer reviver com Rodney.

Sob a direção combinada de Rodney, que era jogador habilíssimo, e de Gerry, que jogava ligeiramente. Aline havia tentado, sem grande êxito, conhecer os mil e um truques do velho jôgo. Jogadora aceitável no tênis comum, começava a saber manejar a raquete antiga e mesmo a bater na bola à maneira indispensável. Mas, fàcilmente, se perdia nas complicações do jôgo.

Semelhante ao teto inclinado de um *atelier*, a abertura para a ventilação corria ao longo de três paredões. O *court*, mais longo que largo, era cortado em duas partes pela rêde. A metade que fazia face ao "interior" ficava junto do serviço. Era dali que se enviava a bola. A outra metade estava destinada a receber a bola e ressoava de maneira estranha, sempre que era tocada. O muro da direita não tinha ventilação. Mas, quase na sua extremidade, formava uma saliência ligeira, fazendo a bola resvalar.

Davam-lhe o nome de "Tambor", por que soava como o tambor militar, estando todo marcado pelo impacto das bolas.

No ponto da rêde, uma porta estreita se abria na galeria, dando acesso a um pequeno *camarote*, provido de um tamborete e destinado ao marcador dos pontos. Sentada no tamborete, Aline abriu sua bôlsa, acreditando que, talvez, um cigarro acalmasse os seus nervos. Para apanhar os cigarros, teve que remover um lenço, a caixinha de pó-de-arroz e o pequenino "álbum-jornal", que não dispensava. Tinha já o cigarro em mão, quando um ruído, vindo do alto, chamou sua atenção. Curvou-se para a frente, levantou a cabeça e viu, do outro lado do court, uma sombra passar, ràpidamente, fora dos quadros envidraçados.

A alguma distância, à direita, por trás de uma longa e sólida rêde escura, a galeria se estendia até à porta do "interior" e, junto dessa porta, se encontrava a escada pela qual se subia até ao teto. Aline a conhecia, tendo ido até lá, certa vez, com Rod, para apanhar uma bola que, num dos estravagantes "drives", enviara através da janela superior, aberta.

Instintivamente olhou e, pouco depois, viu surgir um par de pernas, em redor das quais flutuava flanela cinzenta. Re-



— *Dê a êle o dinheiro de volta! Êle me enche!*

cuou o corpo para melhor ver, e em breve percebeu, chegando pela galeria, o assistente do inspetor Manderton, o graduado de Cambridge. Estava sem chapéu e seus cabelos tinham reflexos de cobre. Imediatamente, o recém-chegado reconheceu Aline.

— Espero que não tenha sofrido muito com as emoções de ontem — disse êle, sem preâmbulo. — Acabo de dar uma olhadela lá por cima. Engraçada essa velha casa, não acha ? De que época é isto ? Sabe ?

Ela se ergueu, pousou o cigarro e, para o deixar passar, penetrou no *court*. Êle a seguiu. De pé, junto da rêde, ao lado dela, olhou em redor.

— Século dezoito — disse ela.

— Tão velha, assim? Que lugar surpreendente, palavra ! Que atmosfera ! E aquêle paredão que ronca como um tambor ? Arre !

Ria, agora, e seus olhos piscavam, por trás das lentes espêssas. Aline o fitou. Não. Não parecia um policial aquêle rapaz.

— Se soubesse como êsse tambor atrapalha o jôgo, não estaria rindo. Ficaria até zangado, como acontece comigo.

— A senhorita joga ?

— Claro !

— Eu já devia prever...

Decididamente, não adiantava falar-lhe em tom glacial. Êle teimava em romper o gêlo. Aline capitulou. Riu, também, ao perguntar:

— Que quer dizer ?

— Que seria impossível imaginar êsse *court* em repouso, estando a senhorita por perto. Vejo-a como a norte-americana típica !

— Devo ver nisso um elogio ?

— Sempre que o inglês que fala não é um tôlo ou um cego.

Ela sorriu, apaziguada. Êle prosseguiu.

— Não era aqui mesmo que ficava, antigamente, a cocheira ?

— Sim... Parte, creio, constituía a cocheira. Puseram abaixo para construir o *court*, segundo me foi contado por sir Charles. A casa, que era habitada por mr. Swete, e a garagem vizinha, representam uma parte das cocheiras primitivas. Esta muralha...

Aline indicava a parede interrompida pela saliência.

— ... está apoiada sôbre a própria parede dos fundos da residência de mr. Swete. Quando se joga neste *court*, o choque da bola é ouvido do outro lado, na cozinha. Pelo menos é o que afirma Roberts, pois não creio que seja ouvido no *living*.

— Não seria possível, realmente, porque a parede da sala fica mais afastada, a fim de permitir a entrada da luz pela clarabóia. Mas, para ter a certeza, sera indispensável subir ao telhado.

O jovem Dane, ao falar, aproximara-se da parede e dali contemplava o "tambor".

— O coitado bem necessitaria que lhe fornecessem ar para respirar.

Bateu com a mão contra o muro.

"— Céus ! — exclamou. — Sabiam construir, antigamente ! Quem mandou construir o *court* ? Algum dos antepassados de sir Charles ?

— Esta era a residência dos condes de Frant. Nela residiam, quando vinham a Londres. Sir Charles só a comprou depois da guerra.

— Frant House, efetivamente... Eu devia saber isso. Vejamos: não houve um lord Frant morto durante a guerra ?

— Sim. E um outro, antes dêle, ou melhor: um dos herdeiros presuntivos do título, mas que não chegou a alcançá-lo, pois morreu no correr de uma campanha distante. Êsse se chamava lord Ivinghoe. A família está hoje extinta.

— Triste caso, êsse ! Realmente, Miss Innesmore, são lastimáveis essas velhas famílias inglesas... Algumas cheiram a môfo...

— Não podemos dizer isso de lord Ivinghoe — respondeu, vivamente, Aline. — Era, segundo creio, um homem robusto, muito vivo, e infinitamente simpático. Dizem mesmo que era bonito tipo de homem. Lady Júlia tem um retrato dêle, em grande uniforme dos Horse Guards. Sob o capacete e a couraça de prata chega a parecer um deus. E pensar que tinha sòmente trinta e dois anos quando morreu ! Foi terrível ! Seu avô foi o construtor dêste *court*... Aquêle cujo retrato o senhor pode ver, naquela parede...

Caminharam lentamente para o "interior" e Dane contemplou, com atenção, o retrato do "Mau Conde".

— Êsse homem dá a impressão de ser um tanto louco — disse êle, a guisa de comentário.

— Por isso, talvez, o chamavam de *Phil, o Louco* — respondeu Aline. — O último lord Frant, que morreu nas trincheiras da França, não tinha vintém. *Phil, o Louco*, tinha jogado fora tôda a fortuna em jogos de cartas, festas e cavalos...

— Um homem que gostava de viver bem !

— Sir Charles possui, por haver comprado todos os bens de Frant House, o original de uma coleção de cartas relativas a êsse personagem. Foram escritas por um sobrinho de Phil a seu pai, residente no campo. São cartas deliciosas. Sir Charles me desaconselhou a sua leitura, mas, apesar disso, ousei passar os olhos e pude verificar que há nelas uma franqueza atrevida. Relata tôdas as aventuras do mau conde, não se detendo ante nenhum detalhe...

— Faço uma idéia !

— Fala, por exemplo, de uma certa May, que, certa vez, correu tôda a praça

fronteira a êste edifício, completamente nua, perseguida pelo conde, que descarregava contra ela o fogo de duas pistolas.

— Costumes da Regência! — disse, rindo, Aline. — São-lhe atribuídas outras aventuras de igual quilate. Era aqui mesmo, nesta espécie de arquibancada, que costumava instalar as suas belas amigas, para que o vissem jogar o tênis. É o príncipe de Gales, o que foi mais tarde George IV...

— Sei.

— Pois bem. Também êle freqüentava êste *court*, havendo fabulosas apostas entre êsses fidalgos...

O jovem Dane contemplava a galeria sombria. Daí os seus olhos procuraram, vagarosamente, examinar todo o *court*, agora vazio.

— Estranho lugar! — murmurou o jovem policial. — Parece estar cheio de fantasmas!

— Há quem afirme — disse Aline, com um pequeno arrepio pelo corpo — que *Phil, o Louco*, costumava voltar... movido pelo remorso de haver arruinado a sua família. No fim da vida, sem vintém, e para escapar aos credores, teve que refugiar-se na França, onde morreu quase em abandono.

— Como o pobre Brummel?

— Sim... Viveu muitos anos ameaçado de prisão por dívidas. Mas, sempre conseguiu fugir dos cobradores!

— Um patife, em suma! Mas...

Dane consultou seu relógio de pulso:

"— Quase onze horas. O chefe deve estar perguntando o que foi feito do seu auxiliar. Deixei meu chapéu no *hall*.

Ela o reconduziu a Frant House. Uma quase intimidade se estabelecera entre êles, e Aline tinha grande desejo de se informar, junto dêle, sôbre o progresso do inquérito. Mas, já havia notado o cuidado com que êle evitava tôda alusão ao assassinato da véspera.

No *hall*, quando êle retomava o chapéu, avistou a "berlinda".

— Que lindo, êsse velho meio de transporte! — disse êle, em tom convencido.

— Pertenceu à família de lady Júlia. Veja! Aqui estão as armas da família.

Aline apontava, sôbre o painel encantador da porta, o brasão com o esquilo.

"— E não acha realmente lindo êsse interior todo forrado de cetim?

Imagino as belas damas que, outrora, viajaram nesta berlinda...

— Gostaria de ver a senhorita sentada ali — arriscou êle, com uma súbita galanteria respeitosa. — Por que não ensaia essa berlinda?

Ela o fitou, surpreendida e risonha.

— Como ousaria?

— Que a pode impedir?

Através do *hall*, seu olhar foi procurar a escada; depois, movida por um impulso brusco, empunhando o trinco finamente cinzelado, introduziu a cabeça no interior da berlinda. Porém, logo recuou e, precipitadamente, tornou a fechar a porta.

— Não. É melhor não entrar. Isto parece tão frágil!

Nesse instante, um passo apressado foi ouvido por ambos; a seguir, a voz de Rodney, que chamava Larking.

— Já é tempo que me retire — disse Dane.

E os dois jovens trocaram um sorriso de velhos amigos, enquanto ela o acompanhava até o limiar do *hall*.

Ao voltar, avistou, na escada, poucos degraus acima do solo, Rodney falando com Larking, que tinha em mão uma bandeija. Ela o chamou:

— Rod!

Êle se voltou e a viu, de pé, parada, com ar grave, diante da "cadeirinha". Apressou-se a descer. O mordomo desaparecera.

— Venha ver... — disse ela.

Abriu a porta da berlinda e afastou-se para lhe dar passagem.

"— Veja... Atrás da almofada.

Sôbre o assento estreito, uma pequena almofada de sêda azul estava encostada



— *Esta noite, vamos ser treze à mesa. Isto dá azar, chefe!*

— *Não faz mal. Antes de começar o jantar eu mato um.*

sôbre o fundo. Rodney a removeu. Ali havai um revólver !

Rod tornou a fechar a porta e, com o revólver em mão, voltou-se para Aline.

— Quando você apareceu — explicou ela — eu estava em companhia do assistente do sr. Manderton, que viera visitar o *court*. Julguei preferível nada dizer a êle, antes de falar com você. Êste parece um local estranho para ser guardado um revólver. A quem pertence essa arma ? Você sabe ?

— Não tenho a menor idéia. Nunca a vira, antes de agora — respondeu êle, com ar perplexo.

Um som ligeiro, que se assemelhava a uma profunda respiração, feriu os ouvidos de Aline. Voltou-se. Larking ali estava. Havia depositado a bandeija. Tinha a bôca entreaberta, os olhos dilatados pelo terror, fitando o revólver na mão de Rodney.

Capítulo XIV

O REVÓLVER

Rodney mantinha o revólver em equilíbrio na palma da mão. Era uma arma de cano longo, parecendo em mau estado. Levantou a cabeça e, vendo Larking, perguntou:

— Que fazia êsse revólver na "berlinda" ?

— Na "berlinda", sr. Rodney ? — repetiu o mordomo, com voz rouca.

— Sim... Você bem ouviu o que eu disse.

Depois, impressionado com a figura singular que o velho servidor apresentava, voltou a perguntar:

"— Que tem você ? Está doente ?

Larking respirava com esfôrço.

— Não, senhor; obrigado — murmurou.

— Mas... fiquei assustado, vendo o senhor com essa arma tão grande...

— Até parece que você está vendo pela primeira vez um revólver. Sabe quem pode ter colocado esta arma na "berlinda" ? Terá sido você ?

Larking teve um sobressalto.

— Deus me livre !

— Então, quem terá sido ? E a quem pertence ? Veja !

E Rodney ofereceu o revólver ao mordomo.

"— Veja se já o viu, alguma vez... Se sabe a quem pertence...

Mas, Larking recuou.

— Pelo amor de Deus, senhor. Cuidado ! Com essas armas, quando estão carregadas, pode acontecer algum acidente grave...

Rodney voltou-lhe as costas, baixando a mão; Aline e Larking ouviram um pequeno estalido. Depositando o revólver sôbre a mesa vizinha, Rodney insistiu:

— Afinal, Larking ! A quem pode pertencer esta arma ?

— Não posso saber, sr. Rodney. Ignorava mesmo que existisse nesta casa uma arma assim.

— Entretanto, *alguém* depositou a arma na "berlinda".

— Interrogarei Frank e as camareiras. Mas, a "berlinda" é coisa tão delicada ! E lady Júlia, como o senhor sabe, não quer que toquem nela. Tenho a certeza de que nenhum dos criados...

— É melhor nada dizer, *a ninguém*, Larking! Todos, nesta casa, já estão perturbados com o drama de ontem. Talvez tenha sido mr. Murch... De qualquer maneira, eu mesmo perguntarei a êle.

— Muito bem, senhor.

Larking parecia ter pressa de se afastar. Decidiu-se, finalmente. Rodney, então, tornou a apanhar a arma, guardando-a no bôlso interior do paletó.

— Suba comigo, sim ? — pediu êle a Aline. — Tenho que falar com você, a sós.

Aline se sentiu lisonjeada. Jamais, até então, Rodney abrira para ela o refúgio sacrossanto onde passava a maior parte de suas manhãs, escrevendo. Fazia uma imagem imprecisa do ambiente em que um homem do tipo *byroniano*, como Rodney, trabalhava: luzes bem estudadas, divã confortável, paredes com desenhos cubistas e, talvez, no ar, um pouco de incenso. A realidade foi para ela agradável surprêsa. Gostou da grande sala, bem mobilada e iluminada. A enorme mesa central, juncada de livros e de papéis, as estantes, simples, práticas e sem pretensão. O divã, porém, apresentava linhas grandiosas. Nenhuma outra gravura ou quadro, além do retrato de lady Júlia, em moldura de prata, reprodução de uma grande tela de Sargent, que decorava o salão de recepção. Parecia que dali a grande dama vigiava o trabalho do filho.

O gabinete de Rodney ficava na parte mais alta da casa, sôbre os aposentos dos servidores. Um tanto sem fôlego, Aline parou, ao chegar, percorrendo com o olhar todos os detalhes, enquanto Rodney fechava a porta e tornava a empunhar o revólver.

— Suponho que, por "auxiliar do Inspetor", você quis dizer Dane, o jovem Dane, graduado por Cambridge...?

— Exatamente. Não consigo nunca recordar êsse nome !

Entretanto, Rodney havia destacado o tambor do revólver. Começou por inspecionar o cano, muito de perto, à luz de uma das janelas. Sucessivamente, explorou, com o indicador, cada um dos demais orifícios. Explorou mesmo tôdas as câmaras do cilindro. E, após cada uma dessas operações, examinava, atentamente, a ponta do dedo. Finalmente, rompeu o silêncio:

— Gostaria de saber a que sentimento você obedeceu, escondendo de Dane êste seu achado.

Aline corou ligeiramente.

— Ora... — respondeu ela, lentamente.

— Pensei que, se o revólver estava naquele lugar, era porque o haviam escondido. Não sei quem podia ter sido, Rod. E, se alguem, nesta casa, gosta de esconder revólveres, presumo que a polícia deve ignorar, principalmente numa ocasião como esta que atravessamos.

Os olhos de Rodney se encheram de gratidão.

— Obrigado. Você é uma boa amiga, Aline.

Brincava com o revólver na mão direita.

"— Em todo caso, é preciso que a polícia tenha esta arma.

Ela sentiu um temor obscuro.

— Por que, Rod ?

— Porque esta arma foi usada ! E recentemente. Veja !

Apontava para o tambor. Feito para seis cartuchos, só restavam cinco, com fundo de cobre. Uma das câmaras estava vazia. Rodney, a seguir, exibiu o indicador: a extremidade estava negra de pólvora.

"— E não e tudo ! Pargetter afirmou que Barry foi assassinado por uma bala de grosso calibre, atirada por um revólver do exército e, em conseqüência, desprovida de envelope. Uma pistola automática, segundo você talvez saiba, dispara balas chamadas "brilhantes", porque são envolvidas em níquel. Ora, êste revólver, incontestàvelmente, é uma arma do exército. E veja ainda...

Rodney retirou do tambor um dos cartuchos. Acima da base de cobre, brilhante, projetava-se o cinza opaco do chumbo.

— Rod! — exclamou Aline, desorientada. — Você não acredita que êsse revólver...?

— A polícia dirá.

— E... Você sabe a quem pertence?

— Nunca o tinha visto, antes de agora. O único desta casa a possuir uma arma de fogo, segundo creio, é Chass. Guarda-a na casa de campo. E é uma pistola automática.

Rodney, ao falar, voltou a depositar a arma sôbre a mesa.

— Não pertenceria... a Larking, por acaso? — disse Aline.

— Por que você pensou isso? — perguntou Rodney, levantando bruscamente a cabeça.

— Bem... É que... Sem dúvida, você não olhou para êle, quando viu a arma, há pouco... Foi uma expressão terrível, Rod !

Rodney ficou um instante mudo e sério.

— De fato, o velho idiota parecia fora de si...

Um pote de fumo se encontrava ao alcance de sua mão, sôbre a mesa. Retirou o cachimbo do bôlso e começou a encher o depósito.

"— Quem pode saber ?... — murmurou, com ar pensativo.

— Você não está querendo acusar Larking ?

Êle desatou a rir e tirou do cachimbo uma grande fumarada.

— Não é bem isso. Não o acho capaz de praticar um crime. A que móvel obedeceria, além de tudo ? Mas...

Retirou o cachimbo da bôca e ficou olhando para Aline algum tempo, antes de prosseguir:

"— Há, ao menos, uma coisa positiva, que é esta: Larking está em nossa casa há muito tempo, desde o meu nascimento, segundo penso. Êle se considera como pertencendo à família. Se soubesse alguma coisa capaz de nos prejudicar, individual ou coletivamente, tenho a certeza de que não se abriria a ninguém. Ou foi êle quem escondeu o revólver na "berlinda" ou sabe quem o fêz !

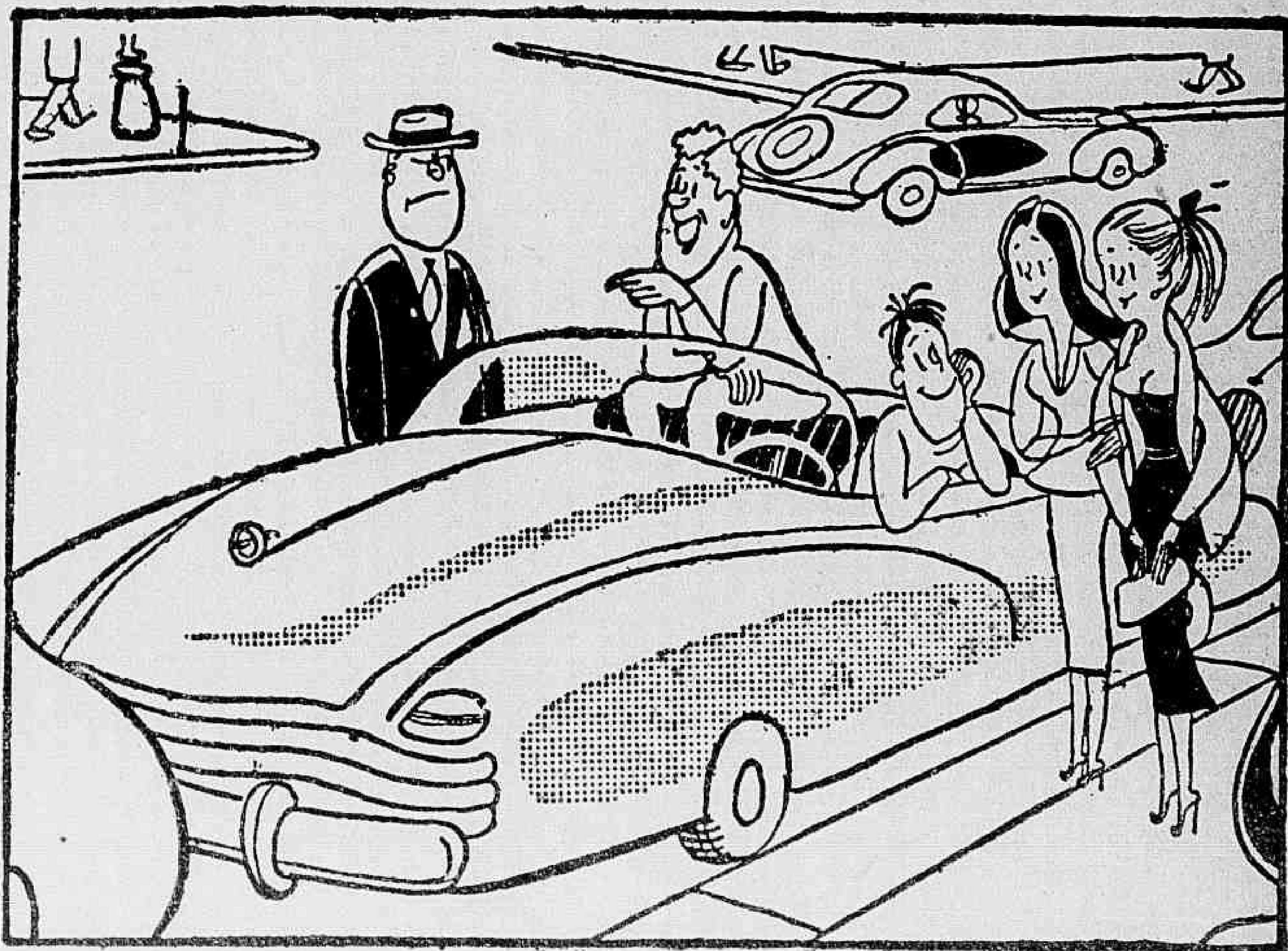
— Você... acredita, realmente, que tenha sido alguém desta casa ?

Rodney refletiu um bom momento, antes de responder:

— É, realmente, o que estou pensando...

Fêz uma pausa e continuou:

"— Que diz você dêsse Manderton, Aline ?



— Êste automóvel é do senhor? Nós já vamos sair dêle... Já encontramos o que queríamos.

— Êle me amedronta — respondeu ela, sinceramente.

— Mas... E, depois ? Digamos que você se coloca no lugar de Gerry ? Que diria ?

Uma certa hesitação se manifestou no semblante da norte-americana.

— Se pude entender, pelo interrogatório que fêz, êle acerdita que Gerry estêve na residência de Swete, na noite de ontem.

— No que não estou longe de lhe dar razão.

E como, vencido pela tristeza, Rodney se calasse, ela pediu:

— Vamos sentar um pouco, quer ?

Ela própria foi sentar no divã. Êle, meio apoiado sôbre o braço da poltrona, em que habitualmente repousava, observou-a calado.

— Quer um cigarro? — perguntou, finalmente, enquanto abria a carteira.

— Não, obrigada.

— Rod — começou ela, lançando-lhe um olhar furtivo. — Já que falamos de Gerry...

— Então ? — indagou êle, notando que ela interrompia o seu discurso.

— Você, talvez, me julgue indiscreta, mas... mas, não acredita que tornará a situação muito difícil, falando dêsse revólver à polícia ?

— Acredito tanto que já agradeci o favor que nos fêz, escondendo-o do jovem Dane.

— Devo, então, concluir que, tudo muito bem considerado, você não o dará à Polícia ?

— Falarei com meu pai. Sei, desde já, o que êle vai decidir. E não fará mal. Mas, sei que êle tem, hoje, na cidade, uma importante reunião de negócios e só estará de volta muito tarde. Daqui até lá, vamos fazer, por nossa conta, um pequenino trabalho de detectives.

— Oh ! Isso é magnífico !

— Na verdade, não estou bem certo sôbre o método a seguir. Para começar, entretanto, creio que vou procurar Gerry...

A lembrança do lenço pesava sôbre o espírito de Aline. Ficou inquieta.

— Suspeita de que ela esconda alguma coisa ?

— Se disse a verdade, não pode haver inconveniente para ela que Chass entregue esta arma à polícia. Em caso contrário...

Não terminou, apenas erguendo os ombros, como se deixasse o resto por conta do destino. Aline, porém, tentou obrigá-lo a explicar-se melhor.

— Você não gosta muito de Gerry, não é mesmo ? — perguntou.

— Teria por Gerry muita amizade, caso se conduzisse de maneira diversa com Sholto. Êle a adora, pobre irmão, e eu tenho por Sholto a maior afeição. Não posso suportar a idéia do que faria, se soubesse que Gerry...

Começou a caminhar, de um lado para outro, na sala.

— Pare um instante, Rod. Não deve ficar assim, por favor. Ouça o que desejo dizer...

Êle se deteve, com um brilho mais forte nos olhos e uma dobra de amargura nos cantos da bôca.

"— Não condene Gerry — prosseguiu Aline. — Ela pode ter sido... tôla, mas, tenho a certeza de que não fêz nada que mereça censura. Sei — se é isso que deseja saber — que ela continua a amar o seu irmão; mas ninguém parece ver ou sentir isso, nesta casa, de tal maneira vivem, todos, absorvidos pelos detalhes mundanos, os deveres, etc.

— Não diga isso. Estamos, todos, desejosos de amá-la como deve ser amada uma pessoa da família. Mas ela é voluntariosa, sempre fazendo questão de viver a vida a seu modo, de fazer o que bem entende. Bem sei quão rude para ela foi o golpe de ontem. Desgraçadamente, a sua atitude não simplifica as coisas nem para ela, nem para nós. Se, ao menos, ela se dignasse a nos mostrar um pouco mais de franqueza, talvez tudo se modificasse...

— Quer me permitir intervir junto dela, Rod ? Tenho por Gerry uma afeição que data do dia mesmo em que a conheci. Se ela deve confiar-se a alguém, é a mim, tenho a certeza. Mas, com a condição de que ninguém se intrometa. Prometido ?

— Ela é misteriosa como um poço, teimosa como ninguém. Conheço-a melhor que você, Aline. Quando resolve calar, ninguém a obriga a falar. Entretanto, se ela esconde alguma coisa, melhor fará revelando tudo, antes de que Chass entregue êste revólver a Manderton. Ou, então... que Deus a proteja ! Em todo o caso, pode tentar. Prometo não me intrometer.

Falava, ainda, quando, rápido como o raio, deixou cair um livro sôbre o revólver, pousado sôbre a mesa. Aline voltou a cabeça. Gerry acabava de entrar...

Capítulo XV

ONDE O DETALHE DO REVÓLVER AVANÇA UM PASSO.

Gerry se aproximava com a sua maneira de sempre, onde a indiferença predominava. Nada havia, em suas maneiras, que parecesse convidar à simpatia ou pressagiar confidências.

(Cont. no próximo número)

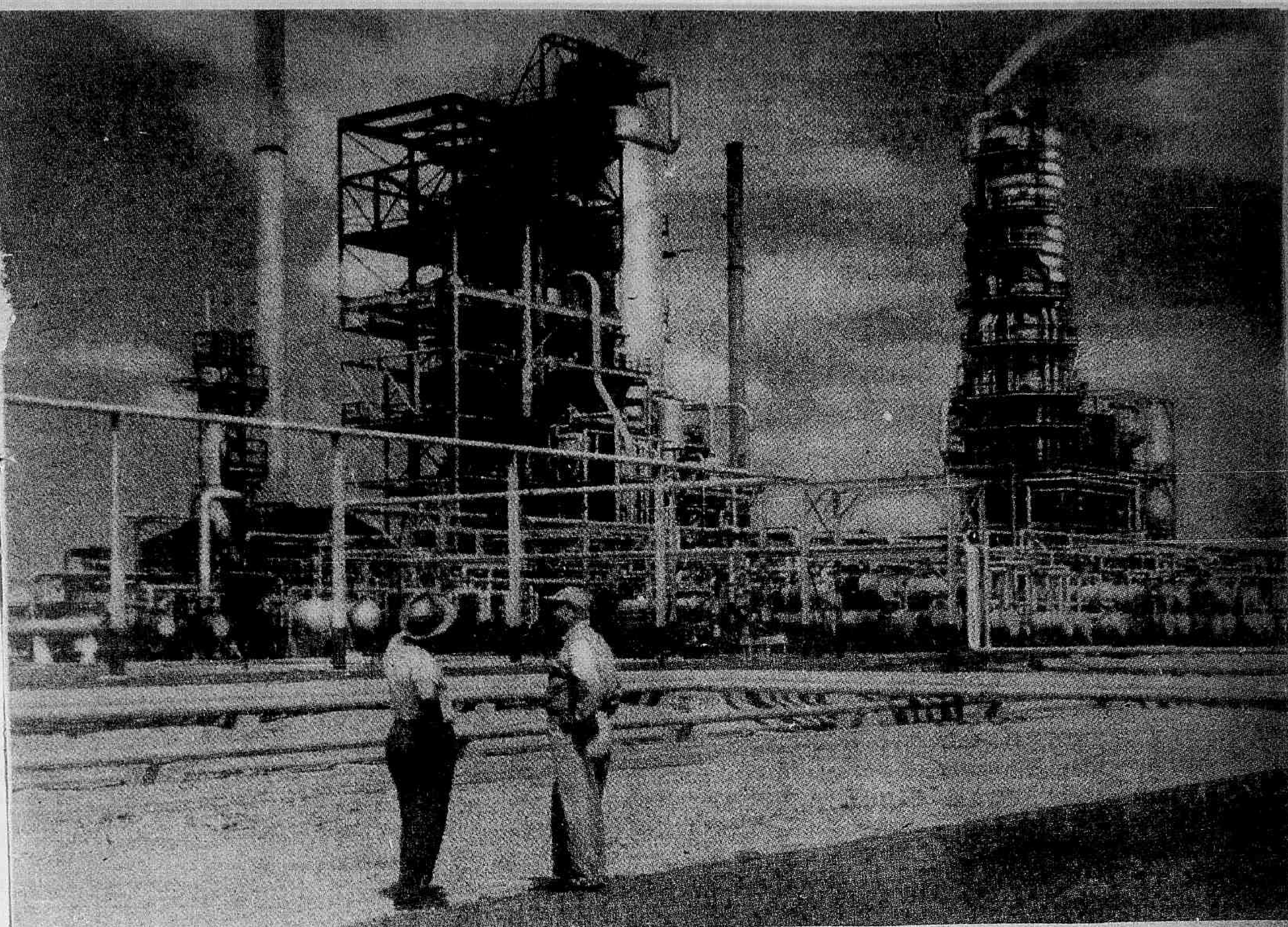


JAN STEEN

(1626-1679)

A Enfêrma de Amor (Rijksmuseum — Amsterdão)

Esta pintura é uma das mais importantes de Jan Steen, entre o grande número de obras que, dêsse autor, possui o Rijksmuseum, de Amsterdão. Tanto na cena que representa quanto na execução pictórica, êste quadro anuncia que seu autor é um dos artistas mais bem dotados, um pintor cujas criações surgem de um pincel animado de grande facilidade. Em seus desenhos surge como artista muito espiritual: sua fôrça criadora lhe permite emprestar a suas figuras um porte determinado e qualidades absolutamente típicas. Mas que como pintor — dado que sua técnica revela em algum momento simples rotina — Steen tem tôdas as características de um excelente ilustrador. Na grande variedade de suas criações podemos observar, no entanto, que em tôdas elas a atenção fica concentrada em algumas linhas gerais. Quando suas improvisações humorísticas são transplantadas para a tela, notamos em Jan Steen um pintor eminente, que não apenas seduz pela simpatia das cenas que escolhe, como pelo alto valor pictórico de suas composições. Neste aspecto, William Hogarth (o pintor que, entre todos os inglêses, mostra mais analogia com a sua obra) fica muito abaixo. Entre as obras de Steen podemos selecionar algumas que são obras primas, tanto pelo colorido como pela harmonia da composição. Sua técnica, delicadíssima, diverte-se na mais minuciosa representação daqueles detalhes, que podem dar ao quadro uma maior animação. Porém, mais que por seu valor técnico, a obra de Steen sugestiona por seu conteúdo emocional. "A Enfêrma de Amor" é, nas artes plásticas, um prodígio de humorismo, que só pode ser comparada, na esfera literária, com algumas criações de Molière. A mulher moça, enfêrma de desgôsto de amor, foi tema preferido pelos pintores do gênero daquele tempo, porém quase sempre foi tratada de maneira grosseira e trivial. Jan Steen, com um humorismo são, dá-lhe ar quase dramático, numa forma espiritual e de grande originalidade. Está a jovem enfêrma colocada em posição naturalíssima, apoiando a bela cabeça nas brancas almofadas. Seu olhar lânguido, perdido no espaço, permite inferir a verdadeira causa de sua doença. Aparentemente sem vontade, como mergulhada em deliciosas recordações, entrega o braço ao médico, para que êste conte as pulsações. A ciência do faleno é, sem dúvida, impotente contra essa enfermidade e, perfeitamente compenetrado do caso, parece prevenir a enfêrma, dizendo-lhe que não é nos textos médicos, mas sim no livro da vida, onde encontrará o alívio que pretende. A maneira como estão tratados os panos e os acessórios completa a sensação de obra perfeita, que o espectador experimenta diante dessa tela. — W. *Steenhoff*.



Vista das tôrres atmosférica e de distilação ao vazio, respectivamente, de uma refinaria de Paranaguá.

Nossas Irmãs da América

NA VENEZUELA O PETRÓLEO É O PRINCIPAL

DR. ANGEL FRANCISCO BRICE

(Membro da Academia de Ciências Políticas e Sociais da Venezuela).

SITUADA no extremo setentrional da América do Sul, a Venezuela dista algumas horas da América do Norte, por via aérea, e, apenas alguns dias, por via marítima. Bem podemos dizer que êsse país irmão se situa como um orientador, na parte norte da América do Sul, convidando os países austrais do Novo-Mundo que, unidos em propósitos e ideais, se dirijam à conquista pacífica do porvir.

Esta terra privilegiada foi descoberta por Cristóvão Colombo, em sua terceira viagem, no dia 1º de agôsto do ano de 1498. Conta a história que foi batizada com o nome de Venezuela em memória da preciosa cidade de Veneza, pois Alonso de Ojeda e Américo Vespúcio, ao descobrirem esta região, encontraram casarios indígenas sôbre o Lago Coquivacoa ou Maracaibo.

Aberta à vida internacional em 5 de julho de 1810, passou a fazer parte da Gran Colômbia para logo se constituir em república independente, em 1830.

Desde a época em que era colônia da Espanha, podia ser considerada como país no qual a administração pública é verdadeiramente rica. Assim, naqueles velhos tempos, com uma população que não passava de novecentos mil habitantes, as rendas públicas tinham uma receita média de, aproximadamente, 700 000 pesos (cêrca de 2 800 000 cruzeiros). Em 1828, época da Gran Colômbia, segundo o estado de contas formado por Rafael Revenga, as receitas foram de 2 462 369 pesos e 6 centavos (mais de 8 000 000 de cruzeiros), não obstante a interminável sangria que significava para o tesouro nacional, nessa ocasião, a cruenta luta pela independência.

No ano de 1839, o govêrno da Venezuela arrecadou cêrca de 2 727 176 pesos, o que vale dizer que a diferença com as rendas, durante o govêrno espanhol, não era muito grande, apesar da pobreza em que se achava o país, como conseqüência da Guerra Magna, pois esta luta tenaz não só esgotou as arrecadações fiscais, como, também, devido à perda de homens, faltaram braços no campo, advindo daí que as produções agrícola, pecuária e mineral, fontes de riqueza (quase única) de então, estiveram na mais com-

pleta inatividade. A estatística sôbre a exportação da Venezuela vem demonstrar o vigor econômico que a distingue e como, apesar de haver sido administrada, durante a maior parte do tempo, sem nenhuma orientação científica, o fisco, com algumas épocas de exceção, se encontrou bem provido, a ponto de cobrir as suas necessidades sem ter que chegar a recursos extremos.



Duas das magníficas jazidas de minerais de ferro da Venezuela: o Poderosas companhias realizam, atualmente, custosíssimas obras para

Isto é corroborado pelas cifras correspondentes ao período anterior a 5 de julho de 1810, comparadas com as do ano 1836-1837, das quais se tem notícias certas. As primeiras alcançaram a soma anual de 4 776 500 pesos (19 106 000 cruzeiros), as segundas, ou seja, as pertinentes ao período da República, chegaram a 4 943 597 pesos e 5 centavos (cêrca de 19 774 388,20 de cruzeiros).

Como é natural, nessas exportações não se incluía o petróleo, mas, ùnicamente, produtos da agricultura e da pecuária, e o desenvolvimento econômico ainda começava, muito acanhado e cheio de entraves, pelo que êstes dados permitem deduzir, com certeza, a potência do país quanto ao desenvolvimento da riqueza.

A evolução continuou favoràvelmente e, assim, no ano de 1951, o erário nacional conseguiu rendas num valor de mais de 2 256 milhões de cruzeiros, dos quais correspondem mais de 864 ao grupo dos hidrocarburetos, sem contar a contribuição da indústria petrolífera no recolhimento do impôsto sôbre a renda.

Êste ramo da fazenda pública alcançou, em total, mais de 502 milhões, dos quais a arrecadação, junto às companhias petrolíferas, montou em 394 milhões; de modo que, em realidade, a indústria de hidrocarburetos contribuiu para o fisco na média de 38,31 por cento, no que diz respeito às suas contribuições referentes aos «impostos de hidrocarburetos», e em 78,13 por cento no que toca às entradas do impôsto sôbre a renda.

A fonte da maior contribuição é a do petróleo. Durante o ano de 1951, ela se distribuiu, em cruzeiros, da seguinte forma: impôsto de exploração, 820 000; superficial, 31 590 000; exportação de petróleo, 563 200 000; exportação de gás, 9 450 000; venda de petróleo das regalias, 3 460 000; transportes, 170 000; cópia de planos, 4 000; e isto tudo apresentou um total de 864 480 000.

A Venezuela tem outras fontes de riqueza, entre as quais se distinguem: a agropecuária, a industrial, a de minas, o comércio exterior e o câmbio.

Com respeito à produção da agricultura, no ano de 1951 foram exportados 12 929 000 quilogramas de cacau e 18 470 000 de café, os quais deram, na parte concernente à exportação, 35 990 000 e 65 140 000 de cruzeiros, respectivamente.

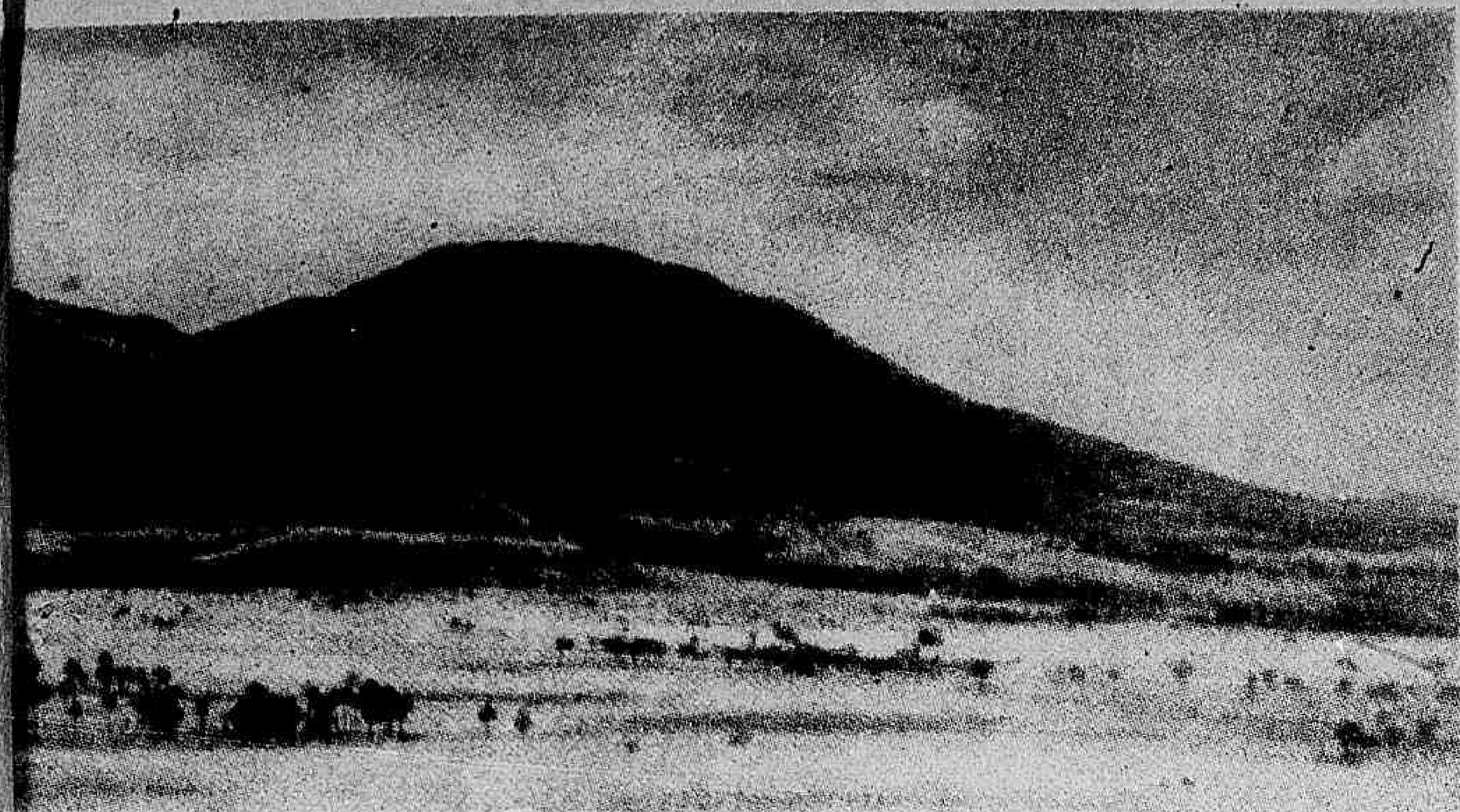
Por sua parte, a indústria produz alimentos, bebidas, cigarros, pneumáticos, câmaras de ar, cimento, têxteis e outros artigos, dos quais não existe exportação, no entanto.

A mineralogia, sem contar o petróleo, está formada, principalmente, pela extração de ferro, ouro e diamantes. O primeiro dêles produziu, em 1951, 1 269 611 toneladas, das quais se exportaram 715 386; o segundo, no mesmo ano, apresentou uma produção de sòmente 89 quilogramas, devido à paralisação das atividades da companhia exploradora, mas nos três anos anteriores essa produção ultrapassou os 1 000 quilôgramas, em cada um dos períodos; com respeito aos últimos, produziram 63 765 quilates; já em 1948, a produção alcançou 75 513.

Num cômputo total, as exportações chegaram a 4 533 milhões de cruzeiros durante o ano de 1951.

Para que se tenha uma idéia exata da influência da produção na situação econômica do país, é bastante conhecer a percentagem que corresponde às diversas fontes de riqueza, no total das exportações: o petróleo, naturalmente, é o que contribui com maior coeficiente. Sua cota é de 96.43 por cento, enquanto a do café é de 1,44, a do cacau de 0,79 e a de vários outros de 1,34. Embora a percentagem dos produtos que não são de petróleo, no total de exportações, seja reduzidíssima, não deixa de ser de alguma importância para a economia do país, porque o valor se distribui, quase integralmente, dentro da nação e vem dar um novo impulso à circulação da moeda.

O câmbio é outra das importantes fontes de riqueza nacional: segundo as disposições aplicáveis ao mercado de câmbio, as divisas petrolíferas podem ser adquiridas, ùnicamente, pelo Banco Central, e êste determinou um preço de câmbio. Assim, pois, em verdade, êste mercado é controlado, quase em sua maior parte, pelo referido estabelecimento bancário, porque a indústria de hidrocarburetos é a que o provê de mais divisas. Os contratos, durante 1951, alcançaram um total de 620 05 milhões de dólares da seguinte procedência: petróleo, 608 70 milhões; cacau, 8.14 milhões; diversos, 3.21 milhões. Isto significa que as divisas petrolíferas totali-



monte «La Frontera», em primeiro plano, e o «Monte Bolivar», ao fundo. a exploração dessas jazidas, que deverão tornar-se fonte de riqueza do país.

zaram cêrca de 92,8 por cento, as do cacau 1,3 e as do grupo variado, 5 por cento.

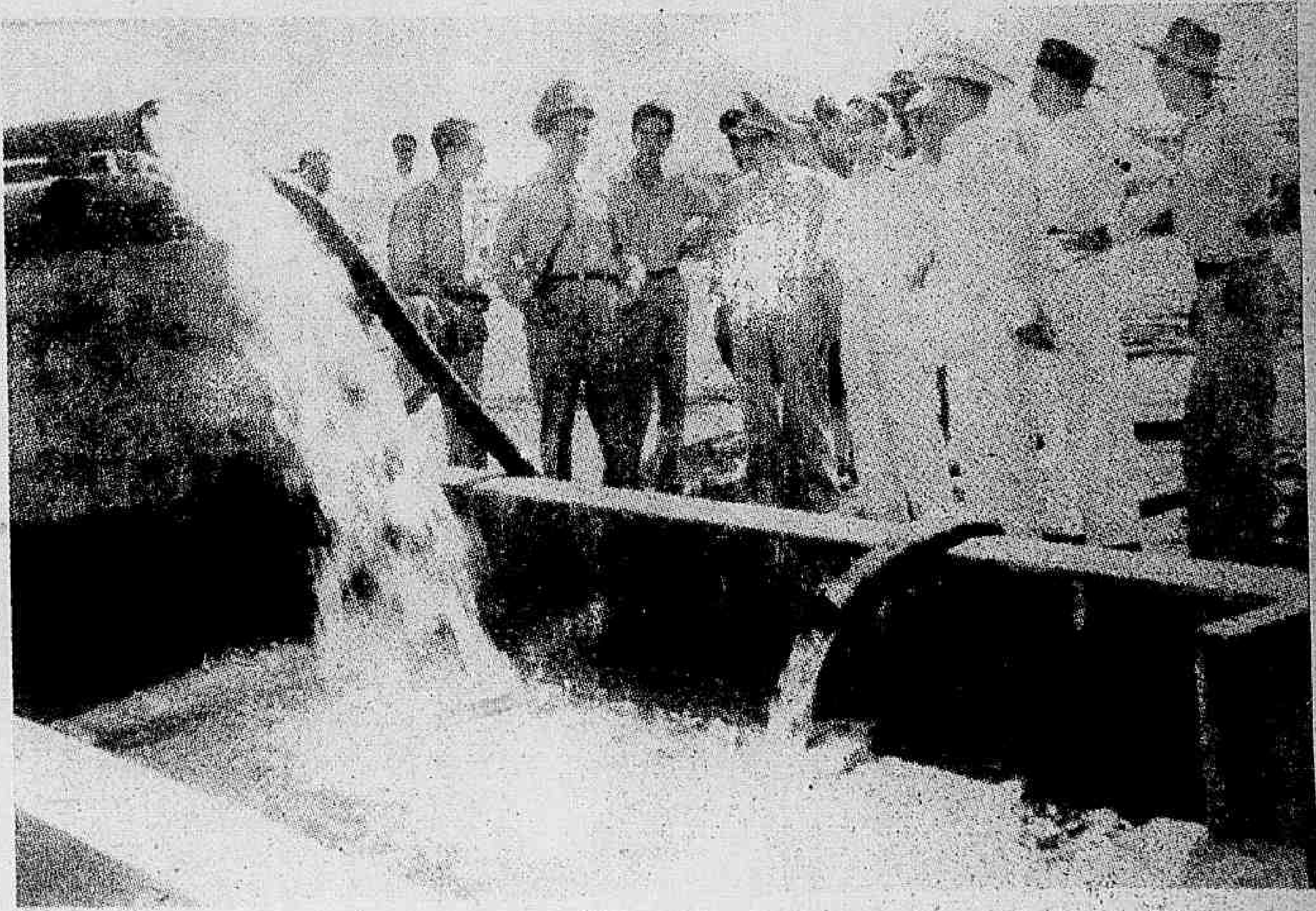
Êstes dados nos informam, com sua proverbial eloqüência, que o petróleo é a fonte de riqueza que está alimentando, em primeiro plano, a economia nacional. E êle estimulou a fama de que goza a Venezuela, até o ponto de haver contribuído, em 1951, com 61,82 por cento do total das arrecadações fiscais, o que permitiu que a soma de gastos totais no referido ano montasse à quantidade de 2.268.96 milhões de cruzeiros, distribuídos, pelos diversos ministérios, da seguinte forma: Relações Interiores, 327 620 000; Relações Exteriores, 21 780 000; Fazenda, ... 141 500 000; Defesa, 193 580 000; Fomento, ... 151 910 000; Obras Públicas, 810 640 000; Educação, 139 490 000; Saúde e Assistência Social, 142 820 000; Agricultura e Pecuária, 110 780 000; Trabalho, 20 830 000; Comunicações, 124 090 000; Justiça, 68 660 000; Minas e Hidrocarburetos, 15 270 000.

Vale destacar o fato de que as Obras Públicas arrecadaram 35,66 por cento, isto é, a percentagem mais alta, e o Ministério de Saúde conseguiu 6,48 por cento, o que equivale a percentagem mais alta, depois da correspondente ao de Relações Interiores, que foi de 17,46 por cento e do de Defesa, que montou a 9 por cento. Merece ser distinguido, também, o Ministério de Educação, que ascendeu a 6,21 por cento, quase igualando com o da Fazenda, que arrecadou 6,22 por cento.

Estas cifras deixam ver, de maneira evidente, a influência decisiva das arrecadações fiscais no progresso material e cultural do país, uma vez que, desde logo, a administração pode destinar elevadas quantidades do e r á r i o à construção de obras públicas, ao fomento da saúde e assistência social e ao setor educativo, três dos mais importantes grupos que contribuem, de maneira eficaz, para a manutenção do bem-estar social, porque, especialmente, dão impulso ao desenvolvimento rodoviário da nação, fortalecem os meios requeridos para satisfazer as necessidades públicas e melhoram o estado físico e moral do [illegible]ento humano, por mei[illegible] luta contra as enfermidades e a ignorância, a fim de que o país possa con[illegible]ar com homens sãos e fortes, capacitados a resistir na luta pela vida.

As quantidades indicadas, constituindo verdadeira «dança dos milhões», demonstram, palpàvelmente, a necessidade que existe de **semear o petróleo**, segundo a feliz expressão do nosso malogrado dr. Adriani ou do notável escritor pátrio Uslar Pietir. A frase se atualiza cada vez mais, porque, seguindo por êsse caminho, o país [illegible]baria por tornar-se monoprodutor e folga indicar o[s] grandes males que esta situação pode criar-[illegible] se, por desgraça, chegasse a sofrer o petró[illegible] uma dessas crises a que é tão propenso [illegible] também, se pudesse ser descoberto um subst[illegible]tivo capaz de efetuar uma competição de [illegible] desvantajoso para o petróleo.

O problema, portanto, embora nã[illegible]one, é de importância constante e cr[illegible]unca



Uma das obras de irrigação destinadas a incrementar a produção agrícola.

seria demais dedicar-lhe, freqüentemente, alguns comentários, pois pensamos que as realizações que se tenham de levar a cabo devem tratar de efetuar a desejada **semeadura**, de um modo apropriado, por meio do fomento planificado da produção, principalmente da riqueza agrícola, pecuária e industrial. Mas que essa planificação não seja feita a retalhos, e sim em conjunto: devem traçar-se as linhas essenciais de um programa, para a obtenção de um resultado satisfatório, e estabelecer-se um método que sirva de norma e desdobramento, até chegar ao fim. Chega de ensaios. Êste assunto da produção haverá de ser, necessàriamente, por etapas, e, referindo-se a determinados produtos, inicialmente abastecer o consumo nacional, para logo pensar na exportação. Em seguida, quando se pensar na mesma, devem ser escolhidos os produtos que possam competir com êxito no estrangeiro. O caso é complexo, sem dúvida, o que significaria mal entrever a solução do problema, se êste não fôsse atacado em suas bases centrais: caminhos, eletrificação, créditos, riscos, sem coordenação e sem método, são modalidades; é requerido, principalmente, que se vá bem fundo: aumentar sistemàticamente a produção das diversas fontes de riqueza pelos meios necessários, porque, produzir com método significa, indubitàvelmente, **semear** o petróleo. E, por isso, já é tempo de modificar o celebrado adágio, para qualificá-lo. Assim, poderia dizer-se com maior propriedade, talvez, de acôrdo com seus fins, que se deve «semear **metòdicamente** o petróleo».

A solução do problema é, portanto, de método, de sistema, de planificação, para que sejam incrementadas as principais fontes de riqueza com que conta o país.

★ ★

FERRAMENTA DE SERVIÇO — Em Toronto, Kenneth Coughlin foi prêso sob acusação de "carregar arma ofensiva". Entretanto, desculpou-se, explicando ao juiz que precisava da "bengala-estoque" para a própria defesa, no exercício da sua profissão. *Era coletor dos impostos*.

★

SIMPLES PREFERÊNCIA — Em Elbowoods, North Dakota, o diretor do serviço de Proteção aos Índios anunciou, no Boletim Oficial, que George Lôbo Rasteiro mudara de nome, passando a chamar-se George Corvo Que Vôa Alto.

★

CONFIANÇA — Em Agincourt, França, o ferreiro Henri Vinten foi encontrado, pelos bombeiros, tranquilamente na cama, lendo o jornal, enquanto a sua casa queimava. Interrogado sôbre tal atitude, êle respondeu: — "Não me levantei porque julguei que não era preciso. *Os senhores fazem o serviço tão bem...*"

★

LAR, DOCE LAR — Em Portland, Oregon, a sra. Hattie D. White solicitou divórcio, alegando que seu marido não apenas cismava de ver fantasmas, como, ainda, não a deixava dormir, com a mania de conversar até alta madrugada. — Em Memphis, a sra. Mae W. Butler pediu divórcio porque o marido estava sempre afirmando que ela não entendia da política nacional. — Em Boston, a sra. Betty Aplebaum Weiner pediu divórcio, alegando ao juiz que o marido a havia surrado... quando a encontrara lendo a seção de "pequenos anúncios", de um jornal, *com a esperança de encontrar algum trabalho para êle*".

MODA INGLÊSA



Isto que os leitores vêem, acima, é fruto da imaginação dos modistas inglêses. Trata-se de roupa de praia. O chapéu, que protege contra os raios solares, tem indispensáveis aberturas, como óculos, sem o que a proprietária (que não sabemos se é bonita ou feia de rosto) ficaria completamente cega e arriscada a sofrer uma queda deselegante.

★

LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO — Em Gand, Bélgica, quatro mineiros foram presos por passar dinheiro falso... que receberam pela venda de pratarias *que haviam roubado de uma residência particular*.

★

DIPLOMADO — Em Denver, Robert L. Rounsley, depois de confessar a autoria de vários roubos, declarou à polícia que aprendera tudo sôbre crime, cursando aulas de criminologia e observando os trabalhos de laboratório no Departamento da Polícia Técnica.



Flores de Tung.

O ÓLEO de TUNG

SERÁ, PROVÀVELMENTE, EM FUTURO PRÓXIMO, UMA GRANDE INDÚSTRIA NO SUL DOS ESTADOS UNIDOS

O óleo de Tung, êssencia insubstituível nas indústrias de tintas, vernizes e matérias impermeabilizadoras, constitui uma das mais novas e prometedoras indústrias dos Estados Unidos. Sua exploração se tem concentrado, consideràvelmente, na região central da costa do Gôlfo do México.

Antigamente, a semente do Tung era produzida sòmente na China, constituindo-se os Estados Unidos o principal mercado mundial; agora, porém, esta semente está sendo cultivada em grande escala nos Estados de Louisiania, Mississipi e Flórida. A referida indústria é, já hoje, avaliada em milhões de dólares e, dia a dia, vai sendo incrementada.

Mesmo que a China, açoitada pela luta constante que ainda tem lugar entre os guerrilheiros e as tropas comunistas, recuperasse sua antiga produção, os plantadores do Tung, no sul dos Estados Unidos, podem contar, definitivamente, com um mercado doméstico, que cresce dia a dia, como, também, com um campo prometedor no comércio estrangeiro.

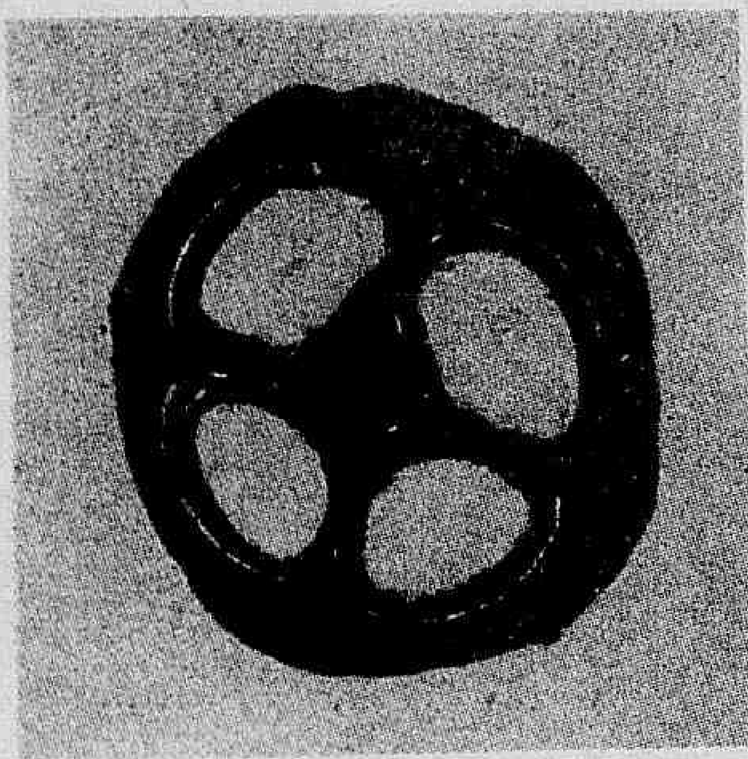
O óleo e as árvores de Tung, assim como os produtos manufaturados que derivam dessa semente, apresentam, agora, grande procura, em todo o mundo.

New Orleans é o centro da zona mais rica dos Estados Unidos, em relação ao Tung. Dizem os técnicos que o óleo de Tung produzido na região circunvizinha de New Orleans, estendendo-se até a parte Leste dos Estados Unidos, é superior ao que a China, anteriormente, produzia. Quando esta nova indústria alcançar o plano necessário à completa satisfação doméstica, as exportações aumentarão em grande escala, não obstante se estejam embarcando, na atualidade, para a América do Sul e para a Europa, via New Orleans, tintas e artigos impermeáveis que contêm Tung.

Mais da metade da produção total de semente de Tung, nos Estados Unidos, provém dos Estados de Mississipi e Louisiania, sendo New Orleans a «porta-de-ouro» para as nações que não têm outra fonte de abastecimento.

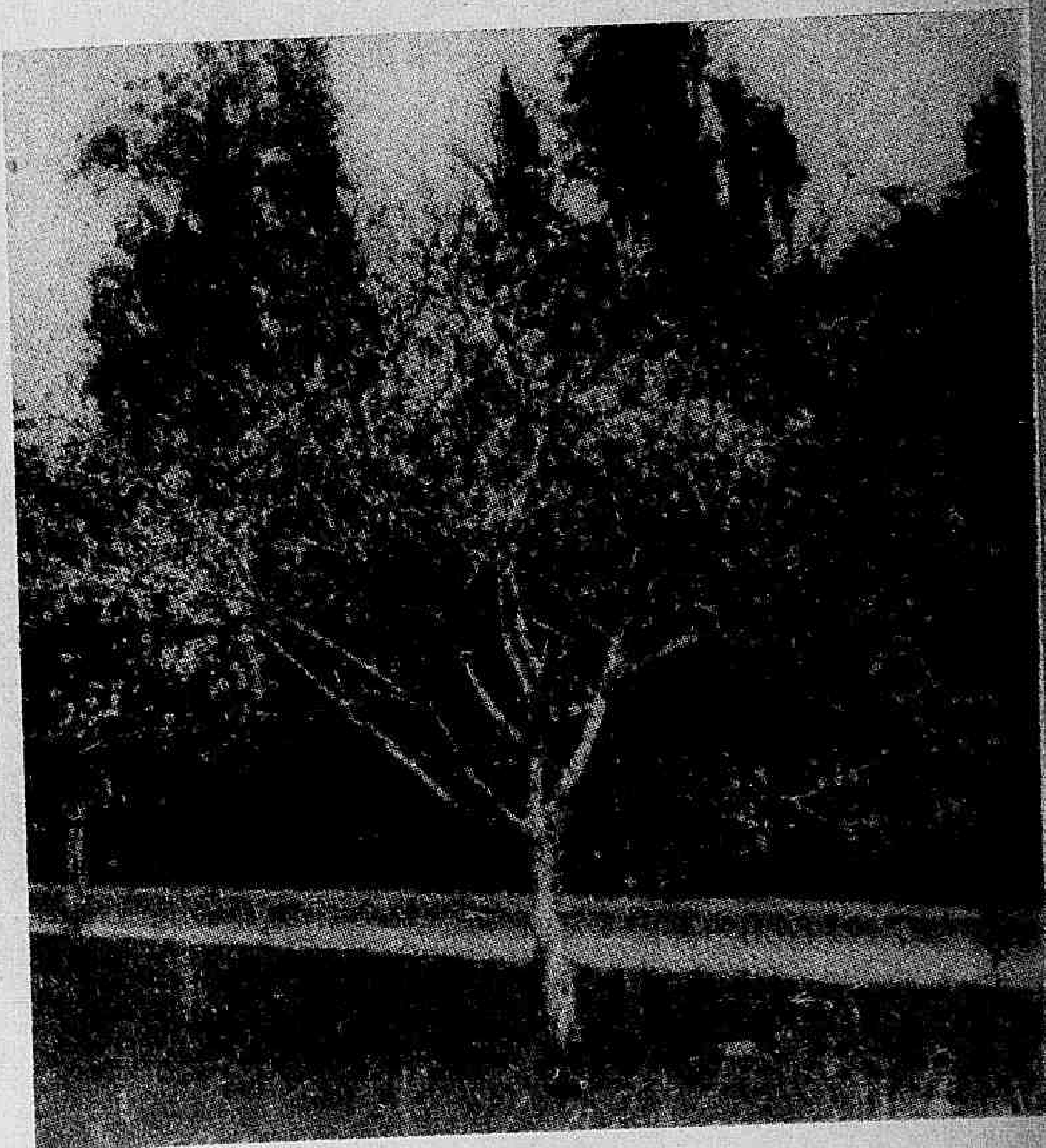
AUMENTO NA PRODUÇÃO

Em 1941, os Estados Unidos produziram 8 750 toneladas de sementes de Tung, das quais, 3 700 correspondem ao Estado de Mississipi, e 1 800 ao de Louisiania, sendo esta última a segunda região produtora dessa nação. Em 1946, a produção total ascendeu a 47 300 toneladas, das quais, 20 000 corresponderam ao Mississipi e 14 000 à Louisiania. Da mesma forma, o valor da colheita de 1941, que chegou a 773 000 dólares, se elevou a 4 706 000 em 1946, repesentando um preço mais alto por libra, e um aumento considerável na produção.



Corte secional de um fruto de Tung.

O óleo de Tung apresenta vantagens distintivas que não têm substitutos. A indústria de tintas e vernizes consome, ordinàriamente, cêrca de 80 por cento do óleo, pela forte razão de que êste seca ràpidamente, produzindo uma espécie de capa impermeável, é invulnerável à ação dos ácidos e resiste aos álcalis. As tintas e vernizes que levam o óleo de Tung em sua composição não mudam de côr



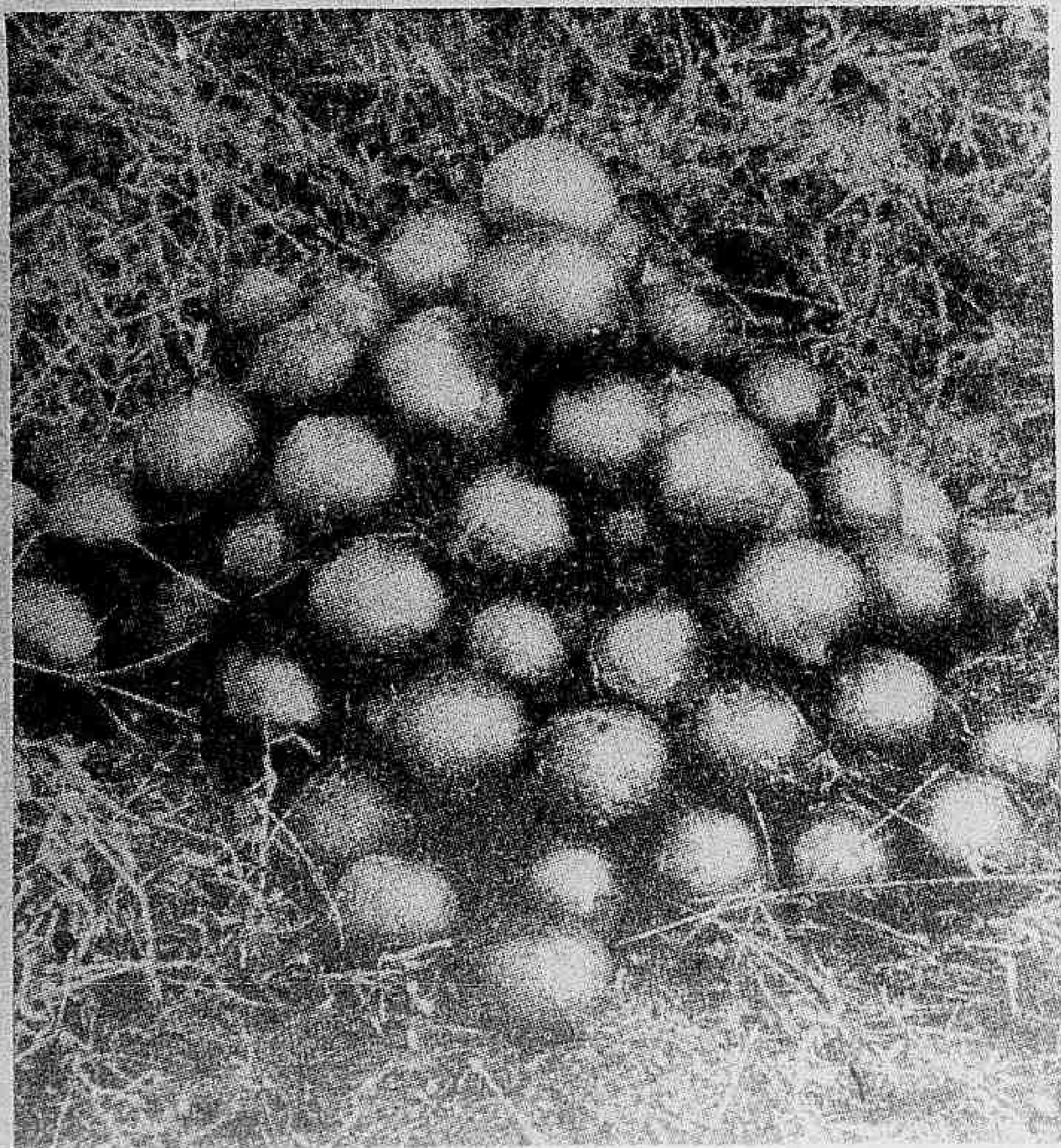
As árvores de Tung também são usadas como ornamento. Em plena floração, suas flores são de côr branca ou, então, ligeiramente rosadas.

e nem sofrem qualquer dano ocasionado pelo clima. O óleo seca de tal maneira, que parece selar tudo o que cobre. Suas moléculas se fundem entre si, e uma capa, rija e resistente, logo se forma. Devido a estas incomparáveis características, as indústrias têxteis e os fabricantes de artigos para uso militar necessitam de uma grande quantidade de óleo de Tung ou de produtos que contenham o Tung.

Capas impermeáveis, guarda-chuvas, tendas de campanha e outros materiais semelhantes, levam o Tung como componente, em altas quantidades. Êsse produto demonstrou, também, sem paralelo, ser um magnífico elemento de proteção para o concreto e as obras de alvenaria, para as rêdes de pescar, sapatos e maquinaria exposta à água



O fruto do tung nasce isolado ou em cachos, dependendo do número de flores fêmeas em cada galho. Embaixo: — Frutos, empilhados após a colheita.



ou a uma atmosfera úmida, como os hidroaviões e os diversos tipos de embarcações.

Na maioria dos casos, as especificações do exército e da marinha dos Estados Unidos exigem o óleo de Tung para a fabricação de petrechos e móveis militares, que devem ser impermeáveis. O equipamento e alojamento de instalações civis e militares podem consumir, fàcilmente, uma grande parte da produção de Tung.

A zona do Tung, nos Estados Unidos, é um campo de experiências, tanto para os interêsses privados, como para o govêrno federal e de cada um dos Estados. O Departamento de Indústria e o Departamento de Química Agrícola e Industrial, ambos constituindo seções do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, têm levado a efeito um extenso trabalho de investigações na horticultura e na química do Tung, da mesma forma que têm efetuado pesquisas em tôrno da extração do óleo da semente, e do melhoramento da qualidade das árvores, eliminando as variações individuais.

De acôrdo com Joseph Lallande, presidente do Comité Agrícola da Associação de Comércio de New Orleans, espera-se que, nos próximos anos, o gráfico que exprime as variações observadas na colheita do Tung (sempre ascensionais, até agora) apresente, ainda, maior elevação, subindo mais e mais.

É interessante ressaltar que, em 1947, a Louisiania possuía quatro depósitos de trituração da semente, ao passo que o Mississipi tinha um número ainda maior dêsses depósitos. Atualmente, embora não possamos afirmar com certeza, êsse número foi duplicado, em ambos os Estados do progressista país.

O óleo não constitui a única parte de valor da semente. A farinha, que sobra após a extração do óleo, é muito apreciada, e experiências realizadas há pouco tempo provaram que a casca da semente pode, também, ser utilizada no mesmo sentido. Estudos contínuos, nesse campo, tratam da verificação de outros produtos acessórios úteis.

SÒMENTE UMA VARIEDADE É CULTIVADA NOS ESTADOS UNIDOS

Nos Estados Unidos, sòmente se cultiva uma das muitas variedades de Tung. Trata-se da que é conhecida, tècnicamente, como «aleurites fordii». Esta variedade não é inferior, sob qualquer ponto-de-vista, às demais espécies que, durante séculos, têm sido usadas na fabricação das lacas orientais. O óleo constitui de 23 a 27 por cento do pêso da «aleurites fordii».

Mesmo supondo que a China voltasse a apresentar a mesma produção que lhe era peculiar antes da guerra, o que não sucederá senão daqui há alguns anos, os Estados Unidos permanecerão como a principal fonte do óleo de Tung. Os métodos americanos, postos em prática para a extração do óleo, não são apenas superiores aos utilizados na China (onde se empregam ainda os mesmos sistemas que remontam à dinastia de Ming, há vários séculos) mas, também, são os Estados Unidos o único país — com exceção da Argentina — que cultiva o Tung com êxito, numa base comercial.



É perigoso não ler

NÓS TEMOS O LIVRO QUE V. PRECISA

8	DICION. DE PROVÉRBIOS FRANCESES	15,00
9	DICIONÁRIO DA MITOLOGIA	15,00
11	AS CHAVES OCULTAS DO PODER	15,00
12	COMO INTERPRETAR OS SONHOS	10,00
13	COMO LER OS PENSAMENTOS	15,00
14	COMO LER AS MÃOS	15,00
15	HIPNOTISMO PRÁTICO	15,00
17	MORTES CURIOSAS E ESTRANHAS	10,00
18	COMO EVITAR A SOLIDÃO AMOROSA	15,00
20	SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR	15,00
21	CORRESPONDÊNCIA AMOROSA	15,00
22	QUEBRA-CABEÇAS E PASSATEMPOS	15,00
23	COMO SE FAZER AMAR	15,00
24	ITALIANO SEM MESTRE	12,00
25	FRANCÊS SEM MESTRE	12,00
26	ERROS DE PORTUGUÊS E S/ CORREÇÕES	15,00
27	FALA E ESCREVE CORRETAMENTE	15,00
30	ALEMÃO SEM MESTRE	12,00
31	ESPANHOL EM QUADRINHOS	12,00
32	YES SIR - INGLÊS SEM MESTRE	12,00
34	TESTES PARA SEUS CONHECIMENTOS	15,00
36	MANUAL DO MOTORISTA	15,00
38	INSTALAÇÕES ELÉTRICAS	60,00
39	COMO TIRAR A SORTE PELAS CARTAS	15,00
45	ESPUMAS FLUTUANTES - Castro Alves	10,00
4	COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS	15,00
5	GUIA ÍNTIMO DA SEXUALIDADE	15,00
6	VIGOR SEXUAL	20,00
51	REGRAS PARA JOGOS DE CARTAS	15,00
53	DICIONÁRIO DE RIMAS	15,00
60	HINOS DO EQUADOR - Castro Alves	10,00
61	ELETRICIDADE DO AUTOMÓVEL	15,00
62	FORMULÁRIO DE MECÂNICA	8,00
64	GRAFOLOGIA PRÁTICA	15,00
66	PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS	15,00
67	ESTIMULANTES SEXUAIS	15,00
68	O LIVRO DAS MÁGICAS	10,00
69	TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS	15,00
78	TESTES DE INTELIGÊNCIA	10,00
80	DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - 1º volume	15,00
81	CENAS DE AMOR (dos melhores romances)	10,00
85	A ARTE DE FAZER DOCES	15,00
86	A COZINHA NORTISTA	10,00
87	MÉTODOS PARA LIMITAR OS FILHOS	20,00
88	DICIONÁRIO DE PROVÉRBIOS BRASILEIROS	15,00
90	MODELOS DE CARTAS P/TODOS OS FINS	15,00
91	ESTUDOS SÔBRE O AMOR	15,00
92	A CONQUISTA AMOROSA E SEXUAL	15,00
93	A ARTE E A TÉCNICA DO BEIJO	15,00
94	A SANTA CRUZ DE CARAVACA	15,00
96	DATILOGRAFIA SEM MESTRE	15,00
121	OS ESCRAVOS - Poesias de Castro Alves	10,00
122	DISCURSO PARA TÔDAS AS OCASIÕES	15,00
123	REGRAS E TÁTICAS DE XADREZ	15,00
124	PARA CONQUISTAR AS MULHERES	20,00
125	PRÁTICAS SEXUAIS NO MATRIMÔNIO	20,00
129	JIU-JITSU SEM MESTRE	15,00
130	SEXO E PSICANÁLISE	20,00
131	SENSUALIDADE - 1º volume	20,00
132	SENSUALIDADE - 2º volume	20,00
133	SENSUALIDADE - 3º volume	20,00
135	NATAÇÃO SEM MESTRE	15,00
136	PARA CONQUISTAR OS HOMENS	20,00
138	ENGUIÇOS DO AUTOMÓVEL	15,00
139	ELIMINE S/COMPLEXO DE INFERIORID.	20,00
140	A CARNE - Júlio Ribeiro	25,00
141	APRENDA A DIRIGIR SÒZINHO	15,00
142	A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO - Poesia	10,00
143	MODELOS DE CARTAS COMERCIAIS	15,00
144	DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - 2º volume	15,00
145	VENÇA A TIMIDEZ SEXUAL	20,00
146	RÁDIO PARA PRINCIPIANTES	15,00
147	MÉTODOS PARA HIPNOTIZAR	15,00
149	REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL	15,00
150	CURIOSIDADES E EXTRAVAGÂNCIAS	15,00
151	FATOS CURIOSOS E INACREDITÁVEIS	15,00
153	FÓRMULAS PARA GANHAR DINHEIRO	15,00
154	TROVAS E MODINHAS POPULARES	15,00
155	ASSIM SE EMAGRECE COMENDO	15,00
157	COCK-TAIL DE PALAVRAS CRUZADAS	10,00
158	APRENDA A FAZER MÁGICAS	15,00
160	ENFERMIDADES SEXUAIS	20,00
161	CONQUISTE AMIZADES	15,00
162	FORMULÁRIO DE CORRESPONDÊNCIA	15,00
163	MODELOS DE CARTAS SENTIMENTAIS	15,00
164	TESTES DE MASCULINIDADE	15,00

165	DECLARAÇÕES DE AMOR	15,00
166	A EDUCAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS	20,00
168	A ORTOGRAFIA CORRETA	15,00
169	ANEDOTAS	15,00
170	APRENDA A DANÇAR (Sem Mestre)	15,00
171	APRENDA A FAZER VERSOS	15,00
172	TEORIA E PRÁTICA DO EXISTENCIALISMO	15,00
173	REGRAS DO FUTEBOL DE MESA	15,00
174	MANUAL DA VIDA SEXUAL	20,00
176	CANÇÕES DO EXÍLIO (Casimiro de Abreu)	10,00
177	SUCESSOS MUSICAIS (Sambas e Valsas)	15,00
178	GRANDES CORTESÃS - 1º volume	15,00
179	QUO VADIS (Condensado)	15,00
180	NANÁ - Emile Zola	10,00
181	O RETRATO DE DORIAN GRAY - O. Wilde	15,00
187	GUIA DE MASSAGENS NOS ESPORTES	15,00
188	GUIA DO MECÂNICO DE AUTOMÓVEL	15,00
189	DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - 3º volume	15,00
190	REGRAS OFICIAIS DO FUTEBOL	15,00
192	1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS	15,00
193	DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS	15,00
194	O VERDADEIRO LIVRO DE S. CIPRIANO	15,00
195	MADAME BOVARY - Gustave Flaubert	10,00
196	DICIONÁRIO DE CITAÇÕES - 4º volume	15,00
197	HOROSCÓPIOS PARA TODOS	15,00
198	AS CHAVES DE SALOMÃO	15,00
199	HOMEOPATIA PARA TODOS	15,00
201	O SONHO DE TOQUINHO - Col. Infantil	6,00
202	O GATINHO PERDIDO - Coleção Infantil	6,00
204	OS PINTINHOS CONVENCIDOS - Col. Infantil	6,00
205	ENFRENTANDO O PERIGO - Col. Infantil	6,00
206	AS AMANTES DO IMPERADOR	10,00
207	CRIME E CASTIGO - Dostoiewski	10,00
208	A TABERNA - Emile Zola	10,00
209	A CONQUISTA DO DINHEIRO	15,00
210	O HOMEM QUE RI - Vitor Hugo	10,00
211	REGRAS E COMENT. DO BASQUETEBOL	15,00
212	LEVANTAMENTO DE PÊSO	15,00
213	O CASAMENTO E SUAS FORMALIDADES	15,00
214	TENHA SANGUE FRIO	15,00
215	A BÊSTA HUMANA - Emile Zola	10,00
216	MADEMOISELLE DE MAUPIN - T. Gautier	10,00
217	GRANDES CORTESÃS - 2º vol. - H. de Kock	10,00
218	ANA KARENINA - Leon Tolstoi	10,00
219	500 TESTES DE PORTUGUÊS	15,00
220	LIVRO DE BÔLSO PARA ENFERMEIROS	15,00
221	PRATOS ECONÔMICOS E SABOROSOS	10,00
222	IRACEMA - José de Alencar	10,00
223	O CONDE DE MONTE CRISTO - A. Dumas	10,00
224	UBIRAJARA - José de Alencar	10,00
225	DIVA - José de Alencar	10,00
226	A VIUVINHA - 5 MINUTOS - J. de Alencar	10,00
227	A MORENINHA - Joaquim M. de Macedo	10,00
228	O MOÇO LOIRO - Joaquim M. de Macedo	10,00
229	A DAMA DAS CAMÉLIAS - A. Dumas Filho	10,00
230	COMO SE FIZERAM AS GRANDES FORTUNAS	15,00
231	CURSO ELEMENTAR DE RÁDIO	15,00
1	O NU ATRAVÉS DA ARTE	20,00
2	TÉCNICA E PRÁTICA SEXUAL	20,00
3	FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO	15,00
232	HISTÓRIA DE UM BEIJO - P. Escrich	10,00
233	FOTOGRAFIA PARA PRINCIPIANTES	15,00
234	MANUAL DO FOTÓGRAFO AMADOR	15,00
235	FOTOGRF. EM PERG. E RESPOSTAS	15,00
236	MÉTODO DE CORTE E COSTURA	15,00
237	REDAÇÃO OFICIAL	15,00
238	A PATA DA GAZELA - José de Alencar	10,00
239	LUCÍOLA - José de Alencar	10,00
240	ESCRAVA ISAURA - B. Guimarães	10,00
241	SENHORA - José de Alencar	10,00
242	DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS	15,00
243	AMÔRES DE UM MÉDICO - J. M. Macedo	10,00
244	TÉCNICA DE INJEÇÕES E CURATIVOS	15,00
245	O JOGADOR - Dostoiewski	10,00
246	APRENDA A FOTOGRAFAR	15,00
247	1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS - 2º vol.	15,00
248	ROMANCE DE UM MOÇO POBRE - Feuillet	10,00
250	MANON LESCAUT - Abade Prévost	10,00
251	A MÃO DO FINADO - Alexandre Dumas	10,00
252	A ILHA DO TESOURO - Stevenson	10,00
353	AS LEIS TRABALHISTAS	15,00
256	O TRONCO DO IPÊ - José de Alencar	10,00
257	MODELOS DE CARTAS - 2º volume	15,00
258	RACHA-CÔCOS ou Quebra-Cabeça p/Sabidos	15,00
259	TRUQUES, QUEBRA-CABEÇAS C/NÚMEROS	15,00
260	GUIA DO CRAQUE	15,00
266	MORRO DOS VENTOS UIVANTES - Bronte	10,00

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES — Nº 266
Manon Lescaut — Nº 250
O CONDE DE MONTE CRISTO — Nº 223
A ILHA DO TESOURO — Nº 252
CRIME E CASTIGO — Nº 207
Madame BOVARY — Nº 195
A DAMA DAS CAMÉLIAS — Nº 229
IRACEMA — Nº 222

CR$ 10,00 CADA

VENDAS:

RIO: Av. Rio Branco, 25 - Rua do Ouvidor, 150 -e- Rua México, 128-1º Sobreloja
SÃO PAULO: Rua Conselheiro Crispiniano, 403
BELO HORIZONTE: Rua da Bahia, 884
RECIFE: Rua da Palma, (Edifício dos Comerciários - loja 6)
SALVADOR: Praça da Sé, 20 e 22
E TAMBÉM: em tôdas as "LOJAS BRASILEIRAS DE PREÇOS LIMITADOS" em todo o Brasil.
INTERIOR: Peça pelo REEMBÔLSO POSTAL, pelo talão abaixo, enviando o seu pedido para o Rio de Janeiro.

PEÇO ENVIAR PELO REEMBOLSO POSTAL, OS LIVROS CUJOS NÚMEROS INDICO ABAIXO:

....

....

....

(NÃO TEMOS CATÁLOGOS). NOS PEDIDOS ABAIXO DE CR$ 100,00, HÁ AUMENTO DE 10%

EDITORA GERTUM CARNEIRO S.A.
AV. RIO BRANCO, 25 — DEP. 7-B —— RIO DE JANEIRO

NOME: ....

RUA: ....

LOCALIDADE: ....

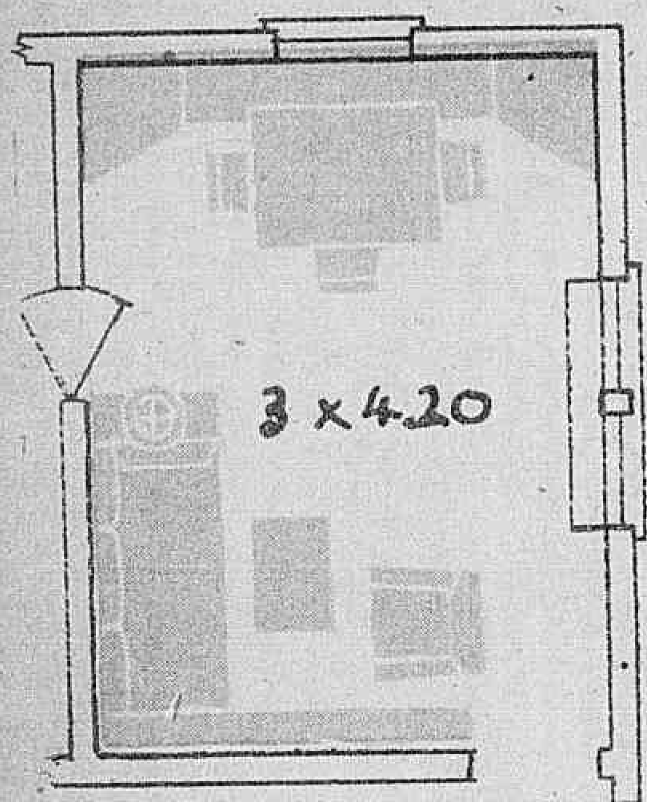
ESTADO: ....

(NÃO MANDE DINHEIRO, NEM SELOS, NADA ADIANTADO)

TORNE MAIS BONITA A SUA CASA

HOJE não é muito fácil. As salas são pequenas e, em sua maioria, as donas de casa não gostam de oferecer jantares *à americana,* com os convidados equilibrando os pratos nos joelhos. Não podem dispensar uma sala - de - jantar ! Mas, como oferecer, também, o confôrto de um pequeno *living* ?

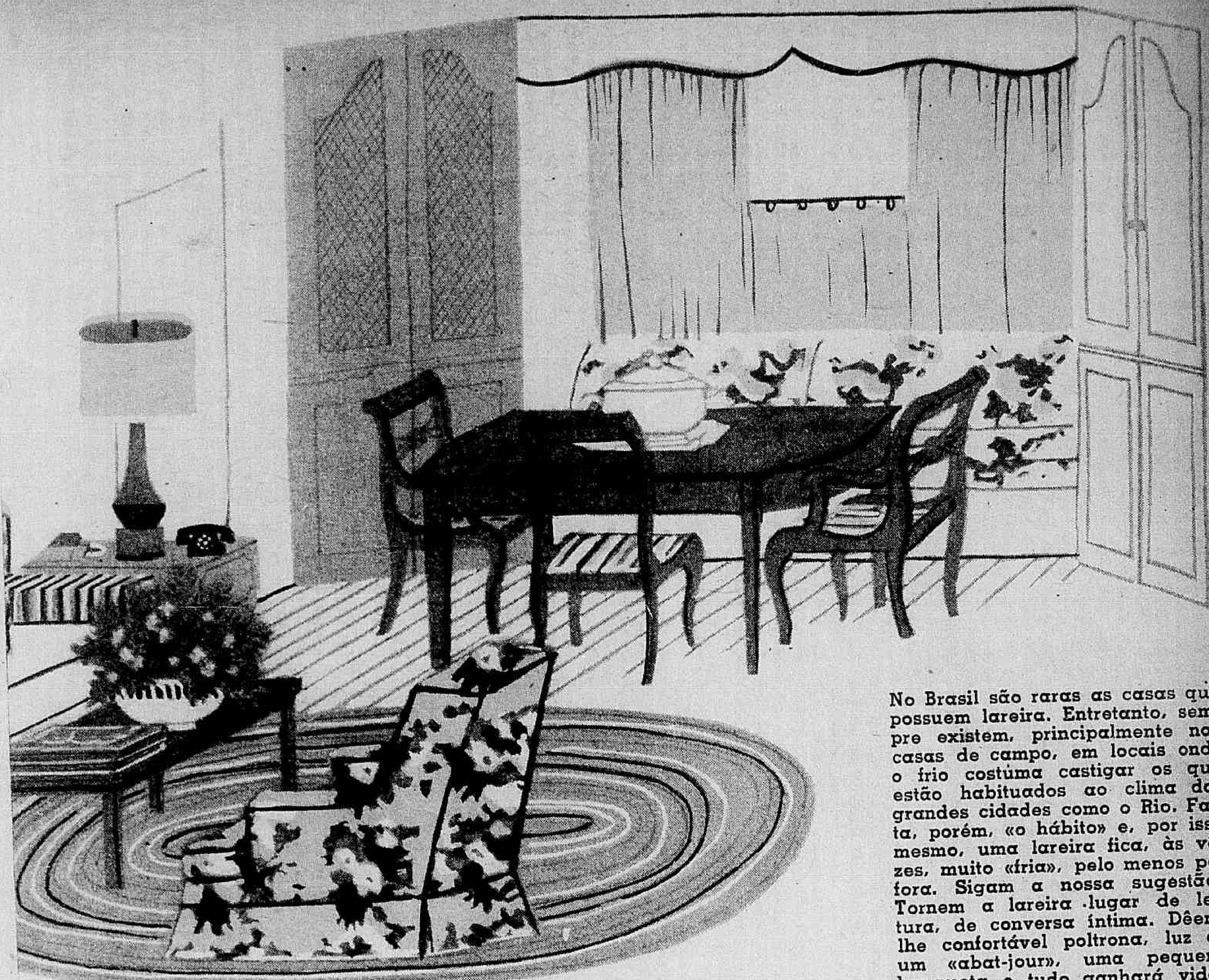
Eis o grande problema ! Mas há, sempre, um bom recurso, quando se procura resolver o problema com bom-gôsto e a ajuda de um lápis e uma pequena régua. Porque a melhor divisão dos móveis deve ser conseguida em papel quadriculado, sôbre o qual os móveis são desenhados proporcionalmente e *colocados* no melhor lugar, para ser obtido o arranjo ideal.



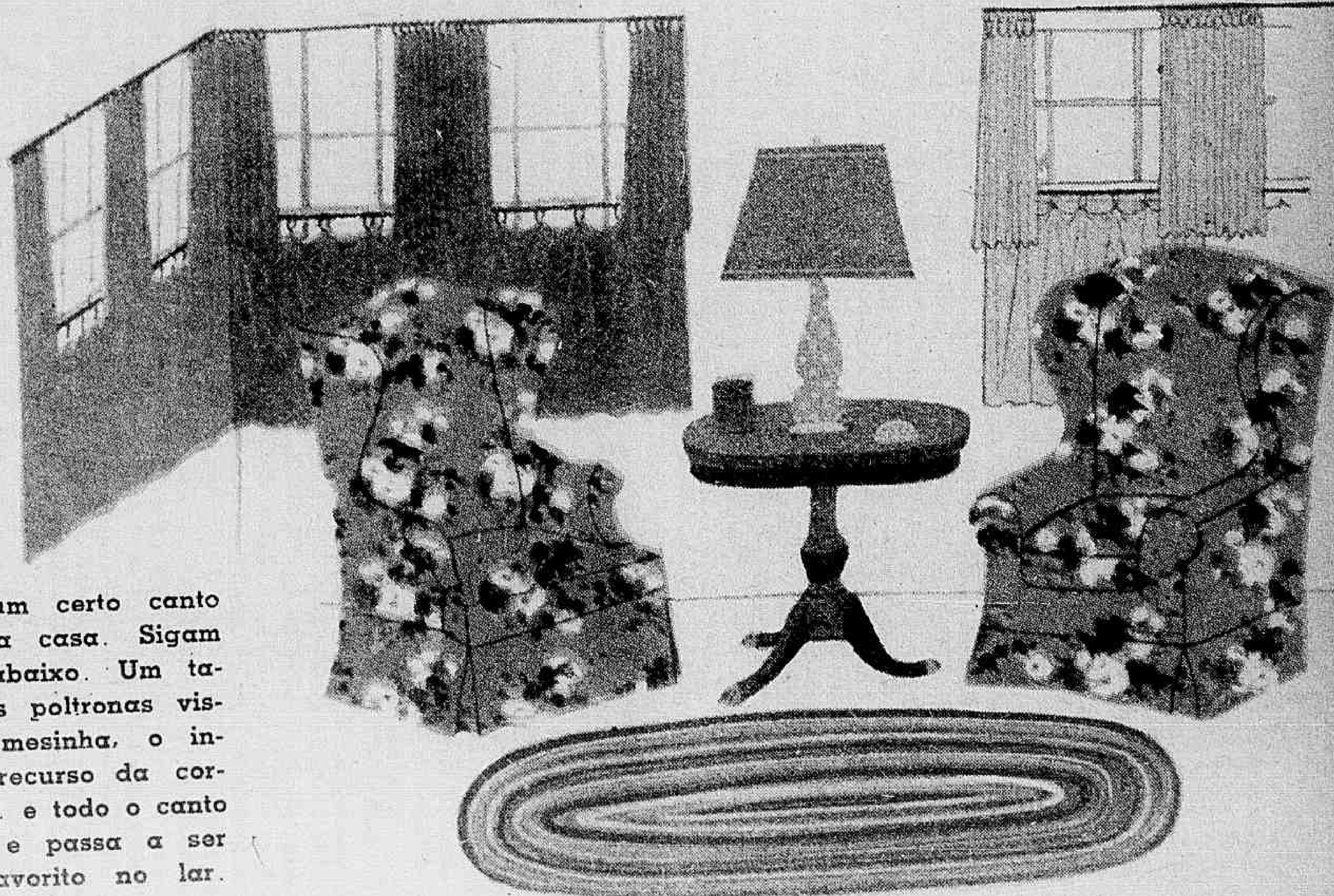


Vejam, pelo esquema que publicamos, como foi conseguido o objetivo da sala-de-jantar no mesmo recinto de um pequeno "living". Junto da janela mais larga, servida por um divam, está a mesa, com três cadeiras. No outro canto, aproveitando tôda uma parede, um confortável sofá, a mesinha e mais uma poltrona. Ficou um bom arranjo, principalmente, por ter sido "cortada" a divisão com o pequeno aparador e o "abat-jour. Também o tapete ajuda a dar *independência ao living.* O mais é questão de bom-gôsto, de saber escolher a côr dos móveis e das cortinas. Escolham côres vivas, alegres, formando contrastes atrevidos ! E viva bem numa casa alegre !





No Brasil são raras as casas que possuem lareira. Entretanto, sempre existem, principalmente nas casas de campo, em locais onde o frio costuma castigar os que estão habituados ao clima das grandes cidades como o Rio. Falta, porém, «o hábito» e, por isso mesmo, uma lareira fica, às vêzes, muito «fria», pelo menos por fora. Sigam a nossa sugestão. Tornem a lareira lugar de leitura, de conversa íntima. Dêem-lhe confortável poltrona, luz de um «abat-jour», uma pequena banqueta e tudo ganhará vida.



Há sempre um certo canto «difícil» numa casa. Sigam o exemplo abaixo. Um tapetinho, duas poltronas vistosas, uma mesinha, o indispensável recurso da cortina alegre... e todo o canto ganha vida e passa a ser um lugar favorito no lar.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«A palavra tem uma arte e uma ciência; como ciência, ela exprime o pensamento com tôda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de tôdas as graças, e de tôdas as formas necessárias para fascinar o espírito.» ——— JOSÉ DE ALENCAR.



FOLCLORE

Através dos estudos de folclore penetramos os sentimentos do povo, aproximando-nos dêle, aprendemos a compreendê-lo. Crendices, superstições, poesias, provérbios, lendas, canções, músicas, tudo, enfim, que nasceu do povo e passa de geração a geração, às vêzes sem maiores alterações, outras vêzes se deturpando e refletindo nas deturpações aspetos interessantes, constitui fonte de pesquisas, estudos e indagações. É no interior do país, onde a cultura e a influência dos povos ainda não destruíram as tradições, que encontramos curiosidades folclóricas.

Existem preceitos populares de medicina, sempre invocados, donde talvez a observação conhecida: *de médico e louco todos nós temos um pouco.*

Afasta-se o soluço com a quadrinha:

Soluço vai,
Soluço vem,
Soluço vai
P'ra quem te quer bem.

Relativamente ao parto, há recomendações curiosas, registradas por Afrânio Peixoto (1): chá de barba lavada favorece o nascimento; igualmente vestir as ceroulas do marido, ou, então, soprar em garrafa, exclamando:

Minha Santa Margarida,
Não estou prenhe nem parida!

Beber água no chocalho leva a criança a falar mais depressa. Também, se o indivíduo fala muito, diz-se *que bebeu água de chocalho*.

Aí fica, prezado leitor L. C. (do D. F.), a solução de sua consulta. Em tempo: não nos responsabilizamos pela eficiência dos tratamentos recomendados...

(1) in Miçangas (Poesia e folclore).



«CONTOS DE AGORA E DE OUTRORA», Eduardo Corrêa

Eduardo Corrêa já é nome conhecido nos meios literários. Autor de contos vários, publicados no extinto "Número...", na "Vida Doméstica", no "Correio da Manhã", no "Diário de Notícias", deu-nos, há tempos, um romance a que nos referimos nestas páginas — *O Patrício e a Cortesã*, e a respeito do qual então comentou o eminente crítico e vernaculista Horácio Mendes:

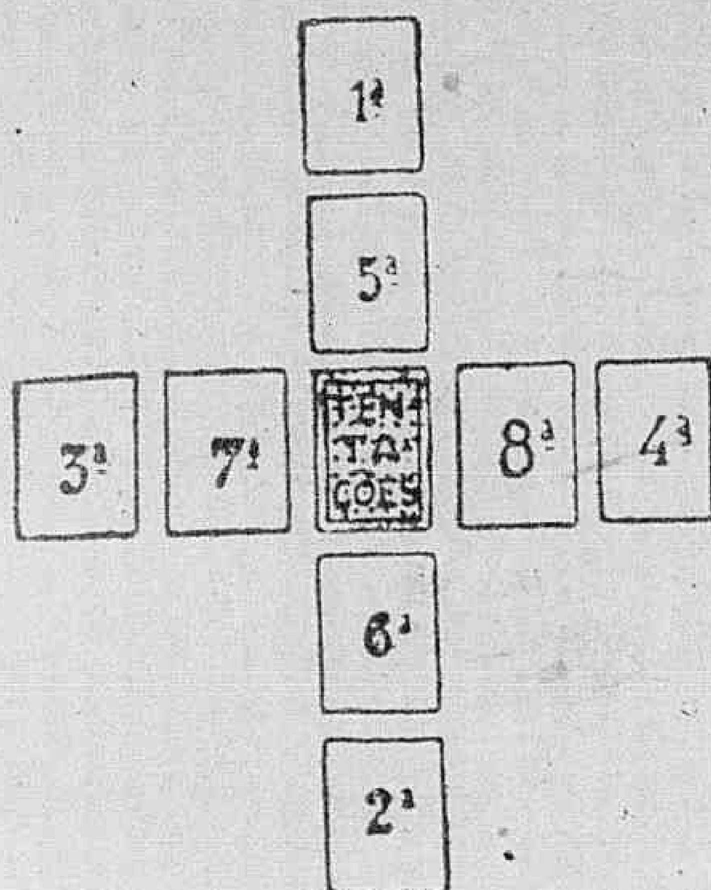
"Eduardo Corrêa inaugura na literatura brasileira o romance de panorama universal. Não tivemos até hoje quem se dedicasse a tal emprêsa. As obras-primas do romance nacional são romances de costumes ou romances de notas acentuadamente regionais. Não tivemos em nossas letras quem representasse o papel que Flaubert desempenhou na literatura francesa, com *Salambô* (O Malho, 1949).

Em *Contos de Agora e de Outrora*, Eduardo Corrêa permite-nos a revisão de belos contos, que revelam vários aspectos de sua imaginação fértil. *Mórbida, A Passagem de Rubicon, A Lenda do Castelo Thydour, A Fazenda Mal-Assombrada*, entre tantas outras, são páginas admiráveis, que preterem muitas de autores que circunstâncias misteriosas levaram à Academia Brasileira de Letras...

Sentimos, através do estilo de Eduardo Corrêa, não só o beletrista primoroso, mas também o comentarista de recursos, o cronista de cultura. E lamentamos que nenhum jornal ou revista o tenha entre seus colaboradores efetivos, isso porque os escritos de Eduardo Corrêa são sempre aplaudidos. No jornal ou no rádio, a sua colaboração haveria de produzir os frutos mais ópimos.

JOSÉ RICARDO NETO

CARTOMANCIA



Maneira de deitar as cartas, em cruzeta, na ordem numérica em que estão dispostas.

Indaiva (São Paulo) — Noto que fará uma viagem, onde colherá grandes êxitos. Deve ouvir os conselhos dos mais experientes, nesta questão de emprêgo de capital. Sua vida futura será amena, tendo, antes, que transpor alguns obstáculos. Vejo uma de suas amigas lhe dando provas de sinceridade.

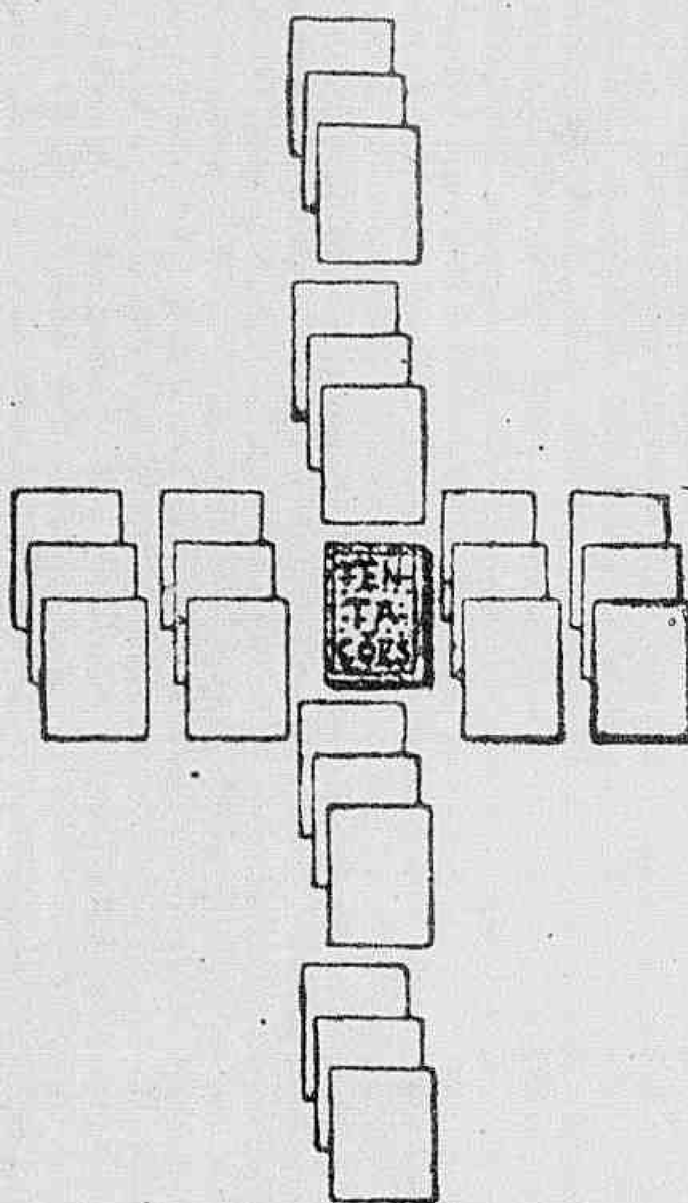
Carmita (São Paulo) — Suas cartas revelam que uma criança, de sua família, sofrerá pequeno acidente. Um caso de justiça será brevemente resolvido a contento de todos. Um moço que a estima lhe derá provas de seu afeto. Durante uma festa, ouvirá sinceros elogios.

Flor Triste (Niterói) — A consulente deixou de preencher o «cupão», com as cartas que deitou, tendo inutilizado sua consulta. Mande nova carta e atenderei com prazer.

Cigana Rica (Niterói) — As cartas de seu mapa revelam que a consulente é calma, generosa. Noto que um homem da justiça lhe prestará ajuda. Procure ter o máximo cuidado com os tóxicos. Uma mulher, de má índole, procura difamá-la.

Garotinha (Icaraí, Niterói) — Noto que a consulente deve se acautelar com os inflamáveis. Uma pessoa de sua amizade se ausentará, por motivo de negócios. Vejo uma mulher, de côr clara, procurando sua ruína. Durante uma festa, travará agradável palestra, que lhe será proveitosa no futuro.

Florista (Ipanema, Rio) — Por meio das cartas de seu mapa, noto a aproximação de uma pessoa que lhe deseja o bem. Durante uma festa religiosa ouvirá sinceras palavras de elogio. Um objeto há muito dado como perdido será encontrado. Seus dias propícios serão os pares. Terá vida longa.



Modêlo como tem que ser escrito o mapa.

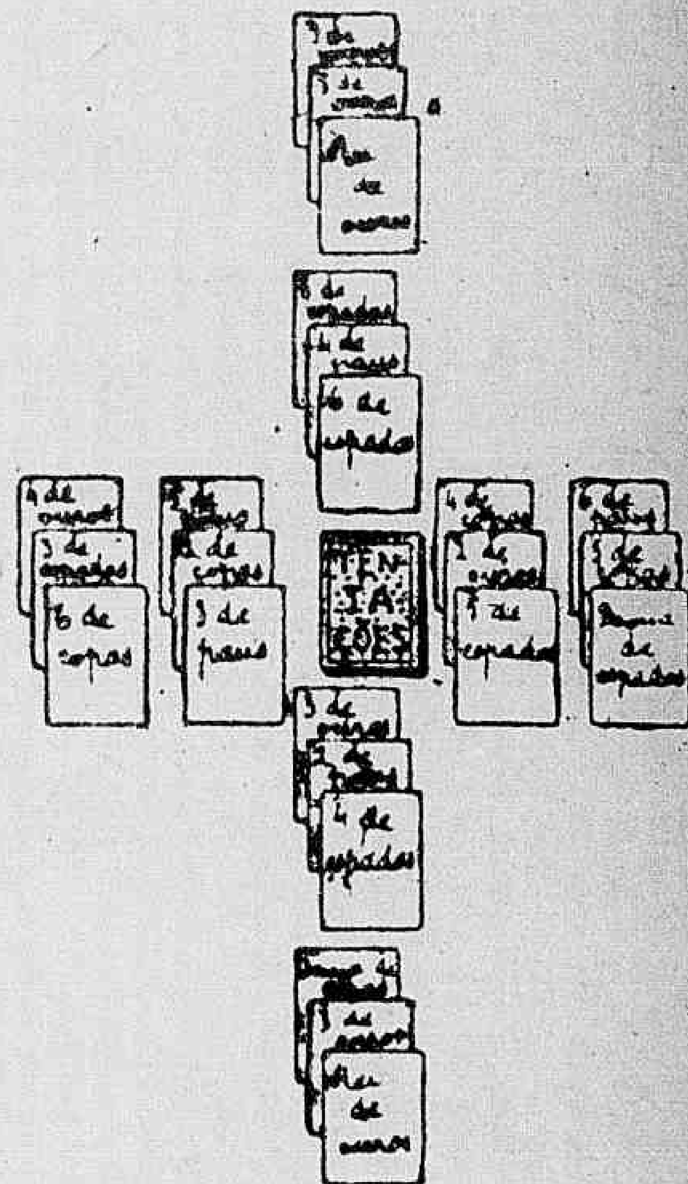
Madame X (Ipanema, Rio) — Agradável combinação de cartas em seu mapa. Em horas de refeições ficará a par de importantes assuntos. Um senhor de farda lhe dará valiosos conselhos. Devido a um animal doméstico, haverá pequena desinteligência. No futuro conseguirá êxito em seus negócios.

Crioula (Distrito Federal) — Sua consulta ficou inutilizada, pois está completamente manchado de tinta o seu mapa, impossibilitando a leitura das cartas. Renove-a que atenderemos com prazer. Até breve.

Darling (Rio de Janeiro) — Pelos valores fixados em seu mapa noto: equilíbrio financeiro, após o recebimento de pequena herança. Uma jovem clara lhe dará inequívocas provas de afeição. Um de seus amigos será vítima de pequeno acidente. Para melhor êxito em seus negócios, faça-os em dias pares.

Cacilda (Niterói, E. do Rio) — Em primeiro lugar, noto sensível mudança em sua vida, logo após a um ato religioso. Uma criança desta casa será prêsa de pequena enfermidade, que causará desgostos. Pela porta da rua, chegarão boas notícias. Procure usar sempre roupas de côres claras.

Indiscreta (Niterói, E. do Rio) — Sua existência será longa e seu futuro ameno. Um casamento feliz tornará esta casa alegre. O desaparecimento de uma jóia de estimação causará tristeza à consulente. Noto que uma de suas amigas lhe dará provas de sinceridade. Tenha cuidado com os tóxicos, pois há perigo de ser vitimada.



Modêlo em que têm de ser escritos os valores das cartas, cortado e enviado a esta redação com o nome ou pseudônimo do consulente e localidade de onde vem.

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES**

entrega ao Brasil

suas

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.

49 MTS. 6.185 KLCS.



INAUGURAÇÃO EM SETEMBRO

RADIO BANDEIRANTES



a mais popular emissora paulista

PRH-9 - 840 KLCS.

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM JULHO DE 1953

1 — QUARTA-FEIRA — O Presidente Synghman Rhee, acossado pela proposta final dos Estados Unidos, convoca seus Ministros e líderes militares. Os americanos fizeram saber que levarão avante as negociações do armistício, quer êle concorde quer não. ★ Sabe-se que, na conferência que realizarão proximamente, em Washington, os Ministros de Relações Exteriores das três grandes potências confiam na possibilidade de preparar um plano, que tenha por fim aproveitar o descontentamento reinante entre os povos dos países satélites da União Soviética. ★ Os funcionários britânicos previam uma nova grande ofensiva de «paz» dos Sovieticos, em que a Alemanha representará o papel principal, em vista da súbita chamada a Berlim dos três principais embaixadores do Kremlin no Ocidente. ★ O Chanceler Konrad Adenauer declara que os soviéticos executaram 62 alemães e prenderam mais 25 mil na zona russa de ocupação, por motivo das últimas demonstrações operárias. ★ Por 39 votos contra 17, foi eleito Diretor-Geral da UNESCO, o Sr. Luther Evans, Diretor da Biblioteca do Congresso Americano. ★ Falando a visitantes brasileiros, entre os quais jornalistas, o Presidente Peron preconiza a união entre a Argentina e o Brasil, como única forma capaz de evitar que ambos os países acabem dominados. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Sr. Vicente Ráo para exercer o cargo de Ministro de Estado das Relações Exteriores vago em virtude da exoneração concedida ao Embaixador Mário de Pimentel Brandão.

2 — QUINTA-FEIRA — Continua o impasse nas conversações entre o enviado especial de Eisenhower e o Presidente Synghman Rhee. ★ O Chefe do Govêrno sul-coreano concorda em assinar o armistício se os Estados Unidos se comprometerem a unificar a Coréia pela fôrça. ★ Os socialistas da direita resolvem não continuar apoiando o Sr. De Gasperi, a não ser que o Primeiro Ministro organize um Gabinete de tendência mais esquerdista. ★ As autoridades francesas da Indo-China decidem repatriar 30 mil soldados da China Nacionalista que se encontravam nessa região. ★ O Presidente da Alemanha Oriental confessa que os comunistas foram os responsáveis pelos acontecimentos verificados na zona russa de Berlim. ★ 1.300 presos por ocasião das manifestações contra os comunistas estão sendo barbaramente tratados na prisão. ★ O Conselho da Organização dos Estados Americanos apresenta aos govêrnos dos países membros o programa para a X Conferência Inter-Americana.

3 — SEXTA-FEIRA — O govêrno de Belgrado solicita «agreament» para nomear um embaixador junto ao govêrno de Moscou, com o que ficariam restabelecidas as relações diplomáticas entre a Iugoslavia e a Rússia interrompidas desde o rompimento entre os regimes comunistas do Marechal Tito e do ditador Stalin. ★ A França ofereceu aos três Estados associados da indochina um novo plano de independência, pondo fim ao sistema de colonização, para salvar o que resta do seu poderio no Extremo Oriente. ★ Os soviéticos retiram de Berlim os 700 tanques que tinham em seu sector e os enviam a fronteira polonesa, «para manter a ordem interna da Polonia». ★ O Sr. Alcide De Gasperi líder do Partido Democrata Cristão e chefe do govêrno italiano durante os últimos sete anos, aceita o encargo de for-

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

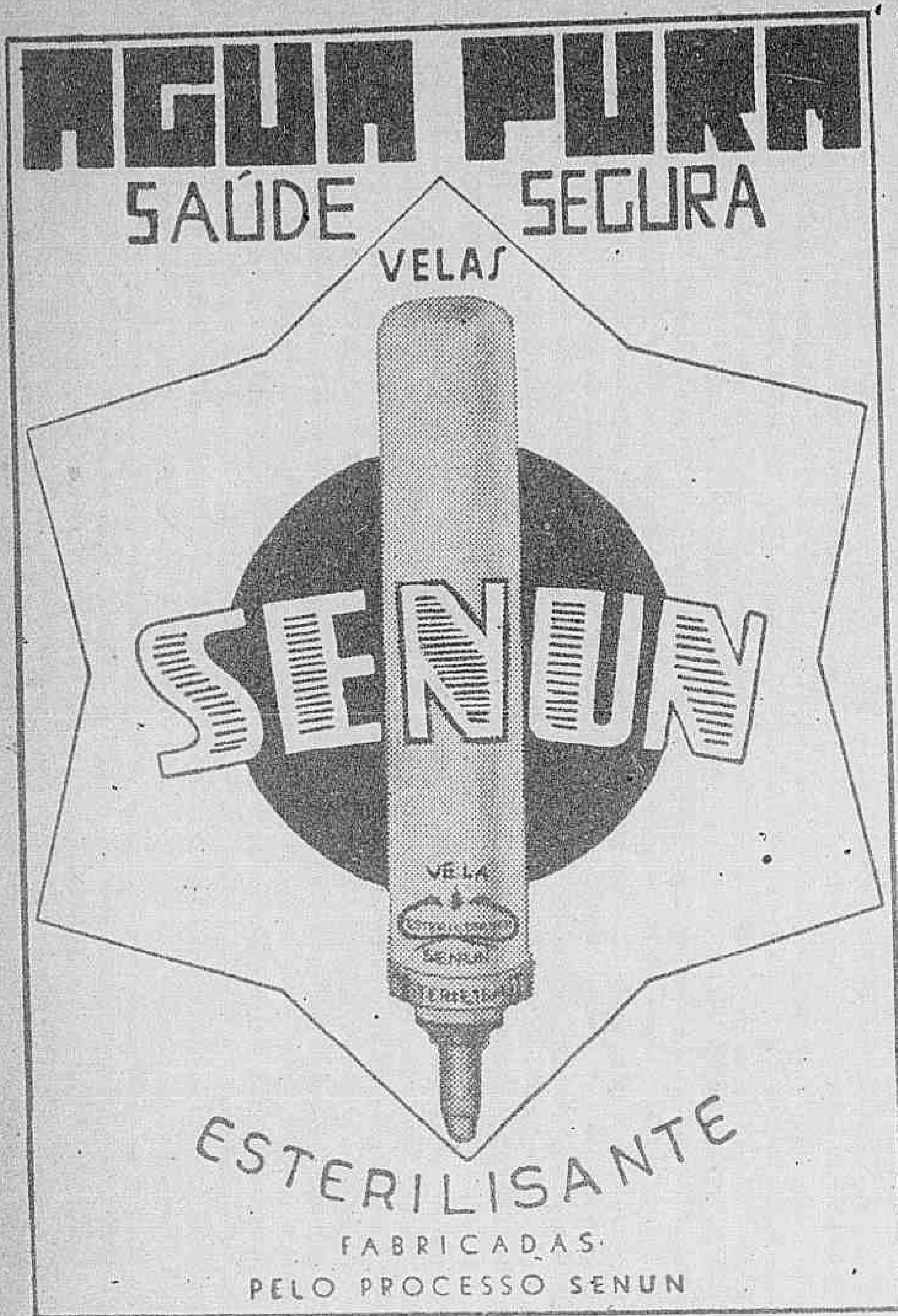
NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-3



mar novo Govêrno, a fim de por termo à crise política ocorrida em conseqüência das eleições gerais de 7 de junho. ★ O Sr. Presidente da República assina decretos nomeando o Sr. Christiano Monteiro Machado, Embaixador do Brasil na Santa Sé; Olegário Mariano Carneiro da Cunha, Embaixador do Brasil em Portugal; Acyr do Nascimento Paes, Embaixador do Brasil na Austria e aposentando o Sr. Embaixador Hildebrando Pompeu Acioli. ★ Toma posse no cargo de Ministro das Relações Exteriores o Sr. Vicente Ráo. — No Palácio Itamaraty é oferecido um jantar em homenagem ao Sr. Gonzalez y Videla, ex-Presidente do Chile.

4 — SÁBADO — Chegam ao mundo ocidental notícias de que irrompeu um movimento popular na Polonia contra o govêrno comunista local, tendo sido decretada a lei marcial e postas em estado de alerta tôdas as tropas. ★ O Sr. Alcides De Gasperi incumbido de formar o novo gabinete declara que prefere perder a presidência do Conselho a abrir mão de sua política anti-comunista. ★ O Sr. Vincent Auriol confirma oficialmente que não solicitará, em dezembro proximo, a renovação de seu mandato à Presidência da República. ★ O Chanceler Konrad Adenauer diz ao Alto-Comissário norte-americano, James B. Connant, que a Alemanha Ocidental não poderá livrar-se de sua atual tirania comunista se as potências ocidentais continuarem sua «política passiva».

5 — DOMINGO — Numa tentativa para negar a convulsão que abala seus domínios e que já se estende a vários países da chamada «Cortina de Ferro», Moscou acusa o Govêrno e a imprensa dos Estados Unidos de instigarem a revolta entre os povos de Leste. ★ O Chefe do Govêrno argentino opina de que os países da América do Sul deviam unir-se no interêsse comum; assevera que nenhuma incompatibilidade existe entre o seu país e os Estados Unidos; prevê bons resultados para as atuais negociações entre a Argentina e a Rússia; e finalmente, anuncia que o vizinho país entra agora na fase concreta da aplicação da energia atômica. ★ Retribuindo a recente visita do Presidente Perón a Santiago, chega a Buenos Aires, sendo calorosamente recebido, o Presidente Carlos Ibañez, do Chile.

6 — SEGUNDA-FEIRA — Embora as conversações prossigam em sigilo, sabe-se que o Presidente Synghman Rhee já teria chegado à conclusão de que não poderia continuar na luta sòzinho, estando, assim, inclinado a aceitar o armistício. ★ Revelou-se, que, se insistisse em boicotar o armistício, os aliados retirariam suas tropas da Coréia. ★ O Primeiro Ministro interino da Grã-Bretanha, Richard A. Butler, indica que é possível que a Inglaterra convide o Presidente Eisenhower e o Primeiro Ministro francês, Joseph Laniel, a conferenciarem com o Primeiro Ministro Winston Churchill, em Londres. ★ o Sr. Alcides De Gasperi termina suas consultas aos líderes partidários para formação do novo govêrno, devendo hoje apresentar os resultados ao Presidente da República. ★ Com a idade de 75 anos, falece em Florença, na Itália, o grande barítono Tita Ruffo.

7 — TÊRÇA-FEIRA — Os operários da zona oriental de Berlim organizam manifestações exigindo a liberdade dos companheiros prêsos nos acontecimentos de 17 de junho. ★ Membros da Juventude Comunista e da polícia-popular são atacados. ★ Os aliados ocidentais repelem as acusações soviéticas responsabilizando-os pelos acontecimentos de junho. ★ Adenauer, dirigindo-se à Rússia, declara que chegou o fim da bolchevização da Alemanha. ★ O Sr. De Gasperi, depois de várias consultas, declina da missão de organizar o novo Gabinete italiano. ★ Nomeado Embaixador do Canadá no Brasil o Sr. Sidney Pierce, atualmente Ministro em Washington. ★ Noticia-se que o Brasil pretende instalar um Consulado Geral em Rotterdam.

8 — QUARTA-FEIRA — Os delegados comunistas respondem ao General Marck Clark que estão prontos a assinar o armistício na Coréia. ★ O Presidente Eisenhower declara-se favorável à unificação da Alemanha e de uma cooperação

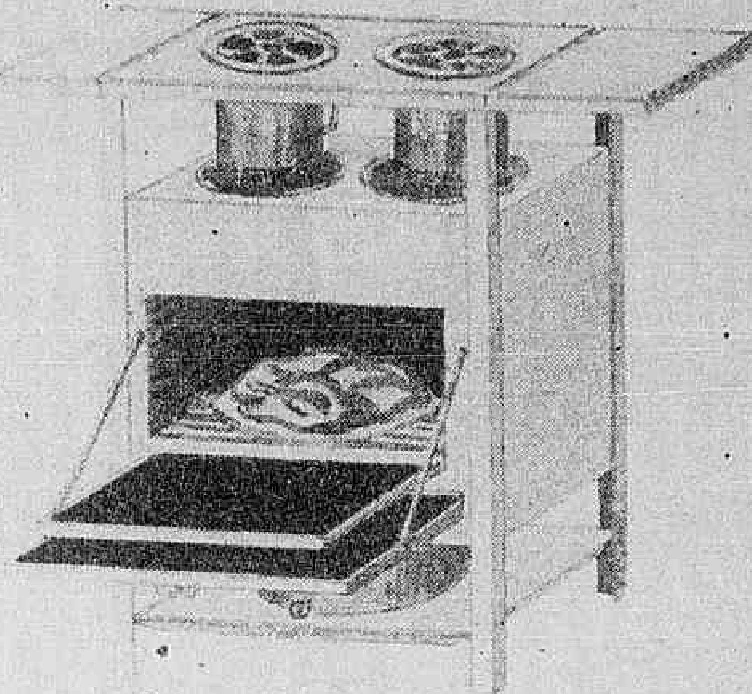
CURSO DE LATIM por correspondência
Solicite folhetos
Caixa Postal 6821
São Paulo

maior entre as nações aliadas, no setor da energia atômica. ★ A Assembléia Nacional francesa, após 18 horas de debates, aprova o plano governamental de reconstrução econômica e financeira. ★ O Marechal Tito declara que a Rússia está passando por verdadeira transformação política, e que os aliados deveriam aproveitar a situação para alcançar um acôrdo internacional «realista». ★ O Sr. De Gasperi, atendendo aos apêlos que lhe foram dirigidos para organizar o novo Gabinete italiano, resolveu a aceitar a incumbência. ★ Noticia-se que os Estados Unidos ofereceram ajuda militar aos govêrnos dos países árabes.

9 — QUINTA-FEIRA — Antecipa-se que, na Conferência que hoje se instala em Washington, entre os Srs. Georges Bidault, da França; Lord Salisbury, da Inglaterra; e Foster Dulles, dos Estados Unidos, a Grã-Bretanha insistirá na necessidade da realização de uma entrevista dos «Quatro Grandes», incluindo a União Soviética. ★ A Rádio de Moscou informa que o Ministro do Interior, Laurenti Beria, foi expulso do Partido Comunista e declarado inimigo do povo soviético. ★ O Govêrno da República Ocidental Alemã apresenta às três potências ocidentais um plano extraordinário de seis pontos, para a realização de eleições livres em todo o território da Alemanha e para unificação do país. ★ Presta juramento o novo embaixador americano junto ao Govêrno do Brasil, Sr. James S. Kemper. — O Secretário de Estado norte-americano, Sr. John Foster Dulles, assegura à Comissão de Verbas do Senado que é necessário elaborar um plano de ajuda à América do Sul, muito mais eficaz que o que tem prevalecido até agora. ★ Circulam rumores, não desmentidos oficialmente, de que o Sr. Winston Churchill estaria resolvido a passar o Govêrno, definitivamente, ao Sr. Anthony Eden.

10 — SEXTA-FEIRA — Confirma-se a prisão de Laurenti Beria, destituido do cargo de Ministro do Interior da União Soviética e de todos os seus postos, como acusado de tramar, a serviço do inimigo, a volta da Rússia ao regime capitalista. ★ Os círculos internacionais ainda não puderam avaliar, devidamente, as conseqüências dessa surpreendente reviravolta, mas admitem que, atrás dela, virá uma reforma geral do govêrno soviético, com a possível substituição de Malenkov por Molotov. ★ Revela-se que o armistício, na Coréia, está pràticamente concluido, e que Syngman Rhee teria renunciado às suas exigências. ★ Instala-se a Conferência de que participam os Ministros de Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da França. ★ Coincidindo o fato com a crise interna soviética, revelada na destituição de Laurenti Béria, os três grandes ocidentais admitem logo a idéia de tirar o maior proveito das atuais dificuldades dos comunistas. ★ O Presidente Eisenhower, num grande passo estratégico da guerra fria, oferece ao govêrno soviético embarques de alimentos para ser distribuidos ao povo da Alemanha Oriental. ★ Quase todos os jornais londrinos publicam, na primeira página, a informação de que não é exato que o Govêrno britânico tenha aconselhado a família real contra o casamento da Princêsa Margaret com o Capitão Peter Townsend, por ser êste di-

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

LUTO EM 5 MINUTOS
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

vorciado. ★ Anuncia-se nos Estados Unidos que o Brasil iniciou a aplicação de seu programa de austeridade, reduzindo suas importações de produtos norte-americanos a 189.700,000 de dólares nos primeiros seis meses dêste ano. No mesmo período de 1952, as compras feitas ali pelo Brasil elevaram-se a 538.800.000 dólares. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto designando a Delegação do Brasil para subscrever o ato referente à exploração do Petróleo da Faixa Subandina. ★ E' assinado decreto pelo Sr. Presidente da República designando a delegação para representar o Brasil no II Congresso Latino-Americano de Sociologia.

11 — SÁBADO — Após 16 dias de conversações, o Presidente da Coréia do Sul decidiu aprovar os termos do armistício na Coréia, aceitando as condições oferecidas pelos Estados Unidos. ★ A imprensa soviética divulga que a Rússia prosseguirá na política de aproximação com o Ocidente, contra a qual se manifestara o Vice-Primeiro Ministro destituido, Sr. Beria. ★ O Govêrno comunista da Alemanha resolveu suspender a lei marcial para a zona oriental de Berlim. ★ Os cumunistas recebem «como um insulto» o oferecimento de Eisenhower para enviar 15 milhões de dólares de alimentos para a zona russa de Berlim. ★ Em Paris realiza-se a transferência, do Comando Supremo das fôrças da NATO, pelo General Ridgway ao General Grunther ★ O Primeiro Ministro Salazar afirma categòricamente que Portugal não negociará a cessão ou transferência de Goa. ★ O Govêrno colombiano envia uma nota à Chancelaria peruana propondo negociações para resolver o caso Haya de La Torre. ★ Vinte e quatro estudantes chilenos desaparecem nos Andes, quando realizavam uma excursão ao pico «El Volcan».

12 — DOMINGO — Uma nota das autoridades britânicas no Egito, a propósito do desaparecimento de um soldado, provoca forte reação do govêrno egípcio, que toma a referida nota como um «ultimatum». ★ Os Chanceleres das três grandes potências ocidentais, reunidos em Washington, decidem que deve ser mantido o contrôle sôbre as exportações de materiais estratégicos para a China Comunista depois da assinatura do armistício na Coréia.

13 — SEGUNDA-FEIRA — O Sr. James S. Kemper afirma que enviará todos os esforços para tornar mais sólidas as relações entre os Estados Unidos e o Brasil. ★ O novo embaixador norte-americano no Rio de Janeiro é portador de uma mensagem do Presidente Eisenhower ao Presidente Vargas. ★ Iniciando as comemorações do IV Centenário da chegada do Padre Anchieta ao Brasil, o Departamento de História e Documentação da Secretaria Geral de Educação e Cultura da Prefeitura inaugura a exposição evocativa no Salão Assírio.

14 — TÊRÇA-FEIRA — Anuncia-se que o Soviet Supremo foi convocado para o próximo dia 28, quando deliberará sôbre a substituição de Beria. ★ A Iugoslavia nomeia o Sr. Dobirgove Vidic, Embaixador na Rússia, restabelecendo-se, assim, as relações diplomáticas entre os dois países de há muito interrompidas. ★ Noticiado que o Sr. De Gasperi conseguiu formar o novo Gabinete italiano, o qual será apresentado ao Parlamento na próxima semana. ★ O Govêrno do Equador envia um protesto a Lima contra a violação de suas fronteiras pelos peruanos. ★ E' suspensa a circulação do jornal colombiano «El Siglo», e prêso o seu diretor. ★ Assinados decretos pelo Chefe do Govêrno designando o Sr. Felizardo Toscano Leite Ribeiro Filho, para exercer a função de Inspetor da Alfândega do Rio de Janeiro. ★ Nomeando o Oficial Administrativo Milton Rodrigues Dantas para o cargo de Diretor das Rendas Aduaneiras. ★ Designado pelo Chefe do Govêrno, o diplomata Borges Leal Castelo Branco Filho, para a função de Chefe da Divisão de Cerimonial do Departamento Político do Itamarati. ★ Nomeado o Sr. Jerônimo de Freitas Ramos para o cargo de Diretor do Serviço do Patrimônio da União.

15 — QUINTA-FEIRA — A Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a França convida a União Soviética para uma conferência quadripartite, a fim de debater o problema da Alemanha e tratado de paz com a Áustria. ★ Convocada para 28 do corrente mês a 5ª sessão do Presidium do Conselho Supremo da União Soviética. Será a segunda reunião desde a morte de Stalin. ★ O Sr. Max Fechner, Ministro da Justiça da Re-



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS
— OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.



DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

pública Popular Alemã, é destituído de suas funções por «atividades hostis à República». ★ O govêrno do Egito pede à Inglaterra que suspenda as medidas de emergência adotadas na zona do Canal de Suez, pois, do contrário, não se responsabilizará pela reação do povo egípcio. ★ O «Premier» interino da Itália, Alcide De Gasperi, anuncia que formou um novo Govêrno de coalizão. ★ John R. Christie, o «Estrangulador de Notting Hill», é inforcado. Quatro minutos após a execução, os médicos oficiais constataram a morte. ★ Chega a Washington a Missão Oficial Brasileira, que vai pleitear novas condições para a liquidação do débito de 300 milhões de dólares, contraído pelo Brasil junto ao Banco de Exportação e importação. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Governador do Território Federal do Rio Branco, o Sr. José Luís de Araújo Neto. ★ Pelo Sr. Presidente da República são nomeados comandantes da 9ª Região Militar e da Artilharia de Costa da 1ª Região Militar respectivamente, os Srs. Generais Tasso de Oliveira Tinoco e Osvino Ferreira Alves.



16 — QUINTA-FEIRA — As fôrças das Nações Unidas, depois de conter a investida sino-coreana, passam a atacar vigorosamente buscando recuperar o terreno perdido. ★ Os aliados intimam os comunistas a tomar uma pronta decisão para a assinatura do acôrdo de trégua. ★ Os britânicos tornam menos rigorosas as buscas nos veículos que demandam à Ismailia. ★ O ambiente, porém, ainda é muito tenso. ★ Noticia-se que o Brasil está procurando obter novo prazo para pagamento de suas obrigações comerciais com os credores norte-americanos. ★ Nomeado Ministro do Líbano no Brasil o Sr. Adib Nahas, atual Ministro na Argentina. ★ Presta juramento o novo Govêrno organizado pelo Sr. De Gasperi e constituído exclusivamente de membros do Partido Democrata Cristão. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Manuel Albuquerque Cordovil para a função de diretor financeiro das Emprêsas Incorporadas ao Patrimônio Nacional. ★ Pelo Sr. Presidente da República é designado o Sr. Tenente Coronel Edyno Sardemberg para as funções de substituto do presidente da COFAP.

17 — SEXTA-FEIRA — Cêrca de cinco mil paraquedistas franceses, no primeiro ataque em grande escala desde 1951, lançam-se sôbre a base comunistas de Langson, na Indocina a 150 quilômetros a nordeste de Hanol. ★ O Sr. Arturo Borrero Bustamante, embaixador extraordinário do Equador no Brasil, é nomeado Ministro das Relações Exteriores. ★ Falece num hospital de Buenos Aires, onde se encontrava em tratamento o Dr. Bernardo Ocampo, Ministro do Exterior do Paraguai. ★ Um porta-voz do exército americano declara que os Estados Unidos têm bastantes canhões atômicos para equipar os elementos do Oitavo Exército na Coréia. ★ O Departamento de Estado confirma, que o govêrno americano con-



É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

Óleo de Cedro

Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»

vidara o Marechal Tito, enviar representantes militares Iugoslavos às entrevistas que se realizarão em Washington com os representantes militares dos Estados Unidos, do Reino Unido e da França. ★ O Banco Internacional anuncia ter concedido ao Brasil o empréstimo de 7 milhões e 300 mil dólares, para desenvolvimento de energia elétrica no Estado de Minas Gerais.

18 — SÁBADO — Positiva o empenho da Rússia em retardar a unificação da Alemanha, pois não deseja retirar dali suas tropas, pelo receio de que, uma vez unificado, aquêle país volte a se transformar numa grande potência militar e se não ao Pacto do Atlântico, o que representaria para a União Soviética uma ameaça potencial. ★ O govêrno italiano que mantém uma pendência com a Iugoslavia em tôrno do Território livre de Trieste manifesta-se descontente e apreensivo com o convite feito pelas potências ocidentais àquele país para uma conferência de natureza militar. ★ Encerrou suas reuniões o terceiro Congresso Mundial da Internacional Socialista. No conclave foram aprovadas várias proporções nas quais se condenam os regimes o govêrno francês, britânico e sul africano, nas colônias, os regimes vigentes na Argentina e Espanha. ★ Sabe-se que estariam em preparativos novas experiências com a poderosa bomba de bidrogênio, devendo os ensaios ter por teatro o «atoll» de Bikini, no Oceano Pacífico. ★ Congresso dos Estados Unidos examina a possibilidade da venda, ao Brasil de uma dezena de navios mercantes a serem utilizados ùnicamente na navegação de cabotagem.

19 — DOMINGO — Em elaboração os pormenores do armistício na Coréia, cuja assinatura era tida como iminente. ★ Entrementes, prossegue a luta no bolsão de Kumsong, onde foi lançada mais uma divisão chinesa, para conter a arremetida das tropas sul-coreanas. ★ Moscou anuncia que foram reatadas as relações entre a Rússia e Israel, rompidas em 1948. ★ O Presidente Eisenhower, em carta dirigida ao Chanceler Adenauer, declara que o oferecimento de gêneros alimentícios à população da Alemanha Oriental, foi feito exclusivamente com intuitos humanitários.

20 — SEGUNDA-FEIRA — Em Petrópolis — Realiza-se a solenidade de instalação do Congresso Internacional de Ortopedia e Traumatologia. ★ Aguardada com desusada espectativa e apresentação, hoje, ao Parlamento, do novo Gabinete italiano organizado pelo Sr. De Gasperi. ★ Chega a Assunção, procedente de Buenos Aires, o Sr. Milton Eisenhower, que, como enviado especial do Presidente dos Estados Unidos, realiza uma viagem de «boa vontade» à América Latina. ★ Falece em Milão o ator italiano Ruggero Ruggeri. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto designando a delegação para representar o Brasil no XVIII Congresso Internacional de Cirurgia, a realizar-se em Lisboa.

21 — TÊRÇA-FEIRA — O Embaixador João Carlos Muniz salienta a destacada atuação das delegações latino-americanas na O. N. U., em prol da solução dos problemas surgidos após a guerra mundial. ★ O «Financial Times» tece comentários em tôrno da proposta do Brasil para a liquidação de seus atrasados comerciais com os exportadores britânicos. ★ Apresenta-se ao Parlamento o novo Gabinete italiano. ★ Nessa ocasião o Sr. De Gasperi reclama a devolução de

sensacional!

ÁLBUM RUBRO NEGRO CR.$ 50

ÁLBUM do CRACK CR.$ 40

VIDA DO CRACK CR.$ 5 — ADEMIR, BIGUÁ, ZIZINHO, CASTILHO, SANTOS, PINGA ★

À venda nas Bancas de Jornais

Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua do Quitanda nº 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733

Trieste à Itália. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Sr. Arthur César Ferreira Reis, Superitendente do Plano de Valorização da Amazônia.

22 — QUARTA-FEIRA — O Presidente Syngman Rhee em surpreendentes declarações, afirma que a Coréia do Sul estará no direito de reconquistar a sua liberdade de ação se noventa dias depois da abertura de uma conferência política seguinte ao armistício os comunistas chineses não tiverem concordado em evacuar a Coréia do Norte. ★ Essa contra-marcha causou grande desapontamento nos Estados Unidos e maior indignação na Inglaterra, pois o armistício era esperado para dentro de uma semana, no máximo. ★ A Rádio de Moscou informa que o Presidium do Soviet — o mais alto organismo parlamentar vermelho — adiou sua reunião, de 28 de julho, para 5 de agôsto. ★ O presidente Eisenhower declara que os Estados Unidos remeterão gêneros alimentícios para a zona da Alemanha ocupada pelos russos, a despeito de quaisquer objeções dos dominadores soviéticos. ★ O líder do Partido Democrático. Sr. Adlai Stevenson, declarou acreditar que o presidente Eisenhower agiu com critério ao rejeitar os apelos do primeiro ministro britânico. Sr. Winston Churchill, para uma conferência com a União Soviética. ★ O govêrno britânico apresentará no Parlamento um projeto de lei, com o propósito de eliminar um dos obstáculos aos amôres entre a Princesa Margaret e o capitão de aviação, Peter Townsend. — O projeto de lei estabelece que, em caso de falecimento da Rainha Elizabeth, seu espôso, o Duque de Edimburgo, será o regente do reino, até que o Príncipe Charles atinja maioridade. ★ O BRASIL NO EXTERIOR — O Embaixador do Brasil em Washington, Sr. Walter Moreira Salles, confirma ter apresentado a sua renúncia ao cargo, estando já em preparativos para retornar definitivamente ao seu país. ★ O primeiro ministro Alcide de Gasperi declara que o ocidente poderá perder o apoio irrestrito da Itália caso não a apoie em sua reivindicação de Trieste. ★ Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto designando a delegação brasileira ao III Congresso Internacional de Mecânica dos Solos e Engenharia de Fundações. ★ E' assinado decreto pelo Sr. Presidente da República, promovendo a Embaixador o Ministro Luís Guimarães Fernandes Pinheiro.

AGORA SIM!



Sugestões MAIZENA resolve o seu PROBLEMA. Uma valiosa coletânea de receitas uteis, econômicas e saborosas INTEIRAMENTE GRATIS.

Peça hoje mesmo o seu exemplar do novo livro Sugestões MAIZENA



Amido de milho "MAIZENA" S.S. E
Caixa Postal, 8006 - São Paulo
GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

Sucessora de L.B. de Almeida & Cia.
DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca «Progresso» — Prensas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE
Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U — e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:

MESA TRONCO 52-2104
SECÇÃO DE VENDAS 52-2102
SECÇÃO DE VENDAS 22-0409
EXPEDIÇÃO 22-1584
SECÇÃO TÉCNICA 52-2103
CONTABILIDADE 22-1342
GERÊNCIA 22-2549

RUA DOS ARCOS, 28-42
RIO DE JANEIRO

Alivio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

23 — QUINTA-FEIRA — O jornal «Pravda» condena o convite à Rússia, nascido na Conferência de Washington, para uma Conferência das quatro grandes potências. ★ As delegações aliada e comunista enviam aos respectivos govêrnos os textos do acôrdo de trégua na Coréia, devendo o armistício ser assinado logo após a resposta dêsses govêrnos. ★ O Presidente Syngman Rhee promete não mais obstruir o armistício. ★ Apesar das objeções da Rússia, a população da Alemanha Oriental poderá receber alimentos fornecidos pelos Estados Unidos. ★ O novo govêrno De Gasperi, que há dias se apresentou ao Parlamento, não mais contará com o apôio dos monarquistas, o que forçará a sua renúncia. ★ E' noticiado que a dívida do Brasil para com os exportadores norte-americanos diminuiu em 28 milhões de dólares em junho último. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Diretor-Geral do Departamento Nacional de Estradas de Ferro o Sr. Othon Álvares de Araújo Lima.

24 — SEXTA-FEIRA — Os comunistas chineses se lançam ao ataque, nas frentes central e ocidental, não obstante terem os negociadores da trégua chegado a um acôrdo em Pan Mun Jom sôbre a linha de cessação de hostilidades. ★ O Chanceler Konrad Adenauer, segundo se revelou, propôs um plano de segurança européia que inclui a União Soviética. ★ O chefe da polícia secreta e Ministro de Segurança do Estado da Alemanha Oriental comunista, Wilhelm Zaisser, é destituido de seus cargos. ★ O presidente Eisenhower nomeia o ex-presidente Herbert Hoover e o Sr. James Farley, antigo diretor geral dos Correios, membros da nova Comissão de Reorganização do Govêrno. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto promovendo ao pôsto de General de Exército o Sr. General de Divisão Eleutherio Brun Ferlich e ao pôsto de General de Brigada os Coronéis Eurides da Costa Rubim e Rafael Munhoz de Morais.

25 — SABADO — Finalmente marcada para as 10 horas de amanhã, segunda-feira (hora do Extremo Oriente correspondente às 22 horas de hoje, no Rio de Janeiro) a assinatura do armistício na Coréia, pondo-se dêste modo, termo à guerra que vinha durante já três anos. ★ O presidente Eisenhower qualifica o govêrno comunista da Alemanha Oriental de «regime em bancarrota» e prognosticou a eventual «liquidação da atual ditadura comunista e da ocupação soviética» admitindo, porém, que muito contribuiria para isso a admissão da Alemanha no sistema de defesa da Europa. ★ O General Naguib propõe ao «premier» Churchill uma conferência pessoal a fim de discutirem a questão do Canal de Suez, que vem ameaçando as relações entre o Egito e a Inglaterra. ★ Novas experiências atômicas serão realizadas em outubro próximo, o que significa uma antecipação de três meses do prazo previsto anteriormente. ★ O General Alfred Gruenther, comandante chefe das fôrças do Pacto do Atlântico Norte na Europa, declara a uma comissão do Congresso que não acredita no advento de uma nova guerra. ★ O Marechal-de-Campo Lord Montgomery, vice-comandante supremo das fôrças aliadas na Europa, declara que o poderio da Europa Ocidental já está chegando a um ponto em que «nenhum inimigo poderá fazer as coisas inteiramente à sua maneira». ★ Em um tanque de fabricação doméstica, oito tchecoslovacos, inclusive duas mulheres e dois meninos, abrem passagem através da cêrca de arame farpado e de outros obstáculos para atravessar a «cortina de ferro», em direção à Alemanha Ocidental. ★ Em PETRÓPOLIS, encerram os trabalhos do Congresso Internacional de Ortopedia e Traumatologia.

A TINTA DO LAR
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
Á VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

26 — DOMINGO — Após longos meses de negociações, é finalmente assinado em Pan Mun Jom o acôrdo de trégua na Coréia, por delegados das Nações Unidas e dos comunistas. ★ Entra em vigor, em tôda a linha de frente, a ordem de cessar fogo. ★ O Govêrno de Cuba domina um movimento revolucionário ali irrompido, tendo o Presidente Fulgencio Batista chefiado, pessoalmente, a luta contra os insurretos. Nos combates perecem mais de 50 pessoas. — O Govêrno cubano suspendeu por 90 dias os direitos constitucionais. ★ O Presidente Eisenhower adverte que o armistício na Coréia não representa a paz no mundo e que a América deverá manter-se de guarda.

27 — SEGUNDA-FEIRA — O General Mark Clark declara confiar que o armistício seja o comêço da paz mundial. — E' também assinado o acôrdo pelo qual fica confiada à Índia a guarda dos prisioneiros de guerra que não desejam ser repatriados. ★ O govêrno sul-coreano promete não fazer qualquer obstrução ao cumprimento do armistício, tendo o Presidente Syngman Rhee feito representar-se na solenidade de assinatura por um de seus generais. ★ A Assembléia Geral das Nações Unidas é convocada para sancionar os acôrdos de Pan Mun Jom. ★ Falece em Atenas o General Nicolas Plastiras, ex-Primeiro Ministro da Grécia. ★ O Sr. Presidente da República sanciona Lei do Congresso Nacional criando o Ministério da Saúde.

28 — TÊRÇA-FEIRA — O Presidente Syngman Rhee, em mensagem ao povo sul-coreano, expõe os motivos que lavaram o govêrno a mudar de atitude tomada em face dos têrmos do armistício. — Noticia-se que no próximo dia 5 terá início a troca de prisioneiros. ★ Conforme se pronunciava, o novo Gabinete De Gasperi não obteve o voto de confiança solicitado ao Parlamento. — Em conseqüênçia, o líder democrata-cristão apresenta sua renúncia ao Presidente Einaudi. ★ Noticia-se que pereceram 57 pessoas nos combates travados entre legalistas e comunistas. — Diversos jornais protestam contra imposição da censura à imprensa. ★ Noticia-se que se tornou muito grave o estado de saúde do Senador Taft. ★ Regressa aos Estados Unidos o Sr. Embaixador Milton Eisenhower.

29 — QUARTA-FEIRA — Já se admtie que a conferência de paz, que se seguirá ao armistício, está destinada ao fracasso, em face das exigências do Presidente Syngman Rhee. ★ O Primeiro-Ministro interino do govêrno britânico, R. A. Butler, confirma que a Grã-Bretanha continua sendo partidária de que se realize uma conferência entre os estadistas das quatro grandes potências. — Revela-se, porém, que Eisenhower continua totalmente contrário à proposta de Churchill para a realização, dentro em breve, de conversações em alto nível com a Rússia, a fim de tentar o encerramento da atual tensão mundial. ★ O Presidium do Soviet Supremo da Bielo-Rússia (Rússia Branca) destitui o Primeiro Ministro Alexei Kleschey, substituindo-o por Cyril Masurov, ★ O Comité Executivo da Sociedade Inter-Americana de Imprensa envia telegrama ao Presidente de Cuba, General Fulgencio Batista, no qual diz que o estabelecimento da «censura à imprensa» é um «rude golpe» à democracia no Hemisfério Ocidental. Como se sabe, aquela medida restritiva seguiu-se ao fracassado levante de domingo último. ★ Falece em Buenos Aires o Sr. José Maria Cantilo, que foi Ministro das Relações Exteriores durante a presidência do Sr. Roberto Ortiz. O Sr. José Maria Cantilo representou a Argentina em diversos países da Europa e América. Tinha 75 anos de idade.

30 — QUINTA-FEIRA — As tropas comunistas e aliadas já têm quase concluídas as operações de retirada da zona demarcada para ser desmilitarizada. ★ Na Câmara dos Comuns travam-se debates sôbre a posição da Inglaterra em relação ao armistício. ★ O Sr. Clement Attlee, líder trabalhista, critica as declarações do Sr. Foster Dulles. ★ A Rússia, imitando os Estados Unidos, comunica ao govêrno austríaco que arcará com tôdas

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O MAIS ANTIGO DO RIO DE JANEIRO

Capital .... Cr$ 90.000.000,00
Reservas .... Cr$ 70.711.212,50

Matriz:

RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Tel. 43-8966

AGÊNCIAS:

Distrito Federal:
COPACABANA — Av. Copacabana, 1.155
MÉIER — Rua 24 de Maio, 1.355
S. CRISTÓVÃO — Rua S. Luís Gonzaga, 45
TIJUCA — Praça Saenz Peña, 9
URUGUAIANA — Rua Uruguaiana, 7
RIACHUELO — Rua Riachuelo, 387
Estado de S. Paulo: S. PAULO — CAPITAL

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
INCLUSIVE CÂMBIO

SEÇÕES ESPECIALIZADAS PARA
GUARDA DE TÍTULOS E VALORES

decreto rescindindo a concessão outorgada à Rádio Clube do Brasil S. A.

31 — SEXTA-FEIRA — Os Estados Unidos insistem em que devem participar ativamente da Conferência da Paz todos os países que tiveram tropas lutando na Coréia. ★ Os comunistas voltam a denunciar violações do armistício por parte das Nações Unidas. ★ Os Estados Unidos protestam contra o fato de ter a aviação russa abatido um aparelho B-50 da Fôrça Aérea norte-americana. ★ Cêrca de 30.000 operários das fábricas da zona oriental de Berlim iniciam uma marcha em direção ao setor livre da cidade, ao começar a polícia comunista a apreensão de «pacotes de provisões Eisenhower». ★ Acometido de grave enfermidade falece em um hospital de Nova York o senador norte-americano Robert A. Taft, conhecido líder republicano e porta-voz de seu partido no Senado dos Estados Unidos. ★ O Ministro dos Abastecimentos, Duncan Sandys, declara na Câmara dos Comuns que a Grã-Bretanha realizará em outubro vindouro, no campo de tiro de projetis foguetes de Woomera, na Austrália, a sua segunda prova de armas atômicas. ★ O Banco de Exportação e Importação anuncia que concordou em adiar por um ano a data em que deverá ser pago o empréstimo de 300 milhões de dólares, recentemente feito ao Brasil.





A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tónico ideal para crianças, moços e velhos



EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

as despesas relativas à manutenção das tropas de ocupação na Áustria. — Ao mesmo tempo, Moscou apresenta sugestões no sentido de serem reiniciadas as conversações para a elaboração do Tratado de Paz com aquêle país. ★ Em Filadélfia são detidos destacados líderes comunistas norte-americanos, que se encontravam em atividades subversivas. ★ O «New York Herald Tribune» diz que há indícios de uma crescente onda de sentimento contra os Estados Unidos, na América do Sul. ★ O Banco de Importação e Exportação chega a um acôrdo com a delegação brasileira em Nova York para a alteração nas condições de pagamento do empréstimo de 300 milhões de dólares. — Declara-se na Câmara dos comuns que vão ter prosseguimento as negociações anglo-brasileiras em relação aos atrasados comerciais do Brasil. ★ O Sr. Presidente da República assina



É MUITO MELHOR SER NERVOSO!

Está provado que todo indivíduo de valor é nervoso. Nervoso, evidentemente, no bom sentido da palavra. Nervoso no sentido de inquieto, com vontade de realizar, progredir, conhecer, saber. Todo artista de evidência tem seus nervos à flor da pele. Os indivíduos de valor procuram transformar o seu «nervosismo» em qualidade que lhes confere maior capacidade de realização e trabalho. O nervosismo também tem as suas vantagens.

Hoje, está desmoralizado o conceito de que todo gênio é um louco, um anormal.

Se o leitor tem «nervos» procure utilizá-los em alguma coisa prática e útil. Não os gaste em preocupações estéreis e em temores vagos.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVII — Nº 4 — SETEMBRO — 1953.
Dicionários adotados nesta seção: — Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9ª edição — Papyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

ENIGMAS

— 106 —

(Ao Zytho)

O tigre tem afoiteza,
Tem ardis, tem ligeireza
Além de garras cortantes.
Se vês com a fera, uma cria,
Demoras na pontaria
Surdo aos conselhos constantes
De experiente nativo: —
Quem caça tigre ou leão,
Se deseja voltar vivo,
Deixa em casa o coração.

Jayreis (Bahia)

— 107 —

Na simples regra de um tema
Que lancei por brincadeira,
Saiu tanta discussão
Que tudo deu em *sujeira*.

Zigomar (B.B.) — B. Horizonte

— 108 —

E' um instrumento que, além de [agradável,
Tem o bom som de perfeito [*Zabumba!...*
Com êle executo, de modo lou- [vável,
O acompanhamento de qualquer [rumba. .

P. Del Debbio — CEP — (S. Paulo).

— 109 —

Embora indo com pressa,
Não se esqueça do perigo
Em passar sòzinho à noite,
Junto à casa do *inimigo*.

— 110 —

Não te iludas... *Felicidade...* - 1
Ser *feliz...* Glória... Riqueza... - 5
Feliz é quem, na verdade,
Nunca pensou na grandeza...

Mascobei

CHARADAS CASAIS

Ao nobre Conselheiro, agradecendo.

111 — Três —
Prolifera a confusão
Onde não há sacramento;
Assim diz o sacristão,
Meu velho amigo *"Sarmento"*.

Bisilva (Manaus)

112 — Três — Homem *decrépito* forma um par ideal com mulher *muito velha*.

Conde de la Fére — A.C.C.B. (Salvador — Bahia).

113 — Duas — Camisa com *algibeira*, só na *Praça do Comércio*.

Carsioli (Angico — Mairi — Bahia).

114 — Duas —
Homem gordo e baixo, o Lício
E' um *pedreiro ordinário*,
Não passa de um salafrário
Que nada entende do ofício.

Dr. Barreto Cardoso — G.C.N. — (Maceió — Alagoas).

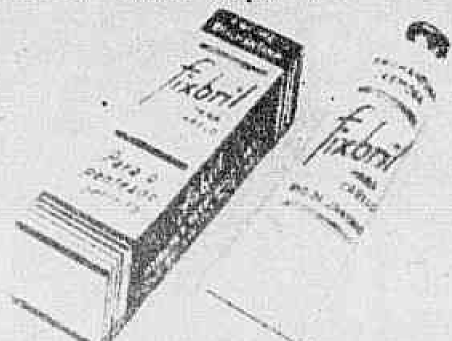


assenta e dá brilho ao cabelo!



De manhã à noite, Fixbril mantém seu cabelo impecàvelmente penteado, sedoso e brilhante. A queda prematura do cabelo e a caspa são evitadas com o uso Fixbril. Lembre-se: Fixbril não é gorduroso. Comece a usá-lo ainda hoje!





De Will Rio Londres - Nova York - Buenos Aires

115 — Duas •
O filho dessa nação
Tem sadia *geração*
Pelo modo de comer.
O alimento quando é *puro*
E' meio forte e seguro
De a gente muito viver.

Apolônia Vilar — Campina Grande.

116 — Duas — Em geral um *calote* provoca *contenda*.

Emidlej (Salvador)

117 — Duas — Todo aquêle *que tem reservas* monetárias é pessoa *abonada*.

Malba Tantan — *P.S.* — *C.E.S.* — (Santos).

118 — Três — *Surge* quase todos os dias um novo *produto* no comércio de drogas.

Farané (Salvador)

119 — Duas — *Deita* fora; peneira com êsse *rombo*, está inutilizada.

Marcimento (S. Paulo).

120 — Duas — Nem tôda *narração* tem o *propósito* de agradar.

Matsuk (Rio)

121 — Três — *Confunde-me* esta *multidão de coisas a esmo.*

Marcus — B.B. (B.H.)

122 — Três — *Prega* o açoite do *estafermo*.

O Sineiro (S. Paulo)

123 — Três — Aquêle indivíduo, como possui uma *espingarda de grosso calibre*, julga-se um homem *endinheirado*.

Oarcim.

124 - Três - Quem *pensa* muito anda sempre *desconfiado*.

Tony (Campo Florido)

125 — Três — O *temor não causa dano* a pessoas calmas.

Velo-Vela (Rio)

LOGOGRIFOS

— 126 —

Pobre do *homem* que luta — 2-3-5-6
Pelo pão *de cada dia* — 5-4-2-3
Sem ter pra onde apelar,
Vê-se no *despenhadeiro* — 1-2-4-2-3
Por tôda *parte* êle escuta — 3-2-5-6
Soluços, dor, agonia,
A fome a se aproximar,
Êle *sem grão* (*) no celeiro.
(*) Noz, castanha, etc.

Jomaque — C.E.C. (Rio)

— 127 —

Pulsa menos, coração; — 7, 2, 5, 4, 3, 9.
"Mulher" ou dinheiro, não — 8, 4, 7, 1, 6, 2
E' *o que dá felicidade*. 1, 9, 3, 6, 7, 2
E' feliz quem se contenta
Com o que tem, *assim* comenta — 5, 9, 7.
Um bom *rapaz da cidade*.

Jovaniro — C.E.C. — (Rio)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

128 — Duas — duas — Do *interior da bôca de fogo* tirei um animal *"manso"* para levar na *embarcação africana e asiática muito comprida e estreita*.
Dopasso — G.C.N. (Recife)

129 — Duas — duas — Nada *consegue* na vida o individuo que é *patife* e *beberrão*.
Dr. Zinho (S. Paulo)

130 — Duas — uma — Queres ver *belezas* e sentir alegria..? *Basta* ires para um *retiro no campo*.
Donatila Borba (Criciuma)

Ao Latônio

131 — Duas — duas — No *hospicio de enjeitados*, como não há direção *eficaz*, todos vivem em constante *inquietação*.
D'Avila — G.E.M. (Pará de Minas).

132 — Uma — três — *Ora!* — Quando *tem inicio* aquela *coceira* poucas são as drogas que a fazem cessar.
Edur G. Monteiro (Cuiabá)

133 — Três — duas — O *rapaz humilde* só tem *disposição* para andar *a pé*.
El Principe (Uberaba)



JUVENTUDE
ALEXANDRE


134 — Uma — três — E' coisa dificil a *critica severa* do estudo *relativo à igreja de Roma*, que só pode ser *feito pouco a pouco*.
Fusinho (Bangu)

135 — Duas — duas — Aquela *matraca* tocada por *mulher*, só pode resultar troça ou *tramoia*.
Fiote (Cuiabá)

136 — Duas — duas — O *circo* já estava de *partida*, ainda sob os aplausos da multidão *viciada*.
Plá (Rio)

137 — Duas — duas — Com um gesto *indiferente*, mostrou-me o *tabuleiro de terra*, como se fôsse uma *insignificância*.
Nilva (Rio)

138 — Duas — duas — Não há *engano*, não; Maria Quitéria foi de fato uma *mulher* fora do *comum*.
Nomisio Nuno (F. de Santana — Bahia).

139 — Duas — três — O *individuo esperto* ficou *embriagado* e transformou-se num *sujeito qualquer*.
Anchieta (S. Paulo)

140 — Duas — duas — E' preciso que não *baste vencer*, mas que saiba *vencer*.
Sefton (Rio)

141 — Três — duas — A *fome* é *penosa* porque trás *esganação*.
Sertaneja (Rio)

CHARADAS ANTIGAS

— 142 —

Se vive nesse *marasmo*, — 2
Destituido do entusiasmo
Que a principio conquistara,
Já não inspira *confiança*, — 1
Merecendo, sem tardança,
Um forte *sôco* na cara...

Gil Virio (Andradina)

— 143 —

Grandeza de coração — 2
Manifesta quem semeia, — 1
Com *distinta* discreção,
Beneficios à mancheia.

J. D. Mingo (Senhor do Bonfim — Bahia).

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

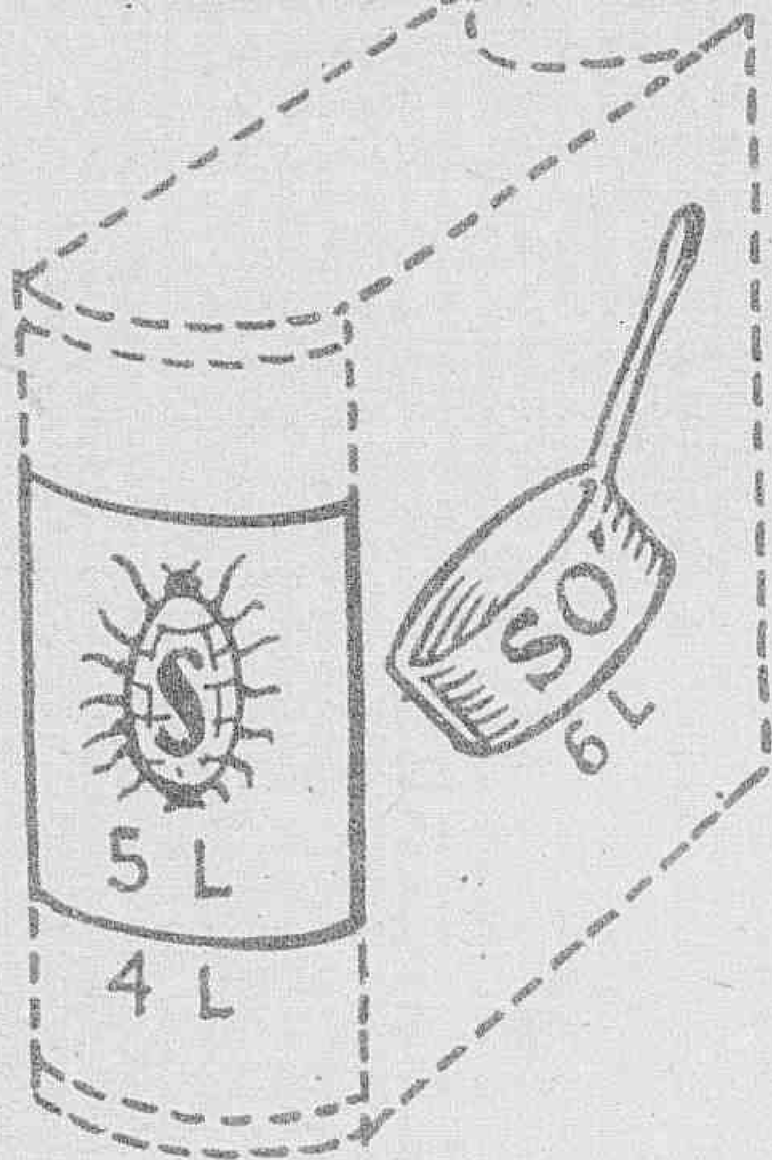


Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ENIGMA PITORESCO — 160



Anchieta — *P.P.* (S. Paulo)

— 144 —

Que doce *inspiração* — 2
traz-me a *mulher formosa*"! - 2
Tem ela *suave* feição
à minha alma jubilosa...
KTQZ (São Paulo)

CHARADAS SINCOPADAS

145 — Três — duas — A *lançadeira da máquina de costura é feita* d'oque *há de melhor* em metal.

Iza Abel (Rio)

146 — Três — duas — O *entrelaçamento dos pares na dança do fandango* acabou em confusão e deu *cadeia.*

Asclépios (Rio)

147 — Três — duas — Êle se liberta de qualquer *embaraço* porque é um *homem muito esperto.*

Bigi Neto C.E.C. — (Rio)

148 — Três — duas — E' um *indivíduo miserável,* porém, não tem um só *rasgão* na roupa.

Cysneirense Júnior

149 — Três — duas — A falta de compreensão e de *união* entre os pais, resulta num deplorável *exemplo* para os filhos.

Conselheiro (Ri G. do Norte)

150 — Três — duas — O dardo foi *arremessado,* mas o caçador não ficou muito *tranquilo.*

Heron Silpes (Canavieiras)

151 — Três — duas — O *indivíduo que come terra* já anda com o *pé* na sepultura.

Lord (Goiânia)

152 — Três — duas — A *cachaça* nem sempre é bebida *permitida.*

Lutércio (Rio)

153 — Três — duas — Não deixo o *aconchego* do meu lar para ocupar qualquer *emprêgo subsidiário.*

Anchieta (S. Paulo)

154 — Três — duas — Eis um *sujeito boçal* e cheio de *jatância.*

P. Del Debbio (S. Paulo)

155 — Três — duas.
Jovem *que perdeu o verdor,*
Só porque levou um bolo,
Retome logo o vigor
Se não quer passar por tolo.
R. Kurban — T.B. (S. Paulo)

156 — Três — duas — Quem vive honestamente, *dispõe* a vida para a morte e *ilustra* seu próximo.

Roama (Guapiaçu)

157 — Três — duas — Todo sujeito *amalucado* tem *falha* de memória.

Sertanejo II (Lavras)

158 — Três — duas — Êste *varrão* não gosta de comer de *colher.*

Seamva (Santos)

MOLÉSTIAS DA BEXIGA

A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de início. Sendo a bexiga a porta de saida das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

BIGODE de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS
FUNDADO 1926

ENIGMA FIGURADO — 161







Roama (Guapiaçu)

159 — Três — duas — Só na estação *quente* é que devemos usar roupa *branca*.

Zigomar — *B.B.* (Belo Horizonte).

SOLUÇÕES DO 1º TORNEIO — JANEIRO A MARÇO DE 1953

1 — Sáfaro; 2 — Deserto; 3 — Pedro; 4 — Tem-tem; 5 — Recontro; 6 — Altivo; 7 — Frêmito; 8 — Fumaça; 9 — Tiquara; 10 — Entrega; 11 — Eirado; 12 — Minuto; 13 — Mamote; 14 — Mironga; 15 — Lépido; 16 — Tantito; 17 — Raposa; 18 — Albafar; 19 — Devaneios; 20 — Estolido; 21 — Turbamulta; 22 — Toque-emboque; 23 — Corriola; 24 — Enrocado; 25 — Marca grande; 26 — Rachapé; 27 — Desmemória; 28 — Puxa — encolhe; 29 — Queda; 30 — Negrada; 31 — Malfeliz; 32 — Matete; 33 — Usurário — Pelomancia; 34 — Disparador; 35 — Formigueiro; 36 — Pilheira; 37 — Corrediço; 38 — Cachopo; 39 — Resenha; 40 — Gamelo; 41 — Caminheiro; 42 — Ímpeto; 43 — Embuça; 44 — Ratinha; 45 — Barulheiro; 46 — Madeira; 48 — Trilhado; 49 — Precário; 50 — Ofensa; 51 — Fomenta; 52 — Gente de praia, rabo de arraia; 53 — A cana dá açúcar se moeres; 54 — Franciscanada; 55 — Muladar; 56 — Arriosca; 57 — Mapiar;; 58 — Rato; 59 — Aresto; 60 — Descortina; 61 — Arupanado; 62 — Vivo; 63 — Escarcho; 64 — Funda; 65 — Mágico; 66 — Calunga; 67 — Inferna; 68 — Talho; 69 — Ladeiro; 70 — Obsesso; 71 — Ministra; 72 — Fabiano; 73 — Mexida; 74 — Viravolta; 75 — Lastimado; 76 — Pilôto; 77 — Morocho; 78 — Voante; 79 — Preciso; 80 — Cicata; 81 — Tufado; 82 — Pequito; 83 — Barato; 84 — Tijuco; 85 — Potrilha; 86 — Capitão; 87 — Gapina; 88 — Verdade; 89 — Forçura; 90 — Piara; 91 — Pupilar; 92 — Biografia; 93 — Toque-toque; 94 — Insueto; 95 — Arranca tôco; 96 — Farinha queimada; 97 — Prurir; 98 — Mata ratos; 99 — Mocamau; 100 — Peste; 101 — Estavanando; 102 — Escolada; 103 — Almolina; 104

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

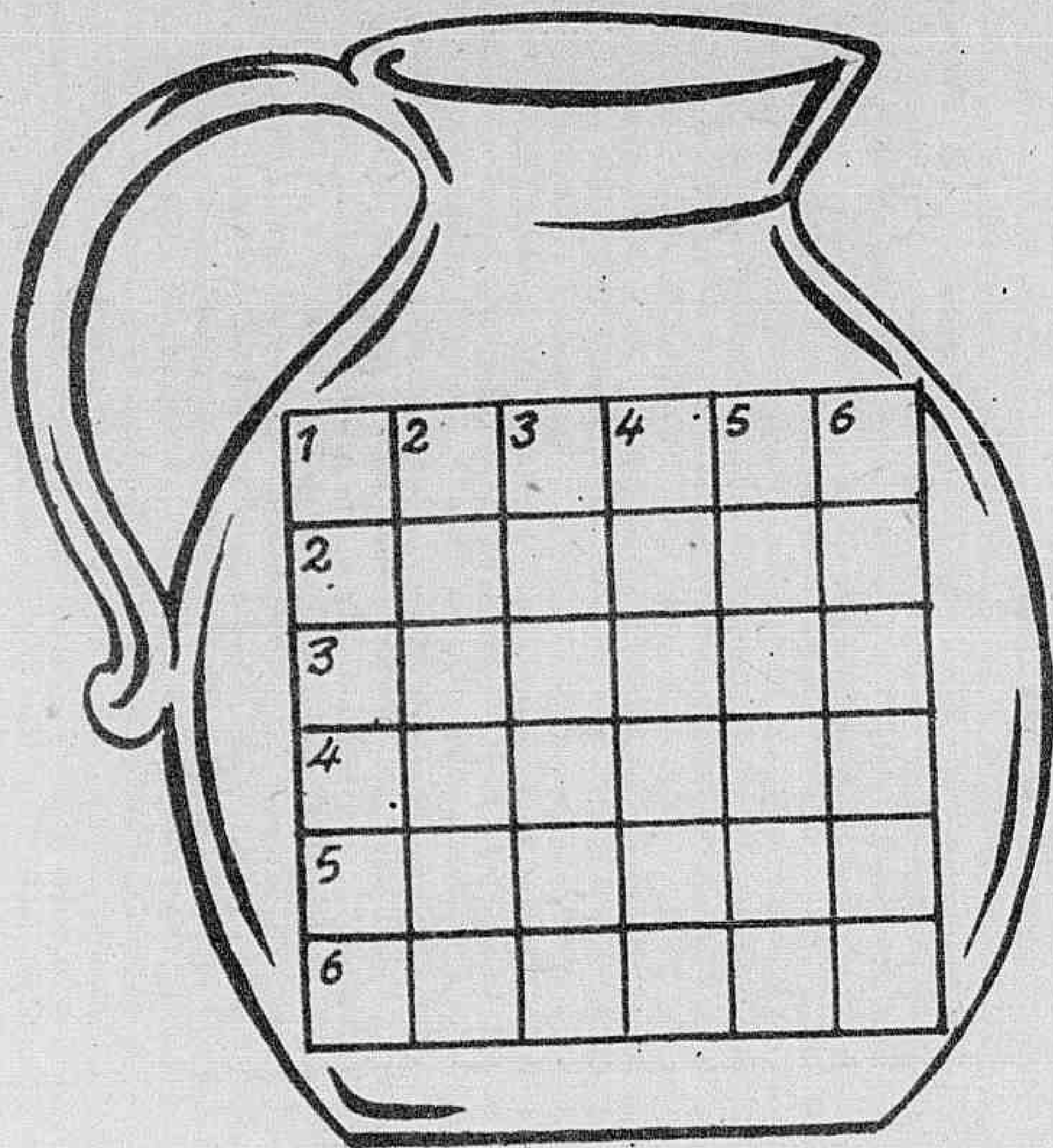
Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

— Mocheta; 105 — Macaco cabeludo; 106 — Roncaria — Cada relógio, cada hora — O dinheiro faz a guerra, a guerra faz o dinheiro; 107 — Labaça; 108 — Salteada; 109 — Estourado; 110 — Caçambo; 111 — Agachado; 112 — Sorreifa; 113 — Tamancado; 114 — Corujeira; 115 — Atroada; 116 — Minuta; 117 — Entica; 118 — Banda; 119 — Corva; 120 — Tesoura; 121 — Giga; 122 — Calmorreando; 123 — Lapa; 124 — Quelelê; 125 — Reverso; 126 — Graúdo; 127 — Lili; 128 — Aspa torta; 129 — João Grande; 130 — Perequeté; 131 — Peludo; 132 — Calaboca; 133 — Borra botas; 134 — Primorosa; 135 — Argento vivo; 136 — Gangolino; 137 — Filha do senhor de engenho; 138 — Latomia; 139 — Latacho; 140 — Bofetada; 141 — Boi tatá; 142 — Panaca; 143 — Labuta; 144 — Libração; 145 — Saçanga; 146 — Medida; 147 — Fôlego; 148 — Licença; 149 — Somenos; 150 — Puxeira; 151 — Facada; 152 — Tapera; 153 — Forame; 154 — Moçada; 155 — Magriço; 156 — Perdida; 157 — Pelanca; 158 — Lôbo farto é teu amigo; 159 — Marido ruim e mulher ruim, casal feliz.

———

PALAVRAS CRUZADAS



Mambira da Jiquitaia (Salvador — Bahia)

PROBLEMA Nº 5

HORIZONTAIS E VERTICAIS: — 1 — Chapéo de copa e abas flexíveis, tecido com fibra de um arbusto; 2 — Toleram, aceitam; 3 — Requesta, cativa; 4 — Fragâncias; 5 — Mariolas, finórios; 6 — Deprime, achata.

———

PROBLEMA Nº 6

Ao Sertanejo/II

HORIZONTAIS: 1 — Uma das ilhas Lucaias; diziam ser uma terra descoberta por Colombo; 2 — Emudecem; 3 — Árvore da família das cináceas; território do Brasil; 4 — Espécie de cipó com que enrolam as fôlhas de fumo, depois de sêcas (pl.); 5 — Ariete bélico; 6 — Insensibilidade; 7 — Trocar; 8 — Ocasião.

VERTICAIS: 1 — Colega; 9 — Ortita (pl.); 10 — Abelha meliponídea; 2 — Planta da família solâneas (pl.); 11 — Multidões; 6 — Pref. latino que traz a idéia de posição, em redor.

Zoraco (Divinópolis)

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 20 de julho:

Olin & Tarciso — Dupla Praiana (Santos) — Inscritos para todos os efeitos; os dois enigmas fogem ao feitio desta seção, que não aceita trabalhos difíceis (furos).

Nelson Bernardo (S. Paulo); *Asit* (Salvador); *Mr. Johnny* (S. Paulo) — Inscritos com muito prazer.

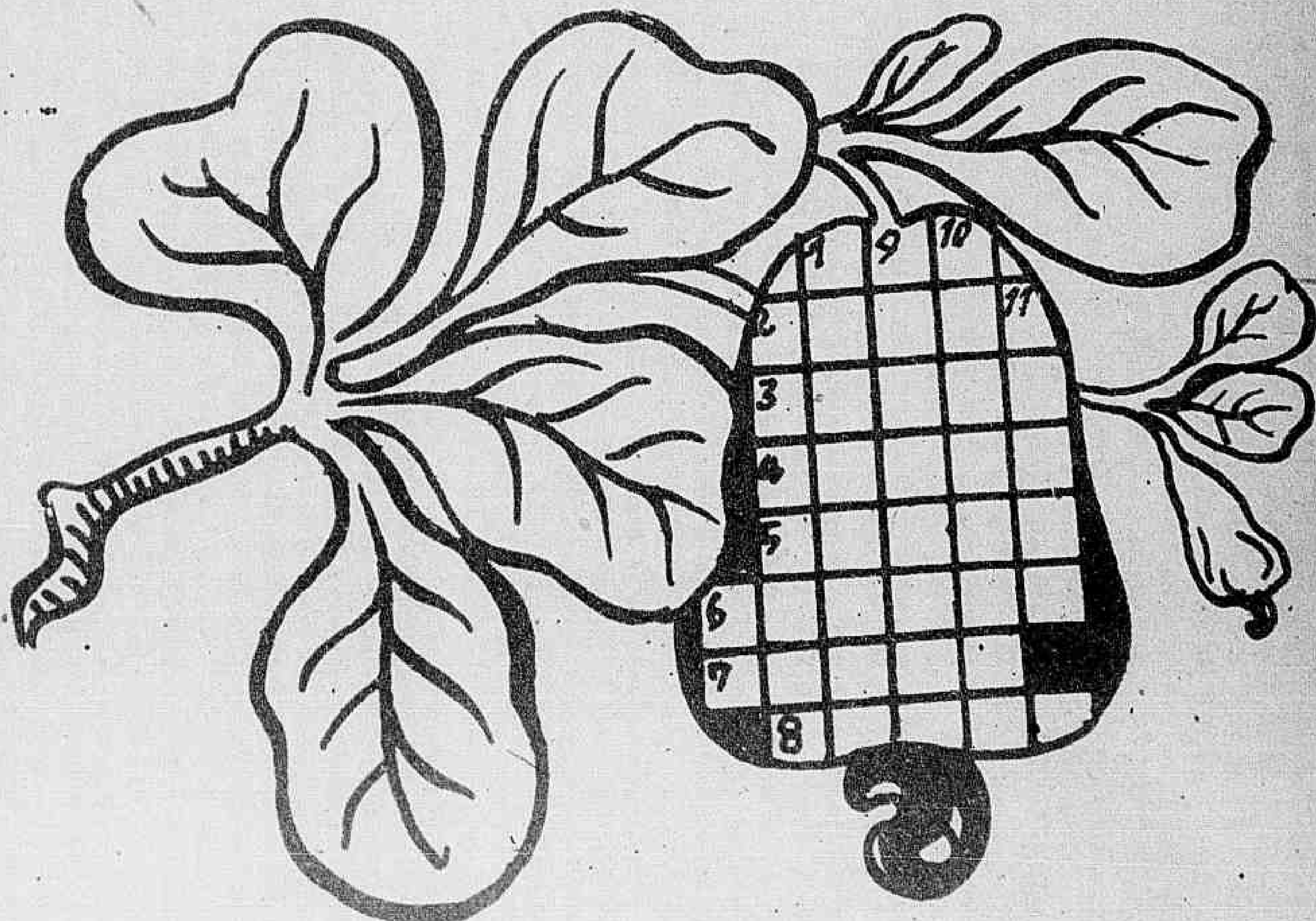
Mr. Trinquesse (S. Paulo) — Gratos pela ótima colaboração que será publicada no próximo número.

Atelito Lebre (Rio) — Idem, idem, na mesma data.

Bereco (Recife) — Inscrito, com muito prazer; trabalhos bons.

Carlos Weber (Rio) — Esta seção não publica trabalho como os que mandou, considerados por nós — *difíceis.*

Damos preferência as charadas feitas com sinônimos; repare que raramente sai uma com planta, etc. Mande outros e serão gostosamente publicados.



É POSSIVEL CONSERTAR O CORAÇÃO

(Cont. da pág. 31)

Ninguém aprecia mais êsse artifício do que o dr. John H. Gibbon, Jr., professor de cirurgia e diretor de pesquisas cirúrgicas da Escola Médica Jefferson, de Philadelphia. Êle tem lidado com um tipo de máquina cárdio-pulmonar desde 1930. Êle e sua mulher, Mary Hopkinson Gibbon, desenharam e construíram o primeiro dêles na Escola Médica de Harvard e levaram-no, em seguida, para a Escola de Medicina da Universidade de Pennsylvania. Embora ainda não tenha sido utilizado com um paciente humano, o aparelho Gibbon tem demonstrado, repetidamente, a sua praticabilidade no laboratório. Numa série de experiências dadas a conhecer em 1938, treze gatos tiveram a circulação para os pulmões completamente cerrada e desviada através de um coração e de pulmões mecânicos, em períodos superiores a vinte minutos e, apesar disso, sobreviveram. Um dêles mesmo (no caso uma gata) teve filhos seis semanas depois.

As pesquisas do dr. Gibbon foram interrompidas pela Segunda Grande Guerra, durante a qual êle foi servir no Sudoeste do Pacífico, com o pôsto de tenente-coronel. Em 1948, retomou o seu trabalho e construiu um novo modêlo de coração-pulmão, duas vêzes maior do que qualquer máquina de raio-X e dez vêzes mais complicado: Foi construído pela «International Business Machines Corporation», e apresentado à «Escola Jefferson» por Thomas J. Watson, presidente da I.B.M. Conta com dispositivos foto-elétricos e eletrônicos que submetem o sangue a análise, a fim de assegurar uma quantidade adequada de oxigênio e mantêm os condutos do sangue à temperatura do corpo, além de bombear o fluido de manutenção da vida de volta ao organismo do paciente, à velocidade própria da pulsação. Como máquina, esta enorme, dispendiosa e bem planejada série de artifícios constitui uma obra primorosa de engenharia. Como coração e pulmões, ela ilustra os enfadonhos e cuidadosamente elaborados e extremos detalhes a que os homens têm que chegar, para duplicar as funções dos órgãos eficientes e compactos com que a natureza nos dotou. E, mesmo assim, o melhor que conseguimos não é mais do que uma aproximação daquilo que é obtido pela natureza.

Tomemos, por exemplo, a função de levar o oxigênio pelo sangue. Esta é uma tarefa para a qual os avançados cirurgiões-inventores ainda continuam a quebrar a cabeça. A natureza a executa, espargindo o sangue, através das rêdes capilares, nas células de ar dos pulmões. A área interna dêstes órgãos, na qual o sangue e o oxigênio entram assim em contato, totaliza, aproximadamente, a área de uma sala-de-estar comum. O recolhimento do oxigênio é feito durante uma exposição de um segundo.

Durante anos, os pesquisadores médicos, nos laboratórios, têm tentado conseguir tal «performance» num grau aproximado. Para tanto, combinaram sangue e ar no interior de um balão, fizeram-no escorrer, através de garrafas cheias de contas de vidro e oxigênio, espargiram-no sôbre uma cortina de sêda, exposta, em ambos os lados, a uma atmosfera de oxigênio. Nenhum dêsses artifícios chegou sequer a aproximar-se dos suaves e altamente eficientes métodos da natureza.

O pulmão mecânico do dr. Lung é um tanque cilíndrico, que gira algumas centenas de vêzes por minuto. O oxigênio se introduz na parte superior do tanque e a corrente sanguínea se derrama contra a superfície interior e é espalhada pelo movimento giratório, dentro de um filme tênue, que absorve o oxigênio. Princípio semelhante é empregado na máquina coração-pulmão do dr. Clarence Dennis, da «Escola de Medicina» da Universidade de Minnesota, em Minneapolis. Na «Escola de Medicina Hahnemann», em Philadelphia, os drs. Robert G. Trout, Charles P. Bailey, Robert P. Glover e Thomas J. O'Neill trabalham com uma espécie de máquina, na qual o oxigênio é forçado, através dos tênues poros de um filtro de porcelana, quando o sangue corre sôbre a superfície externa do mesmo.

Ainda um outro método de apreensão do oxigênio é utilizado pelo dr. Clarence Crafoord, professor de cirurgia torácica da Universidade de Estocolmo e um líder em operações de vasos sanguíneos. O mecanismo que êle e o seu associado, dr. Viking Olov Bjork, desenharam, consiste numa série de discos de aço puro e papel fino com um tamanho aproximado dos discos fonográficos, montados em grupos de quatro, ao longo de um eixo horizontal. Suas bordas inferiores mergulham numa espécie de reservatório e, quando o sangue corre através do mesmo, é recolhido por uma tênue película, nos discos de revolução, e expostos a uma atmosfera de oxigênio. Os cientistas suecos, aproveitando o seu pulmão mecânico em diversas experiências, descobriram que o mesmo pode encarregar-se da circulação no cérebro de um cão, com o animal anestesiado, durante um período de hora e meia. Os cães submetidos a essas experiências levantavam-se, sacudiam a cauda e caminhavam poucas horas depois de terem sido submetidos a êsse tipo de operação. Muitos dêles continuavam gozando saúde. O dr. Crafoord cerrou, também, a corrente sanguínea das veias para o coração durante meia hora, sem que houvesse qualquer afecção para o animal. Na última experiência, o miocárdio ficou quase vazio, e, à medida que se esvaziava, tornáva-se menor e sua palpitação se suavizava, sendo estas uma combinação de circunstâncias, que tornariam a cirrugia dêsse órgão muito mais fácil do que quando o mesmo estivesse cheio de sangue, contraindo-se e descontraindo-se vigorosamente.

Muitos eminentes cirurgiões do tórax acreditam que podem conseguir um progresso revolucionário na cirurgia do coração e do pulmão, desde que estas máquinas de circulação extra-corporal estejam aptas a substituir a natureza nessa tarefa, durante o período da operação. Uma das mais tentadoras oportunidades de salvar ou prolongar vidas será a restauração de funções normais das válvulas do coração, oprimidas ou dilatadas pela

febre reumática. Entretanto, até que êsses aparelhos sejam aperfeiçoados, diversos cirurgiões trabalham em métodos de correção dessas anomalias sem que seja necessário interromper a circulação durante as operações.

A moléstia reumática do coração é uma condição aflitiva bastante comum. É ela responsável por cêrca de 90 por cento de tôdas as indisposições miocardianas nas crianças e por 40 por cento nos adultos. A principal dificuldade assenta, geralmente, na válvula mitral, assim chamada porque se assemelha à mitra de um bispo. Se juntarmos nossas mãos, como se fôssemos rezar, e as invertermos, teremos o formato, aproximado, da válvula que se desenvolve a partir da aurícula esquerda para o ventrículo esquerdo do coração. A infecção reumática torna rijas as bordas da válvula, correspondendo às pontas dos dedos e as mantém juntas, de modo que a ação semelhante à de abanar, dessa válvula, é prejudicada, e apenas um tênue corredor fica livre para a passagem do sangue.

Algumas tentativas heróicas, para manter abertas essas válvulas, foram feitas no passado. O falecido dr. Elliot Cutler, de Harvard, operou sete pacientes, entre os anos de 1923 e 1928. Para os últimos quatro casos, utilizou um **valvulôtomo**, consistindo num tubo de grossura semelhante à de uma pena de escrever, com um ponteiro de ação lateral, na extremidade. Êsse aparelho era introduzido através da perede do ventrículo e, numa operação completamente cega, tentava-se produzir uma perfuração no bordo da válvula, a fim de permitir a passagem de maior quantidade de sangue. A dificuldade com a operação era que a mesma não restaurava a ação de abertura e fechamento da referida válvula e, usualmente, tão grande quantidade de sangue regurgitava de volta pela mesma, que resultava numa congestão pulmonar. Seis dos sete pacientes do dr. Cutler morreram em poucas horas ou dias após a operação; um dêles sobreviveu quatro anos e meio.

Por muitos anos, êsses dados desanimadores mantiveram os cirurgiões afastados das válvulas reumáticas. Em fevereiro de 1948, o dr. Horace G. Smithy, de 34 anos, da «Escola de Medicina» da Carolina do Sul, constituindo-se êle mesmo num caso de coração reumático, introduziu uma **faca de válvula**, por êle desenhada, no coração de uma jovem de 24 anos, Betty Lee Wolridge, de Canton, Ohio, retirando parte da inflamada válvula mitral da sua paciente. A partir de então, fêz mais seis operações semelhantes. Revelam os dados que, dos sete pacientes (incluindo-se Betty Lee), cinco ainda viviam quando êle descutiu o seu trabalho na «Escola de Médicos do Tórax», em junho do mesmo ano. E as condições gerais dos pacientes haviam melhorado sensìvelmente.

Uma outra **aproximação** dêsse perigoso terreno foi tentada, alguns anos atrás, pelo dr. H. S. Souttar, um cirurgião do «London Hospital». Opinava êle que, se não era possível ver a válvula com **os olhos**, a melhor coisa a fazer era «vê-la» com **os dedos**. Uma jovem paciente de quinze anos sofrera períodos repetidos de extrema fraqueza, falta de ar e dores, tudo devido à contração da válvula mitral. O dr. Souttar decidiu tentar libertar a válvula dessa contração por meio da cirurgia. Fêz o coração ficar à mostra e inseriu o dedo indicador por uma pequena incisão feita num canto da aurícula esquerda do miocárdio. Isto pôde ser feito sem interromper a corrente sanguínea que passava pelo coração, enquanto o dedo conservava a incisão com as bordas separadas, da mesma forma que o menino da Holanda evitou o estouro dos diques, enfiando o dedo no orifício que aparecera. Empurrando o dedo mais para baixo, no coração palpitante, sentiu as bordas da válvula afetada, e pôde, assim, estimar as suas condições. Enquanto o dr. Souttar se preparava para introduzir uma faca no local, ao longo da região já devassada pelo seu dedo, e forçar a abertura da válvula, tornando-a maior, decidiu que podia alargar a mesma suficientemente, servindo-se, apenas, do seu próprio dedo. E isto foi o que fêz. A jovem paciente foi beneficiada com uma ininterrupta recuperação. Ao fim de três meses já se sentia perfeitamente bem, a não ser uma ligeira falta de ar, quando efetuava algum esfôrço.

Recentemente, o dr. Bailey e seus companheiros dos hospitais Hahnemann e Episcopal, em Philadelphia, fizeram uma pequena modificação na técnica de Souttar, pela utilização de um instrumento cortante. Realizaram tais experiências num certo número de cães e, mais tarde, passaram a fazer essas operações em sêres humanos. Após explorar, inicialmente, a válvula mitral com a ponta do dedo, como já foi descrito acima, o cirurgião introduz uma faca achatada, em forma de gancho, entre duas camadas de borracha do tipo utilizado para luvas. Movendo o dedo, com a faca prêsa, pôde cortar, cuidadosamente, através de cada canto da válvula, para tornar mais extensa a abertura. Retira a faca e, depois, o dedo, enquanto o assistente prende o tecido do coração com uma pinça larga, a fim de evitar que o sangue escorra pela abertura. A pequena incisão é, então, cozida, e o coração, se a operação foi bem sucedida, continua o seu trabalho com uma válvula muito menos oprimido do que anteriormente. A operação do dedo e da faca é extremamente difícil e continua, ainda, na fase de experiências. Quando êste artigo foi escrito, ela havia sido efetuada apenas em oito pacientes, na cidade de Philadelphia, dos quais quatro morreram pouco depois da intervenção cirúrgica. Um dos quatro que sobreviveram é uma dona de casa de Newark, com 24 anos de idade, que começou a sofrer de febre reumática quando contava sete anos, e teve a sua atividade tão restringida, desde então, que não podia efetuar os serviços caseiros e nem mesmo vestir-se sem o auxílio de outra pessoa. Em seguida à operação, conseguiu recobrar-se de maneira tão notável, que, três dias depois, já abandonara o leito. No sétimo dia, já podia ir a Chicago, a fim de que os facultativos da «Escola de Médicos do Tórax» pudessem ouvir as batidas do seu «renovado» miocárdio. Pela primeira vez, em catorze anos, não havia aspereza na palpitação. Ao contrário, as batidas eram suaves, mesmo após

algum esfôrço, e quase imperceptíveis nos demais períodos.

O dr. Hufnagel, em Harvard, tem ainda outra idéia para operações de válvula do coração, a qual tem aplicado apenas em cães, até o presente. Neste novo processo, por meio de um orifício no canto da aurícula, também «penetra» no coração, mas por meio de um **valvulôtomo** especial, de matéria-plástica, equipado com uma ramificação lateral. Por esta ramificação, acende uma luz no interior do miocárdio e, aprofundando a extremidade superior do braço principal e comprimindo a extremidade inferior contra os tecidos, pode ver as bordas da válvula e guiar a extremidade cortante do instrumento.

Os pioneiros, nesta avançada fronteira da cirurgia, têm explorado até mesmo a possibilidade de retirar uma válvula danificada e substituí-la por outra, tanto extraída de uma pessoa recentemente falecida, como preparada com algum tecido desnecessário retirado do corpo do próprio paciente. Diversos cães correm alegremente pelos parques da «Escola de Medicina Jefferson», com o coração consertado por tais processos. O dr. John Y. Templeton, jovem assistente no laboratório de pesquisas cirúrgicas do dr. Gibbon, efetuou a operação na válvula tricúspide, no lado direito do coração de um cão. Na primeira fase de uma dessas intervenções, extraiu uma parte da válvula, para estimular a remoção da região afetada no coração de um paciente humano. Em seguida, com um par de tesouras, cortou do pericárdio, o fino envelope de pele que envolve o coração, uma pequena seção triangular com o tamanho e o formato da parte da válvula recentemente removida. Esta constitui a parte de substituição. A fenda deixada no pericárdio não causa dificuldade, pois não é essencial que êsse envelope seja mantido intato. Para evitar que o coração seja mantido aberto e que o sangue escorra mais do que o permitido, o cirurgião prende meia dúzia de linhas ao enxêrto que tem na mão, deixando uma agulha em cada uma dessas linhas. Quando o coração é então aberto, na segunda fase da intervenção, essas agulhas são, ràpidamente, enfiadas através da parede muscular, o coração é prontamente fechado e a circulação volta a ser feita. Finalmente, quando o cirurgião puxa cada fio de linha para cima e amarra convenientemente as suas extremidades, a nova válvula passa a trabalhar.

A capacidade de um coração humano, enfraquecido pela febre reumática, suportar êsse tipo de operação da mesma forma que o coração de um cão sadio, e uma questão que os drs. Gibbon e Templeton ainda não podem esclarecer. Mas, pelo menos, demonstraram um método pelo qual a válvula pode ser operada, **não cegamente**, mas sob uma visão direta. E, se o **coração-pulmão** mecânico pode ser empregado em auxílio de tal intervenção, a aplicação dêsse método a pacientes humanos pode tornar-se até muito mais praticável. Uma das mais engenhosas variações propostas nessas intervenções cirúrgicas no coração é uma válvula transparente, plástica ou metálica. É destinada a ser inserida na aorta de pacientes cuja própria válvula aórtica se torna por tal forma ineficiente, que o sangue volta ao coração, após cada palpitação.

A carga extracardíaca, imposta por esta regorgitação, causa, freqüentemente, um grande alargamento do coração — o «cor bovinum», como é chamado pelos médicos.

Válvulas de reparação ainda não foram instaladas em vasos sanguíneos humanos, mas diversos cirurgiões deram a conhecer, há alguns anos, a colocação das mesmas na aorta de cães. Dois médicos argentinos, no Congresso Interamericano de Cardiologia, realizado em Chicago, descreveram certas experiências, nas quais utilizaram válvulas de metal. Algumas semanas antes, na reunião dos cirurgiões torácicos, de Quebec, o dr. J. Moore Campbell, Jr., de Oklahoma City, discorreu a respeito das suas válvulas plásticas. Teve a idéia, para o desenho das mesmas, manuseando órgãos tubulares. Os órgãos tubulares constituem uma distração para êle, e existem milhares de válvulas em um órgão. O modêlo de válvula do dr. Campbell consiste em um pequeno cilindro, com um batoque no seu interior, que se move livremente para trás e para diante, semelhantemente a uma válvula nas bombas de exaustão.

Para pôr à prova a eficiência da válvula plástica, o dr. Campbell fêz, inicialmente, uma incisão na própria válvula aórtica do cão e, em seguida, inseriu a parte plástica, através de uma fenda no vaso sanguíneo. As medidas da pressão sanguínea, antes e depois de a válvula ter sido colocada, mostraram que ela restaurou a função pràticamente ao normal. Havia uma diferença apenas. A válvula dava um pequeno estalido a cada batida do coração. Isso era particularmente audível quando a bôca do animal se encontrava aberta, o que lembrou ao dr. Campbell o jacaré que engolira o relógio de alarma, na história de «Peter-Pan». O miocárdio do cão passou a ter o tique-taque de um verdadeiro relógio.

O campo dessas pesquisas cirúrgicas parece ser interminável. Um dos maiores projetos dêsses facultativos, no qual o dr. Claude S. Beck, da Universidade Western Reserve, tem sido o líder, é o de enxertar um novo suprimento de sangue aos corações em que as artérias coronárias tenham ficado afetadas ou entupidas. Diversos tipos de operações têm sido tentados, com graus igualmente variados de êxito.

Êste e outros problemas continuam a incentivar os pesquisadores do coração a novos esforços. Em que culminarão os conhecimentos por êle adquiridos e as tentativas freqüentes que são feitas, ninguém ousa predizer. Mas há grandes e definidas possibilidades de que em alguma época, no futuro, estaremos aptos a levar um coração avariado ao cirurgião especialista, para que nêle sejam feitos consertos com os quais nem se sonhava, há apenas alguns anos.

O MISTÉRIO DA GRANDE TULIPA

(Cont. da pág. 10)

que ela pretendia fazer com tudo isso? Julguei que não houvesse mal em usar um pouquinho do preparado. E então..., o senhor sabe como. é... acabei utilizando tôdas as dezoito garrafas. Porém, o senhor não pode deixar de admitir que operei verdadeiros milagres com as minhas tulipas! — concluiu o homenzinho, com ar triunfante.

*

A polícia gastou seis meses para poder deslindar tôda a história — informou o sr. Hornsea (que me contou a história) e, durante todo êsse tempo, se alguém dissesse a palavra «tulipa» perto de um policial, estava se arriscando a conseqüências desastrosas.

Aos poucos, a história acabou sendo esquecida, continuando, porém, envôlta em mistério. Correu o boato de que a sra. Haslet fugira para o Sul, com um boxeador-aposentado, e isto deu início a novos comentários maliciosos. Mas não por muito tempo. Por volta do Natal, tudo já fôra esquecido, definitivamente.

Mas, sabe de uma coisa? — tornou o sr. Hornsea. — Às vêzes, fico a pensar quão longe conseguiu o sr. Haslet chegar, no «golpe» que aplicou na polícia. Porque, se o senhor quiser minha opinião — naturalmente, é apenas uma opinião — êle realmente matou a espôsa. Apenas, enterrou-a mais além, no jardim, bem fundo, entre as framboezas. Tenho jogado bastante partidas de cartas com êle, para saber que é prodigioso no «bluff». Provas? Não há nenhuma! Apenas tomei alguns cálices de vinho de framboeza na sua companhia, durante aquêle inverno. E o vinho apresentava um sabor e um corpo verdadeiramente dignos de nota. Como cheguei a dizer-lhe, certa feita, aquilo tinha um **corpo qualquer** que o fazia rivalizar com o vinho mais precioso!

* *

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

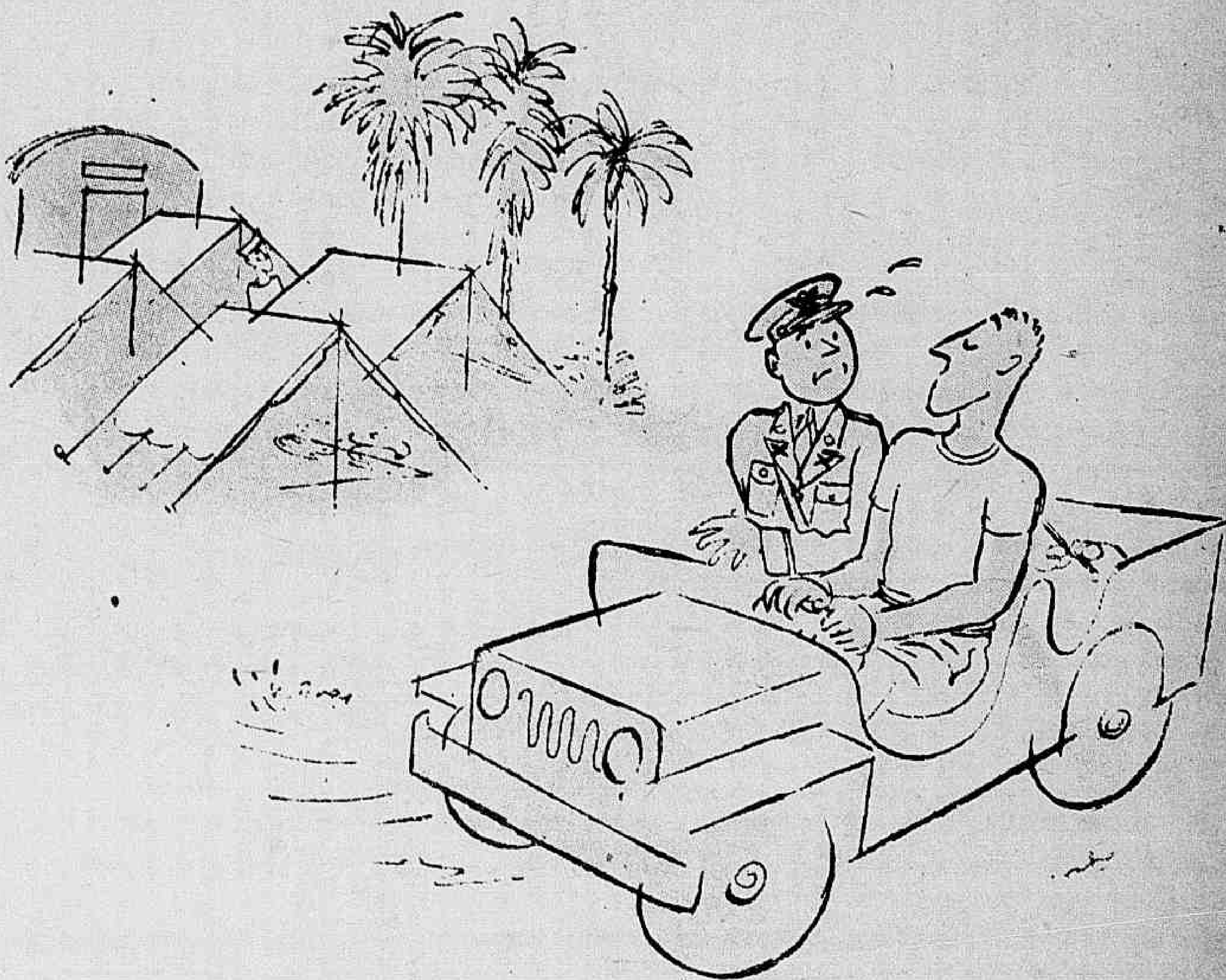
(Resposta da página 26)

Deitei o aspirador de pó para evitar que entrasse a **dançar** loucamente e, voltando ao porão, comecei a trocar os fuzíveis. Ao terceiro, pude ouvir o zumbido do aspirador, na mansarda, prevenindo-me de que estava tudo **okay**.

* *

UMA ANEDOTA DOS TEMPOS DA GUERRA

UM SOLDADO TEM SEUS ALTOS E BAIXOS — Depois que Guadalcanal ficou limpa de soldados japonêses, a vida na ilha tornou-se destituída de formalismos para os militares ali destacados. Oficiais e soldados rasos efetuavam suas tarefas diárias vestindo roupas de treinamento e os recém-chegados à ilha não podiam distinguir, fàcilmente, um coronel de um sargento, e assim por diante. Um tenente, que desembarcara horas antes, caminhando por uma estrada empoeirada, conseguiu «carona» num «jeep». O motorista, que usava a vestimenta usual de treinamento, levou o oficial até quase o seu destino, e deteve o veículo numa clareira repleta de tendas.



— Aqui é onde devo estacionar — falou.

— Mas fica só a um quarto de milha do lugar para onde vou — replicou o tenente, ensaiando um protesto.

— Desculpe — tornou o motorista. — Não tenho tempo.

O oficial, diante da resposta, empertigou o corpo e falou, com ar severo:

— Soldado, o meu pedido passa a ser uma ordem.

O motorista sorriu, retrucando, num tom de suave ameaça: — Tenente, sabe a quem está dando ordens para agir como seu motorista?

O recém-chegado abandonou o ar superior, dizendo imediatamente:

— Desculpe, senhor. — E afastou-se.

O motorista tirou o «jeep» da estrada e saltou, dirigindo-se para uma das tendas. Mas, antes que entrasse, um sargento, de rosto vermelho e furioso, apareceu e, agarrando-o pelo braço, ameaçou:

— Cabo, a próxima vez que levar o «jeep» sem permissão, farei com você o que os japonêses esqueceram de fazer!

EU SEI TUDO

Nº 436 — ANO XXXVII Nº 4 — SETEMBRO DE 1953

SUMÁRIO:

Frontispício: O Mistério da Grande Tulipa (conto) 7
Queimado Duas Vêzes (episódio real) 11
Minha Amiga, a Úlcera 12
Por que as Articulações Estalam? 13
Resolva os seus Problemas 14
Anedotas Aeronáuticas 15
Um Punguista Ladino (conto) 16
A Idade da Fome 19
O Meu Minuto Mais Trágico — Pelo general Mohamed Naguib 20
Como Você Resolveria Isto? 26
É Possível Consertar o Coração 27
Os Outros 364 Dias «Das Mães» 32
Os Professôres e Seus Dissabores 34
Em Casa é Melhor 34
No Entanto... 34
A Fôrça de um Juramento (Romance, continuação) 35
Fada Santoro — Estrêla do Cinema Nacional 43
Sobrevive, na Riviera, a Santa Rússia (Cinco mil refugiados estão disseminados na Côte d'Azur. Todos cheios de recordações. Doentes incuráveis de nostalgia) 45
Assim é a Vida 48
Coração Moço 48
Anúncio 48
O Rei que Trocou o Trono por um Amor — O que Não Disse o Duque de Windsor (Se Mrs. Simpson fôsse viúva...) 50
A «Boa Resposta» do Mês 54
Deveres e Impostos 55
Qual a Sua Verdadeira Idade? (O leitor pode ser um velho aos trinta anos e um jovem aos setenta e cinco. O presente teste o ajudará na descoberta do seu grau de envelhecimento) 56
Vontade de Matar (conto) 58
Hipnotismo — Remédio-Dinamite 61
Como a Rússia Obteve a Bomba-Atômica 67
Deixem os Problemas em Casa 71
Quem Sabe Explicar? — O Cadáver Acusador 72
Por Trás da Porta Amarela (Romance, continuação) 77
Enfêrma de Amor (Policromia) 85
Nossos irmãos da América — Venezuela 87
Óleo de Tung 91
Torne mais bonita a sua casa 94
Nos Domínios da Gramática 96
Cartomancia 97
Memento EU SEI TUDO 99
Quebra-Cabeças, charadas, etc. 109



O preço desta revista, em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço indicado, com lucro.

CORRESPONDÊNCIA



Armando Nogueira (Distrito Federal) — A informação foi colhida na revista técnica «Agriculture in The Americas». Não conhecemos outras fontes.

Romeu Garcia Botelho (São Paulo) — Não podemos aceitar. Indicamos a REVISTA DA SEMANA, neste mesmo endereço.

José Nunes Benites (S. Paulo) — Agradecemos o seu interêsse. Informamos, porém, que esta publicação já tem formado o seu corpo de redatores, para os quais o espaço já é muito acanhado.

Maria da Penha Goulart (Goiânia) — O interêsse tem sido muito grande entre os nossos leitores. Com paciência conhecerá o desfecho do romance. Não podemos apressá-lo, pois o nosso espaço é limitado.

John R. Tappy (Natal — R. G. do Norte) — Não sabemos da existência da obra nas livrarias do Brasil. Os mapas foram publicados. Agradecemos as amáveis palavras sôbre esta publicação.

CAPA — O Bandeirante, figura admirável e quase lendária, e o nosso índio. Êsse foi o primeiro contato entre o branco e o nativo destas terras imensas. O esfôrço de aproximação, que ficou algum tempo paralisado ou mal orientado, cresceu nos derradeiros anos e já hoje trabalha-se, ativamente, para instalar a capital da República, onde, ainda recentemente, os verdadeiros brasileiros viviam a encantadora vida das selvas. Queira Deus que seja «para o melhor»!

BOLOS, BISCOUTOS e MINGAUS de

CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos

Goal ESPETACULAR

O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado



CR.$ 15,00

ESTÁ A VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS DO BRASIL
Redação: VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — Lapa — RIO